Da autora de
Como eu era antes de você

intrínseca

O som do amor

JOJO MOYES

"Uma combinação habilidosa de emoção e personagens muito bem construídos."
Marie Claire

O som do amor

JOJO MOYES

Tradução de Adalgisa Campos da Silva

Copyright © Jojo’s Mojo Ltd., 2008
Esta edição não pode ser exportada para Portugal.
TÍTULO ORIGINAL
Night Music
PREPARAÇÃO
Laís Curvão
REVISÃO
Marcela de Oliveira
ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© Sarah Gibb
ADAPTAÇÃO DE CAPA
Aline Ribeiro | linesribeiro.com
REVISÃO DE E-BOOK
GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca
E-ISBN 978-85-510-0067-0
Edição digital: 2016
1ª edição
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3oandar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

intrinseca.com.br

Para Charles

E para quem quer que já tenha pensado em começar uma obra em casa

É um dragão que já nos devorou a todos: essas casas obscenas e escamosas, essa luta insaciável e esse desejo de possuir, de possuir sempre e apesar de tudo, essa necessidade de ser proprietário, para não ser propriedade.

D. H. Lawrence

Copyright © Espólio de Frieda Lawrence Ravagli

Reproduzido com autorização de Pollinger Limited e o Espólio de Frieda Lawrence Ravagli.

Nunca sentimos que a Casa Espanhola fosse de fato o nosso lugar. Tecnicamente, éramos os proprietários, suponho, mas posse sugere certo controle e quem nos conhecia — ou conhecia a casa — nunca poderia sugerir que tivemos qualquer controle sobre o que aconteceu ali.

E, apesar do que diziam aqueles papéis, jamais sentimos que a casa nos pertencesse de verdade.Desde o início, nos pareceu abarrotada. Quase dava para sentir os sonhos das outras pessoas projetados nela, as ondas de inveja, desconfiança ou desejo que atravessavam as paredes. Sua história não era a nossa história. Não havia nada — nem mesmo nossos sonhos — que nos ligasse a ela.

Quando eu era pequena, achava que uma casa era apenas uma casa. Um lugar onde comíamos, brincávamos, discutíamos e dormíamos, quatro paredes entre as quais íamos levando a vida. Nunca pensei muito no assunto.

Bem mais tarde, descobri que uma casa podia ser muito mais que isso, que podia ser o auge dos desejos de alguém, um reflexo de como as pessoas se viam, de como desejavam se ver, que podia levá-las a se comportar de forma que as prejudicasse ou as envergonhasse. Descobri que uma casa — apenas tijolos, cimento, madeira, talvez uma pequena extensão de terra — podia ser uma obsessão.

Quando eu sair de casa, vou morar de aluguel.

1

Laura McCarthy fechou a porta, passou por cima do cão adormecido que babava tranquilamente no cascalho e seguiu apressada pelo jardim até o portão dos fundos. Equilibrando a bandeja num dos braços, abriu o portão, deslizou agilmente pela fresta, entrou no bosque e desceu até o riacho, que, com o fim do verão, secara outra vez.

Com dois passos ela atravessou as tábuas que Matt colocara sobre a vala no ano anterior. Em pouco tempo, choveria, e elas ficariam escorregadias e traiçoeiras de novo. Por diversas vezes, no ano anterior, Laura escorregara ao atravessar e, em uma delas, todo o conteúdo da bandeja caíra na água, um banquete para alguma criatura invisível. Então ela chegou ao outro lado, a terra úmida e grudenta nas solas dos sapatos, e seguiu para a clareira.

Fora da sombra, o sol da tarde ainda estava quente, banhando o vale de luz cálida carregada de pólen. Viu um tordo ao longe e ouviu o gorjeio peculiar e áspero dos estorninhos quando uma nuvem deles levantou voo e tornou a pousar num arvoredo distante. Ela endireitou a tampa de um dos pratos, liberando inadvertidamente um forte aroma de tomate que a fez acelerar o passo em direção à casa.

Nem sempre fora tão decrépita, tão acintosamente desagradável. O pai de Matt contara ao filho histórias de grupos de caçada que se reuniam nos gramados, de noites de verão em que a música flutuava desde as tendas brancas e casais vestidos com elegância se empoleiravam nos muros de pedra e bebiam ponche, tendo as risadas abafadas pela floresta. Matt se lembrava de uma época em que havia muitos cavalos lustrosos nas cocheiras, alguns mantidos apenas para o uso dos hóspedes de fim de semana, e existia uma garagem de barcos à beira do lago para quem gostasse de remar. Antigamente, ele contava essas histórias a ela com frequência. Era o seu jeito de equipará-la à casa da família dela, de sugerir que o futuro deles juntos estaria à altura do que Laura deixara para trás. Talvez isso fosse um modo de imaginar o que o futuro lhes reservava. Ela adorava essas histórias. Sabia exatamente como ficaria a casa se ela conseguisse impor sua vontade, pois não havia janela que ela não tivesse

tapado mentalmente, centímetro de chão que não houvesse revestido. Conhecia a vista do lago de todas as janelas que davam para o leste.

Parou na porta lateral e, por hábito, enfiou a mão no bolso para pegar a chave. Antes, a porta era trancada todos os dias, mas atualmente não fazia muito sentido: todo mundo nas redondezas sabia que não havia nada para roubar ali. A casa estava decadente, a tinta descascava como se não conseguisse mais sequer ter o trabalho de refletir sobre seu passado glorioso. No andar de baixo, várias vidraças que faltavam haviam sido substituídas por toras de madeira descombinadas. O cascalho era escasso e tomado por urtigas, que roçavam malignamente em suas canelas.

— Sr. Pottisworth, sou eu… Laura.

Esperou até ouvir um resmungo no andar de cima. Era prudente avisar sua chegada ao velho.

O lintel da porta estava cheio de tiros em decorrência das ocasiões em que ela havia se esquecido de anunciar sua presença. Felizmente, o velho sempre enxergou mal, comentara seu marido.

— Trouxe o jantar.

Esperou pela resposta rabugenta e depois subiu a escada, a madeira rangendo sob seus pés.

Ela estava em forma e quase não precisou recuperar o fôlego após vários lances íngremes de degraus. Mas, mesmo assim, parou por um instante antes de abrir a porta do quarto principal. Um suspiro ou um arrepio de resignação a percorreu antes que ela colocasse a mão na maçaneta.

A janela estava entreaberta, mas o cheiro azedo e nada asseado de um idoso a atingiu em cheio, com aqueles odores subjacentes de estofados empoeirados, cânfora e cera rançosa. Uma espingarda velha estava encostada ao lado da cama e a televisão a cores que haviam comprado para ele dois anos antes ficava em uma mesinha. A idade e o estado de abandono não conseguiam esconder as elegantes dimensões do quarto, a forma como as molduras da bay window dividiam o céu ao meio. Mas nunca era permitido que a atenção do visitante se detivesse nas qualidades estéticas.

— Você está atrasada — disse o sujeito na velha cama de mogno entalhada.

— Só alguns minutos — respondeu ela, com uma falsa animação. Colocou a bandeja na mesa ao lado dele e se empertigou. — Eu não pude

sair. Estava ao telefone com a minha mãe.

— O que ela queria? Você não disse que eu estava aqui, morrendo de fome?

Laura deu um sorriso hesitante.

— Acredite ou não, Sr. Pottisworth, nem sempre o senhor é meu único assunto.

— Mas aposto que Matt é. O que ele anda fazendo? Ela ligou para dizer que você não arranjou um bom marido, foi?

Laura se virou para a bandeja. Encurvou um pouco as costas, mas o Sr. Pottisworth não percebeu.

— Estou casada há dezoito anos — disse ela. — Acho que minha escolha de marido não é novidade.

Ouviu-se uma fungada ruidosa.

— O que é isso? Aposto que está frio.

— Frango de panela com batata assada. E não está nada frio. Veio tampado.

— Aposto que está frio. O almoço estava.

— O almoço era salada.

Uma cabeça manchada com cabelo grisalho rareando surgiu de debaixo do edredom. Dois olhos de cobra se fixaram nela e se estreitaram.

— Para que você usa calças tão apertadas? Está tentando mostrar a todo mundo o que tem?

— São calças jeans. É assim que todo mundo usa.

— Você está tentando me deixar excitado. Está querendo que eu fique transtornado de desejo para depois me matar com seus artifícios femininos traiçoeiros. Mulheres feito você são chamadas de viúva negra. Eu sei.

Ela o ignorou.

— Trouxe molho inglês para a batata. Quer o molho à parte no prato?

— Consigo ver seus mamilos.

— Ou prefere queijo ralado?

— Através da blusa. Consigo ver claramente os seus mamilos. Você está tentando me seduzir?

— Sr. Pottisworth, se não se comportar, não lhe trago mais o jantar. Então pare de olhar para os meus… mamilos. Agora mesmo.

— Você não devia usar esses sutiãs transparentes provocantes. Na minha época, uma mulher de respeito usava camiseta. Uma boa camiseta

de algodão. — Ergueu-se nos travesseiros, as mãos nodosas estremecendo com a lembrança. — Mas, mesmo assim, dava para apalpar.

Laura McCarthy contou até dez, dando as costas para o velho. Olhou disfarçadamente para sua camiseta, verificando quanto do sutiã ele de fato conseguia ver. Na semana anterior, ele dissera que sua visão estava piorando.

— Você mandou aquele garoto trazer o almoço para mim. Mal me dirige a palavra.

O velho começara a comer. Um barulho parecido com um cano sendo desentupido tomou o quarto.

— Sim, bem, os adolescentes não têm muito o que dizer.

— Grosso, é isso o que ele é. Você devia dizer a ele.

— Vou dizer.

Ela andou pelo quarto, pegando copos e canecas e colocando-os na bandeja vazia.

— Eu me sinto sozinho durante o dia. Desde o almoço recebi apenas a visita de Byron, mas ele só quer falar de cerca viva e coelho.

— Eu já disse, o senhor podia chamar alguém do serviço social. A pessoa arrumaria a casa, vocês conversariam. Todos os dias, se o senhor quisesse.

— Serviço social! — Ele fez uma careta, enquanto um fiozinho de molho escorria pelo queixo.

— Não preciso dessa gente metendo o bedelho nos meus negócios.

— O senhor é quem sabe.

— Você não sabe como é difícil viver sozinho… — começou ele, e a atenção de Laura se dispersou. Ela sabia de cor a ladainha de queixas dele: ninguém entendia como era difícil não ter mais família, estar acamado e indefeso, à mercê de desconhecidos… Ela ouvira todas as variações desse tema tantas vezes que era capaz de recitá-las. — …Claro que tenho você e Matt, um pobre velho feito eu. Não tenho ninguém a quem deixar os meus bens… Você não sabe como dói ser tão sozinho… — Sua voz ficou mais fraca, e ele estava quase chorando.

Ela amoleceu.

— Eu já disse que o senhor não está sozinho. Não enquanto morarmos aqui ao lado.

— Vou lhe mostrar minha gratidão quando morrer. Você sabe disso, não é? Aquela mobília no celeiro vai ser sua depois da minha morte.

— Não precisa falar assim, Sr. Pottisworth.

— Não será só isso, sou um homem de palavra. E tenho consciência de tudo o que você fez por mim durante todos esses anos… — Ele espiou a bandeja. — É meu arroz-doce?

— É um ótimo crumble de maçã.

O velho pousou o garfo e a faca.

— Mas é terça-feira.

— Bem, fiz crumble de maçã para o senhor. O arroz-doce acabou e não consegui ir ao supermercado.

— Eu não gosto de crumble de maçã.

— Gosta, sim.

— Aposto que pegou maçãs do meu pomar.

Laura respirou fundo, e ele continuou:

— Aposto que você não é tão boazinha quanto diz. Aposto que mentiria para conseguir algo que quisesse muito.

A voz dela saiu entre dentes:

— Comprei as maçãs no supermercado.

— Você disse que não teve tempo de ir ao supermercado.

— Comprei três dias atrás.

— Não entendo por que você não podia ter comprado arroz-doce também. Não sei o que o seu marido deve achar de você. Sem dúvida deve satisfazê-lo de outras formas…

Ele sorriu de um jeito lascivo, mostrando brevemente as gengivas sob os lábios molhados, depois se concentrou no frango de panela.

*

Laura já havia terminado de lavar a louça quando Matt entrou e estava inclinada sobre a tábua de

passar, alisando furiosamente com o ferro a vapor os colarinhos e os punhos das camisas dele.

— Tudo bem, amor?

Matt McCarthy se abaixou para beijá-la, notando suas bochechas coradas e sua mandíbula tensa.

— Não, eu não estou bem droga nenhuma. Não aguento mais.

Ele tirou o casaco de trabalho, com os bolsos cheios de trenas e ferramentas, e jogou-o no encosto de uma cadeira. Estava exausto e ter que acalmar Laura o irritou.

— O Sr. P andou olhando para os peitos dela — disse Anthony, com um risinho.

O menino estava vendo televisão com os pés apoiados na mesa de centro, e o pai empurrou-os para o chão ao passar.

— Ele fez o quê? — Matt endureceu o tom. — Vou lá falar com…

Ela bateu o ferro na tábua.

— Ah, sente-se aí, pelo amor de Deus. Você sabe como ele é. Enfim, não é isso, é o jeito como ele me faz correr de um lado para outro como se eu fosse empregada dele. Todo santo dia. Não aguento mais. De verdade.

Quando ela percebeu que o velho não ia sossegar, voltara em casa para buscar arroz-doce enlatado, resmungando ao passar pelo bosque no caminho para o casarão, a tigela coberta com um pano de prato dobrado.

"Está frio", dissera ele, enfiando um dedo no doce.

"Não está. Faz só dez minutos que esquentei."

"Está frio."

"Bem, Sr. Pottisworth, não é fácil trazer comida da nossa casa para cá sem que esfrie um pouco."

Ele fizera um biquinho, expressando seu desagrado.

"Agora não quero mais. Perdi o apetite."

Olhara de volta para ela e talvez tenha notado o tique em sua bochecha. Por um instante, ela se perguntara se seria possível matar alguém com uma bandeja e uma colher de sobremesa.

"Deixe ali. Talvez eu coma mais tarde." Ele cruzara os braços magros. "Quando eu estiver desesperado."

— Mamãe diz que vai chamar o serviço social — contou Anthony. — Ela acha que eles podem cuidar do velho.

Matt, se preparando para se sentar no sofá ao lado do filho, sentiu uma pontada de inquietação.

— Não seja boba. Vão interná-lo numa instituição.

— E daí? Outra pessoa terá que aturá-lo e verificar as escaras inexistentes, lavar a roupa de cama e levar duas refeições por dia para ele. Ótimo!

Subitamente energizado, Matt se levantou.

— Ele não tem dinheiro. Para pagar as despesas vão forçá-lo a entregar a casa para eles, não vão? Use a cabeça, mulher.

Ela o encarou. Era uma mulher bonita, magra e ágil na faixa dos trinta e tantos anos, mas seu rosto, afogueado e irritado, parecia o de uma

criança teimosa.

— Não me importo. Estou falando, Matt, não aguento mais.

Ele se adiantou rapidamente e a abraçou.

— Poxa, amor. Ele está nas últimas.

— Nove anos, Matt — disse ela, tensa, encostada no peito dele. — Há nove anos fico à disposição dele. Quando nos mudamos para cá, você disse que ele não duraria um ano.

— E pense em toda essa área maravilhosa, no jardim murado, na cocheira… Pense na linda sala de jantar que você planejou. Pense em nós, uma família feliz, à beira de… — Ele deixou a imagem pairar diante dela, criando de novo raízes em sua imaginação. — Olhe, o velho está na cama. Está se desfazendo. Não vai durar muito mais, vai? E quem ele tem além de nós? — Beijou-a no topo da cabeça. — Já tratei dos empréstimos e até pedi para Sven fazer o projeto.

Depois mostro para você, se quiser.

— Pronto, mãe. Pensando assim, não faz mal mostrar os mamilos para ele de vez em quando, não é?

Anthony riu, depois gritou quando uma camiseta foi arremessada e o acertou em cheio na orelha.

— Só mais um pouco — pediu Matt, baixinho, num tom carinhoso. — Vamos, amor. Aguente mais um pouco, está bem?

Sentiu-a amolecer e percebeu que vencera. Apertou sua cintura, sugerindo com os dedos alguma compensação íntima para mais tarde. Ela o apertou em resposta e Matt desejou não ter feito aquele desvio mais cedo para encontrar a atendente do bar do Long Whistle. É melhor você morrer logo, seu velhaco, disse ele a Pottisworth em silêncio. Não sei por quanto tempo mais consigo manter essa situação.

*

Ali perto, do outro lado do vale, no quarto principal do casarão, o velho ria de um programa de

comédia. Enquanto os créditos passavam, conferiu a hora e jogou o jornal no pé da cama.

Lá fora, uma coruja piou e uma raposa regougou ao longe, talvez defendendo seu território.

Não havia diferença entre animais e seres humanos quando se tratava de reivindicar o que era seu, pensou ele com ironia. A raposa, com a urina

e a luta, não era muito diferente de Laura McCarthy, com as duas refeições diárias, a preocupação com lençóis limpos e esse tipo de coisa.

Cada qual, do seu jeito, marcando território.

Ficou com vontade de comer chocolate. Com uma agilidade que surpreenderia os vizinhos, saiu da cama e foi de fininho até o armário onde guardava as guloseimas: doces e iguarias que mandava Byron comprar quando ele ia à cidade. Abriu a porta e vasculhou atrás de livros e pastas até encontrar o celofane. Agarrou o que pareceu um Kit Kat e puxou-o, imaginando o delicioso chocolate derretido na boca e se perguntando se valia a pena colocar de novo a dentadura.

Primeiro, fechou a porta do armário. Não convinha que Laura soubesse, pensou. Era melhor que o considerasse um impotente. Mulheres como ela precisam se sentir úteis. Sorriu para si mesmo ao lembrar como ela ficara com as orelhas vermelhas quando ele mencionara a calça apertada. Era fácil provocá-la. O ponto alto do dia. No dia seguinte pegaria no pé dela com o assunto dos cavalos, daria força para ela montar pela emoção do exercício. Isso sempre a irritava.

Ao atravessar o quarto, continuava exibindo o sorrisinho malicioso, ouvindo a música tema de outro de seus programas preferidos. Ergueu o olhar. Distraído com a música, não viu a tigela de arroz-doce no chão, onde a deixara mais cedo. Pisou nela com o calcanhar e escorregou suavemente pelas tábuas do chão.

Pelo menos foi isso que o legista afirmou quando as últimas horas de vida de Samuel Pottisworth foram minuciosamente expostas perante o tribunal. O barulho da pancada de sua cabeça no chão teria sido forte o bastante para que escutassem dois andares abaixo. De qualquer maneira, como ressaltou Matt McCarthy, no meio do bosque todos os ruídos eram abafados, então muita coisa passava despercebida. Era um lugar onde quase tudo podia acontecer.

2

— Peça, por favor.

Theresa olhou furiosa para ele.

Matt mudou de posição. Manteve o olhar fixo no dela. O rímel estava borrado, dando-lhe um aspecto vulgar. Mas Theresa estava sempre um pouco vulgar, mesmo quando vestia suas roupas mais elegantes. Era uma das coisas que lhe agradava nela.

— Peça, por favor.

Ela fechou os olhos, lutando internamente.

— Matt…

— Peça. Por favor. — Ele se ergueu nos cotovelos de modo que nenhuma parte de seu corpo a tocasse, com exceção, talvez, dos pés. — Ande logo — disse, baixinho. — Você tem que pedir.

— Matt, eu só…

— Por favor.

Theresa ergueu o quadril, mexendo-o numa tentativa desesperada de encostar no dele, mas Matt se afastou.

— Peça.

— Ah, você… — disse ela, ofegante.

O homem baixou a cabeça e roçou os lábios em seu pescoço, em sua clavícula, o corpo ainda tentadoramente acima dela, mas mantendo certa distância. Ela era agradavelmente fácil de ser atiçada, e chegava ao auge da excitação com menos esforço do que a maioria das mulheres. Ela fechou os olhos e começou a gemer. Matt sentia o gosto do suor, uma camada fria em sua pele.

Fazia mais de quarenta minutos que ela estava desse jeito.

— Matt…

— Peça.

Os lábios dele encostaram na orelha dela, e a voz dele virou um murmúrio gutural quando sentiu o perfume do cabelo dela, os aromas mais almiscarados entre os dois. Seria muito fácil continuar, ceder à sensação. Porém, era mais agradável manter certo controle.

— Peça.

Theresa entreabriu os olhos e Matt viu que neles já não havia resistência. Os lábios dela se abriram.

— Por favor — sussurrou. Depois, agarrando-o, já sem qualquer pretenso pudor, disse: — Ah…

por favor. Por favor. Por favor.

Quarenta e cinco minutos. Matt olhou para o relógio de pulso. Então, com um movimento fluido, chegou para trás e se levantou da cama.

— Nossa, já é tão tarde? — Procurou a calça jeans no chão. — Desculpe, amor. Tenho que ir a um lugar.

O cabelo de Theresa caiu no rosto.

— O quê? Você não pode ir embora!

— Onde estão as minhas botas? Eu poderia jurar que estavam aqui embaixo.

Ela o olhou incrédula, ainda com a pele afogueada.

— Matt! Você não pode me deixar assim!

— Ah! Estão ali. — Matt calçou as botas de trabalho, depois deu um beijo na bochecha dela.

— Tenho que ir. Você não imagina como seria grosseiro se eu chegasse atrasado.

— Atrasado? Atrasado para quê? Matt!

Ele poderia ter prolongado aquilo por mais dois minutos. Era algo que poucos homens compreendiam. Porém, às vezes era mais prazeroso simplesmente saber que era possível ter algo do que de fato ter. Matt sorriu ao descer com agilidade a escada. Antes de chegar à porta da frente, ouviu-a xingar.

*

O enterro de Samuel Frederick Pottisworth ocorreu na igreja do vilarejo, numa tarde tão

escurecida por nuvens pesadas que parecia ter anoitecido mais cedo. Ele era o último dos Pottisworth. E, consequentemente, ou talvez por ele não ser o mais amado dos homens, poucas pessoas compareceram. A família McCarthy, o médico, o agente de saúde e o advogado do Sr.

Pottisworth se sentaram nos bancos da frente, um pouco espaçados, talvez para dar a impressão de que os bancos de madeira compridos estivessem mais cheios do que de fato estavam.

Algumas fileiras atrás, consciente de sua posição tradicional, Byron Firth, com os cães imóveis a seus pés, ignorava os olhares e os cochichos indisfarçados das idosas no banco da frente. Já estava acostumado. Acabara se conformando que haveria expressões desconfiadas e comentários sussurrados sempre que tivesse o desplante de aparecer na cidade, e fazia muito tempo que aprendera a exibir o rosto impassível. Além disso, tinha assuntos mais urgentes em que pensar. Ao sair de casa, entreouvira a irmã ao telefone com o namorado e ficou com a sensação de que ela falava sobre se mudar com Lily. Ele não podia arcar sozinho com o aluguel, e não havia muita gente inclinada a querer dividir a casa com ele e os cachorros. E o mais importante: com a morte do velho, pelo jeito, estava desempregado. Por enquanto, o espólio pagava seu salário, mas isso não duraria para sempre. Folheou o jornal para conferir se havia algum anúncio de trabalho temporário.

Algumas pessoas tinham comparecido só para a cerimônia. A Sra. Linnet, a faxineira, fazia questão de nunca perder um bom enterro. Desde 1955, era capaz de classificá-los em termos de assistência, escolha dos hinos, qualidade dos enroladinhos de salsicha e dos presuntos. Viera com duas das idosas para quem trabalhava. Embora não tivessem conhecido pessoalmente o Sr.

Pottisworth, aproveitariam o passeio, dissera ao vigário. Sobretudo porque os McCarthy provavelmente ofereceriam um bom banquete, pois a Sra. McCarthy sabia fazer as coisas direito.

Pessoas como ela sempre sabiam.

E, no fundo, Asad e Henry estavam muito próximos um do outro, fingindo ler o hinário.

— Olhe para eles, todos bem-vestidos e sentados na primeira fileira como se fossem da família — disse Henry, entre dentes.

— Qualquer coisa para amenizar a dor deles — retrucou Asad. Como era alto, ele tinha que se abaixar para também ler as palavras. — Ela está muito bonita hoje. Acho que aquele casaco é novo.

Com uma lã vermelho-vivo e um corte militar, o casaco brilhava no interior soturno da igrejinha.

— Devem estar esperando herdar algum dinheiro. Ontem mesmo ela me disse que ele deu entrada num daqueles novos quatro por quatro chamativos.

— Ela merece. Todos esses anos a serviço daquele homem nojento. Eu não conseguiria.

Asad balançou a cabeça. Suas feições, traindo sua origem somali, eram elegantes e um pouco tristes. Ele conseguia parecer um homem distinto em quase todas as situações, dizia Henry.

Mesmo usando o pijama da Locomotiva Thomas.

— De que homem nojento você está falando especificamente? — murmurou Henry.

O hino terminou. Ao som de bundas se arrastando nos bancos e de um leve baque de hinários velhos jogados na madeira, a pequena congregação se acomodou para a última parte da cerimônia.

— Samuel Pottisworth — disse o vigário — foi… um homem que… permaneceu fiel a si mesmo durante toda a vida. — Ele parecia estar tropeçando nas palavras. — Era um dos membros mais… antigos da nossa paróquia.

— McCarthy está de olho naquela casa há anos — comentou Henry, baixinho. — Olhe para ele em pé ali com ela, como se fosse um santo.

Asad olhou intrigado para o homem e, depois, para o casal várias fileiras à frente.

— Sabia que nem meia hora antes de chegar aqui ele estava com aquela Theresa do pub? Ted Garner entrou para comprar bala antes que eu fechasse a loja. Disse que tinha visto a caminhonete dele estacionada em frente à casa dela. — Henry fez uma careta.

— Talvez ela tivesse pedido para ele fazer algum serviço — disse Asad, com otimismo.

— Ouvi dizer que volta e meia ela está com algum homem em casa.

Henry ajeitou os óculos de leitura.

— Talvez precisasse desentupir o encanamento.

— E sabe-se que ele é muito bom nisso…

Os dois começaram a rir e se esforçaram para ficar sérios quando o vigário ergueu os olhos das anotações, as sobrancelhas levantadas demonstrando cansaço. Por favor, dizia sua expressão, colaborem comigo.

Asad se endireitou no assento.

— Não que sejamos fofoqueiros… — murmurou.

— Não. Foi exatamente o que eu disse à Sra. Linnet quando ela foi comprar alguns comprimidos para dor de cabeça. É a segunda caixa que a velha termina em três dias. Na nossa loja não se faz fofoca, não.

*

Apesar de ser um velório, Matt McCarthy tinha dificuldade em manter um semblante

devidamente consternado. Queria sorrir. Queria cantar. Mais cedo naquela manhã, um dos telhadores lhe perguntara duas vezes por que estava tão alegre.

— Ganhou na loteria, foi? — perguntara ele.

— Mais ou menos — respondera Matt, e desaparecera pela décima quinta vez, carregando na mão os projetos que traçara, para observar a fachada da casa.

Tudo não podia ter corrido melhor. Laura havia chegado ao limite da paciência com aquele bode velho e Matt precisava admitir que ficara preocupado na noite anterior. Se ela tivesse se recusado a continuar cuidando das refeições de Pottisworth, ele estaria perdido. Na verdade, quando Laura ligou para ele, com a voz trêmula e chocada, para dar a notícia maravilhosa, Matt fizera questão de estar ao lado dela no momento em que o médico chegasse para confirmar a morte do velho. Laura se agarrara a ele, achando que o marido tinha voltado porque não queria que ela enfrentasse aquele calvário sozinha, mas uma pequena parte de Matt — não que ele admitisse isso — não acreditara que aquela peste tivesse morrido, achando que, se fosse embora cedo, o velho poderia se levantar num pulo e anunciar que adoraria "uma fatiazinha de assado".

A cerimônia terminara. O pequeno grupo de enlutados saiu para a tarde que escurecia e ficou reunido, alguns olhando em volta de vez em quando para tentar entender o que aconteceria em seguida. Era evidente que ninguém acompanharia o velho até o cemitério.

— Achei muito cortês da sua parte e da Sra. McCarthy organizar o velório do Sr. Pottisworth — disse a Sra. Linnet, colocando muito de leve a mão no braço de Matt.

— Era o mínimo que podíamos fazer — retrucou ele. — O Sr. P era como se fosse da família.

Ainda mais para a minha esposa. Ela com certeza vai sentir falta dele.

— Não é todo mundo que pode contar com tanta generosidade dos vizinhos no fim da vida — observou a Sra. Linnet.

— E vai saber o que provoca essas atitudes? Ele era mesmo uma pessoa de sorte.

Asad Suleyman estava ao lado dele e era um dos poucos homens daquele lugar que fazia Matt se sentir baixinho. Entre outras coisas. Ao ouvir aquelas palavras, Matt o encarou bruscamente, mas o rosto de Asad, como sempre, era inescrutável.

— Bem, você conhece Laura — disse ele. — A família dela gosta das coisas bem-feitas. Minha esposa se preocupa muito com essas formalidades.

— Há pouco estávamos nos perguntando… Sr. McCarthy… se o senhor tinha programado mais algum evento de comiseração pelo Sr. Pottisworth hoje… — disse a Sra. Linnet, por baixo da aba do chapéu de feltro.

Atrás dela, duas outras idosas aguardavam com expectativa, segurando as bolsas junto ao peito.

— Comise…? Claro. São todas bem-vindas, minhas senhoras. Queremos oferecer ao querido Sr. Pottisworth uma despedida adequada, não é mesmo?

— E o senhor, Sr. Suleyman? Tem que voltar para a loja?

— Ah, não. — Henry Ross surgira ao seu lado. — Às quartas-feiras fechamos cedo. Para nós, a cerimônia não podia ter sido mais bem planejada, Sr. McCarthy. Adoraríamos… ah… nos compadecer.

— Estamos à disposição — acrescentou Asad com um sorriso radiante.

Nada estragaria o dia de Matt.

— Maravilha — disse ele. — Bem, vamos todos lá para casa e poderemos fazer um brinde a ele. Vou só avisar ao vigário. Minhas senhoras, se esperarem ao lado do meu carro, posso dar uma carona.

*

A casa que Matt McCarthy construíra — ou reformara, com o dinheiro da esposa — era uma

antiga cocheira muito menor, situada na extremidade do bosque, antes da bifurcação do caminho que levava para a Casa Espanhola. Por fora, seguia a arquitetura da região, com fachada neogeorgiana, janelas altas e elegantes e a frente em pedra. Por dentro, porém, era mais moderna, com luzes embutidas, uma ampla sala de estar aberta com piso laminado e uma sala de jogos onde Matt e o filho haviam disputado sinuca vários anos antes.

Tinha vista para a paisagem campestre, e as duas casas eram separadas uma da outra pelo bosque. Ficavam a dois quilômetros e meio do vilarejo

de Little Barton, onde havia o pub, a escola e a loja. Mas o caminho longo e sinuoso, que no passado permitia passagem fácil pela estrada principal mais próxima, se tornara uma trilha tomada pelo mato, sulcada e esburacada pelo descaso, por isso Matt e a esposa precisavam de robustas caminhonetes quatro por quatro para sair de casa sem medo de danificar o fundo dos carros. De vez em quando, Matt percorria os quatrocentos metros do pior trecho do caminho para resgatar visitantes. Por duas vezes, carros elegantes de suspensão baixa perderam o cano de descarga, e Matt, que não era bobo quando se tratava de negócios, não gostava de começar uma reunião na posição de quem pede desculpas.

Por várias vezes, pensou em cobrir o caminho com cascalho, mas Laura o persuadira de que isso era arriscado.

"Faça o que quiser quando a casa for nossa", dissera ela. "Mas não tem sentido gastar esse dinheiro todo para o benefício de outras pessoas."

A mesa de bebidas estava cheia de vinhos finos. Até demais, considerando o número de pessoas que haviam aparecido, mas Matt McCarthy não permitiria que dissessem que ele era um anfitrião mesquinho. E uma bebida sempre amaciava os contatos profissionais. Ele sabia disso melhor do que ninguém.

— Viu o velho ser enterrado?

— Alguém precisava se certificar de que ele não se levantaria de novo.

Entregou a Mike Todd, o corretor de imóveis local, uma grande taça de vinho tinto.

— Derek já chegou? Imagino que ele vá querer falar comigo sobre colocar a casa à venda assim que a questão da sucessão for resolvida. Tenho que lhe dizer, o terreno pode ser fantástico, mas vai custar caro arrumar aquele escombro. Faz quatro anos que estive lá e já estava caindo aos pedaços.

— Não está mesmo em bom estado.

— O que diz no portão? "Atenção! Tome cuidado." É isso? Parece acertado.

Matt se inclinou na direção dele.

— Eu não contaria com isso, Mike.

— Você sabe de algo que eu não sei?

— Digamos apenas que é mais provável que você consiga vender essa propriedade antes de olhar para outra.

Mike assentiu.

— Eu já desconfiava. Bem… não posso dizer que não acho sua comissão mais fácil de ganhar.

Acredito que haja mais mercado para uma casa como essa. Sabia que nossa área foi mencionada num dos jornais de domingo como uma zona promissora para o setor imobiliário?

— Então você vai ter muito trabalho. Mas vai cobrar uma comissão camarada de mim?

— Sempre vou ser seu camarada, Matt, você sabe disso. Aliás, vamos conversar mais tarde.

Uma mulher fez uma oferta pelo celeiro convertido em residência atrás da igreja. Ela vai ter que fazer muita obra e eu disse que conhecia a pessoa certa. Achei que seria um bom negócio para nós dois. — Deu um longo gole na bebida, e estalou os lábios. — Além do mais, se quiser dar um jeito naquele escombro, vai precisar de todo o dinheiro que conseguir.

*

Laura ficou pensando que era surpreendente que o chá do funeral tivesse sido mais concorrido

que a cerimônia. Do lado de fora da janela, o céu clareara e ela quase sentia o cheiro úmido do bosque. Levara o cachorro para passear por ali mais cedo e, mesmo em setembro, já dava para perceber a mudança sutil no ar anunciando a chegada do outono. Voltou sua atenção para o bolo de frutas, que estava numa bandeja à sua frente na bancada da cozinha, pronto para ser levado para a sala. Se os convidados se acomodassem, como pareciam prestes a fazer, ela assumiria o papel de anfitriã até bem depois de anoitecer. Esse era o problema dos vilarejos: todas as pessoas tinham vidas tão isoladas que costumavam se agarrar à oportunidade de comparecer a qualquer evento e aproveitá-lo ao máximo. Nesse ritmo, ela teria que pedir que os Primos reabrissem a loja da cidade para ela.

— Tudo bem, linda?

Matt a abraçou pela cintura. Estivera carinhoso na última semana, alegre, descontraído, atencioso. Por mais culpada que ela se sentisse em admitir, a morte do Sr. P fora uma bênção.

— Estou pensando quanto tempo falta para o toque de recolher — murmurou ele.

— As velhinhas devem ir para casa logo mais. A Sra. Linnet já não está dizendo coisa com coisa no terceiro copo de gim, e a Sra. Bellamy

está roncado em cima de uma pilha de casacos lá em cima.

— Daqui a pouco estarão paquerando os Primos.

Ela sorriu e colocou na bandeja uma faca para o bolo. Depois se virou para encará-lo. Ele estava tão bonito quanto no dia em que o conhecera. O rosto castigado pelo sol, as rugas que se formavam no canto dos olhos só o tornavam mais atraente. Às vezes, ela se assustava com isso.

Mas naquele dia, com o vinho e a sensação de alívio, estava feliz.

— Agora tudo vai mudar, não vai? — perguntou.

— Ah, sim.

Ele se inclinou para beijá-la, e ela deslizou as mãos em volta dele, sentindo sua boa forma que lhe era familiar, a musculatura rija fortalecida pelo trabalho árduo. Pensou que provavelmente nunca o abraçava sem sentir uma pontada de desejo. Retribuiu o beijo, com uma breve e tranquilizadora sensação de posse com a pressão dos lábios dele. Esses eram os momentos que faziam tudo valer a pena, que lhe davam a impressão de que ela o recuperara. Que tudo no passado havia sido uma distorção.

— Estou interrompendo alguma coisa?

Matt ergueu a cabeça.

— Sabe, Anthony, desperdiçamos todo aquele dinheiro com suas aulas de biologia.

Laura se desvencilhou do abraço do marido e pegou a bandeja do bolo.

— Seu pai e eu estávamos falando sobre o futuro — disse ela —, sobre como parece promissor.

Havia ocasiões, pensou Matt McCarthy, recompondo-se disfarçadamente, em que ficava bem satisfeito por estar casado. Observou a esposa andar até a sala, contabilizando seus atributos: cintura ainda fina, pernas torneadas, um andar elegante. Considerando o conjunto, não era de se jogar fora.

— Você não vai sair? — perguntou ao filho. — Achei que a essa hora, já teria ido embora há muito tempo.

Ele levou alguns segundos para perceber que Anthony não exibia o sorriso cúmplice de costume.

— Shane me deu carona na volta do futebol.

— Que bom.

— Vi sua caminhonete em frente à casa de Theresa Dillon.

Matt hesitou.

— E daí?

— E daí que não sou burro. Nem minha mãe, por mais que você aja como se ela fosse.

A animação de Matt sumiu. Ele se esforçou para manter a voz tranquila.

— Não faço ideia do que você está falando.

— Até parece.

— Está me acusando de alguma coisa?

— Você disse à minha mãe que voltaria direto da loja de material de construção. Isso dá vinte e dois quilômetros até o outro lado da igreja.

Então é isso, pensou Matt. Sua raiva foi parcialmente compensada pelo orgulho de não ter um filho idiota e com medo do pai. Um filho com colhões.

— Olhe, seu Inspetor Clouseau de araque, passei lá porque Theresa ligou me pedindo um orçamento urgente para instalar algumas janelas novas. Não que isso seja da sua conta…

O garoto ficou calado, limitando-se a olhar para o pai com uma expressão de descrença. Estava usando aquele gorro de lã ridículo, enfiado até as sobrancelhas.

— Depois que ela me ligou, me dei conta de que eu não precisaria de nada da loja de materiais de construção que não pudesse comprar amanhã — acrescentou.

Anthony olhou para os próprios pés.

— Você acha mesmo que eu trataria sua mãe assim? Depois de tudo o que ela fez por essa família… e por aquele velho?

Nesse momento, quase o convencera, mas ainda viu incerteza no olhar dele. A reação de Matt era instintiva: nunca admitir, nunca explicar. E isso já o tirara sabe Deus de quantas enrascadas.

— Sei lá.

— É, não sabe. Então da próxima vez use a cabeça antes de abrir a boca. — Finalmente o convencera. — Você passou muito tempo nesta cidadezinha. Falei para sua mãe que devíamos ter criado você em algum lugar mais movimentado. — Ele deu um tapa na própria cabeça. — Nada acontece na vida das pessoas daqui, então elas gostam de inventar histórias, soltar a imaginação.

Caramba, olhe só o que você está dizendo! Você é tão terrível quanto aquelas velhas lá dentro.

— Já vi você com ela, lembra? — disse Anthony, zangado.

— Então não posso flertar com mais ninguém, é isso? Não posso conversar com uma mulher bonita? Tenho que andar de cabeça baixa para não atrair o olhar de ninguém? Talvez a gente possa pedir para a Sra. Linnet tricotar uma burca para mim.

Anthony balançou a cabeça.

— Olhe, filho, você pode ter dezesseis anos, mas ainda tem muito o que crescer. Se acha que sua mãe preferiria que eu vivesse sob rédea curta, você não entende muito da natureza humana.

Por que não vai procurar uma coisa melhor para fazer em vez de bancar a Miss Marple? E trate de cortar esse maldito cabelo!

Quando Anthony bateu a porta da cozinha, suas costas estavam curvadas, numa postura de derrota.

*

A tarde deu lugar ao crepúsculo e depois à escuridão, o manto denso da noite caiu até que a casa,

com as árvores e os campos, mergulhou no breu imutável dos rincões remotos. Por trás das janelas iluminadas da casa dos McCarthy, os enlutados não demonstravam nenhum sinal de que queriam ir embora. Na verdade, não davam nenhum sinal de estar de luto. À medida que a bebida alcoólica fazia efeito, as histórias sobre Samuel Pottisworth se tornavam cada vez menos respeitosas. Até as ceroulas de lã encardidas que ele usava inclusive no verão e suas indiretas picantes à jovem agente de saúde bonitinha acabaram virando assunto.

Ninguém sabia direito de quem fora a ideia de transferir a festa para o casarão. Mas, por algum motivo, atiçados pela animação crescente e uma explosão de gargalhadas, as portas de vidro haviam sido abertas. Laura ia atrás do marido quando viu para onde o grupo desgarrado seguia.

Lá fora, o ar estava excepcionalmente quente e ainda marcado pelas vozes de animais silvestres e pelos feixes oscilantes das lanternas. O bosque estava animado com os ruídos de pés escorregando em barrancos, o farfalhar das primeiras folhas do outono sendo pisadas e os guinchos das idosas tentando transpor os obstáculos no escuro.

— E ele não se envergonhava de cantar a minha esposa — declarou Matt. — Velho calhorda.

Cuidado com essas tábuas, meninas.

— Matt — disse Laura, ao passar por ele. — Não diga isso.

— Ah, fala sério, amor. Você não vai dizer para todo mundo que ele era um anjo. — Piscou para Mike Todd, que erguia a taça com medo de entornar o vinho. — Todo mundo aqui sabe como ele era, não é, Mike?

— Não acho isso certo — disse ela.

— Falar mal dos mortos? Só estou dizendo a verdade. Não estamos, pessoal? Estou falando de forma afetuosa, não é verdade?

— Mesmo assim…

A casa assomou à frente deles, iluminada pelo luar que refletia na água parada do lago. Sob o brilho azulado, a construção parecia espectral, menos sólida que à luz do dia, a névoa subia da terra quase fazendo a casa flutuar. O manto de tijolos vermelhos da parede leste dava lugar a janelas góticas, acréscimos posteriores a norte e a sul revestidos com pedra de Norfolk mais tradicional. Acima da enorme bay window que marcava o quarto principal, dois conjuntos de ameias davam para o lago. Era imponente, mas pouco convidativa, uma casa estranha e contraditória, não muito diferente do antigo dono. Mas tinha potencial. Laura percebeu que estava reprimindo um arrepio involuntário. O Casarão. O que ela reformaria, onde passaria o resto da vida. Que mostraria a seus pais, a todo mundo, que ela acertara ao se casar com Matt.

— Olhe para essa casa — disse Matt. — Ele a teria deixado cair aos pedaços.

— Lembro quando era dos pais dele — acrescentou a Sra. Linnet, que estava agarrando o braço de Asad. — Eles a mantinham linda. Havia pedra pavão em alguns lugares e barcos no lago, e, ao longo daquela margem, ficavam rosas lindíssimas. Das perfumadas, não dessas que tem hoje.

— Devia ser uma maravilha — disse Asad.

— Nas mãos certas, essa casa poderia ficar linda de novo.

— Eu não ia querer. Não aqui no meio do mato.

Laura olhou para o marido, que estava um pouco afastado do grupo, absorto, com a cabeça jogada para trás. Ele exibia uma expressão tranquila. Como se uma tensão antiga estivesse passando. Ela se perguntou por um instante se aquela expressão se repetia em suas feições e achou que era pouco provável.

— Aliás, Matt. — Era Derek Wendell, o advogado, com uma voz calma. — Posso dar uma palavrinha com você?

— Já contei da época em que ele queria vender o campo de doze hectares? Aquele ao lado do velho celeiro? — Mike Todd estava ao lado dele, a voz retumbando de um jeito teatral no escuro.

— Consegui um bom preço, bem acima do que ele tinha pedido. Estava tudo acertado, e ele se encontrou com o comprador no escritório do advogado. — Fez uma pausa para criar um efeito dramático. — Um desastre.

— Continue, Mike.

Laura estava rindo à toa. Tinha bebido a tarde inteira, o que era raro para ela. Normalmente se continha. Não era legal acordar de ressaca.

— Ele descobriu que o comprador era francês. Ou, pelo menos, os pais dele eram. O coitado morava aqui havia vinte anos. Mas foi o suficiente. "Não vou vender minha terra para um maldito conciliador. Francês nenhum vai botar a mão pegajosa na casa dos meus antepassados…" A ironia era que nenhum Pottisworth lutou na porcaria da guerra. Todos conseguiram ser dispensados por motivos médicos ou entrar no Comando de Pessoal.

— Acho que nunca o ouvi falar bem de ninguém — disse Matt, olhando para a casa.

— Só da Sra. McCarthy, certamente. Depois de tudo o que ela fez por ele…

— Não — disse Matt. — Nem mesmo de Laura. Não que eu saiba.

Ele se sentara num dos muros baixos que cercavam a casa, quebrados por degraus que levavam ao que antes fora a entrada de veículos. Estava com o ar sereno de proprietário, como se posasse para uma foto.

— Matt. — Derek Wendell estava ao seu lado. — Preciso muito dar uma palavrinha com você.

Laura notou a expressão dele antes de Matt. Mesmo alterada por causa da bebida, reconheceu alguma coisa que a deixou sóbria.

— É sobre o testamento? Podemos falar sobre os detalhes mais tarde? — Matt deu tapinhas nas costas dele. — Você nunca tira folga, Derek?

— Faz trinta anos que não entro nessa casa — anunciou a Sra. Linnet, atrás deles. — A última vez foi no funeral do velho pai. Tinham dois cavalos pretos puxando o caixão. Fui fazer carinho em um e ele me mordeu. — Estendeu a mão, semicerrando os olhos. — Olhem, ainda tenho a cicatriz.

As pessoas falavam juntas, mais interessadas em contar do que em ouvir.

— Eu me lembro desse funeral — disse Matt. — Eu estava na frente com meu pai. Ele não queria atravessar o portão e ficou ali enquanto o cortejo passava. Lembro que ele chorou, mesmo depois de tudo o que tinha acontecido. Dez anos após terem colocado ele na rua, deixado sem casa, sem nada, ele ainda chorou por aquele velho.

Laura estava parada, apenas observando. Derek, muito perto de Matt, tentava chamar a atenção dele, mas se virou por um instante para ela, que imediatamente entendeu o que ele se esforçava para contar ao marido dela. O mundo se abriu sob seus pés, como os gomos de uma laranja.

Piscou com força, tentando se convencer de que o que vira tinha sido resultado da luz fraca ou do próprio pileque. Então Derek se inclinou e sussurrou alguma coisa no ouvido de Matt, e, pelas feições endurecidas do marido e pelas perguntas "O quê? O quê?" que irromperam na noite perfumada, ela soube que o velho realmente se mantivera fiel a si mesmo, como dissera o vigário.

Até na morte.

3

Era difícil para ela tocar violino quando estava chorando. O fato de sua cabeça estar inclinada significava que as lágrimas se acumulavam por um instante no pequeno espaço entre o canal lacrimal e o nariz, depois escorriam pelo rosto ou, pior, para o violino, onde tinham que ser rapidamente limpadas para não mancharem nem empenarem a madeira.

Isabel fez uma pausa para pegar o grande lenço branco e enxugar as gotinhas da superfície polida. Chorar e tocar. Era necessário separar uma coisa da outra. Mas só quando estava tocando ela conseguia expressar suas emoções. Era o único momento em que não tinha que parecer corajosa, ser a mamãe, a nora, a patroa eficiente, ou, pior ainda, "a jovem e estoica viúva".

— Mãe. — Fazia alguns minutos que Kitty a estava chamando. Ela tentara ignorar a voz da filha, pois não queria abandonar os últimos acordes da Quinta de Mahler, sem estar pronta ainda para descer e se reintegrar à vida real. Mas o chamado de Kitty ficava mais forte e insistente. — Mãe!

Ela não conseguia tocar bem se não se concentrasse. Afastou o violino do queixo, enxugou as lágrimas e gritou, tentando imprimir um tom leve à voz:

— O que é?

— O Sr. Cartwright está aqui.

Cartwright… Cartwright… Guardou o instrumento no estojo, abriu a porta do sótão e desceu lentamente a escada. Não se lembrava do nome, embora fosse possível que o conhecesse. Antes de Laurent morrer ela não precisava saber o nome de tanta gente.

— Já vou.

Cartwright. Sr. Cartwright. Um nome sério. Não era um dos vizinhos. Não era nenhum dos amigos de Laurent, que ainda vinham visitá-la de vez em quando, chocados como se houvessem acabado de descobrir, e a quem Isabel tinha que consolar, ali no sofá, como se ela precisasse cuidar dos sentimentos de todo mundo.

Não era um dos seus amigos, um dos poucos que mantiveram contato desde que ela tivera de deixar a orquestra.

Cartwright. Espiou a sala de estar e notou, com uma vaga sensação de alívio, que o homem no sofá, de terno cinza-escuro e gravata, era conhecido. Estivera no funeral. Ela tentou organizar os pensamentos e olhou de relance para a cozinha, onde Kitty estava preparando chá.

— Mary não pode fazer isso?

— É a tarde de folga dela. Avisei a você mais cedo.

— Ah.

Ela vivia esquecendo as coisas. A filha levou o chá para o Sr. Cartwright, que com dificuldade tentava se levantar do sofá baixo, a mão direita estendida. Com sapatos engraxados e uma postura firme, ele destoava da ligeira bagunça da sala. De repente Isabel viu a sala do ponto de vista de um visitante. Havia pilhas de livros e revistas nas mesas. No braço do sofá, alguém deixara uma máscara de Halloween e um monte de roupa suja. Uma de suas calcinhas estava estendida no encosto, perto das almofadas. Thierry estava sentado vendo televisão, alheio à bagunça à sua volta.

— Sra. Delancey, espero não ter vindo numa hora ruim…

— Não, não. — Ela fez um gesto conciliador. — Fico feliz em vê-lo. Eu estava… lá em cima.

Kitty se sentou na cadeira adamascada vermelha e encolheu as pernas embaixo do corpo. O

tecido da cadeira estava tão puído que o enchimento cinzento escapava, e a mãe observou a tentativa de Kitty de enfiar disfarçadamente um pedaço para dentro.

— O Sr. Cartwright veio falar de dinheiro — disse ela. — Seu chá está aí ao lado, mãe.

— Claro. Obrigada. — Contador? Consultor financeiro? Advogado? Laurent sempre lidara com esse tipo de gente. — Você precisa que eu assine alguma coisa?

O Sr. Cartwright se inclinou para a frente, o que não foi fácil, pois seu traseiro estava a quinze centímetros abaixo dos joelhos.

— Não exatamente. Na verdade… seria uma boa ideia ter essa conversa… em outro lugar.

Ele olhou de forma expressiva para Thierry e depois para Kitty.

Thierry desligou a televisão, ressentido.

— Pode assistir no quarto da Mary, querido. Tenho certeza de que ela não vai se incomodar.

— O controle remoto está quebrado — disse Kitty.

— Bem… talvez…

Mas Thierry tinha saído.

— Vou ficar aqui — disse Kitty, calmamente. — Às vezes é mais fácil lembrar as coisas quando há duas pessoas presentes.

— Minha filha é… muito inteligente para a idade dela.

O Sr. Cartwright parecia desconfortável, mas evidentemente percebeu que precisava acatar a imposição.

— Já faz várias semanas que estou tentando falar com a senhora — explicou. — Achei que devia se inteirar da sua situação financeira agora que a… hum… a poeira baixou.

Ele corou diante da escolha das palavras. Com a pasta apoiada nos joelhos, abrindo-a de um jeito que sugeria que aquele deveria ser o momento mais prazeroso de seu dia de trabalho, pegou maços de papéis, enfileirando-os em retângulos caprichados na mesa de centro. Parou quando chegou à Pilha.

— Minha mãe não vê a correspondência — disse Kitty, explicativa. — Estamos esperando o amontoado crescer a ponto de machucá-la.

— Eu vou ver a correspondência, Kitty. Só estou… um pouco atrasada.

Isabel sorriu, sem jeito, para o Sr. Cartwright, que não conseguia esconder o horror diante da pilha bamba de envelopes fechados.

— Deve ser por isso que não respondemos ao senhor — acrescentou Kitty.

— Talvez seja… sensato dar uma olhada nelas — sugeriu ele, com cautela. — Pode ser que haja contas.

— Ah, tudo bem — disse Kitty. — Eu abro todos que são vermelhos, preencho os cheques e minha mãe assina.

Isabel percebeu a expressão de reprovação dele. Notara-a no semblante de outras mães quando dizia que era a babá quem cozinhava ou que não sabia o nome dos colegas de escola dos filhos. A mesma expressão surgia no rosto das visitas, depois da morte de Laurent, ao verem a bagunça da casa. Em algumas ocasiões, quando ficava na cama chorando em vez de ajudar a levar os filhos para a escola, Isabel vira esse semblante em Mary. Essa fase, em que ela ficou com a impressão de quase ter enlouquecido, em que notava a reprovação no rosto dos transeuntes na rua, em que esbravejava com Deus por tê-lo levado, passara. Mas o caminho para sair do sofrimento não era nem um pouco mais fácil.

O Sr. Cartwright pegou uma caneta e fechou a pasta.

— Não tenho uma boa notícia para dar.

Isabel quase teve vontade de rir. Meu marido está morto, pensou. Meu filho ainda está em estado de choque e se recusa a falar. Minha filha envelheceu vinte anos em nove meses e se nega a admitir que haja algo errado. Tive de abrir mão da única coisa que eu adorava, o que jurei que nunca faria, e você acha que pode me trazer uma má notícia?

— Agora que já se passou um tempo e… hum… a parte jurídica da situação foi resolvida, fiz uma análise abrangente da situação financeira de Laurent, e parece que não era tão… sólida quanto ele pode ter feito parecer.

— Sólida?

— Receio que ele não a tenha deixado tão bem resguardada quanto a senhora pode ter esperado.

Isso não é um desastre, ela quis dizer. Dinheiro nunca foi importante para mim.

— Mas temos a casa. E o seguro de vida dele. Não pode ser tão ruim assim.

O Sr. Cartwright deu mais uma olhada no papel em sua mão.

— Aqui está um resumo. No alto à esquerda estão os ativos dele e, do outro lado, uma lista do que o Sr. Delancey estava devendo quando… se foi.

— Morreu — corrigiu ela. — Odeio essa expressão — resmungou, notando o olhar de reprovação de Kitty. — Ele… morreu. Meu marido morreu.

Não adiantava usar eufemismos. Devia soar tão direto e tão difícil quanto era.

O Sr. Cartwright permaneceu calado enquanto Isabel engolia o nó na garganta. Corando, ela pegou o papel.

— Desculpe — disse ela, distraidamente. — Não entendo de números. O senhor poderia explicar para mim?

— Em resumo, Sra. Delancey, seu marido fez empréstimos altos e deu a casa como garantia para manter o padrão de vida. Estava contando com a valorização contínua da propriedade. Isso pode acontecer e, nesse caso, sua situação não seria tão ruim. Mas o maior problema é que, quando ele estendeu a hipoteca, não aumentou o seguro de vida para cobrir o novo valor. Na verdade, descontou uma das apólices.

— O trabalho novo — disse ela, vagamente. — Ele falou que o trabalho novo traria grandes bonificações. Eu não entendia muito… Nunca entendi direito o que ele fazia. — Isabel sorriu como se pedisse desculpas. — Alguma coisa a ver com… mercados emergentes?

Ele a olhava como se tudo fosse autoexplicativo.

— Eu não… Pode me dizer o que isso significa para nós?

— A casa não está paga. Com o montante do pagamento do seguro de vida menos da metade da dívida será quitada, deixando em aberto parcelas significativas da amortização que não tenho certeza se a senhora conseguirá quitar. Até agora, o dinheiro da conta conjunta e da poupança tem conseguido cobri-las, mas, infelizmente, resta pouco. A senhora vai receber uma parte proporcional da pensão do seu marido, e talvez haja alguns benefícios, mas terá que encontrar outra maneira de quitar o pagamento das prestações restantes do empréstimo, se quiser manter a casa.

Parecia uma gralha grasnando, um barulho feio, invasivo. A certa altura, ela havia parado de ouvir as palavras dele e apenas escutava o jargão. Seguro. Prestações. Decisões financeiras. Todas as coisas das quais se considerava menos capaz. Achou que estava ficando com dor de cabeça.

Respirou fundo.

— Nesse caso, Sr. Cartwright, o que eu posso fazer?

— Fazer?

— Os investimentos dele? A poupança? Deve haver algo que eu possa vender para quitar a hipoteca.

Ela não sabia ao certo se alguma vez já usara aquela palavra. Nunca fingi entender nada disso, pensou, irritada com Laurent. Essas coisas deviam ser trabalho dele.

— Preciso dizer, Sra. Delancey, que nos meses que antecederam a morte do Sr. Delancey, ele fez gastos altíssimos. Praticamente zerou várias contas. Além de usar os rendimentos da apólice do seguro de vida, todo o dinheiro que sobrar terá que servir para pagar as contas do cartão de crédito dele e… hum… as pensões atrasadas para a ex-mulher. Como sabe, na qualidade de cônjuge, a senhora não terá que pagar imposto sucessório sobre os bens dele, mas sugiro que reduza o máximo possível suas despesas nesse meio-tempo.

— Com o que ele gastou? — perguntou Kitty.

— Acho que será necessário conferir as faturas do cartão dele para ter uma ideia. Quase todos os canhotos do talão de cheques estão em branco.

Isabel tentou se lembrar do que haviam feito naqueles últimos meses. Mas, como acontecera nas primeiras semanas após o falecimento dele, o tempo confundira sua memória. Os anos que passou com Laurent haviam se transformado num banco de recordações movediço e amorfo. Eles tiveram uma vida agradável, pensou melancolicamente. Longas férias no sul da França, refeições em restaurantes várias vezes por semana. Ela nunca questionara de onde vinha o dinheiro.

— Isso significa que não há dinheiro para pagar a escola? A babá?

Quase se esquecera de que Kitty estava na sala. Então percebeu que a filha fizera algumas anotações.

O Sr. Cartwright se virou aliviado para Kitty, como se ela falasse a mesma língua que ele.

— Seria aconselhável, sim.

— E basicamente você está dizendo que vamos perder a casa.

— Entendo que sua… a Sra. Delancey já não tenha uma… renda fixa. Talvez seja mais fácil enfrentar a situação se vocês se mudarem para uma região mais barata e reduzirem as despesas domésticas.

— Sair dessa casa? — questionou Isabel, atordoada. — Mas era de Laurent. Foi onde criamos os nossos filhos. Ele está em cada cômodo. Não podemos sair daqui.

Kitty estava com a expressão determinada que exibia quando era mais nova e se machucava, esforçando-se muito para não chorar.

— Kitty, querida, vá lá para cima. Não se preocupe. Vou resolver isso.

A menina hesitou por um instante, e depois saiu, com os ombros rígidos de modo suspeito. O

Sr. Cartwright observou-a se afastar, parecendo constrangido, como se fosse responsável pelo sofrimento dela. Isabel esperou a porta se fechar.

— Deve haver alguma coisa que a gente possa fazer — disse, com tom de urgência. — O

senhor entende de dinheiro. Deve haver algo que eu possa fazer para manter as crianças próximas do pai. Elas o amavam. Provavelmente passavam mais tempo com ele do que comigo, porque eu estava fora trabalhando muito. Não posso fazer isso com elas, Sr. Cartwright.

Ele ficou corado. Olhou para os papéis e os embaralhou um pouco.

— Tem certeza de que ele não tinha bens na França? — perguntou ela.

— Infelizmente, ele só tem dívidas lá. Parece que deixou de pagar a pensão à ex-mulher quase um ano antes de morrer. Tenho certeza de que lhe dei um relato preciso da situação.

Isabel lembrou que Laurent se queixava da pensão alimentícia. Não tiveram filhos, reclamava ele. Não entendia por que aquela mulher não podia se sustentar.

— Olhe, Sra. Delancey, realmente não consigo encontrar uma maneira de reorganizar suas dívidas. Mesmo que dispense a babá e tire seus filhos da escola particular, a senhora ainda ficará com parcelas significativas da amortização da hipoteca.

— Vou vender alguma coisa. Talvez ele tivesse obras de arte valiosas. Ou quem sabe algumas primeiras edições de livros na estante. — Seus olhos se fixaram na arrumação incoerente dos exemplares surrados e admitiu intimamente que isso era improvável. — Não posso fazê-los passar por isso. Já sofreram demais.

— A senhora não gostaria de voltar a trabalhar?

Você nem imagina, pensou ela.

— Acho que por enquanto as crianças precisam… de um dos pais… — pigarreou — …

presente. E o que eu ganho na orquestra nunca foi suficiente para arcar com as nossas despesas domésticas.

O Sr. Cartwright murmurou algo para si mesmo, folheando os papéis para a frente e para trás.

— Há uma possibilidade.

— Eu sabia que o senhor pensaria em alguma coisa — disse ela, ansiosa.

Ele passou o dedo pela lista.

— Infelizmente, não há nada que possa transformar em dinheiro. Mas, pela informação que tenho, o bem mais valioso da senhora, além da casa, é… o violino.

— O quê?

Ele pegou a calculadora e começou a somar alguns números com agilidade.

— É um Guarneri, certo? A senhora o colocou no seguro por um valor de seis dígitos. Se vendê-lo por algo próximo dessa quantia, não conseguirá cobrir as despesas escolares, mas deve manter a casa. — Estendeu a calculadora para ela. — Fiz as contas com a comissão, mas

mesmo assim a senhora deve conseguir pagar a hipoteca e ainda sobra alguma coisa. Seria algo prudente a fazer.

— Vender o meu violino?

— É muito dinheiro. Num momento em que a senhora está precisando.

*

Depois que ele foi embora, Isabel subiu e foi se deitar. Ficou olhando para o teto, lembrando-se de

todas as noites em que sentira o peso de Laurent em cima dela, as noites que passavam lendo e jogando conversa fora, alheios ao fato de que a vida doméstica em comum podia ser um luxo, as noites em que tinham se deitado ao lado dos filhos recém-nascidos, olhando fixamente para eles e um para o outro, encantados.

Ela acariciou a colcha de seda. No momento, esses prazeres sensuais pareciam sem sentido. A própria colcha, com aquele vermelho e o bordado rebuscado, era escancaradamente sexual, como se zombasse de sua solidão. Ela abraçou a si mesma, tentando bloquear a dor que a invadia, a sensação de amputação que a acometia sempre que ficava sozinha naquela cama enorme.

Ouviu o som abafado da televisão pela parede e imaginou o filho na frente do aparelho, provavelmente absorto em algum jogo de computador. Durante um tempo, tivera esperanças de que um dos filhos se interessasse por música, mas, da mesma forma que o pai, tinham pouco talento e ainda menos aptidão. Talvez fosse melhor assim, observou. Talvez, naquela família, só houvesse lugar para uma pessoa seguir seu sonho. Laurent me mimou. Deixou que eu fosse a sortuda.

Ouviu Mary chegar em casa e ter uma conversa rápida com Kitty. Depois, sabendo que não podia mais se dar ao luxo de ficar ali deitada, se levantou, endireitou a roupa de cama e desceu devagar a escada. Encontrou Kitty sentada de pernas cruzadas diante da mesa de centro. À sua frente estava a Pilha, dividida em montes menores de envelopes pardos ou escritos à mão, subdivididos por remetentes.

— Mary foi ao supermercado. — A filha colocou outro envelope na mesa. — Achei que devíamos abrir alguns desses.

— Eu faço isso. Você não precisa me ajudar, querida.

Isabel se abaixou e afagou o cabelo da filha.

— É mais fácil se nós duas fizermos.

Não havia rancor na voz dela, só o senso prático que deixava Isabel com um sentimento misto de gratidão e culpa. Laurent chamava Kitty de sua vieille femme. Isabel se deu conta de que, com apenas quinze anos, sua filha naturalmente assumira esse papel.

— Então vou fazer um chá para a gente — disse ela.

Mary trabalhava para eles desde que Kitty era bebê. Às vezes, Isabel achava que a babá conhecia seus filhos melhor do que ela mesma. A eficiência serena de Mary os mantivera unidos nos últimos meses, sua estabilidade costurava certa normalidade numa situação que se tornara surreal. Sem ela, Isabel não sabia se conseguiria aguentar. Só de pensar em cozinhar, passar, trocar a roupa de cama e as inúmeras outras tarefas que Mary fazia diariamente a deixavam desesperada.

Preciso ser forte, disse a si mesma. Há coisas piores que isso. Quem sabe, em um ano, estaremos rindo de novo.

Quando voltou com as duas canecas, beijou a cabeça da filha, grata por sua presença. Kitty sorriu vagamente e depois balançou algo para ela.

— Precisamos pagar isso depressa. — Entregou a Isabel uma conta de gás atrasada. — Estão ameaçando cortar nosso gás. Mas aqui embaixo está dizendo que podemos pagar por telefone usando o cartão.

A fatura do cartão de crédito que Isabel acabara de abrir informava que ela deixara de efetuar o pagamento mínimo nos dois últimos meses e acrescentava o que ela considerava uma quantia grotesca ao já exorbitante valor total. Isabel a enfiou no final da pilha. Não havia dinheiro. Pelo menos era o que o Sr. Cartwright dissera.

— Vou resolver isso — declarou à filha.

Pagaria as contas. Arranjaria dinheiro. Daria tudo certo. O que devo fazer?, perguntou-se. Se eu fizer uma coisa, posso partir o coração deles. Mas se fizer outra, certamente vou partir o meu coração.

— Não sei qual é esse.

Kitty jogou um envelope branco grosso com uma letra elegante na frente.

— Deixe esses de lado, querida. Deve ser um dos parentes franceses que acabou de saber da notícia.

— Não, está endereçado ao papai. E está escrito “pessoal”.

— Então coloque junto desses, dos datilografados. E me passe os mais urgentes. Deixe o resto de lado por enquanto. Hoje não tenho energia.

Estava muito cansada. Parecia estar sempre cansada. Imaginou o alívio de afundar nas almofadas surradas do sofá e fechar os olhos.

— Vamos ficar bem, não é, mãe?

Isabel se empertigou de repente.

— Ah, vamos, sim.

Ela conseguia parecer convincente quando queria. Estava forçando os músculos do rosto a esboçarem um sorriso encorajador quando o papel à sua frente, com a assinatura de Laurent na parte de baixo, a deteve. Uma imagem dele assinando surgiu diante de seus olhos: o desdenhoso floreio preto e aquele jeito dele de raramente olhar para o papel enquanto escrevia. Nunca mais verei suas mãos, pensou. Aqueles dedos quadrados, as unhas da cor de conchas. Nunca mais vou senti-las em mim, me abraçando. Depois de nove meses, conhecia esses momentos: a perda a atingia sem qualquer delicadeza, sem qualquer aviso. Não havia nada delicado no sofrimento. Ele atingia a pessoa feito uma onda, arrastando-a, ameaçando levá-la para o fundo do mar. Como era possível essas mãos simplesmente terem deixado de existir?

— Mãe, você precisa ver isso.

Ela teve que usar todas as suas reservas de força para se concentrar em Kitty. Estava se sentindo esquisita, como se não conseguisse assumir uma fisionomia neutra.

— Apenas junte as contas do mesmo lado, querida. — Laurent, gritava internamente, como você pôde nos deixar? — Vou lhe dizer uma coisa, por que não terminamos isso amanhã? Acho…

que preciso de uma taça de vinho. — Ouviu o tremor na própria voz.

— Não. Você precisa ver isso.

Kitty balançou mais uma carta diante da mãe.

Mais coisas oficiais para assinar, para decidir. Como posso fazer essa escolha? Por que temos que sacrificar tudo?

— Agora não, Kitty. — Com esforço, conseguiu manter o tom de voz sob controle.

— Mas olhe aqui. — A carta datilografada foi colocada em suas mãos. — Não sei se é alguma brincadeira, mas está dizendo que alguém deixou uma casa para você.

*

— Isso tudo não é… um pouco dramático?

Fionnuala estava no intervalo do ensaio da Orquestra Sinfônica Municipal. Estavam sentadas no bistrô onde tinham almoçado centenas de vezes, perto o suficiente do auditório para ouvir um contrabaixo sendo afinado repetidas vezes, algumas escalas experimentais de um oboé. Isabel ora sentia-se imensamente feliz em casa ora experimentava uma profunda sensação de perda, de sua antiga vida, da pessoa que ela fora. Um ano atrás, eu era uma inocente e desconhecia o verdadeiro sofrimento, pensou ela. Naquele momento, a inveja que sentia da amiga, que não parava de falar, sem se dar conta do abismo em que Isabel caíra, deixava-a desconfortável. Eu é que devia estar ali sentada, reclamando do regente, ainda pensando no Adagio, refletiu ela.

— Não acha que está correndo o risco de jogar tudo fora? — Fionnuala bebericou o vinho. — Nossa, está bom.

Isabel balançou a cabeça.

— Vai ser melhor para as crianças. Uma bela casa de campo, boas escolas públicas, um vilarejo. Você sabe como os parques londrinos são horríveis. Mary sempre dizia que levava meia hora catando cacos de vidro antes de poderem brincar.

— Só fico me perguntando se você não devia ver a casa primeiro, fazer as coisas com calma.

— Eu não posso ter calma, Fi. Não temos um tostão. E, de qualquer maneira, já vi a casa muitos anos atrás quando eu era criança. Eu me lembro de meus pais me levarem lá para uma festa no jardim. Era um lugar maravilhoso, que eu me lembre. — Isabel quase se convencera.

— Mas Norfolk? Nem ao menos fica na parte bonita, perto do mar. E é um grande passo. Você não conhece ninguém lá. Nunca gostou muito do campo. Você não faz o estilo classe média interiorana, faz? — Ela acendeu um cigarro. — Por favor, não me leve a mal, mas às vezes você é um pouco… impulsiva, Isabel. Devia voltar a trabalhar para ver se consegue se sustentar. Tenho certeza de que arranjariam concertos extras para você. Pelo amor de Deus, você é primeiro violino. Ou podia dar aulas. — Isabel ergueu a sobrancelha. — Tudo bem, talvez dar aulas nunca tenha sido seu ponto forte. Mas essa parece uma decisão extremamente radical… O que as crianças acham?

— Estão de acordo — respondeu ela automaticamente.

"Mas é a nossa casa. A casa do papai", dissera Kitty. "Você me falou que resolveria as coisas."

Isabel ficara admirada com a própria compostura. Laurent me perdoaria, dissera a si mesma.

Não teria pedido que, ainda por cima, eu me desfizesse do violino que ele me deu.

"Como você pôde decidir tudo? Somos três pessoas nessa família, você sabe." O rosto de Kitty estava vermelho com a injustiça que sentia. "Por que não podemos vender a casa nova? Deve valer muito dinheiro."

"Porque… mesmo depois de pagar o imposto sucessório sobre ela, ainda haverá muitas dívidas, está bem? Vale muito menos que a nossa casa, e, além do mais, tudo o que conseguirmos com esta é nosso, não do imposto." Suavizou o tom de voz. "Não espero que você entenda, Kitty, mas seu pai… nos deixou zerados. Pior que isso. E precisamos vender essa casa para sobreviver. Não vai ser tão ruim assim. Você ainda pode voltar para visitar seus amigos. E a casa nova é grande, eles podem passar alguns dias com a gente. As férias escolares inteiras, se você quiser."

A expressão de Thierry não deixara transparecer nada do que se passava pela sua cabeça.

"Não temos mais dinheiro, meus amores", dissera ela, tentando convencê-los do seu ponto de vista. "Precisamos nos mudar."

— Continuo achando que você está cometendo um erro — disse Fionnuala, mergulhando um pedaço de pão no azeite, depois passando-o pelo prato vazio. — Você ainda está abalada e não é o momento de tomar decisões capazes de mudar vidas.

A expressão de Mary sugerira que ela pensava da mesma forma. Mas Isabel precisava fazer isso naquele momento. Caso contrário, poderia entrar em colapso. A casa lhe oferecia uma solução pragmática. Era o único jeito que tinha de salvar parte de sua vida, de parar de ser perseguida pela falta do marido. Nos instantes mais fantasiosos, dizia a si mesma que Laurent lhe mandara a casa nova, que fizera isso para se redimir de suas dívidas. E as crianças eram capazes de se adaptar, dizia a si mesma o tempo todo. Pense nos filhos de refugiados, de diplomatas ou de militares. Eles vivem se mudando. De qualquer forma, talvez fosse mais fácil para seus filhos se ficassem longe das coisas que lhes lembravam a vida de antes. Talvez fosse até mais fácil para ela.

"Soube que a casa precisa ser reformada", dissera o advogado.

Tinha ido pessoalmente falar com ele, incapaz de acreditar que não fosse uma brincadeira.

“Se meu tio-avô estava morando lá, não pode estar tão ruim assim.”

“Infelizmente só sei dos detalhes que constam na escritura”, dissera ele, “mas, parabéns. Fiquei sabendo que é uma das casas mais importantes da região.”

Ela era a única parente viva dele e herdara a casa graças ao fio invisível da inexistência de um testamento.

— Você demorou anos para ser primeiro violino. E é muito boa — disse Fionnuala. — E, além disso, nunca mais vai conhecer ninguém enfiada naquele fim de mundo.

— O que faz você pensar que eu gostaria de conhecer alguém?

— Ainda não, claro. Mas um dia… Olhe, eu não quis dizer…

— Não — disse Isabel com firmeza. — Para mim, só existia Laurent. Nunca poderia haver ninguém que… — Sua voz desvaneceu. — É um novo começo — falou para Fionnuala. — Essa casa é um recomeço.

— Bem, imagino que isso seja importante — respondeu Fionnuala. Colocou a mão em cima da de Isabel e a apertou. — Ah, droga, tenho que voltar. Desculpe, Isabel, mas Burton está regendo, e você sabe como ele fica chateado quando a gente se atrasa.

Quando Isabel estava prestes a pegar sua bolsa, Fionnuala disse: — Não, não, fui eu que convidei. Estou me sentindo rica porque amanhã vamos fazer a trilha sonora de um filme. Quatro horas sentada para tocar quarenta minutos. Outro dia, calculei a tarifa por nota. Maravilhosa. — Ela pôs o dinheiro em cima da conta. — Prepare um assado quando eu for visitar você. Cace uma perdiz. E me surpreenda com seus novos dotes camponeses.

— Debruçou-se na mesa para abraçar a amiga. Depois recuou e observou o rosto de Isabel. — Quando você acha que poderia voltar a tocar?

— Não sei — disse Isabel. — Quando as crianças estiverem… felizes de novo. Mas são só algumas horas de trem. Não são exatamente as Ilhas Ocidentais.

— Bem, volte logo. Sentimos sua falta. Eu sinto sua falta. O homem que ficou no seu lugar é uma negação. Toca de cabeça baixa e espera que a gente acompanhe. Todos nós ficamos olhando desorientados para ele como se estivesse nos mostrando por linguagem de sinais o que vai fazer.

Deu mais um abraço na amiga.

— Ah, Isabel, tenho certeza de que vai dar tudo certo, sua casa nova e tudo o mais. Desculpe se desanimei você. Tenho certeza de que está fazendo a coisa certa.

Estou, pensou Isabel, enquanto a amiga desaparecia pela porta dupla, com o estojo do violino debaixo do braço.

É o melhor para todo mundo.

Às vezes até ela acreditava nisso.

4

Henry cutucou Asad de trás do balcão, apontando para o relógio de pulso. A Sra. Linnet levara quase vinte e três minutos para comprar uma caixa de saquinhos de chá. Era um novo recorde pessoal.

— Está precisando de ajuda, Sra. Linnet? — perguntou Asad.

Ela interrompeu seu monólogo, que envolvia, sem ordem específica, circuito interno de câmeras, bancadas de granito para cozinha, a perna defeituosa da vizinha e uma mulher para quem já trabalhara, que atribuía a infertilidade ao uso de meias-calças para dormir.

— Não entendo esses saquinhos de chá para água dura. É preciso ter água dura para usá-los?

Sei que a nossa é calcária. Fica em volta da minha chaleira.

— Calcária? Isso deve ser um problema… — disse Asad.

— Mas faz bem para os braços — disse Henry, tentando não rir.

O tamborilar monótono da chuva no telhado ficou mais alto, e os três se sobressaltaram quando a trovoada reverberou.

— Eu ia fazer um chá… para a senhora também, Sra. Linnet, e assim pode avaliar nossos saquinhos de chá anticalcário. — Henry piscou para Asad e seguiu para os fundos da loja. — Isto é, se não estiver com muita pressa.

A tarde se arrastara. A chuva torrencial e as férias escolares de meio de semestre contribuíram para manter afastados todos os clientes, exceto os mais desesperados. Outros comerciantes locais reclamavam da escassez da clientela, do fato de que os fregueses assíduos passaram a ser atraídos pelas promoções dos supermercados e pela promessa de entrega em domicílio. Mas os proprietários da Suleyman and Ross, livres de dívidas e protegidos por pensões acumuladas durante os anos de trabalho na City, viam nessas tardes uma oportunidade para conversarem mais tranquilamente com os clientes. Não tinham comprado a loja com o intuito de ganhar dinheiro, mas os preços baixos, o estoque pouco convencional e o atendimento personalizado que ofereciam lhes garantira a fidelidade das pessoas. E, talvez, os protegiam dos preconceitos daqueles que, no começo, tivessem sido menos receptivos aos homens que passaram a ser

conhecidos diplomaticamente — contra todas as evidências — como os Primos.

A vitrine estava embaçada, toldando as insistentes cortinas de chuva. Asad ligou o rádio e uma melodia de jazz os envolveu. A Sra. Linnet deu um gritinho de alegria e tremulou os dedos.

— Ah! — exclamou. — Adoro Dizzy, mas meu Kenneth não suporta jazz moderno. — Depois baixou a voz para um tom conspiratório: — Ele acha muito… repetitivo. Mas aí o seu bando nasceu para isso, não?

Asad era muito educado para deixar o silêncio se prolongar por mais de um minuto.

— Meu bando?

Ela assentiu.

— As pessoas de cor — explicou, hesitante. — Vocês… Vocês têm ritmo. Está no sangue, sabe.

Asad refletiu sobre o comentário.

— Isso explicaria, Sra. Linnet, por que eu mal consigo me conter.

Foi com um alívio evidente que Deirdre Linnet se virou para a porta.

Uma voz familiar deu aos cães o comando para que parassem, e Byron Firth entrou, balançando o cabelo molhado de chuva.

— Boa tarde, Byron. — Asad sorriu.

— Preciso de um cartão — disse o recém-chegado.

— Estão naquele canto — respondeu Asad. — É para alguém em particular?

— Para Lily — respondeu, baixinho. — Minha sobrinha. É aniversário dela.

Ele parecia muito grande para caber na loja, mesmo não sendo tão alto quanto Asad, e passava a impressão de estar desconfortável, como se permanentemente tentasse passar despercebido.

Talvez por isso trabalhasse na floresta, pensou Asad. Sempre escondido.

— Boa tarde, Sr. Firth — disse Henry, trazendo o chá para a loja e dando uma olhada no chão molhado e nas botas enlameadas de Byron. — Vejo que andou em comunhão com a natureza. E

acho que podemos anunciar que hoje a natureza é a vencedora.

— Onde estão os cartões de aniversário feitos à mão, Henry? — Asad estava vasculhando as prateleiras. — Nós não tínhamos alguns?

— Não temos mais os que informam a idade — disse Henry. — Os de quatro e cinco anos eram todos vendidos, e ficávamos com um monte de onze sobrando.

— Ah. Aqui. — Asad mostrou um cartão cor-de-rosa decorado com lantejoulas. — Tinha uma mulher do outro lado da cidade que fazia esses cartões. Como esse é o último e o envelope está um pouco amassado, posso lhe dar cinquenta centavos de desconto.

— Obrigado.

Byron pagou e esperou Asad colocar o cartão numa sacola de papel pardo. Assentindo para os proprietários da loja, ele guardou a sacola dentro do casaco e saiu. Mesmo pela janela embaçada deu para ver a alegria dos cães quando o dono se abaixou para afagá-los.

A Sra. Linnet andara analisando os rótulos com uma atenção incomum.

— Aquele homem já saiu? — perguntou, desnecessariamente.

— O Sr. Firth já saiu, sim — respondeu Henry.

— Acho que vocês não deviam atender pessoas feito ele. Esse homem me dá medo.

— Nem pensar — murmurou Henry.

— Acho que o passado distante do Sr. Firth não tem nada a ver com o fato de devermos ou não vender um cartão de aniversário para a sobrinha dele — disse Asad. — Ele sempre foi simpático com a gente, apesar de um pouco fechado. Sra. Linnet, como boa cristã, tenho certeza de que conhece a ideia de penitência e perdão.

— Pelo que sei, ele só atrai coisa ruim. Vamos ver — disse ela, num tom enigmático, dando tapinhas no próprio nariz. — Vamos atrair todo tipo de gente indesejável. Os próximos serão os pediatras.

Henry arregalou os olhos.

— Deus me livre.

O sininho anunciou novamente que alguém abria a porta da loja. Entrou uma adolescente de quinze ou dezesseis anos no máximo. Estava molhada, mas não usava casaco nem trazia guarda-chuva. Suas roupas estavam um pouco amassadas, como se tivesse chegado de uma longa viagem.

— Desculpem-me se incomodo — disse ela, afastando o cabelo dos olhos —, mas por acaso sabem onde fica… — consultou um papel — …a Casa Espanhola?

Houve um breve silêncio.

— Sei, sim, querida — disse a Sra. Linnet. — Não fica muito longe. — Nitidamente, já havia esquecido suas aflições anteriores. — Posso perguntar quem você espera encontrar lá?

A menina olhou para ela sem entender.

— O velho Sr. Pottisworth morreu há pouco tempo — explicou a Sra. Linnet. — Não tem ninguém morando lá. Se veio para o funeral, infelizmente chegou tarde demais.

— Ah, eu sei — disse a garota. — Vamos nos mudar para lá.

— Para onde? — perguntou Henry à porta da sala dos fundos.

— Para a Casa Espanhola. Essa mocinha vai se mudar para a Casa Espanhola. — A Sra. Linnet mal conseguia se conter, de tão extraordinária que era a notícia. Estendeu a mão. — Nesse caso, seremos praticamente vizinhas, querida. Eu me chamo Deirdre Linnet… — Ela espiou pela janela embaçada. — Por acaso está sozinha?

— Minha mãe está lá fora no carro com meu irmão. Aliás, é melhor eu ir porque o caminhão de mudança está nos esperando. Hum… Onde a senhora disse que ficava?

Asad apontou para a rua.

— Vire à esquerda do outro lado das placas em direção à criação de porcos, à direita no cruzamento, e depois siga toda a vida até encontrar a placa "Atenção!".

— "Tome cuidado" — acrescentaram Henry e a Sra. Linnet solicitamente em uníssono.

— Vamos ficar abertos até às cinco — disse Asad —, caso precisem de alguma coisa. E dirijam com cuidado. O caminho está meio… inacabado.

A garota fazia anotações num pedaço de papel.

— Esquerda na criação de porcos, direita no cruzamento, seguir por toda a vida. Obrigada.

— Até logo — disse Henry, entregando uma caneca de chá à Sra. Linnet.

Observaram a menina desaparecer na rua, então, após um intervalo vergonhoso de tão breve, correram para a janela, limpando-a para espiar. Viram a menina se sentar no banco do carona de um grande Citroën velho e maltratado. Logo atrás vinha o caminhão de mudança quase bloqueando a pista, e os limpadores de para-brisa revelavam de vez em quando os três homens corpulentos no interior.

— Bem, que tal isso? — comentou Henry. — Gente jovem no casarão.

— Ela pode ser jovem — disse a Sra. Linnet, em tom de censura —, mas não tem desculpa para o estado daqueles sapatos.

— Os sapatos devem ser a menor das preocupações dela — disse Henry. — Eu me pergunto como os vizinhos vão recebê-los.

*

Kitty ia em silêncio enquanto a mãe tentava avançar na estrada de terra batida. Olhava o tempo

todo pelo retrovisor para o caminhão de mudança, que balançava precariamente atrás deles, murmurando um apelo.

— Tem certeza de que disseram que era por aqui? — perguntou a Kitty, pela quarta vez. — Não me lembro dessa estrada.

— À direita no cruzamento. Eu até anotei.

O carro deu um solavanco e raspou o para-choque ao passar por outra poça. Kitty ouviu as rodas girarem por um instante sem ponto de apoio, o motor roncando em protesto, antes de seguirem em frente. Em volta deles, os pinheiros se elevavam, bloqueando a luz da tarde que ainda restava.

— Não acredito que seja aqui. Vamos precisar de um trator para sair.

Secretamente, Kitty estava feliz com o fato de o caminho ser tão ruim. Talvez isso fizesse a mãe se dar conta do absurdo da mudança. Passara semanas agarrando-se à vã esperança de que Isabel admitisse que fora um erro e decidisse que, de algum modo, poderia fazer um malabarismo com as finanças para que continuassem em casa. Mas não. Fizera Kitty se despedir da escola, dos amigos, no meio do trimestre de primavera, e partir sabia Deus para onde. E não importava se a mãe dissesse que todos manteriam contato, a menina sabia que, quando não estivesse mais lá, mandando mensagens e fofocando, deixaria de existir para os outros. Mesmo se fosse visitá-los a cada duas semanas, estaria sempre à margem, perdendo todas as piadas internas e atrasada em relação às tendências do momento.

O limpador de para-brisa movia-se devagar, fazendo um leve chiado, como se cada movimento fosse um esforço. Há um ano exatamente, eu era feliz, pensou ela. Guardara o diário do ano anterior e conferira tudo o que havia feito, portanto sabia que era verdade. Às vezes, torturava-se com isso: “Papai me buscou na escola. Depois do jantar, jogamos xadrez, e eu ganhei. O episódio de Neighbours foi muito legal.” Às vezes, ela se perguntava onde estaria dali a exatamente um ano.

Era difícil acreditar que voltariam para Londres. E mais ainda que pudessem ser felizes.

Thierry, no banco de trás, tirou os fones de ouvido por um instante.

— Quase chegando, T — disse ela.

— Ah, vamos lá, Dolores, você sabe que consegue.

Kitty fez uma careta. Era constrangedor que a mãe desse um nome ao carro. De repente saíram do meio das árvores e foram parar numa grande clareira.

— Tem uma placa ali — disse Kitty, apontando.

— "Atenção!" — leu Isabel. — Hum… "Tome cuidado."

— É isso — disse Kitty, a voz aliviada. — Foi o que disseram na loja.

Isabel espiou pelo vidro. À esquerda havia uma casa de pedra de dois andares, que não se parecia em nada com a da fotografia. O carro prosseguiu lentamente, fazendo uma curva ladeada de árvores, e então surgiu diante deles uma casa de tijolos vermelhos, de três andares, as paredes parcialmente cobertas de hera, o telhado cercado de ameias incongruentes. Janelas altas davam para o jardim, tão tomado pelo matagal que só os arbustos indicavam onde antigamente ele terminava e onde o bosque começava. A casa era uma mistura de estilos, como se quem tivesse dado início àquilo houvesse se cansado ou visto uma foto de outra coisa que lhe agradava e a tivesse adaptado de acordo. Um muro de pedra levava aos parapeitos. Janelas georgianas se emparelhavam com arcos góticos.

Isabel enveredou com o Citroën pela entrada de carros e estacionou em frente à porta.

— Bem, crianças — disse ela. — Chegamos.

Kitty achou a casa fria, úmida e inóspita. Pensou com nostalgia na casa de Maida Vale, com cômodos aconchegantes, cheiro de comida, especiarias e perfume, o murmúrio reconfortante da televisão. Está abandonada, quase falou, mas se conteve. Não queria magoar a mãe.

— Não parece muito espanhola.

— Se lembro bem, era para ser em estilo mourisco. E ali está o lago. Eu não lembrava que era tão grande. Olhem!

Isabel pegara um grande envelope do porta-luvas. Remexeu dentro dele e tirou uma chave com um maço de papéis. Ao lado do carro, uma enorme magnólia desabrochara precocemente, as flores pálidas brilhando feito lanternas brancas na penumbra.

— Bom, segundo o advogado, vendemos vinte e quatro hectares para pagar o imposto sucessório, e oito para ter algum dinheiro na conta bancária. Mas ficamos com dois hectares ali à esquerda… — estava escurecendo, e era difícil ver muito além das árvores. — …e na frente da casa. Então temos toda essa vista, a floresta e o lago. Imaginem só! Quase toda a terra que enxergamos é nossa.

Ótimo, pensou Kitty. Um lamaçal com uma floresta assustadora. Não viu nenhum filme de terror ultimamente?

— Sabem, se sua avó estivesse viva, teria herdado tudo isso. O dono era irmão dela. Dá para imaginá-la morando numa casa como essa? Depois daquele apartamentinho minúsculo?

Kitty achou que não conseguiria imaginar ninguém morando numa casa como aquela.

— Essa água. Ah… é mágica. Seu pai adoraria o lago. Poderia pescar… — Isabel deixou a frase no ar.

— Mãe, ele nunca pescou — disse Kitty, pegando o saco de lixo aos seus pés. — É melhor a gente descer. Os homens da mudança estão aqui.

Thierry apontou para as árvores.

— Boa ideia, querido. Vá dar uma olhada lá fora.

Kitty percebeu que a mãe estava feliz por Thierry ter demonstrado algum interesse.

— E você, querida? Quer explorar também? — perguntou ela.

— Vou ajudar você a arrumar as coisas — disse Kitty. — Thierry, vista o casaco e cuidado para não se perder no bosque.

A batida das portas do carro ecoou no pequeno vale enquanto elas seguiam pelo cascalho molhado em direção à porta de entrada.

*

O cheiro as atingiu primeiro, o odor frio e mofado de vários anos de abandono. Sutis sinais de

mofo escondido, umidade exposta e podridão úmida misturados ao ar fresco do lado de fora. Com uma mochila pendurada no ombro, Kitty deixou o mau cheiro entrar pelas suas narinas com um misto de fascínio horrorizado e incredulidade.

Era pior do que ela poderia ter imaginado. O chão do vestíbulo era revestido de um linóleo arranhado, com partes tão gastas que dava para ver uma superfície indefinível por baixo. Por uma porta aberta, ela viu uma

sala de estar, cujas paredes estavam revestidas com um papel que parecia da era vitoriana, e um aparador pintado e bambo daqueles que se via em cozinhas dos anos 1950.

Duas janelas pareciam estar quebradas e fechadas com tapumes, bloqueando parcialmente a luz do dia. Do teto, pendia um fio sem encaixe e muito menos lâmpada.

Não parecia uma casa em que se pudesse morar razoavelmente. Não parecia uma casa que já tivesse sido habitada. Ela vai perceber, pensou Kitty. Vai ter que nos levar de volta para casa. Não temos como ficar aqui de jeito nenhum.

Mas Isabel acenou para a filha.

— Vamos dar uma olhada lá em cima. Depois a gente vai para a cozinha e faz um chá.

Os dois andares superiores não eram muito mais animadores. Vários quartos pareciam estar fechados havia anos. O ar mantinha a friagem da falta de uso e, em alguns pontos, tiras de papel de parede estavam descoladas. Só dois cômodos pareciam minimamente habitáveis: o quarto principal, em um tom amarelo de nicotina, onde ainda tinha uma cama, uma televisão e dois armários com roupas que cheiravam a cigarro; e um quarto menor ao lado, que fora decorado nos anos 1970, talvez duas ou três décadas antes do restante da casa. No banheiro da suíte havia rachaduras, incrustações de calcário e um líquido meio salobro pingava das torneiras. O piso rangia com os passos, e rastros de excrementos sugeriam a presença de ratos.

Ela tem que perceber, pensou Kitty, enquanto defrontava com a mãe cada novo horror. Ela tem que ver que aqui não dá. Mas Isabel aparentemente não percebia isso. De vez em quando, murmurava algo como “Que tapetes bonitos…”, como se estivesse falando sozinha.

Kitty contou talvez três aquecedores enferrujados na casa inteira. E no andar de cima, faltava um pedaço do teto, revelando um esqueleto de vigas e gesso do qual uma goteira lenta mas constante pingava numa bacia posicionada de maneira estratégica.

Mas foi a cozinha que deixou Kitty com vontade de chorar. Se a cozinha supostamente era o coração da casa, aquela dizia que a casa era indesejada, desprezada. Um cômodo comprido e retangular com janelas imundas de um lado, situado no subsolo e com acesso por alguns degraus de pedra. Era escuro e impregnado com cheiro de gordura rançosa. Um

fogão velho ficava ao lado da pia, com superfícies foscas, cinzentas e pegajosas à custa de uma combinação de substâncias não identificadas. Do outro lado, havia um forno elétrico, não tão imundo, mas com os mesmos sinais de abandono. Havia algumas peças no estilo dos anos 1950, mas as prateleiras nas paredes guardavam um sortimento disparatado de utensílios de cozinha e embalagens de comida salpicados de poeira, excrementos de rato e o cadáver petrificado de um tatuzinho.

— É linda! — exclamou Isabel, passando os dedos pela velha mesa de pinho no centro. — Nunca tivemos uma mesa de cozinha de tamanho decente, não é, querida?

No andar de cima, os homens da mudança andavam com passos pesados e levantavam um móvel não identificado. Kitty olhou para a mãe como se ela fosse maluca. A casa parecia uma zona de guerra, pensou ela, e a mãe não parava de falar sobre mesas de pinho.

— E olhe só — disse Isabel, ao lado da pia, quando uma torneira gorgolejou um pouco d'água.

— A água fria sai limpa. Aposto que tem um gosto maravilhoso. A água não é melhor no interior?

Tenho certeza de que li isso em algum lugar.

Kitty estava muito perturbada para ouvir o leve tom de histeria na voz da mãe.

— Sra. Delancey? — O mais corpulento dos homens da mudança se aproximou delas. — Descarregamos as primeiras peças na sala da frente, mas lá é muito úmido. Achei melhor confirmar com a senhora antes de continuarmos.

Isabel olhou para ele, sem entender.

— Confirmar o quê?

O homem enfiou as mãos nos bolsos.

— Hum, não é muito bom… E fiquei pensando se a senhora não preferiria guardar as coisas num depósito. Em outro lugar. Até dar um jeito aqui.

Kitty quase abraçou o homem. Alguém com bom senso, finalmente.

— A umidade não faz muito bem para as peças antigas.

— Ah, elas sobreviveram alguns séculos. Vão aguentar um pouco de umidade — disse Isabel, com indiferença. — Não há nada aqui que não possamos resolver. Alguns aquecedores vão melhorar a casa.

O homem olhou para Kitty. Ela notou certa piedade em seu olhar.

— Como quiser — disse ele.

Kitty imaginou-o com os outros falando sobre a mulher louca que levava a família para morar numa espelunca cheia de vazamentos enquanto elogiava uma mesa de pinho. Pensou nas casas deles: confortáveis, com aquecimento central, sofás estofados e enormes televisões de plasma.

— Bem, onde estão as coisas de cozinha? Acho que seria melhor começarmos a limpar — disse ela.

— Coisas de cozinha?

— Material de limpeza. E comida. Deixei duas caixas na porta antes de sairmos para que chegássemos preparados.

Houve um breve silêncio.

— Eram para nós?

Lentamente, Kitty se virou para encará-la.

— Ah, droga. Achei que você tinha separado para jogar fora. Deixei ao lado das lixeiras.

O que eles iam comer?, Kitty teve vontade de gritar. Como iam passar o dia? Será que a mãe pensava em alguma coisa que não fosse música?

Por que tenho que lidar com isso? Kitty se virou para que a mãe não reparasse no ódio que sentia dela naquele momento. Seus olhos se encheram de lágrimas de frustração, mas ela resistiu ao impulso de limpá-las. Não queria que a mãe as visse. Queria ter uma daquelas mães preparadas e que faziam tudo funcionar. Por que sua mãe não tinha o menor senso prático? Sentiu uma saudade enorme do pai, de Mary, que teria visto aquela casa como realmente era — um erro colossal, absurdo — e teria dito a Isabel que simplesmente estava fora de questão, que teriam que voltar para casa.

Mas ali não havia adultos. Só ela.

— Vou àquela loja comprar algumas coisas — disse. — Vou de carro.

Ficou esperando a mãe reclamar, dizendo que não a deixaria dirigir de jeito nenhum, e talvez até perguntasse como a menina achava que poderia sair de carro. Mas Isabel estava distraída, e Kitty, enxugando os olhos, saiu.

*

Isabel se virou quando a filha saiu furiosa da cozinha, deixando o descontentamento evidente em

cada passo. Ouviu a porta bater e o barulho da ignição do carro. Depois se voltou para a janela e ficou bastante tempo de olhos fechados.

*

Parara de chover, mas o céu continuava baixo e ameaçador, como se ainda não tivesse decidido se dava uma trégua. Kitty levou quase vinte minutos para chegar ao fim da subida. Seu pai a deixava dirigir apenas pequenas distâncias durante as férias, em propriedades de amigos ou num acesso particular a uma praia. O carro derrapava e rugia pelos buracos enquanto ela se agarrava ao volante, rezando para as rodas não atolarem para que ela não ficasse sozinha naquela floresta horrorosa. Lembrava-se dos filmes de terror que vira, e se imaginou correndo pelo meio das árvores enquanto era perseguida por monstros sinistros.

Assim que chegou ao fim do caminho, saiu do carro e seguiu a pé os últimos cinco minutos até o vilarejo.

— Olá de novo. — O homem negro e alto sorriu quando ela abriu a porta. — Encontraram a casa?

— Ah, sim — respondeu Kitty, sem conseguir disfarçar a resignação na voz.

Pegou uma cesta de arame e começou a circular pela lojinha, grata pelo aquecimento e pelo cheiro de pão e frutas que impregnava o ar.

— Não era o que esperavam, talvez?

A menina não sabia se estava irritada com as perguntas, com a presunção dele por já saber das coisas, mas era tão simpático que ela respondeu com sinceridade: — É um horror — disse, desanimada. — Um horror total. Não acredito que alguém morava lá.

Ele assentiu em solidariedade.

— Em dias assim, as coisas sempre parecem piores. Talvez você ache tudo melhor com uma luz boa. Acontece com a maioria de nós. Aqui. — Pegou a cesta da mão dela. — Sente-se. Vou pedir para Henry fazer um chá.

— Ah, não, obrigada. — De repente, ficou imaginando manchetes de jornal sobre garotas desaparecidas e se perguntou quais eram as intenções do homem. Não sabia nada sobre aquela gente. Nunca teria lhe passado pela cabeça aceitar comida ou bebida de um comerciante londrino. — É melhor eu… eu…

— Olá de novo. — O outro homem, Henry, saiu dos fundos da loja. — Como vocês estão?

Podemos ajudar em alguma coisa? Se não encontrar algo nas prateleiras, nós podemos encomendar, sabe. Qualquer coisa. Galochas, capas de chuva… Ouvi dizer que vocês podem precisar lá onde estão — falou, gentilmente, baixando a voz, apesar de só estarem os três na loja.

— Temos ratoeiras muito boas. Não matam os malditos, só os prendem. Depois você pode colocá-

los no carro para dar um passeio e soltá-los no bosque alguns quilômetros adiante. — Franziu o nariz. — Gosto de pensar que, para ele, é como um passeio pelo campo. Uma saga para os roedores.

Kitty ergueu o olhar para o primeiro homem, que começara a encher a cesta dela com velas e fósforos. Pensou na viagem de volta por aquele caminho. Imaginou na mão do pai surgindo para endireitar o volante. Durante o trajeto, várias vezes achou que ia começar a chorar.

— A primeira cesta é por nossa conta — disse Henry. — Um presente de boas-vindas, não é, Asad? Mas, se aceitar, estará assumindo o compromisso legal de vir aqui nos contar tudo pelo menos três vezes por semana…

Ele deu uma piscadela. O amigo, Asad, olhou por cima do ombro.

— E ouvir Henry quando ele lhe contar o que vira notícia por aqui.

— Você é terrível.

Kitty se sentou e esboçou um sorriso tímido, possivelmente pela primeira vez naquele dia.

— Para dizer a verdade, eu adoraria uma xícara de chá — disse ela.

*

— É tudo muito romântico — disse Henry, enquanto fechavam a loja. — Marido morto, pobreza,

violinos… um pouco mais interessante que a última família que se mudou para o vilarejo, os Allenson.

— Todo mundo precisa de peritos de sinistros, Henry.

— Ah, eu sei. — Ele deu duas voltas na chave, depois verificou a maçaneta para garantir que tinha fechado direito a porta. — Mas a gente não pode deixar de imaginar o que vai acontecer lá com eles. Principalmente com McCarthy tão ressentido…

— Você não está sugerindo…

— Ah, acho que ele não faria nada, mas quem sabe eles vão se sentir um pouco isolados. É um casarão velho no meio do nada.

— Isso me deixa muito feliz com a nossa casa.

— E com nosso aquecimento central.

— E com você.

Olharam para o alto do morro, onde uma fileira irregular de pinheiros esqueléticos se formava no horizonte, na direção do bosque, onde Kitty havia desaparecido. Asad estendeu o braço, e Henry o segurou. Quando os dois postes de luz de Little Barton se acenderam, eles foram a pé para casa.

*

Em certas épocas do ano, quando as árvores decíduas perdiam as folhas, e só os pinheiros

conservavam a cobertura, era possível ver a Casa Espanhola da residência dos McCarthy. Matt bebericava um uísque, contemplando a luz acesa numa das janelas do andar de cima.

— Venha se deitar.

Laura admirou as costas musculosas do marido, o mecanismo preciso dos músculos do ombro quando ele levava o copo à boca. Matt não envelhecia, e ainda usava algumas roupas da época em que se conheceram. De vez em quando, confrontada com suas estrias e com o efeito da gravidade nos seios, ela se sentia incomodada. Sentiu um leve frio na barriga, uma rápida sensação de sorte.

— Venha, você está parado aí há séculos.

Baixou uma das alças da camisola, que caiu sedutoramente por um dos seios.

Já fazia várias semanas. E ela sempre ficava um pouco ansiosa quando demorava tanto tempo.

— Matt?

— O que eles vão fazer com a casa? — murmurava ele quase que para si mesmo.

O mau humor dele se recusava firmemente a se dissipar, e ela sentiu um misto de desespero e irritação diante da aparente determinação do marido de deixar aquela casa afetar a vida deles.

— Você não devia se incomodar tanto com isso. Ainda pode acontecer muita coisa.

— Já aconteceu muita coisa — disse Matt, amargamente. — O velho desgraçado deixou a casa para alguns desconhecidos. Caramba, eles nem

são daqui.

— Matt, estou tão irritada quanto você. Afinal, quem se matou de trabalhar fui eu. Mas não vou passar o resto da vida deprimida com isso.

— Ele nos passou para trás. Fez a gente ficar em volta dele durante anos. Deve estar rindo lá em cima, ou onde quer que esteja. Exatamente como o maldito velho Pottisworth ria do meu pai.

— Ah, essa história de novo, não.

O desejo dela passou. Se ele persistisse por muito mais tempo, ela ficaria zangada demais para fazer amor.

Matt pareceu não ouvir.

— Ele devia saber o que ia fazer há meses… anos. Ele e essas pessoas aí devem ter arquitetado isso juntos.

— Ele não sabia. Ninguém sabia. Foi idiota o suficiente a ponto de não fazer um testamento e, como essas pessoas eram os únicos parentes vivos, herdaram a casa. É só isso.

— O velho deve ter contado a eles há anos. Ficaram quietinhos, na deles, só esperando que o outro batesse as botas. Talvez ele até tenha falado sobre os vizinhos idiotas que serviam de empregados. Devem ter morrido de rir.

A linha que separava o desejo da raiva era muito tênue. Como se terminações nervosas estivessem preparadas para qualquer coisa.

— Sabe de uma coisa? — disse ela, zangada. — Ele deve estar lá em cima rindo de você, que perde tempo na janela feito uma criança emburrada. Se está tão infeliz com isso, por que não passamos lá amanhã para descobrir o que essas pessoas pretendem fazer?

— Eu não quero falar com eles — respondeu, obstinado.

— Não seja ridículo. Vamos ter que falar com eles em algum momento. São nossos vizinhos mais próximos.

Matt não disse nada.

Não saia de perto dele, disse Laura a si mesma. Você não pode se dar ao luxo de lhe dar um pretexto.

— Olhe — disse ela — talvez você descubra que eles nem querem mais a casa depois de descobrirem todas as obras de que precisa. Venderam as terras cultiváveis… Então se você fizer uma oferta… Bem, meus pais nos emprestariam mais um pouco de dinheiro. — Jogou a colcha para trás, ao lado dele. — Vamos, amor… Temos que olhar pelo lado positivo. Já é alguma coisa, não?

Matt largou o copo. Andou a passos pesados até o banheiro, parando só para gritar por cima do ombro:

— Qual a utilidade da terra sem a casa?

5

Isabel estava congelando. Não se lembrava de já ter sentido tanto frio. De alguma forma, a friagem da casa penetrara tão fundo em seu corpo que, não importava o que fizesse, por mais que se agasalhasse, o calor escapava dela. Finalmente, tiritando no escuro, se levantara e vestira uma roupa por cima do pijama. Depois estendera o casaco de lã comprido na cama junto com as roupas das crianças que conseguiu encontrar e, por cima de tudo, colocou a colcha de lã que achara num armário. Os três acabaram dormindo na mesma cama. Exausta após desembalar a mudança e avaliar quais cômodos eram habitáveis, Isabel se esquecera de ligar o aquecedor no quarto principal e, quando subiram, pouco depois das dez, não tiveram o glorioso descanso, pois correntes de ar passavam por frestas invisíveis, os lençóis estavam úmidos e ainda havia o barulho intermitente da goteira pingando na bacia no andar de baixo.

Enfiar-se juntos na cama parecera a melhor maneira de se aquecerem. Pelo menos, foi o que disseram uns aos outros. Isabel, com um filho adormecido de cada lado seu, percebeu que os dois precisavam de simples conforto materno, uma das poucas coisas que ela podia oferecer pelo fato de apenas existir. O que foi que eu fiz?, ela se perguntou. Ficou ouvindo o chacoalhar das vidraças nas janelas, os rangidos e os gemidos desconhecidos da casa, as correrias ruidosas de criaturas não identificadas no telhado. Do lado de fora, reinava um silêncio estranho, sem o tranquilizador ruído dos carros passando ou dos passos na calçada. A extensão de água e as árvores abafavam todos os sons. A escuridão era opressiva e não podia ser atenuada por nenhum prédio vizinho nem pela iluminação de um poste. Tudo parecia primitivo, e ela ficou feliz por estar com os filhos.

Acariciou o rosto deles com ternura, ciente da liberdade adicional que o sono deles lhe proporcionava. Em seguida, passou o braço por cima da cabeça de Thierry para se certificar de que o estojo do violino estava por perto.

— O que foi que eu fiz? — murmurou. Sua voz soou anormal, incorpórea.

Tentou imaginar Laurent, ouvir suas palavras de conforto, e quando ele se recusou a aparecer, amaldiçoou o instante em que resolvera se mudar para aquela casa e chorou.

*

Exatamente como lhe disseram, pela manhã as coisas pareceram melhores. Acordou e percebeu

que estava sozinha na cama. Fazia um dia bonito, com a claridade do início da primavera que embeleza até mesmo o pior cenário, e, lá fora, pardais bicavam ruidosamente a cerca viva, às vezes levantando voo acima da janela e pousando de novo. Lá embaixo, ouviu o rádio e um zumbido, o que significava que Thierry estava dirigindo um carro por controle remoto, que ecoava pelo assoalho. Seu primeiro pensamento lúcido foi "essa casa é como nós: fora despojada, abandonada, mas vai cuidar de nós, e nós vamos trazê-la de volta à vida".

Esse pensamento a fez sair da cama, enfrentar o suplício de tomar banho frio, porque nem ela nem Kitty tinham conseguido dominar o antiquado e complicado sistema de água quente, e vestir as mesmas roupas que usara naquela noite e no dia anterior, afinal ainda não encontrara a caixa com as coisas do seu guarda-roupa. Desceu lentamente a escada, observando os incontáveis problemas da casa nova que não tinha visto na noite anterior: gesso trincado, caixilhos das janelas podres, algumas tábuas faltando no assoalho… E assim por diante. Uma coisa de cada vez, disse a si mesma, quando a situação ameaçou sobrecarregá-la. Estamos aqui e estamos juntos. Isso é o que importa. Alguns compassos musicais haviam surgido em sua cabeça: a abertura da Sinfonia do Novo Mundo, de Dvořák. Parecia apropriado, um bom sinal.

A música parou quando ela chegou à cozinha.

— Kitty! — exclamou.

A filha estava trabalhando havia algum tempo. As prateleiras estavam vazias, e, embora continuassem rachadas e envelhecidas, as superfícies reluziam, sem pó nem detritos. O chão estava bem mais claro e dava para ver o jardim através das janelas translúcidas. Na pia, cheia de água quente com detergente, uma grande pilha de utensílios de cozinha estava de molho, enquanto uma água fervia na panela no fogão elétrico. Kitty estava colocando nas prateleiras a comida que eles tinham. O rádio murmurava na bancada, e havia uma caneca de chá na mesa.

Isabel ficou feliz ao ver o espaço renovado, mas sentia-se consternada e culpada pelo fato de sua filha ter precisado assumir essa responsabilidade.

— Esse local é para coisas frias — disse Kitty, apontando para uma porta lateral. — Achei que podíamos guardar o que precisa de refrigeração até podermos instalar uma tomada para a geladeira.

— Não é só ligar?

— Claro, mas, como eu disse, não tem tomada. Já procurei em todos os cantos. Ah, deixei uma ratoeira ali embaixo. Não vai matar os ratos, então, quando prender alguns, temos que levá-los para dar uma volta de carro.

Isabel estremeceu.

— A não ser que Thierry queira ficar com eles como bichos de estimação — disse Kitty.

O irmão ergueu os olhos, esperançoso.

— Não — declarou Isabel.

— Não consigo fazer o grill funcionar, mas tem cereal, pão e manteiga. Os homens da loja do vilarejo fazem pão. É muito bom.

— Pão caseiro. Que maravilha!

Um nó se formou na garganta de Isabel. Laurent, você ficaria tão orgulhoso da nossa filha, pensou ela.

— Mas só tem geleia para passar no pão.

— Geleia é perfeito — disse Isabel. — Kitty, você deixou o fogão tinindo. Talvez hoje a gente consiga fazê-lo funcionar. Acho que esses fogões aquecem a casa inteira.

Ela ficou com fome só de pensar em calor.

— Thierry já tentou — disse Kitty —, mas gastou uma caixa de fósforos inteira e nada. Ah, e o telefone está funcionando. Ligaram por engano para cá.

Isabel inspecionou a nova cozinha.

— Um telefone! Kitty, você é sensacional.

— É só um telefone. Não fique muito animada.

Kitty se esquivou do abraço da mãe, mas estava sorrindo.

*

Duas horas depois, o clima na casa era menos otimista. O boiler se recusava terminantemente a

funcionar, deixando-os com a perspectiva de mais um dia sem calefação nem água quente. O

fogão não acendia, e as instruções amareladas que eles haviam encontrado na gaveta de facas eram incompreensíveis, como se os diagramas tivessem sido desenhados para um sistema diferente.

Thierry saíra atrás de lenha para a lareira, mas colocara na grade toras úmidas que soltavam fumaça, enchendo a sala de fuligem.

— Vai ver a chaminé está entupida — disse Kitty, tossindo.

Então um pombo em decomposição caiu na lenha. Todos gritaram e a menina começou a chorar.

— Você devia ter verificado a lareira, seu idiota — gritou ela para o irmão.

— Acho que já estava morto — disse Isabel.

— Você não tem como saber. Ele pode ter matado o pombo.

Thierry mostrou os dois dedos do meio para a irmã.

— Como você pôde ser tão burro a ponto de usar lenha molhada? — perguntou ela com rispidez. — E ainda sujou toda a casa de lama.

Thierry olhou para os próprios tênis, que estavam cobertos de terra pegajosa seca.

— Acho que isso não… — começou Isabel.

— Você nunca teria feito isso se Mary estivesse aqui — interrompeu Kitty.

Thierry saiu furioso, ignorando a mão estendida de Isabel. Ela o chamou, mas recebeu como resposta a porta da frente batendo.

— Querida, você precisava ser tão má? — perguntou Isabel. Se Mary estivesse aqui… As palavras pulsavam na cabeça dela.

— Ah, essa casa não tem jeito. Nada tem jeito — disse Kitty, batendo os pés ao passar pela mãe e seguindo até a cozinha. A alegre dona de casa desaparecera.

Isabel ficou no meio da sala enfumaçada e levou as mãos ao rosto. Antigamente, não precisava se ocupar com brigas. Mary tinha mil maneiras de distraí-los ou convencê-los a serem educados um com o outro. Será que brigavam mais depois que passara a ser só ela? Ou ela é que não acompanhara as implicâncias e os xingamentos do cotidiano?

— Thierry? Kitty? — Ficou chamando os dois no corredor principal, apesar de não ter a menor ideia do que lhes diria caso aparecessem.

*

Algum tempo depois, quando ela voltou, hesitante, à cozinha, encontrou Kitty debruçada na mesa

diante de uma revista e uma caneca de chá. A menina ergueu o olhar, com uma expressão de culpa e provocação. Havia uma mancha de fuligem no seu rosto.

— Eu não queria implicar com ele — disse ela.

— Eu sei, meu amor.

— Ele ainda está perturbado por causa do papai e tudo o mais.

— Todos nós estamos. Thierry tem… o jeito dele de demonstrar.

— É que essa casa não tem jeito, mãe. Você precisa reconhecer isso. Não tem água, não tem nada. A gente não tem como ficar aquecido nem limpo. Segunda-feira Thierry começa na escola nova… Como você vai lavar as roupas dele?

Isabel tentou passar a impressão de que já havia pensado nisso.

— Levaremos para a lavanderia, enquanto não conseguirmos ligar a máquina de lavar.

— Lavanderia? Mãe, você já viu o vilarejo?

Isabel desabou na cadeira.

— Bem, então vou de carro à cidade mais próxima. Deve haver uma lavanderia em algum lugar.

— As pessoas não vão mais a lavanderias. Elas têm máquina de lavar.

— Então vou lavar tudo à mão e secar com o secador de cabelo.

— A gente não pode ir para casa? — suplicou Kitty. — Podemos arranjar o dinheiro de algum jeito. Fico um ano sem estudar e posso trabalhar. Garanto que sei fazer alguma coisa. A gente se vira.

Isabel sentiu o peso do despreparo.

— Vou ajudar em tudo. E Thierry também. Mesmo na miséria, lá em casa seria melhor do que aqui. Essa casa é horrível. É… lugar para vagabundo morar.

— Desculpe, querida, mas não é possível. Maida Vale já foi vendida. E quanto antes você começar a aceitar que aqui é nossa nova casa, mais fácil vai ser para todo mundo. Deixe os problemas para trás e repare na beleza disso tudo. Imagine como poderia ser. Olhe — disse, num tom conciliador —, todo mundo tem problemas assim que se muda para uma casa nova. Sabe de uma coisa, vou chamar um encanador e vamos resolver o aquecimento da água. E depois vamos ligar para um limpador de

chaminés. Antes que você se dê conta, vamos ter esquecido essa tristeza toda. — Era um plano. — Como o telefone está funcionando, vou fazer isso logo.

Com um sorriso encorajador, Isabel saiu energicamente da cozinha, sem ter certeza se estava se apressando para colocar as mãos na massa ou para fugir da terrível expressão de desapontamento da filha.

*

O casaco oriental acolchoado da mãe se destacava, deslocado naquela casa triste e decadente.

Kitty largou a revista, apoiou a cabeça nas mãos e examinou o cabelo em busca de pontas duplas.

Quando ficou entediada, pensou no que mais poderia atacar na cozinha. A mãe passara dos limites no que dizia respeito a elogiar seu senso prático e sua capacidade. Não sabia que Kitty se mantinha ocupada porque era a única coisa que continha sua vontade de chorar. Enquanto cuidava das coisas, podia fingir que aquilo tudo era uma aventura. Era notável a diferença que ela causara no ambiente. Podia, nas palavras do psicólogo da escola, assumir o controle. Mas assim que parava, pensava no pai, ou na casa de Londres, ou então em Mary, que os abraçara e chorara quando foram embora, como se fossem filhos dela. E tudo isso lhe dava vontade de gritar com a mãe, porque ela era a única pessoa com quem podia gritar no momento. Mas não podiam berrar com a mãe porque ela ainda estava de luto. E era frágil, um pouco feito uma criança também.

"Isso é uma característica comum nas pessoas que têm talento", dissera Mary a Kitty certa noite. "Elas não precisam crescer. Colocam toda a energia naquilo que amam."

Kitty nunca conseguira concluir se o comentário fora uma crítica ou não.

Mas Mary tinha razão, e quando era pequena, Kitty sentia tanta raiva do Guarneri que o escondia com frequência, e, com um fascínio cheio de culpa, ficava observando a mãe revirar a casa inteira atrás do instrumento, pálida de preocupação. A vida deles fora regida por esse violino.

Não podiam incomodar a mãe enquanto ela estava praticando, nem deixar o volume da televisão muito alto, nem fazer a mãe se sentir culpada por se ausentar em função das viagens para concertos. Não podia se

incomodar com o fato de que a mãe nunca participava das brincadeiras ao ar livre nem ajudava nos trabalhos de recorte e colagem porque precisava proteger as mãos. A lembrança mais persistente de sua infância era a de estar sentada em frente à porta do escritório, ouvindo a mãe tocar, como se isso a aproximasse mais dela.

Sabia que quase fora filha única porque a mãe não tinha certeza se conseguiria conciliar as necessidades de dois filhos com sua carreira musical. E mesmo depois da chegada inesperada de Thierry, ela quase nunca ia a reuniões da escola nem a jogos de netball, porque precisava tocar.

Eles entenderiam quando fossem mais velhos, dizia o pai, se tivessem a sorte de descobrir a única coisa em que eram muito bons.

Mary comparecera com ele a tantos eventos que quase todo mundo achava que os dois eram casados.

Kitty teve um acesso de ressentimento infantil. Odeio essa casa, pensou. Eu a odeio porque meu pai e Mary não estão aqui e porque nem sequer posso ser eu mesma.

*

O encanador prometera aparecer na manhã seguinte, mas avisara que a visita seria cobrada como

chamado de emergência. Ele suspirara fundo quando Isabel lhe dissera que não sabia bem qual era o problema e explicara que a casa estava inabitada havia algum tempo.

— Não posso garantir nada com esses sistemas antigos — repetia ele. — Pode ter entupido.

Ela se desculpara e depois ficara furiosa consigo mesma por isso.

O limpador de chaminés tinha sido mais simpático, assobiara quando ela lhe dera o endereço e comentara que a última vez que limpara aquelas chaminés tinha sido quase quinze anos antes.

— O velho era mão de vaca — dissera ele. — Pelo que sei, passou anos morando num único cômodo e deixou o resto da casa cair aos pedaços.

A casa estava mesmo meio… decadente, concordara Isabel. Agradeceu-lhe efusivamente quando ele disse que passaria lá ainda naquela tarde.

— Levo um ou dois sacos de lenha, se quiser. Cuido de várias casas das redondezas.

Isabel ficou animada com a perspectiva de uma lareira acesa. Desligou o telefone, espantada ao perceber como seus móveis pareciam pequenos e escassos naquela casa, mesmo com tantos cômodos fechados. O fogo vai melhorar o humor de todo mundo, pensou ela.

Tentou descobrir formas de alegrar a melancólica sala de estar. A lareira ajudaria, claro, mas deviam ter um cômodo aconchegante, mesmo que para isso fosse preciso deixar os outros vazios.

O lado sul da casa parecia ligeiramente menos úmido e mais habitável. Então ela começou a pegar objetos: um tapete, dois quadros, uma mesinha e um vaso, e arrumou-os na sala, tentando torná-la mais aconchegante e alegre. Os tapetes não cobriam o assoalho, mas disfarçavam a superfície empoeirada e tapavam os piores buracos da madeira. Os quadros encobriam defeitos nas paredes, e uma poltrona estrategicamente posicionada escondia a umidade acima do rodapé.

Ela sacudiu as cortinas e tossiu com a poeira que se espalhou. Em seguida, avaliou seu trabalho.

Não era bem Maida Vale, mas já era um começo.

Do lado de fora, Thierry, um garotinho desconsolado, com um suéter verde que se destacava na paisagem cinza e marrom, saía de trás das árvores ao lado do lago. Tinha na mão uma vara grande, que usava para bater de vez em quando nas plantas. Estava de cabeça baixa, a respiração se condensando em pequenas nuvens. Enquanto ela observava, ele esfregou várias vezes os olhos com a manga do suéter.

Suas pequenas conquistas de repente se tornaram insignificantes e sem importância. Lembrou-se de algo que um violoncelista lhe dissera quando estava grávida de Kitty: se um dos seus filhos está infeliz, você não consegue ficar feliz. Tenho que me esforçar mais, disse Isabel a si mesma.

Tenho que transformar essa casa num lar, num lugar que não seja dominado pela ausência de coisas. Sou tudo o que eles têm.

*

O limpador de chaminés, Sr. Granger, chegou na hora combinada, quase não fez cara feia e

limpou três chaminés sem muito alarde nem muita sujeira, considerando a quantidade de fuligem que saiu delas. Disse a Thierry, com

uma piscadela, que chaminé era “igual a narina: precisa de uma limpeza regular”, assoando o nariz no lenço e exibindo os resultados para enfatizar sua comparação. E, diante dessa demonstração, Kitty torceu o nariz e Thierry sorriu.

À tarde, enquanto anoitecia cedo e as crianças estavam entretidas com o Sr. Granger, que lhes ensinava a acender o que ele chamava de “fogo decente”, Isabel foi para o andar de cima. Na noite anterior, vira uma porta que dava para o terraço e terminava nos parapeitos, então levara o enorme molho de chaves pendurado na cozinha para abri-la.

Pretendera passar apenas alguns instantes ali, aproveitar a vista de cima, os tons frios de azul e os tons quentes de pêssego do pôr do sol de início da primavera refletidos no lago. O exterior da casa era menos triste e mais forte do que o interior.

Mal chegara ao terraço quando se deu conta do que precisava. Tornou a entrar na casa, tirou o violino do estojo e levou-o para fora. Parada junto ao parapeito, posicionou-o embaixo do queixo, sem saber o que ia tocar, até começar. Encontrou-se no primeiro movimento do Concerto em B

Menor de Elgar.

Antigamente detestava essa composição, achava-a sentimental demais. Haviam admitido na Sinfônica que era desesperadamente longa e antiquada, mas naquele momento, de maneira inesperada, tinha algum significado para ela e exigia ser tocada. E Isabel se deixou envolver. Faz quase um ano que você morreu, disse ela a Laurent. Virei aqui em cima tocar para você. Um réquiem para as coisas que perdemos.

As notas ganharam vida própria, tornaram-se profundas e fervorosas, e ela as ouviu ecoarem pela fria paisagem campestre, transportadas pelo ar suave e tranquilo, nas asas das aves aquáticas.

Errou algumas vezes, mas não se importou. Não precisava de partitura nem de instruções: o concerto, que ela não tocava havia anos, chegava a seus dedos por uma estranha osmose. No momento devastador do terceiro movimento, ela estava absorta, alheia a tudo a não ser suas emoções, que vibravam ao serem transmitidas do arco às cordas. Laurent. Ouvia a voz dele nos temas melódicos e perdeu-se no puro desafio técnico. Laurent. Nesse instante, não houve lágrimas, toda a emoção estava contida dentro dela, a dor, a raiva e a frustração traduzidas em som, redimidas e confortadas por ele.

Escureceu, o ar esfriou. As notas alcançaram o céu, propagaram-se e voaram feito pássaros, feito esperanças, recordações. Laurent, chamou ela. Laurent, Laurent… Até sua fala e seu pensamento serem afogados pelo som.

*

Asad estava carregando o caixote de frutas. Henry saiu depressa de trás do balcão para segurar a

porta para ele e disse:

— A Sra. Linnet ligou. Contou que a mulher nova ouve música nas alturas e dá para escutar quase no vale todo. Disse que até abafou os Wartime Favorites no rádio, parecia o som de gatos sendo estrangulados dentro de um saco, e que se a infeliz pretendia fazer isso toda noite, ela ia dar queixa. — Ele riu. — Não está nada contente.

Asad deixou o caixote ao lado da prateleira de frutas.

— Não é gravação. Ela parou duas vezes. Fiquei ouvindo enquanto descarregavam as frutas. Se você for lá fora, vai escutar.

— Ela ainda está tocando?

Asad fez sinal para ele ir em frente.

— Dá para ouvir.

Os dois saíram. Começara a escurecer, e a rua do vilarejo estava deserta, a não ser por eles. As janelas das casas de um lado e do outro projetavam longos retângulos de luz. Em cada canto, cortinas estremeciam ao serem fechadas.

Henry balançou a cabeça.

— Não.

— Espere — disse Asad. — Quem sabe o vento mudou de direção. Ei… — Seus olhos estavam fixos nos de Henry. — Está ouvindo?

Henry ficou imóvel, como se isso fosse um requisito para escutar melhor. Depois, lentamente, à medida que os acordes distantes de um violino ficavam audíveis, esboçou um sorriso. Os dois aproveitaram o deleite provocado pela situação inesperada num lugar em que isso era raro.

Asad deu um sorrisinho quando foi transportado, talvez, para algum lugar longe do frio de um vilarejo inglês.

— Acha que ela sabe tocar o tema de Cats? — perguntou Henry, quando a música parou. — Eu adoraria que ela tocasse para mim. Podíamos perguntar se ela toca em festas.

*

Os sacos de lixo estavam amontoados embaixo de uma árvore, incongruentes em contraste com a

vegetação que começava a brotar, o frescor orvalhado da vida ao redor. Ao vê-los em determinado ponto da estrada de terra, Matt parou a caminhonete, xingando quem descarregava o lixo em locais impróprios. Desceu do veículo, se aproximou dos sacos e jogou-os na caçamba. As coisas estavam piorando por aqui, quando as pessoas preferiam fazer um desvio de oitocentos metros numa das trilhas do bosque a dirigir até o local certo para deixar o lixo, pensou ele, amargurado.

Parecia um desfecho apropriado para o seu dia, que incluíra problemas nas duas obras que estava supervisionando. Um carpinteiro quase decepara o polegar e provavelmente ficaria semanas sem trabalhar, e ele recebeu um longo telefonema de Theresa, reclamando que havia quase seis semanas que não passavam nenhum tempo "de qualidade" juntos. Essa mulher era lenta em entender o recado. Poderia se tornar um perigo.

Ele parara para limpar as mãos num trapo quando ouviu uma nota prolongada ecoar pelo vale, parecida com o som de um animal ou de um pássaro silvestre, mas nenhum daquelas redondezas.

Ele ficou imóvel, apurando os ouvidos para confirmar o que escutara, e depois a música ficou nítida. Era clássica.

Matt estava mal-humorado demais para se comover. Música alta vindo do casarão.

— Era só o que me faltava — resmungou, entrando de novo no carro.

Levou a mão à ignição e olhou furioso para o contorno distante da casa, apenas visível para além das copas das árvores, sentindo o familiar ressentimento que sua silhueta provocava.

Mas em vez de ligar o motor, ficou ali sentado. E escutou.

*

— Aqui é o pavio, viu? É o que você tem que acender. Abra aquela portinhola ali e aproxime um

fósforo… Pelo menos é assim que o meu funciona. O seu não parece ser muito diferente.

O Sr. Granger estava observando o interior do fogão quando eles ouviram alguém bater à porta.

Isabel, que parara de tocar quando as crianças lhe disseram o que ele estava fazendo, ficou irritada por ser interrompida exatamente no momento em que os segredos da besta estavam prestes a serem revelados.

— Está esperando visita?

Isabel limpou as mãos na calça.

— Eu não conheço ninguém. — Depois gritou para o andar de cima: — Kitty? Thierry? Vocês podem atender a porta? Sr. Granger, pode repetir o que significa quando a chama está amarela?

Isabel ouviu um barulho no andar de cima e a porta da frente se abrir, depois passos de alguém descendo os degraus rangentes.

— Não há nada de errado com o duto de exaustão — disse o Sr. Granger. — Enfiei a cabeça lá e praticamente dá para ver a luz do dia. A senhora não deve ter nenhum problema com isso.

A porta da cozinha se abriu e entrou um homem com uniforme de trabalho e várias canetas presas no bolso de uma jaqueta cáqui desbotada. Os filhos dela apareceram atrás dele.

— Está tudo bem, Matt? — perguntou o Sr. Granger. — Você não costuma acabar antes de anoitecer. Veio ajudar a nossa vizinha, é? Acho que vai ter muito trabalho aqui.

Um instante se passou antes de o homem sorrir e estender a mão. Isabel a apertou, impressionada com a aspereza.

— Olá — disse, um pouco desconfiada. — Isabel Delancey. Esses são meus filhos. Kitty e Thierry.

— Matt McCarthy — disse o homem. Obviamente ele sabia que era atraente. A expressão “macho alfa” lhe veio à mente. Não sabia onde a ouvira.

— Estou ensinando a eles como acender um fogo decente.

— Vamos acender outro no quarto — disse Kitty, animada.

— Ah, vamos acender um em cada cômodo, querida. — Isabel jogou uma caixa de fósforos para ela. — Vamos aquecer essa casa de verdade.

— Espere. Precisam ver se têm lenha suficiente. Nesse ritmo, vocês vão gastar tudo esta noite.

— O Sr. Granger riu. — Eles estão mais acostumados com aquecimento central, viu, Matt. Acho que criei uma dupla de piromaníacos.

— Vocês não são daqui, então?

Matt McCarthy a observava atentamente, e Isabel se perguntou se estava com fuligem no rosto.

Resistiu ao impulso de limpá-lo.

— Não — respondeu, sorrindo para disfarçar o constrangimento. — Viemos de Londres.

Somos uma negação em coisas como acender lareira. O Sr. Granger está nos ajudando.

— Eu estava examinando esse fogão velho — disse o Sr. Granger. — Ela quer fazê-lo funcionar. Ouvi dizer que vai haver uma geada tardia depois de amanhã. Eles vão congelar nessa casa velha cheia de correntes de ar.

— Esse fogão não é usado há anos — comentou Matt McCarthy. Havia um leve tom assertivo em sua voz.

— Mas não parece haver nada de errado com ele.

— Já colocou óleo?

— Óleo? — perguntou Isabel.

— Óleo — repetiu Matt McCarthy. — Combustível.

— Precisa de óleo?

O Sr. Granger riu.

— A senhora não me disse que não tinha abastecido esse negócio. Como pode? Achou que funcionava com o quê? Ar fresco?

— Não sei. Nunca tive um fogão desses. Lenha? Carvão? Eu não tinha pensado nisso — confessou Isabel.

O Sr. Granger deu um tapinha nas costas dela que a fez se encolher.

— Vai ter que encomendar. O mais rápido é o Crittendens. Diga que é uma emergência e ele vão abastecer a senhora em um ou dois dias. Os outros vão fazê-la esperar uma semana.

— Abastecer o quê? — perguntou ela, desejando não parecer tão ignorante.

— O depósito. — Era a primeira vez que Matt McCarthy sorria de verdade. Mas havia alguma coisa pouco amistosa em seu sorriso. Isabel estava justamente notando isso quando ele acrescentou, de um jeito mais cordial: — Fica nos fundos, perto do celeiro. Mas é bom pedir para o seu marido ver se tem algum furo. Está um pouco enferrujado.

— Obrigada — disse ela, meio sem jeito. — Mas somos só nós.

— Não gosto de ver uma senhora e os filhos sem água quente. Não é certo. Mas pelo menos vai acender a lareira hoje.

O Sr. Granger limpou as mãos e pôs o chapéu, pronto para ir embora.

— Muito obrigada — disse Isabel, procurando a carteira na bolsa.

— Ah, não se preocupe com isso agora. Acerte comigo no fim da semana, quando tudo estiver resolvido — disse o Sr. Granger. — Como venho para essas bandas, passo aqui sexta-feira de manhã para ver como vocês estão se virando. E trago um carregamento de lenha, se eu conseguir coletá-las no caminho. Quanto mais aquecer essa casa, melhor… para secá-la um pouco. — Apontou para as árvores do lado de fora. — Acho que para o ano que vem já não vai precisar, hein, Matt?

Assentiu, em seguida subiu a escada, seguido por Kitty e Thierry.

Depois que ele saiu, a cozinha pareceu excessivamente silenciosa. Consciente do estado lastimável do lugar e do seu descuido, Isabel ficou sem jeito, como muitas vezes ficava na presença de homens. Era como se Laurent tivesse levado com ele uma camada de pele dela.

— Então somos vizinhos — disse Isabel, tentando se recompor. — Sua casa deve ser aquela pela qual passamos ao chegar. Aceita uma xícara de chá? Eu ofereceria alguma coisa mais forte, mas infelizmente tudo ainda está de pernas para o ar aqui.

Matt McCarthy negou com a cabeça.

— Está um pouco bagunçado. — Isabel falava muito depressa, como geralmente fazia com quem parecia ter uma autoconfiança fora do comum. — Vamos ter que arrumar tudo aos poucos.

Como já deve ter visto, não somos uma família muito prática… Sei que tenho muito o que aprender.

Ela afastou do rosto uma mecha comprida de cabelo. Notara um indício de desespero na própria voz. Ele a encarou e disse:

— Tenho certeza de que vocês vão ficar bem.

*

Laura acabara de arrumar o freezer na garagem. Limpou a mão na calça jeans e foi até a

caminhonete. Ao descer, Matt a surpreendeu com um beijo na boca.

— Oi. Teve um bom dia, foi?

— Não muito — respondeu ele. — Mas está melhorando.

Nossa, como era bom vê-lo sorrir. Laura o agarrou pelo cinto e o puxou para perto.

— Talvez eu possa melhorá-lo ainda mais. Tem bife para o jantar. Com meu molho de pimenta especial.

Ele expressou sua gratidão com um grunhido baixo e retumbante, que vibrou agradavelmente na pele dela.

Ele fechou a porta da caminhonete, passou um braço pelos ombros dela e os dois andaram até a porta dos fundos. Ela segurou a mão dele, apoiando-a na clavícula, ansiosa para prolongar aquele momento.

— Você recebeu dois cheques pela obra dos Pinkerton. Já depositei. Ouviu aquela música há pouco? Anthony achou que fosse uma raposa que caiu numa armadilha.

— Ouvi. Na verdade, fui visitar nossos novos vizinhos.

Laura tropeçou no velho cachorro, que resmungou.

— Ah, Bernie… Você foi lá?

— Achei que não custava cumprimentá-los. Afinal, somos vizinhos.

Ela esperou um comentário maldoso, uma contração dos lábios. Mas não houve nada disso.

Nem a menção ao casarão o incomodara. Ah, por favor, que as coisas mudem, rezou Laura.

Tomara que ele aceite isso. Que se anime de novo.

— É, você fez bem. Vou passar lá ainda essa semana. — Tentou disfarçar sua expressão de medo. — Tenho que lhe dizer, Matt, que é ótimo ver você sorrindo outra vez. Ótimo.

O marido se abaixou e lhe deu um beijo no nariz. Ela sentiu na pele que os lábios estavam frios.

— Andei pensando em algumas coisas… — disse ele.

6

Poucas pessoas da sua geração podiam dizer que haviam se casado com o primeiro homem por quem se apaixonaram, mas assim que conhecera Laurent Antoine Delancey, Isabel Hayden soube que não se interessaria por mais ninguém. Essa conclusão, que surgiu em sua mente no meio de uma apresentação de Romance para Violino e Orquestra de Bruch, a surpreendeu: nunca tivera qualquer interesse romântico por jovens pálidos e sérios que ficaram em cima dela durante a faculdade de música. Já havia decidido que provavelmente não se casaria, pois era algo que a distrairia da música. Mas enquanto fazia o solo, pensou no homem sério e amarrotado que a levara para jantar no Les Halles na noite anterior: um restaurante decente, não um café. Ele lhe contara que a música nunca o emocionara tanto quanto na ocasião em que a ouvira tocar na frente da estação de Clignancourt, e ela se deu conta de que "o homem mítico", sobre quem as amigas fofocavam, podia existir e aparecer no momento mais estranho e do jeito mais inesperado.

Houvera obstáculos, claro, como todas as melhores histórias de amor: a ex-mulher, uma atriz "neurótica", de quem ele ainda não se divorciara propriamente. Os pais dela fizeram objeções — aos vinte anos, ela era muito jovem e impulsiva —, assim como seus professores de música, desconfiando de que ela jogaria fora um imenso talento com miudezas domésticas. Até o vigário — que a aconselhara sobre a possibilidade de amantes e sobre a importância do desodorante — dissera que a diferença de idade de doze anos e o contraste cultural entre franceses e ingleses poderiam levar o casamento ao fracasso.

Mas Laurent reagira a tudo isso dando de ombros feito um gaulês e se apaixonando pela moça do cabelo comprido, brilhante e volumoso, enquanto Isabel descobria, ao contrário de várias colegas suas, que o casamento não levava a decepção, ao cinismo ou a concessões. Laurent a amava. Ele a amava se ela dormia em cima do café da manhã porque tinha passado a noite em claro tentando aperfeiçoar os compassos finais de alguma sonata. Ele a amava mesmo quando, mais uma vez, a refeição que ela preparara ficava esturricada e sem gosto. Ele a amava quando passeavam de braços dados em Primrose Hill e ela tentava cantar para ele

suas peças musicais favoritas, substituindo o baixo e a tuba por movimentos desenfreados dos braços. Ele a amava quando ela o acordava às três da manhã, desesperada para fazer amor, para sentir o gosto dele.

Comprou para ela o Guarneri, deixando-o no travesseiro do hotel onde haviam se amando loucamente num fim de semana, e rindo quando o choque que ela levou ao ver aquilo a deixou sem ar. Ele a amava.

Ela ficara atordoada ao descobrir a gravidez depois da lua de mel, sem saber ao certo se estava preparada para que outra pessoa invadisse seu idílio romântico. Mas Laurent confessara que havia desejado filhos no primeiro casamento e, ainda impressionada com a paixão que sentia por ele, Isabel decidiu lhe dar esse presente.

Fora uma gravidez tranquila e, abismada com a intensidade do amor que sentia por Kitty depois que ela chegou, tentara se dedicar exclusivamente à maternidade. Parecia ser o mínimo que o bebê merecia. Mas ela era uma negação como mãe, nunca conseguira estabelecer as misteriosas "rotinas" de que os médicos tanto falavam, nunca conseguira ficar em dia com as pilhas de roupinhas sujas nem se entregar às brincadeiras às quais as outras mães se adaptavam com muita facilidade. Foi a única vez que ela e Laurent acabaram brigando. Ela andava irritadiça e se sentia martirizada, como se tivesse se sacrificado demais, e o culpava por isso.

"Sabe, eu gostaria de ter a minha esposa de volta", dissera certa noite, com aquela pompa parisiense, depois que ela brigara com ele por causa da louça para lavar, da sua falta de liberdade, da sua exaustão, do seu desinteresse por sexo.

Ela jogara a babá eletrônica na cabeça dele. Na manhã seguinte, defrontando-se com a parede lascada, percebeu que algo precisava mudar.

Laurent a abraçara.

"Não vou julgar se você precisar da sua música. Foi uma das primeiras coisas que amei em você."

Depois de ter confirmado várias vezes que ele falava sério, que não ficaria ressentido com ela por isso, encontraram Mary. Para justificar o fato de deixar sua linda filha em casa, Isabel dizia a si mesma que todo mundo estava mais feliz daquele jeito.

Além disso, Kitty fora um bebê muito bonzinho. Será que se tivesse ficado infeliz com Mary, ou se não houvesse aceitado a presença de outra pessoa, seria menos risonha? Menos calma? Mas havia um preço a pagar;

uma das coisas que ela logo aprendera sobre a maternidade foi que sempre havia um preço a ser pago. Era o jeito como Kitty corria primeiro até Mary quando se machucava, mesmo se Isabel estivesse por perto, e o jeito como Laurent conversava com a menina sobre os amigos dela com conhecimento do assunto, ou discutia a reunião especial da escola de que tinham participado. Também havia a culpa torturante que sentia por estar num quarto de hotel a centenas de quilômetros de uma criança que ela sabia que estava doente, ou os bilhetes queixosos que encontrava dentro da mala: "Mamãe, eu te amo e fico com saudade quando você viaja." Ela também sentia falta da família e sofria com o remorso. Mas Laurent e Mary lhe concediam a liberdade de ser ela mesma, de correr atrás do que ela amava fazer. E

quanto mais velha ficava, quanto mais conhecia outras mães, mais Isabel reconhecia que era uma das poucas sortudas que não tivera a criatividade roubada pelo casamento e pela maternidade. Ou, mais importante, a paixão.

Nem sempre foi fácil. Laurent ainda adorava sua impulsividade, aceitava seus momentos de loucura — como a vez em que buscara os filhos na escola e os levara para passear de balão, ou quando jogou fora os pratos porque a cor a irritava e se esquecera de comprar outros —, mas era capaz de ficar mal-humorado se achasse que não ocupava a maior parte dos pensamentos dela.

Isabel aprendeu a reconhecer os sinais de alerta quando ele considerava que ela estava muito imersa na música. Ficava irritado, anunciando que gostaria de ter a presença da esposa de vez em quando. Percebia quando ela estava ensaiando mentalmente, mesmo nos momentos em que fingia conversar sobre o que Kitty fizera no dia. Ela era esperta o bastante para sempre satisfazer as necessidades dele e fazer perguntas que pareciam pertinentes sobre seu trabalho no banco de investimentos, mesmo quando não compreendia totalmente as respostas. O trabalho de Laurent era um mistério para ela. Só entendia que ele ganhava o suficiente para pagar todas as despesas e de vez em quando levá-los para passear nas férias, quando ela deixava o violino e se dedicava à família por duas ou três semanas.

A maior crise ocorrera quando ela descobriu que estava grávida de Thierry. Seis anos após o nascimento de Kitty, ficara olhando para o ponto azul que, apesar das evidências, não esperava encontrar, e entrou em

pânico pensando no que vinha pela frente. Não podia ter um bebê naquele momento: acabara de conseguir a posição de primeiro violino na Orquestra Sinfônica Municipal e tinha turnês em Viena e Florença marcadas para a primavera. Provara a si mesma que não servia para ser mãe em tempo integral, mesmo com uma criança tranquila feito Kitty.

Pensara várias vezes em não contar a Laurent.

Ele reagira, como ela já desconfiava, com alegria, e depois ficou horrorizado quando ela lhe contou no que estava pensando.

— Mas por quê? — perguntou. — Você tem a mim e a Mary para ajudar. Kitty adoraria ter um irmão ou uma irmã. Já nos pediu isso tantas vezes…

— Nós concordamos, Laurent — disse ela. — Concordamos em não ter mais filhos. Não consigo dar conta de dois.

— Você não precisa dar conta de um — retrucara ele —, e nunca me importei. Mas não pode me privar… nos privar… desse filho porque ele não se encaixa na sua agenda.

A expressão dele lhe mostrava que ela precisava ceder. Ele pedia tão pouco…

Ela nunca confessou seus pensamentos sombrios à medida que enfrentava cada etapa da gestação e o parto se tornava uma data iminente em sua agenda. E ele tivera razão: quando Thierry nasceu, os braços estendidos em protesto contra o parto, talvez contra seu nascimento indesejado, ela o amara com a mesma paixão instintiva que nutria por Kitty. E sentiu um grande alívio quando, três meses depois, pôde voltar a trabalhar.

*

Isabel apertou o cachecol no pescoço e seguiu a passos largos pelo caminho que levava ao bosque,

as plantas cobertas de orvalho e o capim alto prendendo nas suas botas. Era a primeira vez em semanas que estava sozinha. Levara os filhos para a escola duas horas antes, Thierry se esquivando de seu beijo, afastando-se com o uniforme engomado nos ombros, e Kitty saindo com sua determinação de sempre.

Ela estava ansiosa para ficar sozinha de novo, só Deus sabia como quisera um tempo para si mesma. Mas sentia falta deles. Sem a barulheira e o tumulto dos filhos, a casa parecia muito triste, muito opressiva, e, em

uma hora, ela percebera que, se não fizesse alguma coisa, se afundaria na tristeza. Não conseguia encarar a tarefa de desembalar as caixas restantes, não se sentia forte o bastante para começar a trabalheira que seria limpar a casa, então saíra para dar uma volta. Afinal, não havia nada que uma caminhada não pudesse consertar, dissera-lhe Mary muitas vezes.

Tinha decidido pegar o atalho do bosque até a loja do vilarejo. O simples ato de comprar leite e alguma coisa para o jantar lhe daria um objetivo. Ela faria um ensopado ou um frango assado para quando as crianças voltassem para casa.

De alguma forma, era menos perturbador pensar em Laurent quando ela estava fora de casa.

Depois de um ano, percebeu que havia momentos em que conseguia pensar nas coisas que amara nele, e não no que perdera. A tristeza nunca passaria, tinham lhe dito, mas ficaria mais fácil de suportar.

Enfiou as mãos nos bolsos, sentindo o cheiro penetrante das plantas nascendo, observando os bulbos germinando sob as árvores ou percebendo onde poderia ter existido um canteiro. Talvez eu faça um jardim para ele, pensou. Mas sabia que era improvável: cavar, revolver a terra e podar seria muito ruim para suas mãos. Fazia tempo que jardinagem estava na lista extraoficial de coisas que os violinistas não podiam fazer.

Tinha chegado ao fim do bosque e caminhou ao longo de sua extensão, o lago à esquerda, tentando se lembrar de onde vira uma brecha. Encontrou-a e atravessou para o outro lado, onde o terreno era ainda menos regular do que em volta da casa. Virou-se para trás por um instante: sua expansão vermelho-escura e as janelas incoerentes contemplavam-na sem entusiasmo nem aconchego. Ainda não era sua. Ainda não era um lar.

Você não deve pensar assim, repreendeu a si mesma. Será o nosso lar se a transformarmos. Já tinham água quente, se bem que por um preço exorbitante, e um aquecimento fraco com cheiro metálico em alguns cômodos. O encanador lhe dissera que os aquecedores precisavam sangrar, mas tinha sido tão arrogante que ela não lhe perguntara o que isso queria dizer. Como havia uma rachadura enorme na banheira, eles tinham que tomar banho numa bacia de estanho, uma situação contra a qual Kitty protestava amargamente todas as manhãs.

Parou para observar alguns cogumelos enormes crescendo em leque no tronco de uma árvore morta, depois olhou para o céu encoberto, visível em

filetes através dos galhos e dos ramos. O ar estava úmido e ela soprou dentro do cachecol, aproveitando o calor que se espalhou por sua pele.

O bosque cheirava a musgo, a madeira molhada e a decomposição saudável, muito diferente da sinistra umidade da casa, onde ela pensava com frequência no que poderia estar apodrecendo ali dentro.

Um galho estalou e ela ficou imóvel, sua mente urbana se enchendo de imagens de maníacos do machado. Prendeu a respiração e se virou lentamente na direção de onde viera o som.

A cerca de seis metros dali, um veado enorme olhava para ela, com a cabeça erguida, a galhada coberta de líquen parecendo os galhos despidos atrás dele. Finos fios de vapor saíam de suas narinas, e ele piscou várias vezes.

Isabel estava muito impressionada para sentir medo. Ficou olhando para o animal, maravilhada por essas criaturas ainda existirem na natureza, por ainda haver espaço em seu país pequeno, desenvolvido e superpovoado para um animal daqueles passear à solta.

— Ah!

Talvez esse pequeno ruído tenha quebrado o encanto, porque o veado fugiu saltitando para o campo aberto.

Isabel observou-o se afastar. O trecho de uma música lhe veio à mente: A transformação de Acteon em Veado. O animal desacelerou e hesitou, virando a cabeça para trás enquanto ela reproduzia mentalmente a fanfarra de arpejos que abria a sinfonia, um símbolo dos jovens que iam caçar, o suave adágio de flauta que remetia a riachos murmurantes e brisas.

De repente, o silêncio foi quebrado pelo som de um tiro. O veado saiu em disparada, tropeçando no solo pegajoso. Ouviu-se outro tiro, e Isabel, que a princípio pulara para trás de uma árvore, saiu correndo para o campo aberto atrás do animal, tentando descobrir de onde viera o som.

— Pare! — gritou, o cachecol destampando a boca. — Quem quer que seja! Pare de atirar!

Seu coração estava acelerado. Ela tentou correr, mas montes de terra e lama grudavam nos seus pés.

— Pare! — berrou, na esperança de que o caçador invisível a ouvisse.

Tentou tirar a lama de uma das botas com a ponta da outra. O veado parecia ter fugido, ela continuava com o coração acelerado e esperou o próximo tiro.

Então viu o homem atravessar o campo a passos largos em sua direção, aparentemente sem ser freado pela lama. Viu a espingarda enganchada no braço dele, mas estava apontada para o chão.

Ela puxou de vez o cachecol da boca para perguntar:

— Que diabo você pensa que está fazendo?

O susto a fez falar mais alto do que era sua intenção.

O homem diminuiu o passo ao chegar perto dela, o rosto vermelho como se não esperasse ser interrompido. Não devia ser muito mais velho que ela, mas sua altura lhe dava um ar de autoridade e o cabelo preto fora brutalmente raspado. Seu rosto tinha a cor invernal de quem ficava ao ar livre, os contornos bem definidos pela ação do vento.

— Estou caçando. O que acha que estou fazendo?

Ele parecia chocado por tê-la encontrado ali.

Isabel conseguira desatolar os pés, mas a adrenalina ainda percorria seu corpo.

— Como se atreve? O que você é? Um caçador ilegal?

— Caçador ilegal? Rá!

— Vou ligar para a polícia.

— E dizer o quê? Que eu estava tentando espantar um veado das novas plantações?

— Vou dizer que você estava invadindo minha terra.

— Essa terra não é sua. — Havia um fraco zunido na voz dele.

— Por que você acha isso?

— Essa terra pertence a Matt McCarthy. Tudo até lá naquelas árvores. Tenho permissão dele para livrá-la do que eu quiser.

Isabel teve a impressão de que ele falava olhando significativamente para a espingarda.

— Está me ameaçando? — perguntou.

Acompanhou o olhar dela, depois a encarou, as sobrancelhas erguidas.

— Ameaçando você?

— Não quero armas tão perto da minha casa.

— Eu não estava mirando para nada perto da sua casa.

— Meu filho costuma vir aqui. Poderia ter acertado ele.

O homem abriu a boca, depois balançou a cabeça, se virou e voltou pelo campo, com os ombros curvados. Suas palavras de despedida flutuaram até ela: — Então vai ter que ensinar a ele quais são os limites da sua terra, não?

Enquanto o via se afastar, ela se lembrou da última parte da sinfonia de Von Dittersdorf. O

veado era na verdade um jovem príncipe que fora transformado em animal ao se perder na área errada do bosque e depois fora estraçalhado pelos próprios cães.

*

Asad estava verificando os ovos, retirando um ou dois de cada caixa e usando-os para completar

outras. Os ovos orgânicos da fazenda na estrada estavam muito bons, mas, em geral, vinham cobertos de… matéria orgânica, o que nem sempre agradava às senhoras mais sensíveis. Ele estava limpando os sujos com as mãos quando a mulher entrou.

Ela parou à porta por um instante, olhando em volta como se estivesse procurando alguma coisa. Usava um casaco comprido de veludo azul, sendo que a bainha estava toda salpicada de lama. Certa familiaridade fez Asad reconhecê-la.

— Sra. Delancey? Com licença, vou colocar isso ali.

Ela arregalou os olhos ao ouvir seu nome.

— Não há muita gente de passagem por aqui — explicou ele, limpando as mãos ao se aproximar dela. — E a senhora é muito parecida com a sua filha.

— Ah. Kitty. Claro.

Ele hesitou.

— A senhora está bem? Parece um pouco… assustada.

Ela levou a mão ao rosto. Belas mãos pálidas, observou ele. Dedos brancos e compridos. E

estava tremendo.

— Me diga uma coisa — pediu ela. — Muita gente por aqui que tem armas?

— Armas?

— Acabei de ser ameaçada… Bem, talvez não ameaçada, mas confrontada por um homem de espingarda em punho num local que acredito que seja propriedade privada.

— Isso deve ter sido assustador… mesmo.

— Estou um pouco abalada. Não estou acostumada a encontrar gente armada. Na verdade, acho que nunca tinha visto uma arma de perto.

— Como ele era?

Ela o descreveu.

— Deve ser Byron, o capataz do Sr. Pottisworth. Ele está fazendo alguns trabalhos para Matt agora. Mas acho que só usa uma espingarda de ar comprimido.

— Matt McCarthy?

A mulher pareceu refletir sobre isso, depois se acalmou.

— Eu ia ligar a chaleira — disse ele. — Acho que uma xícara de chá com açúcar faz muito bem para alguém em estado de choque. Deixe eu me apresentar. Meu nome é Asad Suleyman.

Ela deu um sorriso triste e amável, que expressava toda a gratidão pela oferta dele. Não tinha uma beleza convencional, pensou Asad, mas sem dúvida era linda. E tinha um cabelo extraordinário, enquanto o de quase todo mundo era pintado e curto.

— Acho que deve ter sido ele, o que é tranquilizador. Mas detesto saber que tem gente armada andando tão perto de nós. E é complicado — disse ela. — Não sei onde minha terra acaba e a do Sr. McCarthy começa.

Darjeeling. Ela parecia uma mulher de Darjeeling. Asad pôs uma caneca em suas mãos e inclinou a cabeça.

— Já pensou em pedir a escritura ao seu advogado?

— Ele me mostraria?

— Sim, acho que sim.

— Muito obrigada. Sou uma negação para essas coisas. Não tenho muita experiência em…

terras.

Ficaram sentados num silêncio confortável enquanto bebiam o chá. Asad lançava olhares disfarçados para ela, tentando registrar os detalhes que Henry lhe pediria mais tarde. Vestida num estilo bem exótico, com roupas nos tons apagados de marrom e verde preferidos na região. Mãos pálidas e esguias. Não era difícil imaginá-las em algum instrumento mágico. O cabelo comprido e despenteado, de um tom louro-escuro, caoticamente preso: a antítese do cabelo brilhoso da filha.

Olhar fugidio, os cantos dos olhos caídos, talvez traindo sua tristeza recente.

— Não é o que eu esperava — observou ela.

— Não?

— A sua loja. É linda. Tem coisas que eu gostaria de comer. Presunto de parma! Batata-doce…

Achei que nas lojas de vilarejo só tivesse caixotes de maçã e fatias de queijo sintético e que fossem administradas por mulheres gordas de meia-idade. Não por homens altos e… — De repente, ficou desconcertada.

— …negros — completou ele. — Na verdade, eu sou somali.

— Como veio parar aqui? — Ela corou, talvez percebendo que a pergunta poderia ser considerada indiscreta. — Desculpe. Faz tempo que não converso com alguém.

— Não tem problema. Cheguei aqui nos anos 1960. Conheci Henry, meu companheiro e, quando nossa situação financeira permitiu, decidimos fugir da cidade. A vida aqui é sossegada…

Melhor para a minha saúde. Eu tenho asma — explicou.

— É sossegada mesmo.

— E a senhora está sobrevivendo, Sra. Delancey? No casarão?

Ele pôs a mão embaixo do balcão e pegou uma lata de biscoitos. Abriu e ofereceu a ela, que aceitou um.

— Pode me chamar de Isabel. Estamos indo. Devagar. Água quente e aquecimento são um luxo. Há muito trabalho a fazer. Tenho algum dinheiro reservado, mas não me dei conta da magnitude do que estávamos assumindo. Do que eu estava assumindo — corrigiu-se. — Da última vez que estive aqui, era muito diferente.

Nesse momento, ele quis dizer alguma coisa, avisá-la de que sua presença talvez tivesse incomodado outras pessoas além do capataz, que talvez não era apenas com homens armados que ela devia tomar cuidado. Mas parecia tão vulnerável que ele não teve coragem de lhe dar mais preocupações. Afinal, ele não tinha certeza de nada.

— Será sempre bem-vinda aqui, Sra. Delancey… Isabel. Sempre que quiser passar aqui, será um prazer tomar chá com você. Com você e com sua família. Queremos que se sintam bem-vindos.

*

— Você não notou.

Matt ergueu o olhar da caneca de cerveja e encontrou os olhos verdes e repuxados de Theresa.

Ela estava tão perto que ele sentia seu perfume, mesmo com a comida e a cerveja do pub.

— Não notei o quê?

— Que tem uma coisa diferente em mim.

Ela se inclinou para trás, mantendo as mãos no balcão, as unhas pintadas estendidas diante dele. Atrás dela, dois rapazes com roupa de corrida exclamavam diante da máquina de jogos.

— Você fez as unhas?

Ela o fuzilou com os olhos.

— Não!

Estava usando aquele sutiã de renda roxa. Quando ela se mexeu, Matt vislumbrou a peça por cima do decote acentuado.

— Tente de novo — ordenou Theresa.

Ele percorreu o corpo dela com o olhar, como ela sabia que faria.

— Não devia olhar com tanta atenção — disse ela, fingindo estar ofendida.

— E se eu gostar? — retrucou ele, baixinho.

— Continue tentando — disse ela, um pouco irritada, mas ele sabia que a havia desestabilizado. Theresa era fácil de interpretar, sempre fora.

— Você emagreceu.

— Galanteador.

— Batom novo?

— Não — respondeu ela, e ele deu um gole na bebida.

— Não sei. Não sou bom nesses jogos.

Eles se entreolharam. Ah, não?, diziam os olhos dela, e ele se lembrou das sensações que ela lhe provocara na semana anterior, contorcendo-se embaixo dele no quarto de sua casa de campo de pé-direito baixo. Sentiu a virilha se retesar, e deu uma olhada no relógio de pulso. Dissera para Laura esperá-lo em casa às sete e meia.

— Matt.

Ele se virou e viu Byron se sentando no banco ao seu lado.

— Tudo bem? É cerveja?

Byron assentiu e Matt fez sinal para Theresa.

— Uma Stella, por favor — disse.

— Você desiste? — Ela fez biquinho.

— Não se pode saborear uma cerveja em paz? — Matt se virara para Byron. — Tudo bem.

Desisto. Já tinha esquecido a pergunta.

— Meu cabelo — explicou ela, levantando a mão da alavanca da máquina da cerveja. — Fiz luzes. Duas cores. Olhe.

Abaixou a cabeça, deslizando o copo de cerveja pelo balcão e abrindo mechas do cabelo para mostrar a novidade.

— Lindo — disse Matt, com indiferença, e depois, quando ela se afastou indignada, revirou os olhos para Byron, como se os dois fossem cúmplices no que dizia respeito ao incompreensível comportamento feminino. — Está tudo bem?

Byron deu um gole na cerveja.

— Nada mal. Já reguei os pastos de baixo. Eu não estava muito seguro em relação à qualidade do solo, mas não pareceu ruim. Talvez esse tempo todo de descanso tenha sido bom.

— Ótimo. Isso não significa nada para mim, mas Laura vai ficar satisfeita.

— Há veados entre a trilha para os cavalos e o pequeno arvoredo. Vi um deles hoje e umas corças ontem. Espantei-os por enquanto com alguns tiros, mas vão voltar.

— Só faltava essa. Eles vão comer os brotos. Fique de olho.

— Sua nova vizinha apareceu berrando comigo porque assustei os bichos.

— É mesmo?

— Praticamente me acusou de atirar nela. — Byron parecia desconcertado. — Não sei se ela vai fazer alguma coisa. Eu devia ter dito que era só uma espingarda de ar comprimido.

Matt deu uma sonora gargalhada.

— Ah, benditos urbanos! Ela quer salvar os bambizinhos, é? Ah, que maravilha.

Theresa voltava devagarinho de trás do balcão.

— Da próxima vez que encontrá-la — disse Matt —, diga que vamos criar para ela uma pequena reserva natural. Ela pode ficar com todos os coelhinhos e veados daquele terreno.

Podemos até botar alguns pássaros lá… algumas gralhas e alguns pardais, digamos… para ela alimentar. Pode ser uma verdadeira Branca de Neve.

Byron sorriu, sem jeito, como se gozação não fosse algo do seu feitio.

— Olhe só, mais tarde a gente conversa sobre a possibilidade de você trabalhar permanentemente para mim… Imagino que a terra do Pottisworth vá precisar de muito trabalho no ano que vem, e pode ser que eu precise de mais um par de mãos. Você tem o dobro do tamanho do meu filho. Sei que silvicultura não dá muito dinheiro, mas o que me diz?

Byron corou, e Matt achou que o rapaz estava mais preocupado com seu desemprego do que demonstrara. Essa situação e o passado dele contara a favor de Matt, pois não era provável que ele pedisse um salário muito alto. Pottisworth certamente lhe pagava uma miséria.

— Seria… bom — respondeu.

Matt encarou Theresa e piscou para ela de um jeito arriscado. Ligaria para Laura e diria que estava atrasado. Seria uma pena desperdiçar a noite. Afinal, estava de ótimo humor.

7

— Como pode ver, precisa de pintura, mas você está pagando pelo potencial. Como você sabe, a procura por essa região está aumentando. — Nicholas Trent deu um sorriso encorajador para a jovem ao seu lado que contemplava a rachadura subindo feito um raio do canto do caixilho da janela. — Pode ser por causa da argamassa nova — disse ele, seguindo o olhar dela. — Às vezes ela encolhe. Nada que um pintor não possa resolver.

Ela analisou os detalhes e murmurou alguma coisa para o companheiro. Depois disse: — Onde é o terceiro quarto? Só vimos dois.

— O terceiro quarto — disse Nicholas, abrindo uma porta e procurando o interruptor.

— Isso é um quarto? — perguntou o homem, incrédulo. — Não tem janela.

Não havia nada que Nicholas pudesse dizer. Em outros tempos, aquele cômodo seria descrito como um armário grande.

— É muito pequeno — disse a mulher.

— Está mais para apertado — retrucou ele. O pequeno espaço parcamente iluminado não podia ter mais de um metro e oitenta por um metro e vinte. — Mas, para ser justo, Srta. Bloom, há pouquíssimos exemplos desse tipo de imóvel com um terceiro quarto. A maioria tem apenas dois. Acho que os sortudos que têm um terceiro costumam usá-lo como escritório ou um cantinho para o computador, onde não é imprescindível ter luz natural. Agora, vamos ver a cozinha?

Levou vinte minutos para lhes mostrar o restante do apartamentinho, apesar do tamanho reduzido. E em cada um desses vinte minutos, Nicholas Trent elogiou as vantagens limitadas do imóvel, e sua voz interior contradizia o que ele falava. Esse apartamento é um nojo, era o que ele queria dizer. Fica perto de uma avenida principal, em cima de uma linha de metrô, embaixo de um corredor de tráfego aéreo, numa rua que tem uma cracolândia a cada esquina. É bem possível que o terreno corra o risco de afundar, os cômodos com paredes sem revestimento de papel de parede Anaglypta têm muita umidade, e não sobra uma única característica

original. É feio, mal planejado, mal adaptado e não vale um terço do preço pedido.

No entanto, não adiantava muito. Ele sabia que no fim do dia o casal faria uma oferta e que, muito provavelmente, não estaria tão abaixo do preço pedido a ponto de impossibilitar a negociação. Era assim no momento. Casas que teriam sido vendidas por uma ninharia cinco anos antes estavam sendo compradas por gente disposta a contrair dívidas que o atordoavam.

Ele queria lhes perguntar se não se lembravam da última quebra da bolsa. Se não sabiam quais podiam ser as consequências de hipotecar um imóvel como aquele. Se não percebiam que estavam prestes a arruinar sua vida.

— Você ainda vai mostrar a casa para mais gente?

O rapaz tinha se aproximado dele.

— Vou mostrar para mais duas pessoas hoje à tarde — disse, com muita lábia. Era a resposta de praxe.

— Vamos nos falando.

O rapaz estendeu a mão. Nicholas a apertou com uma gratidão rara. Nos dias atuais, não havia muita gente que trocasse apertos de mão, principalmente com corretores imobiliários.

— Não se preocupem — disse ele. — Se este apartamento for vendido, tenho certeza de que consigo encontrar coisa melhor para vocês.

Percebeu que o rapaz não estava acreditando nele. Viu-o franzir o cenho por um instante enquanto tentava decidir se aquilo era conversa de vendedor, se havia segundas intenções. É isso que o mercado imobiliário faz com as pessoas, pensou Nicholas com tristeza. Torna todos nós tolos desconfiados.

— Quero dizer… a decisão é inteiramente de vocês, claro.

— Vamos nos falando — repetiu o rapaz.

Nicholas abriu a porta do apartamentinho e observou-os irem embora cabisbaixos, imaginando sua vida nova ali.

*

— Sua mulher ligou — disse Charlotte, com a boca cheia de alguma coisa que podia ser cereal.

— Desculpe, ex-mulher — disse, alegremente, entregando um pedaço de papel para ele. — Não gosto de dizer isso. Não sei, mas parece errado.

E parecia mesmo. Não era o tipo de termo que alguém gostaria de usar para se referir a si mesmo. Ex-marido. Marido fracassado. Ser humano fracassado. Nicholas pegou o papel e o enfiou no bolso da calça.

O escritório estava muito movimentado. Derek, o gerente imobiliário, estava debruçado na mesa, com a mão erguida enquanto falava ao telefone. Paul, o outro corretor imobiliário, anotava uma nova instrução no quadro de vendas. Uma mulher de meia-idade falava com o responsável pelos aluguéis, fungando de vez em quando num lenço. A porta de vidro se fechou, abafando o barulho do tráfego da avenida principal.

— Ah, e um tal de Mike ligou. Queria te convidar para jantar. Disse que vocês eram velhos amigos. Contei sobre sua esposa porque ele não sabia, e disse que sentia muito.

Nicholas se sentou à mesa. "Favor ligar para a Sra. Barr", era o recado no Post-it. "Não gostou da nova avaliação."

— Um tal de Mike.

— Disse que mora em Norfolk. Lá é bem legal.

— Onde em Norfolk?

— Sei lá. Acho que no condado quase todo.

Os compradores desistiram da Drew House na hora de assinar.

Favor ligar com urgência para o Sr. Hennessy.

Ele fechou os olhos.

Kevin Tyrrel quer remarcar a visita na Arbour Row, 46. Diz que não quer ninguém interrompendo o jogo de futebol.

Teria que ligar para os quatro compradores que marcara para aquela noite. Todos iam ficar chateados. Mas não dava para interromper o futebol do Kevin, não é mesmo?

— Ele disse que foi ao seu casamento. Parece que foi um festão, Nick. Você nunca nos contou que se casou em Doddington Manor.

— Nicholas — corrigiu ele. — Meu nome é Nicholas.

— Nicholas. Eu não sabia que a família da sua mulher era tão rica. Desculpe, ex-mulher. Você é uma caixinha de surpresa. Daqui a pouco vai nos dizer que mora perto da Eaton Square.

A gargalhada dela foi interrompida pelo toque do telefone.

Eaton Square. Ele já havia pensado em comprar um imóvel lá no início dos anos 1980, antes do último boom imobiliário, quando Londres ainda

era lotada de imóveis precários, deteriorados por décadas de aluguel. Propriedades prontas para a modernização, para a construção de impérios.

Dentre todos os apartamentos que já visitara em busca de um para investir, ainda se lembrava daquele porque tinha um salão de baile particular. Um apartamento na Eaton Square com um salão de baile particular. E o rejeitara, achando que o retorno não seria bom o bastante.

Era perseguido pelas casas que não havia comprado, pelos lucros incertos que não tivera coragem de garantir.

Suspirou. Estava na hora de ligar para a Sra. Barr. Uma pessoa nada feliz.

— Nick.

Como Derek estava debruçado em sua mesa, ele colocou o fone no gancho. Aquele homem não tinha noção de privacidade. Inclinava-se tão perto da outra pessoa que não só dava para saber pelo seu hálito qual fora a sua última refeição como também a marca de sabão em pó que ele usava. Nicholas se esforçou para exibir uma expressão receptiva e neutra.

— Derek.

— Era a matriz. Não estamos cumprindo as metas. Estamos duzentas e oitenta mil libras atrás da Palmers Green em comissões. Isso não é bom.

Nicholas esperou.

— Precisamos subir na tabela. Até a Tottenham East está nos alcançando.

— Com todo o respeito, Derek, desde o início desta semana, já fechei a venda de quatro imóveis. — Nicholas tentava soar comedido. — Eu diria que é muito bom, pelos padrões de qualquer um.

— Com o mercado do jeito que está, até mesmo um surdo-mudo cego e perneta teria fechado a venda desses imóveis. Eles estão arranjando uma saída, Nick. Estão se dando bem. Precisamos aparecer mais, vender imóveis melhores, aumentar nossas margens. E devíamos estar vendendo com mais vigor. Você devia ser o grande vendedor aqui da imobiliária. Quando vai começar a agir como tal?

— Derek, você sabe tão bem quanto eu que mais de quarenta por cento dos imóveis na nossa região estão sob jurisdição local. Não atingem o mesmo preço nem permitem as mesmas margens.

— E quem está ficando com os sessenta por cento restantes? A Jacksons. A Tredwell Morrison.

A HomeSearch. São essas. Devíamos estar roubando a participação delas no mercado, Nick, pegando esses imóveis. Queremos ver placas da Harrington Estates mais espalhadas pela cidade do que esses malditos cogumelos.

Derek esticou os braços atrás da cabeça, revelando duas marcas de suor. Andou pela sala, os braços ainda erguidos. Parecia um babuíno agressivo, pensou Nicholas. Depois ele espalmou as mãos na mesa.

— O que você tem marcado para esta tarde?

Nicholas abriu a agenda.

— Bem, tenho que dar alguns telefonemas, mas minha visita a Arbour Row foi adiada.

— É. Charlotte falou. Sabe de uma coisa, Nick? Você devia andar mais pela rua, descolar uns negócios.

— Não estou entendendo.

Derek estendeu a mão para trás e pegou uma pilha de papéis reluzentes.

— Vá distribuir folhetos hoje à tarde. Nas melhores ruas. Laurel Avenue, Arnold Road e perto da escola, por aquelas bandas. Mandei imprimir esses hoje de manhã. Vamos ver se conseguimos atrair alguns daqueles negócios para o nosso lado — disse ele, batendo os folhetos na mesa de Nicholas.

Pelo canto do olho, Nicholas viu que Paul estava ao telefone e exibia um sorriso afetado.

— Você quer que eu enfie folhetos por baixo das portas das pessoas?

— Bem, Paul e Gary estão muito ocupados. E você disse que não tinha nenhum compromisso.

Não faz sentido a gente pagar para um mané qualquer de um programa de treinamento de jovens fazer isso se ele provavelmente vai tacar metade dos folhetos no lixo e jogar sinuca. Não, Nick. — Deu um tapinha nas costas do homem mais velho. — Você é meticuloso. Posso contar com você para um trabalho bem-feito.

Voltou para a mesa, os braços novamente erguidos, como em sinal de triunfo.

— Além do mais, vai te fazer bem caminhar para perder uns quilinhos. Nunca se sabe, talvez você até me agradeça depois.

Não tivessem sido os folhetos, pensou Nick mais tarde, seria pouco provável que ele houvesse aceitado o convite de Mike Todd para jantar

naquele sábado. Sua vida social se reduzira praticamente a zero desde que Diana o abandonara, em parte porque recebia cada vez menos convites — ela sempre fora mais sociável —, mas principalmente porque não queria ter que explicar a nova situação para velhos conhecidos. Passara a reconhecer aquele olhar horrorizado de pena quando as pessoas percebiam o quanto ele fora rebaixado. No olhar das mulheres havia certa compaixão, uma olhadinha para as entradas mais acentuadas do cabelo; no dos homens, constrangimento, impaciência mal disfarçada para saírem de perto dele, como se o que havia acontecido com ele pudesse ser contagioso.

Quatro anos depois da quebra, ele sabia que parecia diferente. As pessoas se lembravam do terno Savile Row, do Audi topo de linha, do charme natural. Da resistência. Mas atualmente viam um homem de meia-idade, o cabelo grisalho graças ao estresse, já sem o bronzeado das viagens a Genebra ou às Maldivas, trabalhando como negociador numa agência imobiliária de quinta categoria numa área bem caída de Londres.

— Então você vai a esse jantar? — perguntou Charlotte, quando ele desligou o telefone. — Vai ser bom para você sair um pouco.

Havia chocolate na lateral do queixo dela. Ele decidiu não mencionar isso.

Portanto, ali estava ele, prestes a se meter naquilo de novo. No jantar não teria a menor chance de fugir de perguntas sobre sua vida, sem música ou filme em que ele fingisse estar absorto. No meio da rodovia M11, já se perguntava por que diabo aceitara ir.

Então se lembrou da tarde de quinta-feira que passara andando por ruas cheias de lixo, do barulho desolado de caixas de correio, o balanço desconfiado de cortinas de renda encardidas, dos latidos distantes de cães furiosos quando ele enfiava os panfletos. Da chuva que penetrava em seu terno de lã que um dia fora elegante. Da constatação desoladora de que, aos quarenta e nove anos, era nisso que sua vida se transformara: num horizonte contínuo e solitário de decepção e humilhação.

Mike era gente boa. Nunca fora bem-sucedido a ponto de fazer Nicholas se lembrar com desgosto do que havia perdido. E só havia encontrado Diana uma vez. Isso sempre ajudava.

Nicholas arranhava as marchas do velho Volkswagen, tentando não se lembrar do câmbio perfeito de seu antigo automático, e voltou com o carro para a pista do meio.

*

Tinha dado trabalho, dissera depois seu contador, quebrar de forma tão espetacular enquanto o

restante do mercado estava em ascensão. Seu complicado mercado de hipotecas, incorporações e imóveis para alugar desmoronara feito um castelo de cartas. Comprara uma casa afastada de oito quartos em Highgate, dando um sinal não reembolsável para garanti-la perante outros corretores que a andavam rondando. Mas a venda de sua casa reformada em Chelsea não aconteceu e ele foi forçado a pedir emprestado o sinal restante. Dois outros negócios tinham ido por água abaixo justamente quando ele teve que pagar o que faltava da casa de Highgate, e fora obrigado a pegar um empréstimo, dando como garantia dois imóveis de que era proprietário. Ainda se lembrava das noites que passara no escritório, fazendo e refazendo cálculos, armando um verdadeiro malabarismo com créditos hipotecários contra empréstimos bancários. Tudo começara a implodir, o capital se perdia com os custos crescentes dos juros. E, com uma rapidez incrível, o que parecera uma fortaleza impenetrável de lucros imobiliários virara entulho financeiro.

Custara-lhes a própria casa. Diana acabara de decorar o quarto dos filhos que eles não tiveram.

Ele se lembrava de como ela erguera a cabeça loura enquanto ele explicava a seriedade dos problemas, e sua bela voz lapidada dizendo:

— Eu não me casei para isso, Nicholas. Não me casei para ir à falência.

Se tivesse escutado com atenção, já naquela época teria notado o tom de despedida em sua voz.

Ele tinha se saído muito bem, considerando tudo. Evitara a falência por um triz, e, quatro anos depois, finalmente pagara a última das grandes dívidas. Em alguns dias, podia dizer a si mesmo que estava se reerguendo. Fora uma surpresa receber um extrato bancário com uma coluna azul à direita em vez de vermelha. Mas perdera os adereços da riqueza: as casas, os carros, o estilo de vida. O respeito. Perdera Diana. No entanto, as pessoas se recuperavam de coisa pior. Dizia isso a si mesmo a todo momento.

O trânsito diminuíra, sinalizando a mudança da periferia para a verdadeira zona rural.

Nicholas aumentou o volume do rádio, ignorando a interferência causada pela antena quebrada.

Estava perto o suficiente para o nome do vilarejo aparecer nas placas de sinalização. Fazia anos que não ia à casa de Mike Todd. Lembrava-se de ter passado um fim de semana numa casa ampla e clara, de um pequeno proprietário rural, dissera Mike com orgulho. Pés-direitos mais altos. Isso não havia impedido que Nicholas batesse várias vezes com a testa.

Acabara de passar pela primeira placa para Little Barton quando o mal-estar se intensificou.

Precisava encontrar um posto de gasolina, mas estava num lugar ermo e não sabia se haveria ao menos um pub. Dirigiu mais três quilômetros e se deu conta de que não aguentava mais. Virou à esquerda numa estrada de mão única. Se não podia usar um banheiro decente, pelo menos encontrara privacidade.

Arrependeu-se dessa decisão quase no mesmo instante. Não podia correr o risco de parar se aparecesse alguém e não havia espaço para passagem. Foi obrigado a continuar, aos solavancos pelos buracos, até finalmente encontrar um local para encostar, no meio do bosque. Desceu do carro, deixando o motor ligado.

Não havia nada como se aliviar após uma espera interminável. Nicholas se afastou do tronco da árvore e verificou se não havia molhado os sapatos, depois voltou para o carro. Teria que continuar por aquele caminho, pois não era possível fazer o retorno. Xingou e seguiu em frente, tentando proteger a suspensão do carro das piores lombadas, dizendo a si mesmo que tinha de estar chegando ao fim. Todos os caminhos deviam dar em algum lugar.

O carro fez um rangido sinistro quando o chassi bateu num buraco. Da próxima vez, disse a si mesmo, vou esquecer as boas maneiras e imitar esses motoristas sem educação que fazem o que lhes dá na telha.

— Mijo no acostamento — disse, em voz alta, depois se perguntou se isso seria sinal de uma nova libertação ou se simplesmente teria ultrapassado os limites e começado a falar sozinho.

O caminho bifurcou, virando para a esquerda, e ele conseguiu ver os contornos de uma cocheira de fachada branca. Então, quando o carro deu uma guinada para a direita, entreviu pelas árvores dois conjuntos desalinhados de parapeitos e uma fachada de pedra e tijolos vermelhos curiosamente imponente. Pisou no freio, reduzindo a marcha, e passou

alguns instantes olhando não apenas para a casa, que tinha defeitos de arquitetura, como ele logo percebeu. Talvez alguma extravagância do final do século XIX, um exemplo mal concebido de grandiosidade que rapidamente havia sido destinado a uma lixeira da arquitetura. Mas o cenário! Ladeada de bosques, a casa tinha vista para a água. O gramado tomado pelo mato e as cercas vivas malcuidadas não conseguiam esconder o que devia ter sido a vista fascinante da paisagem, a imponência de seu cenário clássico.

O lago era sinistramente calmo, refletindo as nuvens cinzentas, as curvas suaves de suas praias oferecendo uma estreita margem verde à beira da mata. Uma linda floresta antiga de carvalhos e pinheiros, as copas das árvores tocando o horizonte do vale ao longe, as cores se esmaecendo numa bruma impressionista. Conseguia ser ao mesmo tempo imponente e intimista, selvagem mas com um toque de formalidade, afastada o bastante da estrada para oferecer isolamento completo, no entanto com um acesso decente para o carro…

Desligou o motor e desceu do veículo, ouvindo as asas dos gansos-do-canadá batendo ao longe, o sussurro do vento nas árvores. Era o cenário mais espetacular que via em anos. E a casa estava

intocada havia décadas. Era improvável que fosse tombada, pensou. Não havia simetria nem referências claras a um passado histórico. Era uma confusão de estilos, uma cópia anglo-moura, cuja idade era revelada apenas pelo seu visível estado deteriorado. Não se via mais aquele tipo de construção. Estava praticamente intocada, mas cheia de potencial.

Ele se aproximou mais um pouco, esquecendo o carro, meio que esperando o latido zangado de um cão ou o grito de um morador indignado. Mas a casa estava deserta, e sua chegada passou despercebida, a não ser pelos pardais e pelas gralhas. Como não havia nenhum carro no caminho que sugerisse um morador, ele espiou por uma janela. A falta de mobília sugeria uma longa ausência. Só os campos mostravam sinais de atividade humana. Haviam sido cuidadosamente semeados, e as sebes estavam aparadas com capricho.

Depois não soube o que o levara a fazer o que fez. Nos últimos anos, havia sido cauteloso, avesso a correr riscos. Mas testou a porta e, quando ela abriu no mesmo instante, Nicholas Trent não obedeceu às regras do bom senso. Nem sequer chamou por alguém. Entrou no hall. As luminárias eram típicas dos anos 1930, a escrivaninha, que podia ser vista através da porta, era de uma década depois. Entrou no que devia ter sido uma sala, que fora habitada recentemente — havia uma poltrona Ikea —, mas, no geral, a impressão foi de abandono. As dimensões agradáveis dos cômodos eram prejudicadas por buracos no reboco, por falhas no rodapé, pelo onipresente cheiro de mofo. Os pés-direitos altos eram marcados por manchas sépia que se espalhavam pelas superfícies outrora brancas. Nas janelas, faltavam vidros e os caixilhos estavam podres. Por onde começar?, perguntou-se Nicholas, e quase riu de como a pergunta era ridícula. Afinal, não existiam mais casas como aquela. Haviam sido demolidas ou transformadas há anos por especuladores feito ele. Subiu a escada em silêncio e se aproximou de uma porta aberta, que levava ao amplo quarto principal voltado para o lago e com uma grande bay window cuja vista parecia abarcar toda a propriedade. Chegou ainda mais perto e suspirou profunda e lentamente de prazer. E tentou ignorar o discreto cheiro de cigarro.

Nicholas Trent não era um homem sonhador, perdera qualquer inclinação para a melancolia quando perdera a esposa. Mas, naquele momento, contemplando o lago e a floresta, ouvindo o silêncio inesperado

da casa, não conseguia deixar de pensar que fora enviado ali por alguma razão.

Então viu a mala, as roupas transbordando de maneira caótica. Um livro e uma escova de cabelo. Havia alguém morando ali. Aqueles pequenos objetos domésticos quebraram o encanto.

Estou no quarto de alguém, pensou. Sentindo-se um intruso de repente, Nicholas deu meia-volta e saiu depressa do quarto, desceu a escada correndo e, em segundos, saíra da casa. Não se virou até chegar ao carro, e, então, parou por um instante, observando-a de longe e tentou memorizá-la.

Afinal, Nicholas Trent não vira uma casa meio abandonada. Vira o projeto de um condomínio de doze casas de cinco quartos, de qualidade excepcional, discretamente posicionadas à beira do lago. Vira um prédio residencial de design moderno, vencedor de prêmios, um retiro campestre para a classe média, comercializado na Country Life. Pela primeira vez em cinco anos, Nicholas Trent vira seu futuro.

*

— Conte sobre a Casa Espanhola.

Fora difícil parecer casual, mas ele não tinha opção. Provavelmente não havia ninguém mais a par da situação daquela casa do que Mike Todd: ele vendera imóveis na região de Barton por quase trinta anos.

Mike lhe entregou um copo de conhaque. Estavam sentados diante da lareira com as pernas esticadas. A esposa de Mike, que tinha uma complacência fora do comum e insistiu para que os “rapazes” relaxassem enquanto ela dava um jeito na cozinha, desaparecera. Nicholas não conseguira mais se conter.

Mike olhou para ele com curiosidade.

— A Casa Espanhola, é? O que quer com ela?

— Virei no lugar errado hoje à tarde e fui parar naquele caminho horroroso. Queria saber quem era o dono. É uma casa estranha.

— Uma ofensa aos olhos, você quer dizer. Está caindo aos pedaços.

Mike deu um grande gole no conhaque, depois girou o copo.

Ele fingia entender de bebidas, e passara grande parte da refeição elogiando os vinhos que, para Nicholas, não eram nada extraordinários. Nicholas temia que ele começasse a lhe dar uma aula sobre conhaque. Tinha esquecido que às vezes Mike era meio chato.

— É tombada?

— Aquela ruína? Não. Escapou quando tombaram todo o restante por aqui, porque fica no meio do mato. Mas muito pouco foi feito nela em vários anos. — Ele aspirou os eflúvios do conhaque. — Aliás, aquela casa tem uma história interessante. Pertenceu aos Pottisworth desde sabe lá Deus quando. Eram uma família importante por aqui, porém se interessava mais pelo que era feito fora de casa do que dentro… Eles caçavam e pescavam. E, em cinquenta anos, o velho Samuel Pottisworth não fez nenhuma modificação na casa. Ele a tinha prometido a Matt McCarthy, um velho amigo meu, que por anos cuidou com a esposa do velhote. Mas a casa ficou para a única parente viva dele. Uma viúva, parece.

— Aposentada?

Se fosse idosa, pensou Nicholas, esperançoso, talvez não quisesse os aborrecimentos de uma casa como aquela.

— Ah, não. Tem uns trinta anos, acho. Com dois filhos. Faz uns dois meses que se mudaram para lá.

— Tem gente morando lá?

Mike riu.

— Sabe Deus como… A casa está caindo aos pedaços. Mas foi um baque para Matt. Acho que ele queria reformá-la para si mesmo. O pai dele trabalhou lá por anos. Havia uma rixa entre a família dele e os Pottisworth. Acho que era um jeito de acertar as contas. Sabe, uma coisa entre patrões e empregados.

— Então… o que ela está planejando fazer com a casa?

— Vai saber? Ela não faz muito o estilo de cidadezinha do interior. Ouvi dizer que é meio…

— baixou o tom de voz, como se alguém pudesse ouvi-lo: — … excêntrica. Musical. Você conhece o tipo.

Nicholas assentiu, embora não conhecesse.

— E vem de Londres também… Isso é que é prova de fogo.

Mike ergueu o copo contra a luz. Pareceu satisfeito com o que viu.

— Sim, aquela casa é a definição de um saco sem fundo. Se investir cem mil lá nem vai dar para notar. Mesmo assim, o coitado do Matt ficou extremamente decepcionado quando a casa ficou para outra pessoa. Não é bom se envolver muito com uma propriedade. Ele cometeu o erro de levar isso para o lado pessoal. Eu disse a ele, conselho de corretor imobiliário:

“Sempre há outro imóvel.” Você sabe disso melhor que ninguém, não é, Nicholas? Aliás, como está o mercado em Londres?

— Você está certíssimo. Sempre há outro imóvel — repetiu Nicholas, envolvendo o copo com suas mãos elegantes.

Mas não parava de pensar na Casa Espanhola.

8

Era enjoativa a mistura de oito perfumes diferentes em sua sala de estar com aquecimento central. Laura abriu uma fresta da janela, embora o clima do lado de fora ainda estivesse longe do primaveril. À sua volta, outras sete mulheres estavam sentadas ou empoleiradas em cadeiras, algumas sentadas em cima dos próprios pés só com meias, outras equilibrando xícaras de café no colo.

— Não acredito que ela era a única que não sabia. Praticamente todo mundo no jardim de infância sabia.

— Ele era pouco discreto, não era? Geraldine o viu aos beijos com ela no estacionamento dos funcionários. É uma escola religiosa… e ela não era um bom exemplo do sexto mandamento. — O pescoço anguloso de Annette Timothy se esticou quando ela esganiçou a voz.

— Acho que você está se referindo ao sétimo. — Michelle Jones sempre gostava de provocar um pouco. — O sexto é não matar.

— Se o diretor de uma escola religiosa não pode dar o exemplo, não sei quem pode — prosseguiu Annette. — Enfim, só Deus sabe o que vai acontecer com a coitada da Bridget. Ela está acabada. Mas, francamente, se ela passasse um batonzinho de vez em quando, talvez ele não tivesse saído da linha.

— Ela engordou muito depois da última gravidez.

Laura ignorou o comentário. Um profundo senso moral — e talvez um pequeno interesse em si mesma — significava que ela raramente participava dessas conversas, ou das fofocas sobre os escândalos locais que se passava por uma simples conversa em Barton. Percorreu os olhos treinados por sua sala impecável, sentindo-se, como sempre, satisfeita com a arrumação do local.

As peônias estavam lindas no vaso chinês, que viera da biblioteca da casa de seus pais, onde ela ainda o visualizava, no console da lareira. Decidira não usar lírios: seu perfume teria sido exagerado.

Matt nunca notava essas coisas, só quando ela falhava em algo: seus momentos de insurreição, como ela chamava secretamente. Quando ele chegava tarde em casa por três vezes seguidas, ela tomava providências para que ele não tivesse meias limpas. Ou não gravava o programa de

televisão preferido dele. O suficiente para fazê-lo balançar a cabeça ao sair de casa no dia seguinte, resmungando que não sabia onde o mundo ia parar. É assim que seria se você não tivesse a mim, pensava ela. O mundo do jeito que você o conhece e gosta desmoronaria.

— A que horas você disse para ela vir, Laura?

Laura se esforçou para voltar a atenção àquela sala. Notou que Hazel estava quase acabando o café e se levantou para fazer mais.

— Entre dez e dez e meia.

— Já são quase onze — reclamou Annette.

— Talvez ela tenha se perdido. — Michelle riu.

— Estando logo ali do outro lado? Acho que não. — Annette deixou que seu tom de voz refletisse exatamente o que estava pensando. — Não é muito educado, é?

De qualquer maneira, Laura não tinha certeza se ela viria.

"Um café da manhã?", indagara Isabel Delancey, quando Laura apareceu à sua porta dois dias antes.

"Só com algumas vizinhas. Muitas delas têm filhos. É nosso jeito de lhe dar as boas-vindas."

Fora estranho ver outra pessoa na casa do Sr. Pottisworth, na casa deles, mas Laura não conseguira tirar os olhos do robe da mulher. Eram quase nove e meia da manhã de um dia de semana e a Sra. Delancey usava um robe masculino de seda amarela, o cabelo desgrenhado como se não visse uma escova havia semanas. Era possível que andasse chorando, ou talvez com os olhos inchados de dormir.

"Obrigada", dissera, depois de um minuto. "É… muita gentileza. O que devo fazer?"

Atrás dela, Laura viu um varal com roupas molhadas e amarrotadas. Todas as peças estavam rosadas, como se tivessem sido contaminadas por uma meia vermelha que caíra.

"Fazer?"

"No café da manhã? Quer que eu toque?"

Laura piscou.

"Tocar? Não, basta aparecer. É tudo muito descontraído, muito informal. É uma maneira de nos apresentarmos. Afinal, vivemos bastante isoladas aqui."

A mulher olhou para as dependências externas quase em ruínas ao lado da casa, para o lago vazio, e Laura de repente desconfiou de que era

daquele jeito que ela gostava das coisas.

"Obrigada", dissera, por fim. "É muito gentil da sua parte se lembrar de mim."

Laura não quisera convidá-la. Por mais que escondesse seus sentimentos de Matt — achava que não fazia sentido chorar por algo que não dava para mudar —, antipatizava com a nova proprietária quase tanto quanto ele. A situação piorara por a mulher ser de Londres e aparentemente não ter nenhum conhecimento sobre a região ou a propriedade nem o menor interesse por elas. Mas de repente Matt começara a achar interessante que as duas mulheres se tornassem amigas.

"Chame-a para sair um pouco de casa. Aproxime-se dela", insistia.

"Mas talvez a gente nem se goste. Os Primos dizem que ela é um pouco… diferente."

"Ela parece gente boa. Tem filhos. Vocês têm isso em comum. Cadê a noblesse oblige?"

"Não estou entendendo, Matt", protestara ela. "Até semana passada, você era completamente contra ela e agora quer que sejamos melhores amigas."

"Confie em mim, Laura", dissera ele. Quando o marido sorriu, ela notou seu olhar maroto.

"Vai dar tudo certo."

"Confie em mim", pensou ela, tornando a encher o filtro de café. Quantas vezes tinha escutado aquilo?

— Acha que ela faz alguma ideia do que está assumindo? Michelle, passe um desses biscoitos gostosos. Não, os de chocolate. Obrigada.

— O estado da casa é deplorável. Bem, Laura deve saber… Laura, você disse que o estado da casa era deplorável, não é?

— Disse — respondeu Laura, deixando uma bandeja na mesa de centro e pegando uma xícara vazia.

— Nem sei bem o que você faria com ela. É uma casa esquisitíssima. E muito isolada, lá no meio da floresta. Pelo menos, da sua quase dá para ver a estrada, Laura.

— Quem sabe ela tem dinheiro. Acho que a vantagem de assumir uma coisa daquelas é não ter quase nada que valha a pena salvar. A pessoa pode até enlouquecer. Construir um anexo envidraçado ou algo assim.

— Primeiro, eu derrubaria as dependências externas. Afinal, estão quase desmoronando. Não é seguro, ainda mais com criança.

Laura sabia o que vinha pela frente antes de Polly Keyes falar: — Você não se importa, Laura? Depois de todo o trabalho que teve com o velho, e não ficou com a casa. É muita generosidade convidá-la para vir aqui.

Ela já se preparara para isso.

— Ah, não! — mentiu. — Nunca fui muito fã daquela casa. Era Matt quem tinha grandes ideias. Vocês sabem como ele é com os projetos que põe na cabeça. Ele via aquilo como uma tela em branco. Alguém quer açúcar?

Annette colocou a xícara no pires.

— Você é uma boa pessoa. Quando perdi o presbitério, passei uma semana me lamentando.

Eu conhecia cada centímetro daquela casa. Passei anos esperando por ela. Foi a leilão com propostas confidenciais, e os agentes nos disseram que os antigos proprietários deram preferência aos Durford, por mais que nossa oferta tenha sido melhor. O que podíamos fazer? Claro, estamos muito felizes nessa nossa casa agora. Principalmente depois que a ampliação foi concluída.

Polly fungou.

— Acho que o Sr. Pottisworth foi muito mesquinho ao não lhe deixar nada. Você foi muito boa para ele.

Laura queria que mudassem de assunto.

— Ah, ele nos deixou algumas coisas, alguns móveis. Há séculos disse que eram para nós.

Ainda estão na garagem. Acho que Matt quer dedetizá-los antes de fazer alguma coisa com eles.

Pensou na velha escrivaninha furreca, já diplomaticamente tapada com um cobertor. Matt não a queria e ela a achava feia, mas ele dissera que não tinha a menor intenção de deixar aquela mulher ficar com nada a que não tivesse direito.

— Matt vai lá mais tarde ajudá-la a avaliar o que precisa ser feito. Afinal, ele conhece a casa melhor que ninguém.

— Bem, vocês dois são muito generosos em ajudá-la nessas circunstâncias. Ah… Ah, shiu! Foi a campainha? — perguntou Polly, animada.

— Tentem não falar demais sobre os maridos de vocês, meninas. Os Primos disseram que ela ficou viúva há pouco tempo… — disse Annette.

Depois teve uma ideia. — Você podia falar do seu, Nancy. Nunca fala bem dele.

*

Isabel Delancey entrou na sala superaquecida e sentiu o peso de oito pares de olhos fixos nela.

Pelos olhares, percebeu que sabiam que ela era viúva, achavam suas roupas extravagantes e reprovavam seu atraso. Ficou impressionada que uma pessoa pudesse se sentir julgada numa fração de segundo de silêncio. Então olhou para os próprios pés. Suas botas de camurça vermelho-escuras estavam cobertas por uma crosta de lama.

— Ah! — exclamou, vendo as pegadas que deixou. — Desculpem.

Abaixou-se e estava prestes a tirá-las, mas um coro de vozes sobreveio: — Ah, por favor, não se preocupe.

— É para isso que servem os aspiradores de pó.

— Devia ver o que meus filhos trazem grudado nos pés.

Convencida a não tirar as botas, embora a maioria das mulheres estivesse descalça, Isabel foi conduzida a um assento vazio e convidada a se sentar. Deu um sorriso tímido, já sabendo que a visita havia sido um erro e desejando ter dado a desculpa de um compromisso anterior.

— Café? — Laura McCarthy sorria.

— Obrigada — disse ela, baixinho. — Puro, por favor. Sem açúcar.

— Estávamos nos perguntando se você ia aparecer — começou uma mulher alta, prematuramente grisalha e de pescoço comprido. Soou um pouco como uma acusação.

— Eu estava praticando. Infelizmente, às vezes perco a noção do tempo. Desculpem — disse a Laura.

— Praticando? — perguntou a mulher de pescoço comprido, se inclinando para a frente.

— Violino.

— Que lindo. Minha Sarah está adorando aprender a tocar violino. A professora dela diz que devíamos pensar em inscrevê-la para prestar prova para a orquestra. Já está aprendendo há muito tempo, Sra. Delancey?

— Na verdade… eu toco profissionalmente.

— Ah! Que maravilha! — exclamou uma mulher mais baixa. — Deborah está louca para fazer aulas. Quem sabe você podia me dar seu

telefone.

— Não dou aulas. Eu tocava na Orquestra Sinfônica Municipal.

A ideia de que ela pudesse ter uma vida profissional pareceu deixar as mulheres perplexas.

— E tem filhos?

— Dois. — Nossa, como estava quente ali. — Um menino e uma menina.

— E o seu marido?

Duas mulheres olharam furiosas para a que fizera a pergunta.

— Morreu ano passado. Num acidente de carro.

— Sinto muito — disse a mulher. — Que horror.

Murmúrios de comiseração percorreram toda a sala.

— Você é muito corajosa, recomeçando a vida aqui.

— É uma ótima região para crianças — disse uma delas de modo tranquilizador. — A escola é muito boa.

— E o que elas estão achando da mudança? É uma casa tão grande que dá para se perder lá dentro, com tantas obras para fazer… e sem…

Era nesse momento que esperavam que ela desabasse. Se confessasse o estado de horror e deterioração da casa, a infelicidade de seus filhos, o fato de ser perseguida não só pela ausência do marido, como também pela precipitação de seus atos, aqueles olhares frios talvez se suavizassem.

As mulheres se solidarizariam com ela e a tranquilizariam. Mas algo em Isabel não a deixava fazer isso.

— Estão ótimas — respondeu ela. — Estão se adaptando bem. — Seu tom indicava que este não era um assunto em que quisesse se estender.

Houve um breve silêncio.

— Sim — disse a mulher grisalha. — Ótimo. Enfim, seja bem-vinda ao vilarejo.

Quando levou a xícara aos lábios, Isabel notou algo estranho na expressão de Laura McCarthy, que logo desapareceu, e ela retribuiu o sorriso de Isabel com um maior ainda.

*

Byron Firth levantou o revestimento de metal com as mãos e baixou-o com força na madeira da

cerca, e o impacto reverberou por seu corpo enquanto a madeira fincava no local. Ela já fizera isso com vinte e duas até o momento,

apontando-as para o arame que demarcaria o limite da propriedade de Matt McCarthy. Uma máquina poderia ter fincado as estacas em um décimo do tempo, mas Matt relutou em alugar um equipamento. Pagava um salário semanal a Byron, e não via sentido em gastar mais. Byron continuaria até que o serviço fosse concluído. Mas na terra dura ainda era possível sentir o frio do inverno, e Byron sabia que seus ombros estariam cheios de nós e doloridos aquela noite e que, tendo o namorado da irmã como hóspede fixo da casa, era pouco provável que ele conseguisse tomar banho de banheira.

Ela lhe dissera que iria embora em quatro semanas. Ia se mudar com Lily para a casa de Jason, do outro lado do vilarejo.

— Você sabia que não podíamos ficar aqui para sempre — disse ela, em tom de desculpas. — Principalmente por causa dos pulmões de Lily e dessas paredes com umidade. Pelo menos você está trabalhando de novo. Vai arranjar outra casa para alugar.

— Não se preocupe, vou ficar bem — falou ele.

O que não disse era que o aluguel de todas as casas que vira até o momento era mais que o dobro do que Matt lhe pagava. No único apartamento que podia arcar, não aceitavam cães, e Meg daria cria a qualquer momento. O homem do departamento de moradia quase rira quando ele tentara se cadastrar. Aparentemente, o programa funcionava segundo um sistema de pontos e, como ele era um homem fisicamente capacitado, solteiro, que não recebia o benefício de auxílios sociais, seria mais útil se folheasse a seção de imóveis da Country Life.

— Eu te convidaria para vir com a gente. Mas acho que Jason quer que a gente comece sozinhos…

— Não se preocupe, Jan. Ele tem razão. Vocês devem tentar ser uma família. — Passou o braço em volta dos ombros da irmã. Não gostava de pensar em como sentiria falta da sobrinha, no caos provisório da vida deles juntos. — Vai ser bom para Lily ter um pai por perto.

— E agora você está bem… não está? Agora que tudo… Bem, que você pode começar do zero.

Ele suspirou.

— Tudo bem. Posso me cuidar.

— Sei que pode. Mas acho que me sinto… responsável.

— Você nunca foi responsável.

Olhou nos olhos dela, mas nenhum dos dois disse o que pairava entre eles.

— Bem, vá almoçar com a gente aos domingos. Vou fazer um assado decente toda semana.

Está bem?

Pá! Baixou o cilindro de metal de novo, fincando a estaca na terra, semicerrando os olhos por causa do sol. Tinha pensado em se mudar para uma nova região, algum lugar onde os aluguéis não estivessem subindo tanto. Mas os anúncios nos classificados das revistas de agricultura queriam capatazes qualificados, que fossem formados em agronomia. Ele não tinha a menor chance contra pessoas assim, especialmente com seu passado. Além disso, entendia de terra e ainda tinha alguns contatos. E trabalhar para Matt McCarthy era melhor do que nada.

Byron ergueu o cilindro de metal e, quando se preparava para batê-lo na estaca, viu pelo canto do olho um movimento à sua direita. Havia um garoto parado ao lado da cerca viva. Aquilo o distraiu, e, entre o cilindro e a estaca, ele acertou o polegar. Com a dor que sentiu, soltou um palavrão. Os cachorros se assustaram, ganindo, e quando Byron, enfiando dolorosamente o polegar entre os joelhos, ergueu os olhos, o garoto tinha desaparecido.

*

Normalmente Isabel andava com a cabeça erguida, a postura quase exageradamente empertigada

era seu jeito de compensar os anos curvando o pescoço sobre o violino. Mas naquele dia caminhava de volta para casa com a cabeça baixa em meio à vegetação cheia de musgo na trilha do bosque. O que dera nela para ir a um evento daqueles? Por que fingira que ela e aquelas mulheres podiam ter alguma coisa a dizer umas às outras? Passara o restante da manhã numa conversa angustiantemente forçada. Laura fizera mais perguntas sobre os filhos de Isabel, mas quando ela confessou que sentia falta da babá deles, e, depois, que não sabia cozinhar e que não tinha nenhuma aptidão doméstica, elas pareceram decepcionadas. E Isabel, em vez de ficar retraída e calada, sentira-se cada vez mais revoltada. Comentou, sem muito tato, que achava que cuidar da casa era uma ocupação insatisfatória, e notou que as mulheres ficaram boquiabertas, como se tivesse dito que seu prato preferido era carne humana.

— Ah, bem — disse uma das mulheres, segurando seu braço —, pelo menos agora que parou de trabalhar você vai realmente poder conhecer seus filhos.

Isabel abriu a porta que se esquecera de trancar. Subiu correndo a escada e pegou o violino.

Depois voltou para a cozinha, o único lugar que conservava algum calor, e abriu um livro de música. Com os olhos fixos nas notas à sua frente, começou a tocar. Os acordes eram ásperos e furiosos, o arco arranhava as cordas com deselegância. Esqueceu-se da cozinha úmida, da roupa pendurada para secar, da louça suja do café da manhã. Esqueceu-se das mulheres do outro lado da trilha e de sua antipatia mal disfarçada, da expressão inescrutável de Laura McCarthy.

Concentrou-se apenas na música, até se perder nela, estendendo as notas até seu corpo se acalmar.

Finalmente, várias páginas depois, Isabel relaxou.

Depois de não se sabe quanto tempo, parou. Ajeitou os ombros e virou o pescoço primeiro para a esquerda e depois para a direita, alongando os tendões, suspirando fundo. Quando alguém atrás dela a aplaudiu, Isabel se sobressaltou e se virou.

Matt McCarthy se aproximou.

— Desculpe — disse ele. — Você deixou a porta aberta e eu não quis interrompê-la.

Isabel se sentiu exposta, como se tivesse sido flagrada fazendo algo que não devia. Levou a mão livre ao pescoço.

— Sr. McCarthy.

— Matt. — Ele assentiu em direção ao instrumento. — Você realmente se concentra nele, não?

Ela o colocou com cuidado numa cadeira.

— É só… o que eu faço da vida — respondeu ela.

— Já tenho os números que pediu. Pensei que podíamos dar uma olhada neles, se tiver cinco minutos.

Ainda estava frio lá fora, e gélido o bastante lá dentro para Isabel não ter tirado o casaco, mas Matt McCarthy usava só uma camiseta de algodão cinza. Tudo no porte dele sugeria que era imune à temperatura. O contorno firme de seu tronco a fez se lembrar de Laurent e, por um momento, ficou desorientada.

— Vou fazer um chá.

— Sua geladeira ainda não está funcionando?

Ele puxou uma cadeira da mesa da cozinha e indicou com a cabeça o eletrodoméstico, que continuava desligado e ocioso no canto da cozinha.

— Não tem nenhuma tomada.

Ela levantou a janela de guilhotina e pegou uma das garrafas de leite que estavam no peitoril.

— É. Acho que essa cozinha não passa por uma reforma desde os anos 1930.

Enquanto ela preparava o chá, Matt sacou um bloco de anotações e uma calculadora, cantarolando baixinho ao conferir uma série de números com o toco de um lápis. Quando ela se sentou, ele empurrou o bloco em sua direção.

— Muito bem… Essas, a meu ver, são as obras iniciais. Você tem que consertar o telhado. Está precisando muito de uma revisão completa, mas, até lá, a casa deve ser impermeabilizada. Com o material, a reforma vai custar em torno de… — Deu um tapinha no bloco. — Na parte interna, fica um pouco mais complicado. Vai precisar de um sistema de impermeabilização. Temos que erguer o piso das salas de estar e de jantar porque podem ter apodrecido por baixo. É preciso trocar pelo menos oito janelas e arrancar as partes podres das que restaram para consertá-las. E ainda tem a parte elétrica. Por segurança, é bom trocar toda a fiação.

Isabel ficou olhando para os números.

— Também tem alguns problemas estruturais. Os fundos da casa podem ceder um pouco.

Nesse caso, vai ser preciso escorar, embora a gente possa retirar algumas árvores de perto da parede dos fundos e deixar assim por alguns meses para ver se resolve. Isso custaria… — Ele respirou fundo. Então sorriu de um jeito tranquilizador. — Quer saber, não vamos falar disso por enquanto.

A voz de Matt começara a soar distante. Aquilo não podia estar certo. Isabel torcia para que as casas decimais mudassem de lugar.

— Não há nada aqui sobre a água quente e o aquecimento central. Precisamos de uma banheira que funcione.

Matt se recostou na cadeira.

— Ah, sim, o sistema de água quente. A pièce de résistance. Provavelmente você já deduziu que todo o encanamento precisa ser removido. O fogão não tem potência suficiente para dar conta do

aquecimento e da água quente durante muito tempo. Precisa de um boiler novo, radiadores, e metade do encanamento está destruído. Infelizmente, é uma obra grande numa casa como essa.

Não é uma coisa que se possa fazer pela metade.

Isabel sentia a cabeça rodar. Só o sistema de água quente consumiria quase todo o dinheiro que tinha economizado com a venda de Maida Vale.

— Olhe, peça outros orçamentos se quiser — disse Matt, aparentemente percebendo a preocupação dela. — É melhor comparar preços e, por mim, tudo bem. Tenho outras obras para tocar. — Ele passou as mãos no cabelo. — Mas acho que não vai conseguir muito mais barato do que isso.

— Não — disse ela, numa voz fraca. — De qualquer maneira, eu não saberia onde encontrar outras pessoas para fazer isso. Então… vamos fazer o que é mais urgente e nos preocupar com o restante depois. Podemos viver mais um pouco sem um boiler decente.

Matt meio que sorriu.

— Sra. Delancey, todas estas obras são urgentes. Nem comecei a falar sobre o reboco das paredes, a troca das madeiras, os forros novos, a pintura… — Balançou a cabeça. — Não há sequer um cômodo na casa que não precise de uma reforma completa.

Ficaram em silêncio por alguns minutos, enquanto Isabel tentava entender os números.

— É um pouco chocante, não é? — comentou Matt, por fim.

Isabel expirou lentamente.

— Meu marido sempre cuidava dessas coisas — disse, baixinho.

Imaginou Laurent ao seu lado, analisando o orçamento, questionando. Ele saberia como lidar com essa situação.

— Seria um projeto grandioso mesmo se ele estivesse aqui — explicou Matt. — Já perdi a conta de quantos serviços como esse eu fiz. Quando se compra uma casa tão abandonada, as obras nunca acabam. Sempre digo que é como pintar a ponte do Forth.

Isabel fechou os olhos e tornou a abri-los. De vez em quando tinha a sensação de ter aterrissado na vida de outra pessoa.

— E preciso avisar que o estado dessa casa não poderia ser pior. Você tem que pensar seriamente sobre quanto está disposta a investir nela. — Ele estava semicerrado os olhos, como se dissesse algo que achasse doloroso. — Quer dizer, não sei qual é a sua situação financeira —

continuou —, mas você devia pensar também na energia que está disposta a dedicar a essa casa.

Posso tirar boa parte do peso de seus ombros, mas mesmo assim você ainda vai precisar se envolver bastante. E se não for uma pessoa prática…

Isabel pensou que podia ir embora. Podia colocar a Casa Espanhola à venda, e eles sairiam dali. Seria tão ruim assim morar num apartamentinho em Londres? Teria importância se não tivessem como morar numa casa tão bacana como a de antigamente?

As copas das árvores balançavam suavemente no ar cinzento. Ela teve uma imagem súbita de Thierry andando cheio de cautela pelo jardim, sacudindo uma vara na mão. O violino estava na cadeira ao seu lado, reluzente e caro naquela cozinha triste, o único elo com sua vida antiga.

— Não — disse ela. — Não posso forçar meus filhos a se mudarem de novo. Eles já passaram por muitos transtornos. Precisamos fazer isso dar certo.

Matt deu de ombros.

O tom de voz de Isabel ficou mais determinado.

— Vamos fazer a maior parte das coisas urgentes. A casa sobreviveu até agora… não vai cair na nossa cabeça, vai?

Ela abriu um sorriso.

O semblante dele estava tão inexpressivo que era difícil dizer no que estava pensando.

— Você é quem sabe — disse, batendo a caneta na mesa. — Vou reduzir os custos onde conseguir.

*

Matt passou mais vinte minutos percorrendo a casa de trena em punho, fazendo anotações. Isabel

tentou continuar praticando na cozinha, mas a presença dele impedia que ela se concentrasse. O

ruído de seus passos e de seu assobio lhe causava uma estranha inibição, fazendo-a tocar de modo hesitante e errático. Por fim, foi para o andar de cima e o encontrou olhando pela chaminé da sala de jantar.

— Vou ter que pegar uma escada para dar uma olhada nisso — disse ele. — Acho que um dos respiradouros pode ter desmoronado. Mas, tudo bem — acrescentou —, não é muito trabalhoso.

Podemos arrematar tudo. Não vou cobrar por isso.

— É muito gentil da sua parte. Obrigada! — exclamou Isabel.

— Certo — disse ele. — É melhor eu ir comprar alguns materiais. — Assentiu, indicando a janela. — Como foi lá em casa hoje de manhã?

Isabel tinha esquecido que Laura era a esposa de Matt.

— Ah… — respondeu, retorcendo as mãos às costas. — Ah… Laura foi muito simpática de me convidar.

Percebeu, tarde demais, que não tinha conferido o menor entusiasmo à voz.

— Julgamento por donas de casa, não é?

Isabel corou.

— Acho… que eu não era o que elas estavam esperando.

— Não se incomode com isso. Elas não têm nada melhor para fazer do que falar dos estofados e das cortinas umas das outras. Bando de enxeridas. Eu falo que Laura passa muito tempo com elas. — Ele tinha chegado à porta. — Não se preocupe com nada disso. Volto amanhã logo cedo.

Se puder tirar as coisas da sala de jantar, começaremos pelo piso de lá. Veremos o que tem embaixo.

— Obrigada — disse Isabel.

Sentia uma gratidão imensurável. A princípio, achara a presença dele um pouco irritante. Mas depois sua companhia passara a tranquilizá-la.

— Imagina! — disse ele, batendo continência ao descer os degraus. — Para que servem os vizinhos?

*

Não havia lugar mais solitário no mundo do que uma cama de casal vazia. O luar entrava de

soslaio pela janela e refletia no teto enquanto Isabel ouvia o trepidar pacato das vidraças nos caixilhos e as vozes de criaturas selvagens ao longe. Não a assustavam mais, apesar de também não amenizarem aquela sensação de ser a única pessoa acordada no mundo inteiro.

Mais cedo naquela noite, quando fora se deitar, escutara um choro. Levantara-se de novo, vestira o robe e correra até o quarto de Thierry. Ele estava com a cabeça coberta e não queria destapar, apesar dos pedidos dela.

“Fale comigo, querido”, sussurrara. “Por favor, fale comigo.”

Mas ele não falava. No entanto, não era preciso. Tocara ele com a mão, sentindo o estremecimento contido do seu choro, até as lágrimas do filho se tornarem suas. Por fim, se deitara ao seu lado e se enroscara nele. Quando o menino finalmente pegou no sono, ela tirou as cobertas do rosto dele, deu um beijo na sua bochecha e, quase com relutância, tornou a subir de mansinho a escada instável até o quarto.

Estava descalça, sentindo as tábuas ásperas na sola dos pés, olhando para a paisagem estranhamente iluminada. As árvores ao longe tinham se tornado um abismo de um tom púrpura intenso. As sombras, as paredes e as colunas em volta da casa moviam-se à meia-luz. Alguma coisa escura e rápida atravessou e desapareceu na escuridão. Ela o viu de repente, caminhando em sua direção, vindo das árvores, o paletó pendurado no ombro. Mas então desapareceu. Um truque espectral de sua imaginação.

— Laurent — sussurrou, aconchegando-se no robe enquanto se deitava na cama fria. — Volte para mim.

Tentou imaginá-lo deitando-se ao seu lado, o peso dele afundando o colchão, o rangido das molas, o peso reconfortante do braço dele em sua cintura. As mãos dela na seda do robe eram muito pequenas, muito finas. Não havia peso nem significado em seu toque. Sentiu a extensão vazia do lençol ao seu lado, o travesseiro frio. Ouviu o silêncio de um quarto onde não havia mais ninguém respirando. Imaginou Matt, do outro lado da trilha, aquele corpo forte abraçado ao da mulher, seus braços envolvendo-a, Laura sorrindo, sonolenta. Imaginou todos os casais lá fora respirando, cochichando, com as mãos entrelaçadas, pele na pele. Nunca mais ninguém vai tocar a minha, pensou. Nunca mais ninguém vai ter prazer comigo como ele tinha. E uma onda tão forte de desejo a invadiu, que achou que ia se afogar.

— Laurent — sussurrou na escuridão, as lágrimas escorriam de seus olhos fechados, e ela começou a mover o corpo sob o robe de seda. — Laurent — gritou, as mãos tentando engendrar música num corpo que se recusava a ouvir.

*

Em algum lugar lá embaixo, Byron chamou Elsie, sua terrier, ouvindo sua correria animada na

vegetação rasteira. Ergueu a lanterna, balançando o feixe de luz aos seus pés, observando as sombras se moverem enquanto criaturas fugiam

para a mata escura. Os rapazes no pub haviam lhe contado que caçadores ilegais tinham instalado armadilhas daquele lado da mata, e, embora ele soubesse que sua cadelinha era muito esperta para ser capturada, queria desarmar as armadilhas antes que isso ocorresse com qualquer outra criatura. Não dava para esquecer a primeira vez que alguém via uma raposa ou um texugo roendo a própria pata para se libertar depois de passar dias preso. E, além disso, sair com os cachorros era melhor do que ficar sentado numa casa vazia ruminando sobre o futuro.

Seu telefone tocou, e ele o tirou do bolso, assobiando ao mesmo tempo para chamar Elsie de volta. Ela se sentou, com metade do corpo em cima da bota dele.

— Byron.

— Sim?

Matt não se dava ao trabalho de se identificar. Parecia se achar dono de Byron, mesmo a uma hora daquelas.

— Já acabou de fincar aquelas estacas?

Byron ajeitou o pescoço.

— Sim.

— Ótimo. Amanhã preciso que você me ajude a levantar o piso da sala de jantar da Casa Espanhola.

Byron pensou por um instante.

— Da sala de jantar? Com certeza esse era o único cômodo bom da casa.

Era uma piada entre o pessoal da região. A única sala de Pottisworth em bom estado era a que ele não usava havia décadas.

Houve um breve silêncio.

— Quem disse isso?

— Bem, sempre que estive na…

— Quem é o pedreiro aqui, Byron? Eu ou você? Entende alguma coisa de podridão seca e úmida? Aprendeu isso enquanto esteve em cana?

— Não.

— Encontro você lá às oito e meia. E da próxima vez que quiser a sua opinião sobre uma obra, eu peço.

Na frente do estreito feixe de luz da lanterna havia apenas um breu; o terreno estava insondável.

— Você é quem manda — disse Byron.

Desligou o telefone, enfiou-o no bolso e caminhou exausto para a vastidão deserta.

9

Kitty se sentou na tina de metal, encostou os joelhos no peito e apoiou o pescoço na toalha de mão que dobrara e colocara atrás da cabeça. A toalha ficou encharcada, mas era o único jeito de relaxar numa tina de metal sem decepar a cabeça. Também era preciso encolher as pernas para que não ficassem penduradas na borda, interrompendo a circulação. O aquecedor elétrico estava ligado ali perto para que, quando a água esfriasse, o que acontecia muito depressa, ela não passasse vinte minutos tremendo na hora de sair. A mãe jurava que Kitty iria morrer eletrocutada, mas, considerando o estado da casa, ela achava que corria esse risco tanto aqui quanto em qualquer outro lugar.

Ouviu um carro lá fora e decidiu que estava na hora de começar o trabalhoso processo de esvaziar a tina que, claro, enchera demais. Pensou que nunca mais deixaria de dar valor a um ralo: o simples e exaustivo gesto monótono de usar um balde para esvaziá-la o suficiente fazia com que nem compensasse enchê-la. Ao se enrolar na toalha, ouviu a voz de Matt no andar de baixo.

Ele falava alguma coisa sobre café da manhã, dizendo para sua mãe colocar a água para ferver, rindo de alguma piada que ela não tinha escutado.

A maioria das pessoas reclamava de ter pedreiros em casa. Kitty se lembrava das mães da sua antiga escola se queixando da poeira, da sujeira, da despesa e dos transtornos. Falavam como se fosse um calvário que tivessem de suportar. Como uma cirurgia.

Já tinham se passado quase dez dias e, apesar do caos, do fato de não conseguir andar em linha reta no andar de baixo sem prestar atenção nas tábuas que faltavam no piso nem conversar sem ser interrompida pelo barulho infernal de tábuas sendo arrancadas ou de marteladas, ela estava gostando. Era bom ter outras pessoas em volta, e não ser só ela e a mãe, que sempre estava com a cabeça em outro lugar, e Thierry que, nunca falava nada, em nenhum momento.

Matt McCarthy sempre conversava com ela como se fosse mais velha do que era, e ela conhecia o filho dele da escola. Achava difícil entrar numa sala em que Anthony estivesse porque, de alguma forma, a presença

dele a fazia corar e a deixava sem palavras. Queria que uma de suas amigas estivesse ali para lhe dizer se ele era mesmo gostoso, ou se ela estava imaginando.

Quando Matt e o filho apareceram cedo naquela manhã, ela ficara sem graça pelo fato de Anthony ter visto a casa naquele estado, por ter pensado que eles sempre tinham vivido daquele jeito. Queria dizer: "A gente morava numa casa normal, sabe. Com geladeira." A mãe começara a colocar as coisas que precisavam de refrigeração em cestinhas que pendurava na parede do lado de fora das janelas da cozinha, onde as raposas não conseguiam alcançar, e colocava as frutas em redes cor de laranja, para protegê-las dos camundongos, e uma parte de Kitty adorava aquilo porque, por fora, deixava a casa parecendo mais uma casa de doces, ou alguma coisa saída de um conto de fadas, mas a outra parte se sentia humilhada. Quem mais tinha que deixar a comida pendurada no lado de fora da casa? Estava apavorada que Anthony contasse alguma coisa na escola e todo mundo começasse a rir dela, mas, até o momento, ele não tinha dito nada.

Certa vez, na semana anterior, quando descobriu que eles eram da mesma escola, Matt sugerira:

"Por que você não sai com Kitty uma noite dessas? Podem ir à cidade e lá você mostra a ela os lugares interessantes."

Ele falara isso de repente. Como se não fosse nada de mais. Anthony meio que dera de ombros, como se fosse uma possibilidade, mas ela não sabia ao certo se ele fizera isso porque queria sair, ou se estava tentando deixar o pai feliz.

— Aposto que você está achando a vida aqui meio devagar comparada a Londres — disse Matt, quando Kitty lhe trouxe uma caneca de chá, como se ela sempre fosse para balada ou algo assim.

Podia jurar que Anthony tinha erguido as sobrancelhas, o que a fez corar de novo.

Byron, que aparecera nos dois primeiros dias e depois voltara a trabalhar ao ar livre, falava pouco. Parecia constrangido dentro da casa, como se fosse feito para a vida lá fora. Era mais alto que Matt, e bonito, mas nunca olhava ninguém nos olhos.

— Byron é muito comunicativo, não é, cara? — dizia Matt de brincadeira, mas Byron sorria, sem jeito, como se não achasse graça.

Sua mãe passava quase o tempo todo estressada. Não gostava que o rádio dos pedreiros ficasse sempre ligado. Não gostava de música pop, e seu pai sempre dizia que o rádio tocando ao fundo era apenas outra forma de poluição, mas ela não parecia capaz de lhes pedir para desligá-lo. Fora obrigada a sair do quarto principal, pois o cômodo precisava de muitas obras estruturais, então se mudou para o quartinho que servia de depósito. Portanto ia praticar no parapeito, o único lugar, segundo ela, onde encontrava silêncio. Quando Kitty saía de casa e ouvia o violino em cima e o rádio de Matt McCarthy embaixo, aquilo lhe soava como uma competição.

Thierry não parecia notar. Passava no bosque a maior parte do tempo em que não estava na escola, e a mãe pedia que o deixassem em paz. Kitty perguntara o que ele fazia lá, mas o menino se limitara a dar de ombros. Pela primeira vez, Kitty entendeu por que sua mãe e seu pai achavam esse gesto irritante.

*

No andar acima do de Kitty, Matt McCarthy desenrolava as plantas que Sven desenhara dezoito

meses antes e levantava-as contra a luz da janela do patamar, tentando decidir que partes da reforma que havia sido pensada com cuidado podiam ser usadas legitimamente. Algumas coisas, como a ampliação da parte dos fundos, ainda não eram possíveis, mas outras, como o deslocamento do banheiro, o quarto principal e as janelas novas nos andares de cima podiam ser consideradas parte de qualquer obra decente de reparo. Não adiantava tentar fazer nada na cozinha até saber se conseguiriam a licença para a ampliação, mas antes havia muito trabalho estrutural básico a ser realizado. Na verdade, pensou Matt, era justo dizer que havia meses de obras de correção a fazer. A um custo significativo.

Ele sentiu os cheiros familiares da velha casa, subitamente agradecido pela reviravolta na situação. Era um prazer trabalhar ali. Entre as paredes da velha casa, sentia que havia recuperado o controle de sua vida e de algo que lhe fora tomado.

Enrolou as plantas, e guardou-as com cuidado no canudo de papelão, tampou-o e tornou a colocá-lo na bolsa no mesmo instante em que Byron aparecia no alto da escada. Para um homem daquele tamanho, ele se movia sem fazer nenhum barulho, silenciosamente demais para o gosto de Matt.

— Bom — disse Byron. — Por onde começamos hoje?

— Boa pergunta. E há um milhão de respostas possíveis.

*

— Como vai indo a casa? — Asad estava lustrando as maçãs, os dedos longos e escuros

manuseando o pano macio. Kitty se sentou no caixote ao lado do freezer e bebericou o chá. — Vejo que o Sr. McCarthy está lá quase todo dia.

— E o filho dele. E Byron, mas esse não vai todos os dias.

— As coisas estão melhorando? Vocês estão mais confortáveis?

— Eu não diria exatamente isso. — Kitty inspirou. Henry havia feito pão de azeitonas e o cheiro estava delicioso. Ela meio que esperava que lhe oferecessem um pedaço. — Mas arrancaram um monte de coisas.

— Ouvi dizer que não havia muita coisa que valesse a pena guardar. — Henry apareceu e colocou dois pães no cesto. — A casa ainda tem elementos originais?

Kitty fez uma careta.

— Não sei. Acho que os principais são as aranhas. Ontem à noite achei uma na minha gaveta de meias. Era tão grande que pensei que ela estivesse atrás de algumas para calçar.

Asad inclinou a cabeça.

— E como sua mãe está? — perguntou ele, como se pudesse haver alguma coisa errada com ela.

— Está bem. Preocupada com o gasto da obra. Diz que está sendo muito mais cara do que ela imaginava.

— Acho que a mão de obra de Matt McCarthy não é barata — disse Henry, fungando.

— Ah, minha mãe disse que ele está fazendo pela metade do preço porque tem bom coração.

Henry e Asad se entreolharam.

— Matt McCarthy?

— Ela disse que temos sorte de ter vizinhos tão bons e que, se isso tivesse acontecido em Londres, estaríamos numa grande enrascada. Ele está fazendo tudo o que pode para diminuir os gastos.

Ela se aproximou do pão. Já passara horas desde o café da manhã.

— Aceita um? Você paga da próxima vez que vier, se quiser.

Asad apontou para o pão.

— Sério? Trago o dinheiro amanhã. Não consigo encarar essa caminhada toda só para pegar minha bolsa. E minha mãe me proibiu de usar o carro.

Asad balançou a cabeça, como se não tivesse problema.

— Conte para mim, Kitty. Matt… mencionou alguma coisa sobre a história da casa?

Kitty estava muito ocupada enfiando o dedo no pão e não viu como Henry olhou para o amigo.

— Não — disse, distraída.

Por que as pessoas eram tão obcecadas com histórias por aqui?

— Claro que não — disse Asad. — Deixe eu pegar um saco para o seu pão.

*

Já fazia quase meia hora que Byron estava podando as árvores quando descobriu o que Elsie vinha

observando. Ela andava agitada desde que Meg, a cadela collie, dera cria na semana anterior, e ele atribuía seu choro constante a isso, mas, ao bater o machado no freixo novo e jogar o tronco abatido na pilha dos outros, notou um clarão azul e viu o que a cadela observava.

Fazia vários dias que o garoto o seguia. Enquanto tratava dos faisões novinhos, consertava a cerca elétrica ou, como naquele momento, quando estava desbastando o bosque entre a casa de Matt e a Casa Espanhola, Byron reparara numa pequena sombra pálida. O garoto ficava observando-o durante quinze, vinte minutos, meio escondido atrás de árvores ou moitas, mas desaparecia assim que Byron dava o menor sinal de que poderia ir em sua direção.

Logo percebera quem ele devia ser. Então se voltou para o tronco e fez alguns buracos com a furadeira sem fio, preparando-se para envenenar as raízes. Aqueles freixos novos eram danados para ressurgir.

— Quer me dar uma mãozinha? — perguntou calmamente, sem se virar.

Silêncio.

Byron fez mais seis furos. Sentia os olhos do garoto fixos nele.

— Tudo bem. Na maior parte do tempo também não sou muito de conversar.

Continuou sem se virar, mas, depois de um instante, ouviu passos leves atrás.

— Não faça carinho na cachorra. Ela vai até você quando estiver preparada. E se quiser ajudar, pegue alguns desses galhos menores. Cuidado — disse, quando o menino se abaixou e pegou uma braçada.

Byron arrastou três árvores novas para o campo. Planejara recolhê-las mais tarde e cortar as maiores a fim de colocá-las para secar e servir de lenha. Mas não adiantava nada rachar troncos se ele não sabia onde iria morar.

Pensou no monte de tábuas do piso que haviam retirado da Casa Espanhola e empilhado perto do celeiro grande. A maioria estava seca, pelo que ele podia ver, mas sabia que era melhor não perguntar a Matt.

— Deixe isso ali — disse, apontando para a pilha.

O garoto arrastou uma árvore nova pela relva no limite do campo e, com um grunhido, largou-a.

— Quer ajudar mais?

Os olhos do menino eram solenes. Ele assentiu.

— Qual é o seu nome?

O menino olhou para os próprios pés. Elsie farejou seus tênis, e ele ergueu o olhar para Byron, como se confirmasse que não havia problema, depois se abaixou para afagar a cabeça dela. Elsie rolou de costas, expondo despudoradamente a barriga cor-de-rosa para ele.

— Thierry — disse o menino, tão baixinho que Byron mal o ouviu.

— Você gosta de cachorros, Thierry? — Manteve a voz baixa e descontraída.

O garoto assentiu timidamente. Elsie, de pernas para o ar e com a língua pendurada para fora da boca, grunhiu para ele.

Byron o vira na casa algumas vezes, uma sombra mesmo no próprio lar, grudado num jogo de computador. Não sabia ao certo por que puxara assunto, afinal preferia ficar sozinho.

— Você me ajuda com mais umas dessas e, quando eu acabar, vamos perguntar à sua mãe se você pode ver os filhotes. Que tal?

O sorriso da criança o pegou desprevenido, e ele voltou às árvores abatidas, já sem saber direito o que havia combinado. Sem saber direito se queria ser responsável por tamanha felicidade de outra pessoa.

*

“Claro como o novo dia.” Essas haviam sido as últimas palavras fluentes de Thierry. Sua voz

havia ecoado, de forma confiante e penetrante, culminando num sorriso com o último verso de seu poema. Ganhara um prêmio por isso, declamara-o em voz alta para os pais na apresentação de sua turma, e Isabel, na ocasião liberada dos compromissos da orquestra, aplaudira demais sentada em uma cadeira de plástico, perguntando-se de vez em quando por que o lugar ao seu lado continuava vazio. Laurent jurara que chegaria a tempo. Ela não ficara irritada com a ausência dele, feito as outras mulheres, cujos maridos não haviam aparecido, mas em vez disso se sentira um pouco superior por ser a única dos dois a estar presente.

— Ele foi muito bom, não? — murmurou Mary, do outro lado.

Uma das mães à sua frente se virou e sorriu.

— Perfeito — disse Isabel, abrindo um sorriso radiante. — Totalmente perfeito.

Captara o olhar de Thierry enquanto ele saía do palco, e o menino acenara discretamente para a mãe, tentando não deixar o orgulho transparecer. Ela questionara se devia se levantar e se aproximar dele na coxia para dizer como estava orgulhosa, mas, por respeito aos outros participantes — e sabendo que era falta de respeito quando as pessoas saíam sem mais nem menos da plateia —, permanecera em seu lugar. Lamentara essa decisão. Desejara muitas vezes ter se aproximado dele antes da chegada da polícia na coxia, para ouvi-lo, só mais uma vez, repetir o poema que ensaiara mil vezes. Sua voz bonita e tranquila de um menino de oito anos, reclamando da escola, falando sobre Star Wars, pedindo balas, contando os dias que faltavam para o melhor amigo ir dormir em sua casa. Dizendo a ela que a amava, disfarçadamente, para os amigos não ouvirem. “Claro como o novo dia.” Aquela voz. Em vez das poucas palavras devastadoras do policial sombrio. “Sim”, dissera ela, segurando o ombro de Thierry, seu corpo de alguma forma já compreendendo o que sua mente ainda não entendia. Sim, ela era a Sra. Isabel Delancey. Como assim, um acidente?

— Desculpe… não entendi. — Isabel estava em pé no meio da cozinha com o homem que havia levado Thierry para casa. Ele tinha as mãos verdes e o suéter estava crivado de cascas de árvore. Ela repetiu o que o sujeito dissera: — Quer levar meu filho na sua casa para ver alguns cachorrinhos?

— Minha cadela teve filhotes semana passada. Thierry gostaria de vê-los. — Pronunciou "Terry".

— Seus cachorrinhos.

Byron ficou sério quando ouviu a pergunta subjacente ao que ela dissera.

— Minha irmã e a filha dela estarão lá — disse ele friamente.

Isabel corou.

— Eu não quis dizer…

— O garoto tem me ajudado. Achei que ele gostaria de conhecer minha sobrinha e os cachorrinhos. — Sua voz ficou séria.

— Oi, Byron. Terminou?

Matt apareceu atrás dela, fazendo-a se sobressaltar. Ele era um daqueles homens que irradiavam energia.

Byron tinha cerrado a mandíbula.

— Já tirei quarenta árvores novas, principalmente freixos. Queria que você desse uma olhada antes que eu continuasse. — Apontou para a cadela, que estava saindo da cozinha. — Eu estava dizendo à Sra. Delancey que o filho dela é bem-vindo para conhecer nossos filhotes. Mas talvez seja melhor deixar para lá.

Ela percebeu que ele estava furioso. Os dois mal haviam se falado nos dois dias que ele passara trabalhando na casa. Ele a cumprimentara com um aceno de cabeça, e ela, lembrando-se da conversa sobre a espingarda, ficara sem jeito para tocar novamente no assunto.

Thierry olhou com ar de súplica para a mãe.

— Por mim, tudo bem — disse ela, hesitante.

Chegou para o lado para deixar Matt entrar na cozinha.

— Seu filho vai ficar bem com Byron. Conhecer os cachorros de alguém tem um significado diferente na cidade. — Deu uma gargalhada. — No futuro, você vai ter que tomar cuidado com essa expressão, Byron.

— Nem por um minuto, eu achei… — Isabel tinha levado a mão ao pescoço. — Byron, eu não quis insinuar…

— Não se preocupe com isso — disse ele, saindo de cabeça baixa. — É melhor deixar os filhotes para outra hora. Tenho que ir. A gente se vê amanhã, Matt.

Thierry puxou a manga da mãe, mas Byron já tinha ido embora. Ficou olhando para o espaço que o homem ocupara, depois lançou para a mãe um

olhar furioso de desapontamento e saiu correndo da cozinha. Ouviu os passos dele até a porta, que bateu com força.

— Não dê ouvidos ao que dizem sobre Byron — falou Matt, os olhos brilhando. — Ele é gente boa.

Isabel mal teve tempo de refletir sobre isso, pois deixou-o para trás depressa, subiu a escada de dois em dois degraus e saiu correndo pela porta de entrada a tempo de ver Byron andando a passos largos em direção à sebe do outro lado.

— Byron! — gritou. E quando ele não se virou, berrou novamente: — Por favor! Por favor, espere!

Estava sem fôlego quando o alcançou.

— Desculpe — disse ela, o salto alto afundando no barro molhado. — De verdade. Desculpe se ofendi você.

Ela reparou que a expressão dele era mais de resignação do que de raiva.

— Por favor, deixe Thierry ir. — Deixou os braços caírem ao lado do corpo. — Ele está passando por um momento complicado… Não fala muito. Nada, na verdade. Mas sei que adoraria ver seus cachorros.

A terrier de Byron tinha corrido para o limite do jardim e o aguardava, ansiosa.

— Vou buscá-lo — disse ela, interpretando o silêncio dele como um sim. — Garanto que o encontro se você esperar cinco minutos. Ele não vai a muitos lugares.

— Não precisa. — Byron indicou com a cabeça a sebe do outro lado, onde se via um suéter azul entre as árvores. — De qualquer maneira, ele já estava vindo atrás de mim.

*

Laura McCarthy pintou a sexta amostra de cor numa faixa da parede do quarto e se afastou. Não importava qual combinação de tonalidades claras usasse, não ficava bom. Nenhuma das cores funcionara. Nenhuma das amostras de tecido que ela levara para as cortinas novas nem nenhuma das combinações clássicas. Decidira dar uma renovada no quarto dela e de Matt para não pensar na perda da Casa Espanhola. Mas, de alguma forma, a tarefa perdera a graça. As paredes eram apenas as velhas paredes e as cortinas não enfeitariam as enormes bay windows do quarto principal da Casa Espanhola, com vista para a água.

Tinha desejado aquela casa. Não dissera isso a Matt, sem querer piorar a sensação de perda dele, mas sentia como se a casa tivesse sido roubada dela, como se uma invasora houvesse ocupado sua casa de família. Não era propensa a melodramas, mas parecia a perda de um filho. E

tentar fingir que não tinha importância, na frente das outras mulheres, lhe exigira um esforço sobre-humano. Fizera planos para cada canto daquele lugar, visualizara com clareza a melhor maneira de reformar cada cômodo. Teria ficado linda. Mas não era tanto a casa que ela lamentava. Era a perspectiva do que poderia ter sido, da família em que poderiam ter se transformado.

Laura suspirou e tornou a tampar a latinha, o olhar fixo no mosaico de cores na parede enquanto ouvia as marteladas ao longe indicarem o dia de trabalho de Matt. Fazia semanas que ele andava animado, mas um pouco desligado, como se estivesse sempre pensando em outras coisas. Naquela manhã, ele lhe entregara um cheque da tal Sra. Delancey.

— É melhor depositar logo antes que comece a não ter fundos — disse ele, feliz da vida.

Ela esperava que o motivo daquela animação fosse a perspectiva do dinheiro, e não outra preocupação qualquer.

A mulher era muito esquisita, muito vulnerável. Era evidente que não fazia ideia do que significava morar no campo ou reformar uma casa. Nem sequer sabia conversar direito com as pessoas. Tinha aparecido na sala de estar de Laura com aquelas roupas esquisitas, feito um peixe fora d'água, e, embora Laura tivesse relaxado ao notar o tamanho do equívoco da mulher, não pôde deixar de pensar como devia ser para ela, sozinha naquela casa com dois filhos para criar.

Parecera perdida, mas também estranhamente agressiva, como se fosse se virar contra elas pelos mínimos motivos. Os Primos diziam que ela era uma lufada de ar fresco, mas eles falavam bem de todo mundo, embora Laura desconfiasse que nem sempre fossem sinceros. Toda vez que entrava na loja, os olhos castanhos encapsulados de Asad focavam nela de um jeito que sugeria que ele sabia sobre Matt, o que a deixava desconfortável. Sorria para ela com uma expressão que era ao mesmo tempo de bondade e compaixão. Talvez a enxergasse como, no café da manhã, ela notara que enxergava Isabel Delancey. Matt insistira que ela a visitasse, mas deixara de fazer isso.

Talvez tivesse percebido que ela estava relutante. Laura achara mais fácil se manter distante. Não era falsa por natureza. Se a Sra. Delancey pedisse uma opinião sincera sobre a casa, o que lhe diria?

Ouviu um ruído e um estrondo abafado vindo da Casa Espanhola e se perguntou o que Matt estava fazendo. Ele diz que a casa vai acabar sendo nossa, pensou ela. Preciso ter isso na cabeça.

Aquela mulher não foi feita para morar lá. E no amor, na guerra e nos bens, vale tudo.

Laura McCarthy ajeitou a cortina. Tinha uma pilha de roupa para passar. Ruby, a faxineira, não deixava os vincos das camisas de Matt do jeito que ele gostava.

10

A primavera deu lugar ao início do verão e os dias de Isabel caíram na rotina; não uma rotina que ela esperasse, mas quase nada da sua vida atual se parecia com algo que pudesse ter previsto.

Todas as manhãs, levava os filhos até a trilha para que pegassem o ônibus da escola. Então, depois de uma xícara de café revigorante, arrumava as camas, catava meias perdidas embaixo delas, arrastava um cesto de roupa até a máquina de lavar nova na cozinha, e, se o tempo estivesse bom, estendia a roupa. Retirava a mesa do café da manhã, respondia aos e-mails, tentava decidir o que preparar para o jantar das crianças, depois varria ou aspirava o interminável rastro de pegadas que conduziam à entrada e à saída da casa.

Para Matt e para os homens que o acompanhavam, ela fazia a primeira das várias canecas de chá, depois tentava responder a um monte de perguntas em que ainda não pensara até então: onde queria os novos interruptores de luz? Que tipo de luminárias gostaria de ter? Que largura queria para tal abertura? Achava que nunca tinha se sentido tão entediada, nem mais consciente do trabalho que Mary desempenhava enquanto ela ficava imersa na música. E o tempo todo aguardava, impaciente, um momento de sossego para que pudesse praticar, um tempinho em que pudesse desanuviar a mente e se lembrar de que era mais do que a empregada doméstica em que se transformara.

Desconfiava que os filhos estivessem gostando dessa nova mãe. Passara a fazer vários pratos decentes, arrumara a ala leste da casa, proporcionando um clima acolhedor aos cômodos que não estivessem cobertos de plástico e cheios de andaimes. Ajudava, até onde fosse possível, com os deveres de casa. Estava presente o tempo todo.

Mas eles não sabiam que ela estava muito irritada por aquilo nunca ter fim. Mal terminava de limpar uma superfície e já estava suja de novo. As roupas, mesmo as pouco usadas, estavam emboladas nos cestos, e ela gritava com Kitty e Thierry, odiando sua voz esganiçada. Certa vez, quase enlouquecida de tédio depois de encher mais um varal de roupas, simplesmente se virou, largou o cesto e andou até o lago, só parando para tirar os sapatos. A água estava tão absurdamente gelada, que ela ficou sem

fôlego, e riu da alegria de sentir alguma coisa. Matt estava num andaime com o filho, e os dois olhavam para ela, espantados.

— Esse é o seu jeito de dizer que quer que eu apresse a obra do banheiro? — perguntara ele, de brincadeira, e ela assentira, batendo queixo.

Às vezes, ficava imaginando o que Laurent diria se a visse esfregando com luvas de borracha a panela que tinha queimado. Ou se a visse xingando e empurrando o velho cortador de grama enferrujado, numa inútil tentativa de arrumar o jardim. De vez em quando, imaginava-o sentando em algum móvel com um sorriso divertido. "Alors, chérie! Mais qu'est-ce que c'est?" Mas isso não era nada comparado à lista crescente de problemas que surgiam com o trabalho de Matt. Tinha a impressão de que toda vez que o encontrava, ele estava sondando uma tora de madeira podre com a ponta da caneta, ou esfregando resíduos de ferrugem entre o indicador e o polegar. A casa estava muito pior do que ela imaginara.

Todos os dias havia uma surpresa desagradável: cupim nas vigas, canos furados, parte do telhado que precisava ser trocada. Matt resumia o problema com relutância, depois acrescentava, num tom tranquilizador:

"Não se preocupe, a gente vai dar um jeito nisso."

Ele fazia todos os problemas parecerem superáveis, e tinha uma aparência calma e competente que era magnética. Havia pouca coisa, dizia-lhe de um jeito reconfortante, que já não tivesse visto, e menos ainda que não desse para corrigir. Até o momento, Isabel dera a ele quase metade das suas economias para a compra de material. Empilhados do lado de fora da casa e ao lado de caçambas que transbordavam, havia madeira, cabos elétricos, placas de isolamento e ardósia. O

que fazia a casa parecer uma loja de materiais de construção.

Ele lhe avisara que os operários ficariam meses ali.

"Vamos tentar não atrapalhar você", dissera Matt.

Após uma semana, ela percebera que isso não seria possível. Havia pó de gesso por todo lado, permeando não só todas as superfícies, mas também todas as áreas de seus corpos. Kitty estava com os olhos vermelhos, e Isabel espirrava sem parar. Precisavam cobrir todos os alimentos e, de vez em quando, Isabel entrava num cômodo e encontrava o piso faltando, ou uma porta arrancada das dobradiças.

— Pelo menos isso quer dizer que alguma coisa está acontecendo, mamãe — disse Kitty, que, surpreendentemente, não se incomodava com o

caos —, e, no fim, vai ficar uma casa decente.

Isabel tentava ter esse pensamento em mente quando supervisionava o canteiro de obras cheio de entulho onde moravam. Tentava não imaginar se o dinheiro acabaria muito antes de isso acontecer.

*

Isabel estava sentada no sofá, as pernas dobradas debaixo do corpo e uma enorme caixa de recibos

e extratos bancários ao lado. De vez em quando, franzia o cenho e pegava dois papéis, como se os estivesse comparando, depois os jogava na caixa, desesperada. Kitty, se esforçando para fazer os deveres de casa, tentava ignorá-la. Thierry estava sentado na poltrona, vidrado num jogo de computador, mexendo só os polegares. O Sr. Granger estava no andar de baixo, colocando o revestimento numa das chaminés. No andar de cima, Matt, Byron e Anthony estavam fazendo algo de suma importância, ou assim presumia Kitty: a furadeira sacudia toda a casa, e nuvens de pó de gesso desciam pela escada, como o bafo sinistro de uma criatura demoníaca. E não parava de chover, o que mantinha o céu baixo e cinzento e despejava mais uma camada de depressão na casa já sombria. A água pingava em baldes no corredor e num dos quartos, num ritmo melancólico irregular.

— Ah! — exclamou Isabel, afastando a caixa. — Não consigo olhar para mais nenhuma coluna de números! Não consigo entender como seu pai fazia isso dia após dia.

— Eu queria que ele pudesse me ajudar com matemática — disse Kitty, triste. — Não entendo nada disso.

Isabel se alongou e espiou por cima do ombro da filha.

— Ah, querida, desculpe, mas não faço a menor ideia. Seu pai realmente era o gênio da casa.

Enquanto refletiam sobre isso, Thierry ficou de pé e foi até a janela. Começou a bater com os punhos nas cortinas, levantando nuvens de poeira.

— Não faça isso, T — disse Kitty, irritada.

Thierry bateu com mais força, lançando grandes rajadas de poeira no ar.

Kitty fechou a cara.

— Mamãe! — protestou.

E então, depois que Isabel não fez nada, insistiu:

— Mãe! Olhe para ele!

A mãe foi até o menino, passou a mão pálida na cabeça dele e, olhando para o veludo vermelho, disse:

— São horríveis, não são? Talvez eu deva sacudi-las. Para tirar o grosso do pó.

— Ah, agora, não… — resmungou Kitty, mas era tarde demais.

A mãe já estava sacudindo vigorosamente as cortinas, enchendo a sala de grandes nuvens de pó e fazendo Thierry tossir.

— Não se preocupe — disse Isabel, balançando-as de um lado para outro. — Depois eu passo aspirador de pó.

— Você é inacreditável… — disse Kitty, suspirando, quando a pesada vara da cortina se soltou da parede e caiu no chão, levando junto um grande pedaço do reboco.

A mãe levou as mãos à cabeça enquanto caía uma chuva de gesso e as cortinas assentavam, ondulando em volta dela. Após um silêncio de horror, durante o qual Kitty contemplou os grandes buracos acima da janela, pelos quais se viam os tijolos, Isabel começou a rir.

— Ah, mamãe… O que você fez?

Kitty se aproximou para inspecionar o estrago. Isabel sacudiu o pó de gesso do cabelo.

— Elas eram horrorosas.

— É, mas pelo menos eram cortinas. Agora não temos nada.

Sua mãe às vezes era irritante. Estava se aproximando do aparelho de som.

— Não estou nem aí, Kitty. Na ordem das coisas, são apenas cortinas. Passei o dia inteiro atolada em malditas cortinas, contas e tarefas domésticas. Estou cansada. Vamos ouvir um pouco de música.

Lá em cima, as marteladas haviam parado. Ah, não, pensou Kitty, irritada. Agora não, por favor. Não enquanto Anthony está aqui.

— Mãe, preciso fazer meu dever de casa.

— E também precisa se divertir. Depois tento ajudar você com o dever. Vamos, Thierry, solte uma das cortinas para mim. Já sei como a gente pode usá-las.

A mãe se afastou do som, e Kitty ouviu os primeiros acordes da Carmen, de Bizet. Ah, não, pensou. Não dá. Mas Isabel estava agachada ao lado de Thierry, enrolando uma das cortinas na cintura.

— Mamãe, por favor… — disse Kitty.

Mas alguns compassos depois, a mãe estava imersa na música, rodopiando com sua nova roupa vermelha, balançando-a em volta dos ombros à medida que a ária chegava ao clímax exaltado.

Thierry pegou a outra cortina e imitou a mãe, sua boca formava palavras que ele já não dizia em voz alta. Exasperada, Kitty atravessou a sala para desligar a música, mas notou o sorriso da mãe ao ver Thierry dançando e percebeu que havia sido flagrada. Ficou parada, de braços cruzados, enquanto eles requebravam em volta um do outro imitando a coreografia da ópera, e rezou para que aquilo não demorasse muito e ninguém aparecesse lá embaixo.

Então, claro, Anthony chegou. Byron surgiu primeiro, carregando no ombro aparas de madeira para a escada. Mas Anthony parou à porta, o gorro de lã enterrado na cabeça, e espiou, com um martelo na mão. Kitty fez contato visual com ele e resistiu ao impulso de se esconder embaixo do sofá. Aquela era com certeza a coisa mais constrangedora que já lhe acontecera. Até que a mãe o viu e jogou uma cortina para ele.

— Oi! Anthony! Tourada! — gritou, e Thierry ergueu os dedos até a cabeça.

Kitty decidiu que realmente queria morrer. Tourada era a brincadeira que faziam com o pai, em que ele balançava toalhas, e ela e Thierry tentavam investir contra ele, que saía da frente. A mãe não podia brincar de Tourada. Não era certo. E Anthony diria a todo mundo na escola que eles eram loucos.

Mas ele pegou a cortina, largou o martelo e, num instante, começou a balançá-la, encorajando Thierry a investir. Talvez contagiado pela presença de outro menino, a atuação de Thierry se parecia cada vez mais com a de um touro. À medida que a música aumentava em tom e paixão, ele corria pela sala, mandando tapetes e mesas de centro pelos ares, fazendo Anthony bater várias vezes no sofá. A mãe estava parada no canto, ao lado do aparelho de som, e morria de rir. Thierry berrava, batendo o pé no chão. E Anthony ria, brandindo a cortina de lado com um floreio.

“Olé!”, gritava, e de repente Kitty estava berrando também. E pela primeira vez depois de séculos, com o barulho, os gritos e as risadas, estava feliz… realmente feliz. A mãe pegara de novo a outra cortina e a balançava no ritmo da música. Kitty fez menção de arrancá-la dela, e era engraçado brigar por aquele pedaço podre de tecido vermelho. Então

ouviu-se um estrondo lá em cima, forte o suficiente para fazer o chão tremer, que fez tudo parar. O CD agarrou e Isabel foi desligar o aparelho de som.

— Que diabo foi isso? — perguntou, e então, ouviu-se outro estrondo, dessa vez mais fraco, acompanhado de uma exclamação abafada.

A cortina caía em volta dos pés de Kitty quando todo mundo correu para a escada e parou no patamar. Nuvens de pó de gesso vinham do quarto principal, e Matt apareceu, tossindo e esfregando os olhos.

— Caramba! Essa foi por pouco — disse ele. — Alguns minutos antes e poderia ter caído em cima do Anthony.

Anthony espiou o quarto. Ele também estava em choque e pálido, fosse porque tivesse empalidecido por causa da cena ou porque estivesse coberto de pó. Isabel tapou a boca e o nariz e entrou, sem dar ouvidos à advertência de Matt. Kitty a seguiu.

O teto tinha desabado. Onde antes era uma superfície lisa de gesso, no momento havia um buraco através do qual dava para ver o teto do sótão vazio no andar de cima. Havia uma montanha de madeira e gesso no meio do quarto, com as escoras espetadas para cima. A cama da minha mãe ficava ali, pensou Kitty. Isso tudo podia ter caído nela.

— Eu estava tirando a luminária para verificar a fiação — disse Matt —, e o teto estalou e veio abaixo, com as vigas e tudo. Podia ter nos matado. Podia ter matado qualquer pessoa.

O rosto do Sr. Granger estava vermelho da corrida.

— Graças a Deus todos vocês estão bem. Achei que a casa inteira estava desmoronando. Meu coração velho ainda está acelerado.

— Estamos seguros? — perguntou Isabel.

— O quê? — retrucou Matt.

— É só isso… Vigas podres? Será que não tem mais nada prestes a cair?

Os olhos dela fuzilavam os dele.

Matt não disse nada.

— Eu nunca tinha visto vigas desabarem assim — disse o velho.

— Mas é só isso, não é? — insistiu Isabel. — O resto está bom. Foi só esse quarto.

Kitty viu que ela estava abraçando o violino. Devia ter ido buscá-lo quando achou que a casa estava desmoronando.

Houve um breve silêncio. Fale alguma coisa, ordenou mentalmente a Matt. Fale agora.

— Deve estar direito — disse Anthony, atrás dela. — Não entendo. Todos os outros pisos lá em cima estão bons. Eu mesmo verifiquei. Foi só esse aqui.

— Sim, Anthony, mas você não tem experiência para saber com certeza — disse Matt.

— Mas garanto…

— Vai começar a dar garantias, filho? Pode dar certeza absoluta de que essa construção é sólida feito uma rocha?

Ele fitava o menino como se o desafiasse a dizer algo diferente.

— Como assim, Matt?

Houve mais um breve silêncio.

— Não posso prometer nada, Isabel. — Balançou a cabeça. — Já disse o que acho dessa casa.

Não posso tranquilizá-la.

Kitty estava prestes a descer quando ouviu o barulho. Um estampido forte ricocheteou pelas paredes.

— Mas o que… — Isabel se calou.

Parecia que todo o ar tinha sido sugado da casa. Matt, com o cabelo branco de pó de gesso, se precipitou escada abaixo, acompanhado de Kitty com a mãe logo atrás. Ai, meu Deus, pensou ela.

Essa casa vai nos matar.

Esbarrou em Matt à porta. No meio da cozinha, Byron apoiava uma espingarda no ombro. A alguns passos dele, do lado de fora da porta dos fundos, jazia uma ratazana morta.

— Caramba, cara — disse Matt, entrando na cozinha. — O que você andou aprontando?

As entranhas da ratazana, de um tom brilhante de vermelho, se espalharam pelo degrau trincado. Byron também parecia assustado.

— Só vim buscar a chave da caminhonete e a ratazana estava ali sentada na maior cara de pau.

— Eca — murmurou Thierry, animando-se de repente.

Kitty olhou para a criatura, sentindo ao mesmo tempo nojo e pena. A mãe apertou seu braço.

Ela se empertigou.

— Que diabo você acha que está fazendo ao trazer uma espingarda para dentro da minha casa?

Enlouqueceu? — Sua voz estava rouca.

— Eu não trouxe nada — respondeu Byron. — É do Pottisworth.

Isabel pareceu espantada.

— O quê?

— Ele a guardava em cima daquele armário. Há anos. — Byron apontou para a parte de cima da despensa. — Achei que você soubesse.

— Mas por que estava atirando?

— É uma ratazana. O que você ia fazer? Pedir educadamente para ela sair? Não dá para ter uma ratazana na cozinha.

— Você é maluco! — exclamou Isabel, passando à frente de Kitty e empurrando-o. — Saia da minha casa!

— Mãe! — gritou Kitty, agarrando-a.

Sua mãe tremia.

— Calma, Isabel — disse Matt. — Vamos todos nos acalmar agora.

— Diga a ele — exigiu ela. — Ele trabalha para você. Diga que não pode ficar dando tiros na casa dos outros!

Matt colocou a mão no ombro dela.

— A rigor, não foi bem dentro de casa. Mas, sim, você está certa. Byron, isso foi um pouco exagerado, cara.

Byron coçava a nuca.

— Desculpe. Achei que não era seguro com crianças em casa. Essa casa nunca teve ratazanas.

Nunca. Pensei que se eu acabasse logo com ela…

— Era mais seguro disparar uma arma na minha cozinha?

— Não foi na sua cozinha — retrucou Byron. — Foi na entrada.

Enquanto empalidecia, Isabel olhou para o bicho morto.

— Não se aflija, dona. Não houve nenhum estrago — disse o Sr. Granger com gentileza. — Vou limpar para a senhora. Aqui, menino, me entregue esse jornal. Pronto, Sra. Delancey, sente-se e tome uma xícara de chá. A senhora levou um susto. Não há um momento de marasmo nessa casa, hein?

— Pisos que desmoronam, ratazanas, espingardas… Que lugar é esse? — disse Isabel, sem se dirigir a ninguém em particular. — O que foi que eu fiz?

E então, com Kitty ali parada, ainda ofegante da dança, a mãe se virou e saiu lentamente da cozinha, ainda abraçando o violino, como se nenhum deles estivesse ali.

*

Naquela noite, a música que ecoou pelo lago era frenética. Não tinha nada da beleza melancólica

de costume, mas rasgava o ar com notas furiosas e desafinadas.

Kitty estava deitada na cama, sabendo que devia subir para falar com a mãe, mas não ficara tão exaltada por causa de Byron ou da ratazana idiota. Continuava pensando em Anthony com a cortina vermelha, em como ele sorria para ela, parecendo achar que sua família não fosse maluca.

Pela primeira vez, Kitty quase se sentia feliz por estar ali.

*

Henry e Asad, voltando a pé para casa, pararam quando a última nota foi encerrada furiosamente.

— TPM — disse Henry, com conhecimento do assunto.

— Achei que ela tivesse dito que tocava na Orquestra Sinfônica Municipal — observou Asad.

*

Do outro lado da trilha, Laura McCarthy terminava de lavar a louça.

— Aquele barulho está me deixando louca — disse ela, enxugando as mãos num pano de prato.

— Não entendo por que o bosque não abafa esse ruído, como abafa todos os outros.

— Você devia ter escutado o som de mais cedo — falou Matt, que passara a noite inteira animado, mesmo quando a esposa lhe dissera que seu carro precisava de dois pneus novos. — Nunca vi nada igual. Você já, Ant?

Anthony, com os olhos fixos na televisão, emitiu um ruído aleatório.

— Como assim? — perguntou Laura.

Matt abriu uma lata de cerveja.

— Aquela lá é doida de pedra. Estaremos na casa no Natal, Laura. Escreva o que estou dizendo. No Natal, no mais tardar.

11

Havia poucas paisagens mais bonitas do que o campo de Norfolk no início do verão, observou Nicholas, percorrendo de carro os últimos quilômetros a caminho de Little Barton, passando pelas casas de pedra e pelos pinheiros finos cuja única folhagem balançava na ponta dos troncos espigados.

Era fato que quando alguém deixava o ambiente desagradável do nordeste de Londres, quase qualquer outro lugar, em comparação, parecia verde e pitoresco. Mas na época, à medida que iam desaparecendo os reservatórios, os parques industriais e as tediosas torres de alta tensão que marcavam a periferia da cidade, a vegetação exuberante das cercas vivas e a relva verdinha do acostamento tinham um sabor picante quase insuportável. Nicholas Trent não deixou escapar o simbolismo.

No banco, mostraram-se dispostos a apoiá-lo até certo ponto, e queriam ver planos detalhados.

"Prazer em vê-lo", dissera Richard Winters, dando-lhe um tapinha nas costas. "Quem é bom nunca entrega os pontos, hein?"

Ele tentara várias vezes dizer a si mesmo que a mulher talvez não quisesse vender. Que havia muitos outros lugares onde seus planos poderiam se ajustar também. Mas quando fechava os olhos, visualizava a Casa Espanhola e o terreno em volta. Via o vale fabuloso, cercado por um cenário tão perfeito que era difícil acreditar que não tivesse saído diretamente de um livro ilustrado.

E, embora soubesse que sua jornada de volta aos negócios seria muito mais simples se ele tivesse um projeto em menor escala em qualquer instalação industrial abandonada na cidade, já era a terceira vez em um mês que saía de Londres em direção a Little Barton. E assim, mais uma vez, foi parar acidentalmente no lugar que ocupava seus pensamentos, que aparecia nas gloriosas imagens coloridas de seus sonhos.

No trabalho, não contara nada a ninguém. Todos os dias ele comparecia à imobiliária, pontual e educado, e atendia os mesmos clientes estressados, as mesmas insondáveis mudanças de opinião, os mesmos contratos fracassados, as mesmas metas não atingidas. Derek ficara cada vez mais rude — havia sido preterido na promoção para a gerência da área — e

Nicholas sabia que a distribuição de folhetos e os pedidos para buscar café eram seu jeito de descontar em alguém.

Contudo, ele não se importava mais. Na verdade, aproveitava a oportunidade de sair do escritório, com aqueles aborrecimentos insignificantes e ciúmes ardentes, para se entregar aos pensamentos.

Seu cérebro fervilhava de ideias.

— O que deu em você para estar tão alegre? — perguntava Charlotte, como se, de alguma forma, a felicidade dele a ofendesse.

Doze casas com energia renovável, com painéis solares e aquecimento térmico, ele queria responder. Cinco casas para executivos, cada uma com quatro mil metros quadrados de terreno.

Um prédio residencial de primeira, todas as unidades com acabamento topo de linha e fachada de vidro, proporcionando espetaculares vistas do lago. Tantas possibilidades, tanto potencial, tudo dependendo de uma única coisa: convencer a viúva a vender.

Eu tinha o dom de ser bom de papo, recordou Nicholas, reduzindo a velocidade ao ver a placa que indicava Little Barton. Vendia gelo para esquimós. Não há motivo algum para não conseguir isso. Só preciso vender bem o peixe. Se a gente vai com muita sede ao pote, a pessoa acaba se convencendo de que tem uma mina de ouro. Se faz uma oferta baixa, a pessoa fica tão ofendida que não vende por preço nenhum.

Não adiantava depositar todas as esperanças numa única propriedade, pensou ele, por mais que fosse uma ótima oportunidade. Melhor do que ninguém, ele sabia que esse era o caminho para a ruína. Parou no vilarejo, argumentando consigo mesmo, tentando conter seu entusiasmo. Não visitaria a casa. Tentaria se informar mais um pouco sobre o local, talvez dar uma volta pela região, olhar algumas imobiliárias. Afinal, era uma área promissora. Velhos celeiros degradados estavam sendo arrumados para ter condições habitáveis; casas de operários eram reconfiguradas para atender à crescente demanda. Ele investigaria todas as outras possibilidades e não deixaria a emoção dominar a razão. Não queria alimentar suas esperanças e ter que sofrer as consequências quando elas fossem desfeitas.

Mas era muito difícil.

Nicholas Trent ficou mais alguns minutos sentado no carro naquela rua pacata. Por fim, saiu do automóvel.

*

— O que esse homem está fazendo é imoral.

— Você não pode dizer isso, Asad. Não tem prova.

— Prova. — Asad bufou enquanto empilhava os pimentões na prateleira de verduras.

Vermelhos, amarelos, verdes, meticulosamente em ordem. — Está na cara que ele está demolindo aquela casa de dentro para fora. Basta mencionar o trabalho dele para a Sra. McCarthy para ela ficar dessa cor.

Ele ergueu um pimentão vermelho.

— Ela sabe muito bem o que o marido está fazendo. Provavelmente, os dois tramaram isso.

— O constrangimento da Sra. McCarthy não prova nada. Talvez ela ainda se sinta mal em relação à casa por causa do trabalho que teve com o velho sem ter recebido nenhuma recompensa.

— Henry balançou a cabeça. — Aliás, Laura McCarthy tem razões de todo tipo para se sentir mal quando fala com os outros sobre o marido, e você sabe tão bem quanto eu quais poderiam ser.

— Eu sei o que eu sei. E você também sabe. O que esse homem está fazendo com a Sra.

Delancey é a mesma coisa que roubar. E faz isso sorrindo, fingindo ser um bom samaritano.

O sol entrava em cheio pelas vitrines da lojinha, iluminando os baldes de flores, que balançavam alegremente com a brisa, anunciando que meses mais quentes estavam por vir. Mas as peônias e as frésias, visíveis através do vidro imaculado, e os vasos de jacintos que decoravam os peitoris das janelas destoavam do clima agourento do interior do local. Henry observou Asad se empertigar, alerta para qualquer esforço respiratório. Estava chegando a estação da febre do feno, e a asma de Asad sempre piorava nessa época do ano.

— Acho que seria uma boa ideia se você não se alterasse tanto por causa disso — falou ele.

— Eu acho — disse Asad, incisivo — que está na hora de alguém enfrentar Matt McCarthy.

A porta se abriu, e um homem entrou na loja quando o sininho tocou. De meia-idade, classe média, terno de qualidade, pensou Henry. Um viajante de passagem.

— Posso ajudá-lo?

— Hã… Por enquanto não, obrigado. — Dirigiu-se ao balcão da delicatéssen. — Eu queria almoçar.

— Certamente podemos ajudar com isso — garantiu Henry. — Avise quando estiver pronto.

Ele deixou o homem e voltou para junto de Asad que, depois de ter arrumado a prateleira de verduras, estava reorganizando a estante.

— Os peixes em conserva não precisam estar em ordem alfabética — sussurrou Henry.

Asad se certificou de estar falando baixo.

— Isso me irrita, Henry. Irrita mesmo.

— Não temos nada a ver com isso. E carne de caranguejo deve ficar ao lado das sardinhas.

— Kitty vem aqui todo dia e diz que ele derrubou uma parede ou que o teto desabou. A Sra.

Delancey chega aqui preocupadíssima com a situação financeira.

— Qualquer pessoa que já tenha feito obra em casa sabe que é perturbador e custa caro. Você lembra como foi quando reformamos a cozinha.

— A casa resistiu por cinquenta anos sem nenhuma obra.

— Exatamente — murmurou Henry. — É por esse motivo que agora precisa ser colocada abaixo.

— Ela não entende nada de obra. Não entende de nada, a não ser de música. Ainda está pensando no marido falecido. Matt está se aproveitando. — Seu tom de voz aumentara de irritação.

— Mas não sabemos nada sobre os problemas da casa. Como você disse, ninguém olhou para o local durante cinquenta anos. Vai saber o que Matt McCarthy encontrou?

Asad rangeu os dentes.

— Se fosse qualquer outro pedreiro, Henry, qualquer um que não esse homem, eu acreditaria feliz que aquela casa precisa de tanta obra.

Ele colocou uma lata de sardinhas na prateleira.

O cliente estava examinando o cesto de pão.

— Mas me diga uma coisa com sinceridade. Diga que não acha que Matt McCarthy está fazendo isso para ficar com a casa. Diga que não é uma vingança.

Henry olhou para os próprios pés.

— E então?

— Não posso dizer isso. Desconfio dele tanto quanto você, mas não é da nossa conta. E se nos envolvermos nisso só teremos dor de cabeça.

De repente pararam de falar quando o cliente apareceu ao lado de Asad.

Ele deu um sorriso cortês.

— Desculpe por interromper, mas poderia me dar um daqueles pães integrais e um pouco do queijo de cabra?

Henry voltou depressa para trás do balcão.

— Claro. Posso pegar alguns tomares? Estão muito bons nessa época.

Nicholas Trent saiu da lojinha com uma sacola de papel pardo. Apesar do apetite de antes, já não estava com fome. Jogou a sacola no banco do carona e partiu pela estrada, a cabeça fervilhando, um nó de nervosismo na barriga, procurando a estradinha tomada pelo mato ao lado da criação de suínos que indicava o caminho para a Casa Espanhola.

*

"Um Coro de Primavera." Uma simpática mistura de frésias, narcisos e jacintos em malva ou

azul-claro. Disponível em buquê, um arranjo feito e atado à mão, ou, por um pouco mais, disposto em um vaso de vidro. Os preços partiam de pouco mais de trinta libras, sem incluir a entrega. Laura pesquisara na internet. Flores para alegrar o coração no fim da primavera. Flores para agradecer. Ou para dizer: estou pensando em você. Ou até mesmo: eu te amo.

Flores que ela não recebera.

Flores que tinham sido debitadas no cartão de crédito de Matt no mês anterior.

Obviamente, ela não tinha visto o extrato, Matt tomava muito cuidado para não deixar os extratos do cartão de crédito à vista, e ela sabia que ele usava o cartão de trabalho para tudo que não queria que ela visse. Mas ela andara xeretando nos bolsos da calça jeans dele antes de lavá-la, e o recibo amassado tinha caído, junto de alguns parafusos e moedas. Sabia que era o número do cartão de crédito dele, da mesma forma que sabia tudo o que havia para saber sobre ele.

O que ela não sabia era quem tinha recebido as flores.

Laura McCarthy saiu andando pelo caminho, o cachorro correndo na frente, e deixou as lágrimas rolarem. Não acreditava que ele tivesse feito aquilo. Depois de tudo o que lhe dissera, depois de tudo o que lhe prometera. Ela achara que eles tinham superado essa fase. Já não sentia aquela ansiedade e aquele nervosismo por achar que não era o bastante para ele, que a falta de algo indefinível nela significasse que tinha de estar sempre na defensiva. Parara de considerar qualquer mulher com quem cruzava uma potencial ameaça.

Idiota.

Laura assoou o nariz, sem reparar na glória das sebes, nos narcisos e nas campânulas brotando da terra. Seu estômago estava embrulhado, sua cabeça era um turbilhão de raiva e acusação. Ela só conseguia pensar na cara de Matt, olhando com malícia para outra mulher… Não! Fazia muito tempo que sabia que aquele era o caminho para a loucura. Podia imaginar a mãe alertando-a, dizendo que ela havia feito um casamento muito "inadequado", só poderia culpar a si mesma quando tudo desse errado. Podia se imaginar fechando os olhos educadamente para as infidelidades do marido até ele já não ter idade para cometê-las.

— Vai te catar, Matt — gritou ela ao vento, sentindo-se um pouco idiota porque sua criação e seus modos lhe proibiam de usar uma linguagem mais pesada.

O que ela devia fazer? O que podia fazer, quando ele sabia que estava com as cartas do jogo?

Como ele podia fazer isso com ela, que o amava tanto e não fizera outra coisa senão amá-lo durante toda a vida?

No fundo, desconfiava que havia alguma coisa acontecendo. Ele andava muito animado, muito distante dela. Havia quase três semanas que não queria saber de fazer amor, e, em se tratando de Matt, não restava dúvida quanto ao que isso significava, apesar dos protestos de cansaço ou das noites em que ficava acordado para assistir a filmes "imperdíveis".

— Ai, meu Deus…

Laura se sentou num tronco de árvore e deixou os soluços rolarem. Era dura na queda, mas naquele dia estava arrasada por causa de um papelzinho. Seu casamento era uma farsa. Não importava o que ele dissesse, que aquilo não tinha nada a ver com ela, que simplesmente era o jeito dele. Não importava que ele negasse. Ela o amava, e isso não adiantava.

— Com licença. Você está bem?

Laura ergueu bruscamente a cabeça. Um homem de terno estava a quarenta e cinco metros dela, o carro ainda mais atrás, o motor ligado e a porta do motorista aberta. Ele se inclinou para o lado, como se para vê-la melhor, sem se aproximar muito. Bernie, o cachorro dela, estava sentado aos pés dele, como se Laura não tivesse nenhuma relação com o animal.

Envergonhada, ela limpou freneticamente o rosto com as mãos.

— Ah. Minha nossa. — Levantou-se depressa, as bochechas coradas. — Vou sair da sua frente.

Estava horrorizada por ter sido vista naquele estado. Tão pouca gente entrava no bosque que ela nunca pensou que pudesse ter mais alguém ali.

Enquanto remexia os bolsos, ouviu-o se aproximar. Ele lhe entregou um lenço.

— Aqui. Pegue, por favor.

Ela estendeu a mão com relutância, e encostou o lenço no rosto. Ninguém mais usava lenços de linho, pensou, distraidamente. Ficou um pouco mais tranquila, como se não pudesse haver maldade em alguém que tivesse um lenço daqueles.

— Desculpe — disse, tentando parar de tremer. — Você me pegou num momento ruim.

— Tem… alguma coisa que eu possa fazer?

Ela até achou graça. Que ideia! Como se alguma coisa pudesse ajudar.

— Ah… Não — respondeu.

Ele esperou enquanto ela enxugava o rosto. Ela nunca fora de chorar.

— Eu não sabia se você podia me ouvir. Não sabia se estava usando um daqueles negócios…

— Fez um gesto para indicar fones de ouvido. — Quem passeia com cachorro sempre usa, você sabe.

— Não… — Ela deu uma olhada em volta à procura de Bernie, depois fez menção de devolver o lenço e percebeu que estava molhado. — Desculpe. Acho que não vai querer de volta assim.

— Ah, isso…

Ele acenou com a mão, como se não tivesse importância.

Ela segurou o cachorro pela coleira e ficou parada um instante, com a cabeça baixa, sem saber o que dizer.

— Vou deixar você em paz, então — disse ele, parecendo não querer ir embora —, se tem certeza de que está bem.

— Estou ótima. Obrigada. — De repente, lembrou-se de onde estavam. — Você sabe que essa é uma estrada particular? Estava procurando alguém?

Foi a vez dele de parecer constrangido.

— Ah — respondeu. — Uma estrada particular? Devo ter entrado no lugar errado. É muito fácil se perder na floresta.

— É uma estrada sem saída. O que está procurando?

Ele pareceu reticente. Apontou para o carro.

— Só um lugar simpático para almoçar. Moro na cidade, então qualquer lugar para mim é bonito.

O sorriso dele era tão pesaroso e tão sincero que Laura relaxou.

Notou o terno de boa qualidade, ainda que surrado, os olhos tristes e bondosos. Certa ousadia serena apossou-se dela. Por que devia se importar? Que importância tinha aquilo, considerando o comportamento de Matt?

— Conheço um lugar agradável do outro lado do lago onde você pode comer — respondeu. — Se parar o carro no acostamento, eu lhe mostro. São só alguns minutinhos "andando pelo meio das árvores".

*

Não longe dali, nos confins entediantes da aula de história, Kitty remoía sua descoberta. Tentara

ser justa, como Mary lhe ensinara, mas, sob qualquer ponto de vista, a mensagem tinha apenas uma explicação.

— Olá, Sra. Delancey. Aqui é o Sr. Cartwright. Eu queria saber se a senhora pensou mais na nossa conversa. Recebi outro telefonema do Sr. Frobisher, que continua interessado em ver o seu Ge… Guar… o seu instrumento. Não sei se recebeu meus recados anteriores, mas acho que vale a pena considerar a proposta. Como conversamos, o valor que ele está oferecendo mudaria consideravelmente sua situação financeira. É mais que o dobro do que seu marido pagou por ele…

Mudaria consideravelmente sua situação financeira. Kitty se lembrou de Cartwright, com aquela pasta grande e brilhante, e de seu constrangimento diante da pilha bamba de roupa suja ao lado dele. A mãe a mandara sair da sala, embora não conseguisse entender o que o homem estava dizendo. E Kitty imaginava por quê. Ela não queria que Kitty

soubesse que tivera opção. Apesar de tudo, aquele violino idiota era mais importante para ela até mesmo do que a felicidade da família.

Thierry não ajudou.

— Você ouviu algum desses recados? — perguntara no quarto dele, na noite anterior, quando o menino estava sentado diante daquele jogo, os polegares golpeando uma tatuagem apocalíptica qualquer. — Sabia que mamãe poderia ter vendido o violino?

Ele fitara a tela inexpressivamente, como se não quisesse saber de nada.

— Você não está entendendo? Se ela sabia que podia ter vendido o violino, nós não precisávamos ter nos mudado para esse buraco. Podíamos ter mantido nossa casa.

Thierry olhava fixo para a frente.

— Está me ouvindo? Você nem se incomoda que mamãe tenha mentido para a gente?

Ele fechara os olhos, como se estivesse determinado a nem sequer olhar para ela enquanto ela falava. Então Kitty dissera que ele era esquisito, idiota e só queria chamar atenção, e depois se mandara para o quarto para remoer sua tristeza.

A mãe percebera que havia alguma coisa acontecendo. Fizera perguntas durante o jantar, se estava tudo bem na escola, se ela se sentia bem. Kitty estava tão furiosa que mal conseguia olhar para ela. Só conseguia pensar que ainda podiam estar na casa de Maida Vale. Podíamos estar morando na nossa antiga rua, com os vizinhos que conhecíamos e estudando na nossa antiga escola, talvez até com Mary, se o violino valesse tanto assim.

A mãe continuara falando que decidira dar aula para ganhar algum dinheiro. Tinha colocado um anúncio na loja dos Primos. Repetiu tanto que não seria tão ruim que Kitty percebeu que ela estava apavorada. Mas nem assim conseguia se sentir grata ou solidária. Porque com a mãe falando em aulas, ela pensava de novo em violinos.

— Você ama a gente? — perguntou, incisiva.

A mãe ficara chocada.

— Como pode perguntar uma coisa dessas? Claro que eu amo vocês!

Até Kitty se sentiu culpada ao perceber como ela ficara chateada.

— Por quê? — perguntou Isabel. — Por que está perguntando isso?

— Mais que qualquer coisa?

— Mais que qualquer coisa que você possa imaginar — disse a mãe, muito firme e emotiva.

No fim do jantar, como se quisesse tranquilizá-la, abraçou Kitty, mas a menina não foi capaz de retribuir o abraço, como costumava fazer. Porque eram só palavras, certo? Era evidente o que ela amava mais que qualquer coisa. Se aquele violino idiota não representasse a única esperança deles, Kitty teria jogado o instrumento pela janela do andar de cima.

Naquela tarde, voltou a pé para casa com Anthony. Perdera o ônibus da escola, e Anthony também, mas só quando chegou em casa se deu conta de que talvez ele tivesse feito isso de propósito. Caminhavam bastante juntos, e Kitty definitivamente estava menos tímida com ele. O

rapaz era bem agradável de conversar, e ela se sentia segura atravessando o trecho da mata com ele. Quando estava sozinha, vivia imaginando alguém observando-a por trás das árvores.

— O que você faria se seus pais mentissem para você? — perguntou, enquanto percorriam a trilha.

Caminhavam sempre devagar à tarde, como se nenhum dos dois tivesse pressa de chegar em casa.

— Sobre o quê?

Anthony estendeu um chiclete. Ela aceitou e o desembrulhou enquanto caminhavam.

Kitty não sabia ao certo se queria contar a ele.

— Uma coisa importante — disse, por fim. — Uma coisa que afetasse a família toda.

Anthony bufou.

— Meu pai mente o tempo inteiro.

— E você nunca fala nada?

Ele fez um muxoxo.

— O problema dos pais é que existe uma regra para a gente e outra para eles.

— Meu pai não era assim — retrucou Kitty. Subiu num tronco de árvore caído e o percorreu.

— Ele falava comigo de igual para igual. Até quando brigava com a gente, era como se… Como se só estivesse explicando alguma coisa.

Ela não conseguia falar mais sobre ele, pois ficaria com os olhos cheios d’água.

Afastaram-se quando um carro surgiu na trilha, diminuindo a velocidade ao passar por eles, até quase parar. O motorista, um homem de terno, ergueu a mão ao defrontá-los.

Anthony observou-o seguir caminho, depois voltou para o meio da trilha, ajeitando a mochila no ombro.

— Meu pai mente para todo mundo e sempre sai impune — disse, com amargura. Depois mudou de assunto: — Sábado, eu e mais um pessoal vamos ao cinema. Se você quiser, pode ir com a gente. Se estiver a fim.

O violino foi esquecido por um instante.

Kitty olhou para ele por baixo da franja.

Ele encarava a trilha, como se houvesse algo muito importante ali em que tinha que se concentrar.

— Não é nada de mais. Só para a gente dar risada.

O nó sumira da garganta de Kitty.

— Tudo bem — respondeu.

*

Ao sair do bosque, Nicholas Trent piscou diante da forte claridade, dirigiu até o final do caminho

e ligou a seta para a direita para voltar à estrada principal. Considerando o tempo que levara para chegar lá e a pausa inesperadamente longa que fizera para almoço, devia ter ido para a imobiliária, como planejado. Mas, distraído, voltou para a autoestrada. Tinha coisa demais na cabeça, sua mente estava tão acelerada que não dava para pensar com clareza.

E dessa vez não tinha nenhuma relação com casas.

12

O garoto estava deitado de costas, rindo enquanto os filhotes rastejavam por cima dele, as barrigas gordas e as patas enormes buscando um ponto de apoio em seu suéter. Os garotos daquela idade também eram como filhotes, pensou Byron, fechando outra caixa de papelão com fita adesiva. O

menino passara grande parte da manhã correndo pelo pequeno jardim, apostando corrida com a terrier, que gania animadamente a seus pés. Ele estava diferente ali, longe da mãe. Gostava de aprender a consertar cercas, a cuidar dos filhotes de faisões, a identificar os cogumelos comestíveis, enchendo os cachorros de tanto afeto que as duas cadelas também tinham estendido a ele a lealdade até então exclusiva ao dono. Não que ele falasse muito. Era difícil arrancar um simples "sim" ou "não" dele, mas baixara um pouco a guarda.

Não parecia certo que um garoto daquela idade se comportasse de tal maneira. Byron ficava triste quando o comparava à sua sobrinha, Lily, com sua tagarelice ruidosa, suas exigências simples de tempo e afeto a todo mundo. Diziam que era compreensível, que o menino tinha acabado de perder o pai e cada criança reagia de um modo a um trauma como aquele. Ele entreouvira a viúva ao telefone falando com o pessoal da escola, rejeitando psiquiatras e afins que algum professor queria lhe empurrar.

— Já falei com Thierry sobre isso, e ele não quer. Por enquanto, acho bom deixar meu filho lidar com as coisas do próprio jeito — dissera ela.

Ele notara que, embora a voz dela estivesse calma, os nós de seus dedos estavam brancos, segurando com força o puxador da gaveta.

— Não… Estou sabendo disso. Com certeza aviso se achar que ele precisa de ajuda profissional.

Byron a aplaudira silenciosamente. Ele tinha uma necessidade instintiva de privacidade, de estar livre da interferência e da supervisão dos outros. Mas era difícil não se perguntar o que diabo se escondia por trás da carinha fechada do menino.

Ele se apoiou na meia-porta da cozinha.

— Você fica aí embaixo numa boa, Thierry? Tenho que trazer mais algumas coisas lá de cima.

O menino assentiu, sem ver Byron direito, e ele se inclinou, por força do hábito, subindo a escada estreita até seu quarto. Duas malas, quatro caixas grandes de papelão e vários cacarecos, além de um bagageiro cheio de cachorrinhos. Pouca coisa para uma vida, não muito para encontrar uma casa. Desabou na cama, ouvindo os latidos lá embaixo. Não era o quarto mais elegante nem o mais luxuoso do mundo, mas ele havia sido feliz nos últimos anos, com a irmã e Lily. Não levara mulheres para ali — nas poucas ocasiões em que sentira necessidade de companhia feminina, fora para a casa delas —, e assim, sem nenhuma contribuição feminina, o lugar tinha a aparência fria e prática de um quarto de hotel. Sua irmã insistira em fazer cortinas e capas de edredom combinando, uma tentativa, Byron sabia, de que ele se sentisse parte novamente de um lar. Ele lhe dissera para não se incomodar, afinal passava a maior parte do tempo fora. Mesmo assim, tinha sido a casa dele, e se dava conta de que estava triste por deixá-la.

Os proprietários não queriam inquilinos com cachorros. O único que dissera aceitar de bom grado os cachorros de Byron exigira um adiantamento de seis meses de aluguel, "para o caso de os animais fazerem estragos". Era uma quantia absurda. O outro possível proprietário não queria os cachorros dentro de casa. Byron explicara que, assim que os filhotes tivessem ido embora, as cachorras não se incomodariam de dormir no carro, mas o senhorio não acreditou.

— Como vou saber que você não vai deixá-las entrarem assim que eu virar as costas?

As semanas tinham passado, a irmã fora embora, e era questão de dias até o contrato de aluguel vencer oficialmente. Havia cogitado pedir um empréstimo a Matt, mas mesmo que ele tivesse concordado, alguma coisa em Byron lhe dizia que não era boa a ideia de ficar devendo mais algum favor a ele.

— O que vamos fazer então, garotona? — Afagou a cabeça da collie. — Tenho trinta e dois anos, não tenho família, meu emprego paga menos que um salário mínimo, e estou prestes a virar sem-teto.

A cadela parecia triste, como se também compreendesse a incerteza do futuro deles. Byron sorriu e se obrigou a se levantar, tentando não pensar no que acabara de dizer, nem no silêncio opressivo da casa depois que ficara sozinho. Tentou não deixar a voz do desespero prejudicar sua

determinação. Lembrava que em outra época era fácil se deixar abater por esses pensamentos.

A vida não era justa e pronto. O jovem Thierry lá embaixo sabia disso, e tivera que aprender, dolorosamente jovem, uma lição mais dura que Byron.

Byron desceu a escada. Estava quase na hora de levar o menino para casa. O jornal local saía naquela tarde. Torcia que alguma coisa interessante tivesse sido publicada. Observou a criança, notou sua felicidade, subitamente grato pela distração.

— Vamos — disse a Thierry, parecendo mais animado do que estava. — Se você se comportar, vamos perguntar à sua mãe se você pode ir na escavadeira do Steve quando limparmos o campo.

*

Isabel ouviu um assobio abafado ao descer a escada e, automaticamente, levou a mão ao peito

para unir os dois lados da gola da camisa. Matt, usando um cinto de ferramentas de couro, estava do outro lado do corredor, passando um cabo elétrico por um grande buraco. Estava ladeado por dois outros rapazes que ela já tinha visto algumas vezes. Estava sorrindo para ela.

— Está muito elegante, Sra. D. Vai a algum lugar chique?

Isabel corou e amaldiçoou-se por isso.

— Ah… não — gaguejou. — É só uma camisa velha que eu desencavei do armário.

— Fica bem em você — disse Matt. — Devia usar essa cor mais vezes.

Voltou para o cabo quando um dos rapazes murmurou alguma coisa. Começou a cantar baixinho para si mesmo. Algum tempo depois, ela reconheceu a melodia.

— Hey there, lonely girl… lonely girl…

Ela resistiu ao impulso de dar meia-volta e entrou na sala, a mão ainda no pescoço. Era a terceira vez, em uma semana, que Matt fazia um comentário sobre sua aparência, mas ela custava a acreditar que aquela camisa fosse digna de elogio. Era de linho azul-marinho e tão velha que tinha textura de papel. Laurent lhe dera de presente muitos anos antes numa viagem a Paris. Era uma das várias roupas velhas que voltaram a lhe servir. Aliás, grande parte de seu guarda-roupa estava folgada nela. Isabel não sentia muita fome desde que Laurent morrera. Às vezes pensava que,

se não fossem os filhos, teria vivido à base de biscoitos e frutas. E não havia ninguém com quem conversar sobre as crianças, sobre o mau humor de Kitty, o silêncio persistente de Thierry.

Provavelmente falava com Matt mais do que com qualquer outra pessoa.

— E esse banheiro? — perguntou ele, aparecendo à porta. — Já decidiu se vai mudá-lo de lugar? Ficaria muito melhor no terceiro quarto.

Ela tentou se lembrar da conversa anterior.

— Você não disse que isso custaria mais? — perguntou.

— Bem, um pouco mais, só que poderia dividi-lo e fazer um closet e uma suíte no seu quarto, e não seria muito difícil desviar o encanamento. Ficaria muito melhor do que perdido naquele canto.

Ela pensou sobre o assunto e depois negou com a cabeça. Desde o desmoronamento do teto, tinha dificuldade em não olhar para cima durante qualquer conversa.

— Não posso fazer isso, Matt. Acho que devemos nos ater à instalação de uma banheira que funcione.

— Estou dizendo, Isabel, seria muito mais funcional. Um banheiro e um closet de tamanho decente valorizariam o imóvel.

Havia algo muito persuasivo nele, e era óbvio, por seu tom de voz, que costumava conseguir o que queria.

— Sei que você pensou muito sobre isso — disse ela —, mas, dessa vez, não. Na verdade, eu queria mesmo falar com você sobre uma tomada na cozinha. Preciso ter como ligar a geladeira antes que faça muito calor.

— Ah, sim, a tomada. Não é tão simples como parece por causa da instalação elétrica. — Ele sorriu. — Mas vou dar um jeito. Não se preocupe. Por sinal, seu cabelo está bonito.

Ela captou de relance seu reflexo no espelho da parede e tentou descobrir se havia algo diferente em si mesma naquele dia. Já era o segundo comentário que ele fazia. Depois se afastou, com medo de que ele a surpreendesse olhando o próprio reflexo. Fazia dias que ele parecia onipresente, saindo de repente de um cômodo onde ela estava prestes a entrar, cantarolando enquanto ela praticava o violino, fazendo uma pausa para o café na cozinha enquanto ela cozinhava, e falando sobre os jornais do dia. Às vezes, ela não se importava.

— Preciso dizer que encontrei mais fezes de ratazana quando levantei o rodapé. Talvez tenham sido incomodadas pela obra.

Isabel estremeceu. Mal conseguia dormir desde o episódio da ratazana.

— Será que devo chamar o controle de pragas?

— Não adianta. Há muitos lugares para elas se esconderem enquanto o assoalho está descoberto. Podem estar vindo lá de fora. Espere até acabarmos.

Isabel fechou os olhos para afastar visões de ratazanas correndo para dentro de casa na calada da noite. Suspirou fundo, depois procurou as chaves e a carteira.

— Matt, vou até a loja. Já volto.

Não sabia ao certo por que tinha que mantê-lo informado do que fazia. Caso precisasse entrar e sair, usaria a chave que ficava sob o capacho. Tinha sido ele quem lhe mostrara isso algumas semanas antes. Ela ficara chocada ao descobrir que passara meses dormindo com as crianças numa casa onde todo mundo sabia como entrar.

— Matt?

Ele não a ouviu. Quando fechou a porta, ela o escutou assoviando em algum lugar no andar de cima.

*

Ela ficara quase dez minutos na fila do caixa eletrônico até chegar sua vez, em grande parte

porque o senhorzinho à sua frente insistira em ler em voz alta todas as opções que a tela tremeluzente lhe oferecia.

"Dez libras, vinte libras, cinquenta libras, outras opções…", murmurara ele. "Quanto eu quero?"

Isabel não resmungara feito a mulher atrás dela, embora estivesse chovendo e ela tivesse esquecido o guarda-chuva. Sabia por experiência recente como era fácil se sentir intimidada por tarefas que pareciam simples para os outros. Em vez disso, batera no ombro do senhorzinho quando ele esquecera o dinheiro na máquina e aceitara seu agradecimento com um sorriso.

Pensar no velho e em como era fácil se distrair fez com que demorasse alguns segundos, depois de digitada sua senha e a solicitação da quantia de dinheiro, para ver a mensagem que surgiu na tela. "Saldo insuficiente para completar a transação", dizia. "Favor entrar em contato com sua agência bancária."

Ela saiu da fila e entrou no banco. A mulher no caixa conferira o cartão, digitara algo, depois confirmara o que a máquina informara a Isabel.

— A senhora não tem saldo suficiente na conta-corrente — disse a mulher.

— Pode me dizer quanto eu tenho? — perguntou Isabel calmamente.

A atendente digitou alguma coisa, depois escreveu um número num pedaço de papel e o empurrou para ela.

— A conta está no vermelho. Se passar desse valor — disse ela, escrevendo outro número —, vai ter que pagar juros, pois a autorização de saque a descoberto é cancelada automaticamente.

Isabel tentou, desesperada, se lembrar do que havia pago recentemente e atinou para a encomenda inesperada de telhas, o novo encanamento de esgoto, as luminárias que haviam custado o dobro do esperado.

— Pode transferir dinheiro da minha poupança, por favor? Deve haver alguma coisa lá. Só para me tirar do vermelho.

A mulher realizou o pedido com uma eficiência impessoal, e entregou outro pedaço de papel a Isabel, com a soma das poupanças. A quantia era muito menor do que Isabel imaginara, mas a mulher, virando a tela para ela, como se oferecesse um presente inusitado, apontou para todas as transações realizadas no mês anterior.

— Ah… estou fazendo uma obra — disse Isabel, trêmula.

A mulher sorriu para ela, lamentando.

— É um sofrimento, não é? — comentou.

Isabel voltou de carro para casa, desanimada, com batatas e feijão cozido em vez do frango assado com salada que planejara fazer. Para se animar, pôs uma fita antiga de Handel que estava no porta-luvas. Nunca levara em conta a despesa de itens como alimentos, mas, no momento, confrontada com a acelerada redução de suas economias, compreendia que precisava poupar.

Cortando carne e peixe do cardápio da família, podia economizar quase vinte libras da conta do mercado, e concentrado de fruta era mais barato que suco natural. Passara a noite anterior remendando as meias de Thierry, sendo que, em outra época, teria jogado fora e comprado outras.

Havia algo quase meditativamente agradável em estar sentada diante da lareira com o trabalho manual provando sua eficiência doméstica.

Tinha andado meio quilômetro quando Dolores, com um timing impecável, decidiu apagar qualquer vestígio de otimismo. O motor, que custara a ligar nos últimos dias — um fato que Isabel preferira ignorar —, finalmente engasgou e morreu quando o carro passou por cima de uma grande poça no meio do caminho. Isabel ficou lá sentada, com os limpadores de para-brisa, cada um para um lado do vidro, e a música nas alturas. Desligou o rádio e tentou em vão dar a partida.

— Ai, cacilda! — gritou.

Desceu do carro, xingando ao enfiar o pé na lama gelada, e foi abrir o capô. Parcialmente abrigada da chuva, observou o motor ligado sem fazer ideia do que estava procurando.

— Por quê? — perguntou, em voz alta. — Por que agora? Por que não me levou para casa?

Chutou o aro da roda, depois procurou a vareta do óleo, a única peça no motor que conhecia.

Mas depois de ter verificado o nível, não conseguiu pensar em mais nada para fazer. A chuva continuava caindo do céu cor de ardósia, e ela resistiu ao impulso de xingar.

Nem sabia se queria voltar para casa. Alguns dias, ela se sentia devorada pela casa, como se todo o seu ser estivesse escravizado por ela, sua energia era dedicada à interminável manutenção.

Seus pensamentos, antes livres, passaram a se ocupar com uma série sem fim de decisões, como onde colocar certa tomada, que tipo de madeira usar, qual a altura do rodapé.

Tentou não pensar no que poderia ter acontecido se Laurent estivesse vivo. Eram as pequenas coisas que a abatiam, mais do que sua perda: o carro que não pegava, o extrato bancário que ela não entendia, o boletim escolar que não podia discutir com ninguém, a ratazana na cozinha.

"Não quero saber", desejava gritar, quando os operários a abordavam pela décima quinta vez.

"Quero uma casa que funcione, com a qual eu não precise me preocupar. Quero pensar em adágios, não em materiais isolantes."

— E quero um carro que me leve à loja e me traga de volta! — gritou. — É pedir muito? — Chutou a roda dianteira, quase se deliciando com a dor que sentiu no pé. — Não quero lidar com nada disso! Quero minha antiga vida de volta!

Entrou de novo no carro, o cabelo pingando nos ombros. Fechou os olhos com força e respirou fundo várias vezes. Tentou calcular se levaria mais tempo para voltar a pé até a loja e chamar um reboque, ou seguir pela estrada até chegar em casa. Dera seu celular a Kitty naquela manhã, numa tentativa de melhorar o humor da menina, e concluiu que seria uma caminhada de quinze minutos na chuva para qualquer uma das direções. Isabel fechou os olhos e deixou a música lhe lembrar que isso também passaria, que ela tinha outro jeito de ser.

Quando os abriu, através da água escorrendo do para-brisa enxergou uma sombra vermelha vindo em sua direção. Era a caminhonete de Matt.

— Problema com o carro?

Ele desceu do veículo poucos metros à frente dela.

— Simplesmente parou. — Ela não conseguiu conter o alívio diante da presença dele. — Não sei o que houve.

Ele se aproximou, levantou o capô e espiou lá dentro. A música ecoou pela porta aberta do motorista.

— Você nunca para, não é? — disse ele. Enfiou a mão lá dentro, tateando habilmente em volta do motor, depois puxou-a de volta. — Ligue o motor.

Ela se sentou no carro e testou o motor.

Ele escutou e fez sinal para ela baixar a música para que pudesse ouvir melhor.

— De novo — ordenou. E depois: — Espere um pouco.

— O que você está ouvindo? — perguntou ela, intrigada. — Não estou ouvindo nada.

Ela saiu do carro. Parecia errado ficar sentada num lugar seco enquanto ele trabalhava.

Quando a viu, Matt tirou o casaco e entregou a ela, para que se protegesse da chuva, depois foi até a caminhonete, inclinou-se e pegou um farrapo. Voltou e arrancou uma peça de borracha, limpando-a meticulosamente. Em seguida limpou várias velas pequenas. Quando terminou, sua camiseta cinza estava toda encharcada e seu cabelo brilhava.

— Tente agora — disse ele.

Isabel tornou a se sentar no carro e ligou o motor, os dedos molhados escorregando na chave. O

carro pegou obedientemente.

— Ah! — exclamou ela, exultante. Sobressaltou-se quando o rosto de Matt apareceu na janela, a pele reluzindo na chuva.

— Tampa do distribuidor — explicou, semicerrando os olhos por causa da água que escorria pelo seu rosto. — Elas deixam entrar água num carro de suspensão baixa como esse, com todas essas poças. É bom colocar um pouco de WD-40 aí. Olhe só, vou com você e digo para o pessoal dar a volta lá em cima e nos acompanhar até em casa. Para garantir que você vai chegar bem.

Antes que ela pudesse protestar, ele já tinha se sentado no banco do carona e fazia sinal para ela passar ao lado da caminhonete. Ao passar, ela sentiu os olhos dos homens fixos nela, totalmente ciente de sua camisa molhada e da proximidade do homem ao seu lado.

— Já pode colocar sua música de novo — disse ele.

Ela aumentou um pouco o volume, deixando o som triunfante do cravo inundá-la.

— Handel — disse ela, quando reparou que ele estava olhando para a caixa da fita.

— Não me diga que…

Ela riu.

— Sim. Sim, é isso. A Música Aquática dele.

E ouviu a sonora gargalhada de Matt em resposta.

Depois, não soube ao certo se tinha sido alívio por causa do carro, desespero por causa da situação financeira ou simplesmente uma emoção, reprimida havia muito tempo, buscando uma válvula de escape, mas enquanto seu carro velho e pouco confiável seguia aos trancos o caminho para a casa solitária, cara e cheia de vazamentos, o riso frouxo de Isabel aumentou tanto que lágrimas escorriam, e ela teve receio de que a alegria se transformasse em outra coisa.

Estacionou na entrada, desligou o motor e parou de rir. Com a ausência de movimento e música, o silêncio dentro do carro de repente pareceu significativo.

Olhou para as próprias mãos, para o tecido escurecido da sua saia comprida encharcada pela chuva, o nítido contorno de seus seios na camisa molhada. Mais do que ver, sentiu-o olhando para ela, e tentou exibir uma expressão relaxada.

— É bom ver você sorrir — disse Matt, baixinho.

Seus olhos, intensos e azuis, encontraram os dela, e pareceram perder aquele ar habitual de sabichão. Ele pôs a mão em seu ombro.

Ela estremeceu, mas ele abriu a porta do carro e desceu. Seguiu debaixo de chuva para a caminhonete, enquanto a mão de Isabel sentia falta do calor da mão dele.

*

Não havia nada, nem para quem ganhasse o dobro do que ele recebia. Nada para um homem que

quisesse viver a uma distância razoável de onde passara a maior parte da vida. Byron estava sentado dentro do carro, a chuva batendo no para-brisa, os filhotes chorando e rosnando uns com os outros logo atrás, enquanto ele examinava os jornais locais à procura dos poucos anúncios imobiliários. Havia mansões, apartamentos de dois quartos, casas simples que já não eram mais ocupadas por operários. Mas não havia oferta para um homem de baixa renda com quase nada na poupança.

Quando pensava na realidade brutal de sua situação, Byron quase não conseguia acreditar. Era o tipo de coisa que se imaginava acontecendo com os outros. No entanto, vários anos antes, ele acabara enfrentando circunstâncias que nunca teria imaginado. Como era aquela frase sobre fazer Deus rir? Conte a Ele seus planos?

Byron já não tinha mais planos, a não ser encontrar um lugar temporário para morar. No desespero, cogitara levar os filhotes para um abrigo de animais a fim de poder encontrar uma casa para ele com mais facilidade. Mas os cachorrinhos eram tão novos que seria preciso deixar a cadela com eles, e Byron não suportaria perder Meg ou Elsie. Eram praticamente tudo o que ele tinha.

Poderia ter perguntado a irmã se ele teria como dormir no sofá dela durante algumas semanas, mas isso não parecia justo. Ela começara uma vida nova, e ele era orgulhoso demais para boicotar as primeiras semanas de uma verdadeira vida familiar. Ele tinha amigos no vilarejo, mas nenhum íntimo o suficiente para pedir um favor desses. Descobrira que havia um grupo de pessoas em situação semelhante; ninguém se considerava sem-teto, mas todos estavam trocando de casa, dormindo em sofás de amigos, em camas temporariamente vagas, em trailers, fazendo favores para garantir mais uma semana sob um teto. Pensava que podia ter dirigido os trezentos e vinte quilômetros até a casinha no litoral para onde

os pais se mudaram quando se aposentaram, mas o que isso resolveria? Ele não teria emprego, e a casa dos pais, com o chão de carpete imaculado e uma infinidade de bibelôs, não era um lugar onde ele ou os cachorros pudessem se encaixar razoavelmente. Não lhes pediria dinheiro, sabendo que viviam com pouco.

Além disso, a ideia de admitir até que ponto havia caído — de decepcioná-los pela segunda vez — era insuportável. Ninguém queria se assumir um sem-teto. Ele não queria que os outros o enxergassem através de todo o peso que essa expressão carregava. O rosto de Byron se contraiu numa máscara de desespero. Ele ficou pensando até o céu escurecer e os cachorros ganirem de frustração por estarem presos ali.

Finalmente, deu partida no carro e começou a dirigir.

Estava escuro quando estacionou o velho Land Rover na clareira perto do cercado dos faisões.

Escolhera esse lugar porque ficava no terreno de Matt, e a presença de seu carro não despertaria comentários nem curiosidade. Eram quase oito da noite. Colocou os filhotes numa caixa de papelão, pôs uma sacola no ombro e partiu, com os dois cães adultos em seu encalço.

Byron conhecia tão bem o terreno que não precisava de lanterna. Ele fizera a trilha quase diariamente durante muitos anos e crescera na vizinhança, portanto era capaz de atravessar cada sulco e passar por cada galho caído com a segurança instintiva de um cabrito montês. Movia-se pela noite fechada, sob a copa das árvores, acompanhado pelo arrulho distante das corujas, o guincho desesperado de um coelho capturado por algum predador, mas não ouvia nada exceto o sussurro da chuva, os passos ininterruptos dos seus pés cobertos de lama.

Finalmente, avistou as luzes. Parou no limite do campo, perguntando-se, por um instante, se era mesmo capaz de fazer aquilo. E quando olhou para a janela daquela distância, notou a mulher dando um passo à frente, sua silhueta fluida em contraste com a luz da sala, para fechar as cortinas compridas e desaparecer de vista em seguida. Mais tarde, percebeu que aquele havia sido o pior momento: ao assistir a essa simples tarefa doméstica, sentira-se mais isolado, mais sozinho do que nunca.

Os filhotes estavam se contorcendo na caixa de papelão úmida. Não será por muito tempo, disse a si mesmo, limpando o rosto com a mão livre. Só até essa ninhada desmamar e eu poder vendê-la. Só até eu me restabelecer. Colocou a caixa embaixo do braço e, dando comandos para os

cachorros se calarem, contornou o limite escuro do campo até ver a porta que queria, um telheiro de tijolos e ripas, projetando-se da parte principal da casa.

A tranca estava quebrada desde que lembrava, a madeira em volta estava podre, mal sustentando a lingueta de ferro fundido. Em silêncio, abriu-a, ouvindo o som distante de um violino, uma voz de criança por instantes se elevando. Insinuou-se pela abertura e desceu os degraus de pedra. Havia um cheiro oleoso e vagamente sulfuroso no andar de baixo da casa, mas pelo menos ali era seco, e vários graus mais quente do que a noite lá fora, que ainda conservava a friagem do inverno. Ao longe, ele ouviu o ronco abafado do boiler, mas só quando a porta se fechou atrás dele é que teve coragem de acender a lanterna.

Era como ele lembrava: o formato em L do cômodo onde ficava o boiler embaixo da casa, o aparelho dilapidado no canto do outro lado, a velha pilha de lenha ao lado da porta, grande o suficiente para escondê-la de olhares fortuitos. A velha pia suja para serviço, e a porta que levava à cozinha pela escada dos fundos, que estava trancada com cadeado. Não havia o risco de uma das crianças passar por ali, nenhuma razão para alguém ir lá embaixo. Era bem possível que a viúva nem soubesse que aquele quarto existia.

Byron colocou a caixa no chão e desenrolou o saco de dormir. Meg se deitou e, parecendo cansada e feliz, começou a amamentar as crias. Ele buscaria o restante de seus pertences no dia seguinte. Colocou comida para ela e para Elsie, encheu uma bacia com água e tentou se lavar na pequena pia. Depois, finalmente, apagou a lanterna e sentou-se no canto, ao lado de uma grade que revelava um trecho do céu noturno, escutando os cachorros e tentando não pensar no que o cercava. Tentou não pensar em nada. Era um truque que aprendera havia muito tempo.

Estava prestes a se enfiar no saco de dormir quando percebeu um brilho metálico. Metal novo, reluzente, não como as trancas e as fechaduras gastas e enferrujadas que caracterizavam a velha casa. Byron pegou a lanterna e acendeu-a, apontando o feixe de luz para onde vira o brilho. Uma gaiola para transporte de animais de estimação, feita de arame, mas com uma bandeja firme no fundo, daquelas que costumam ser usadas para um gato pequeno.

Quando Byron a ergueu, notou fezes no canto. A gaiola não havia sido usada para um gato.

A tranca para o corredor da cozinha estava quebrada.

Byron se sentou, esquecendo por um instante seu dilema. Estava pensando no visitante inesperado que surgiu na cozinha.

13

Tinham lhe dito que uma casa tão grande, tão dilapidada e tão isolada seria difícil nos meses de inverno. Que o frio incessante, as goteiras e as correntes de ar penetrariam pelo telhado restante, e a umidade do lago se infiltraria pelo solo. Mas com a chegada do verão, ela descobrira que o tempo mais quente conferia uma marca própria de rebeldia à casa. Era como se a Natureza soubesse que o último dos Pottisworth tivesse morrido e que havia uma usurpadora no lugar dele, e então houvesse decidido reivindicar para si a Casa Espanhola, tijolo por tijolo, cantinho por cantinho. Campânulas, tulipas e jacintos cujos bulbos agrupados e multiplicados haviam germinado, e entre as lajes que rodeavam a casa as ervas daninhas se revelavam, por um instante, brotinhos verdes e se transformavam em antipáticos cardos altos, rosetas de erva-de-santiago venenosa ou morriões-dos-passarinhos viçosos. As semanas de chuva deixaram afloramentos de musgo no reboco, enquanto as cercas vivas se adensavam, entrelaçadas de silvas e hera. A relva, um tapete ralo e esgarçado, ficou exuberante e alta, salpicada de dentes-de-leão e botões-de-ouro, escondendo os caminhos e o cascalho. Algumas velhas árvores frutíferas simplesmente caíram prostradas, uma acusação muda de sua incapacidade de cuidar do jardim. Como em resposta ao chamado da Natureza, os coelhos cavavam coelheiras, mas os buracos que causam lesões nos tornozelos estavam escondidos pela relva, enquanto as toupeiras deixavam a intervalos regulares montinhos de terra escavada, grandes pontos finais da subversão orgânica.

Dentro de casa, as coisas eram um pouco melhores. Matt e seus cúmplices iam e vinham diariamente, abrindo buracos nas paredes e aparentemente tapando-os de novo. Em alguns lugares, ela notava melhorias: o telhado estava seguro, a chaminé já não estava empenada precariamente. Tinha um sistema de esgoto que transferia os resíduos dos banheiros sem risco de contaminação, tábuas novas no assoalho e uma pia decente na cozinha. Havia várias janelas novas, água aquecida intermitente e um sistema de calefação parcialmente instalado, o que garantia aquecimento no próximo inverno, mas por enquanto a água vazava pelas tábuas novas do piso.

Porém, Isabel não tinha um banheiro funcionando, nem tomada para a geladeira, apesar dos pedidos insistentes. E, o mais importante, havia uma pilha de extratos bancários que detalhavam seus custos exorbitantes, e um livro em que registrava as obras que Matt McCarthy lhe dissera que precisavam ser feitas, com os orçamentos dele anotados ao lado. A quantidade de zeros do total a deixava chocada todos os dias.

Passou a manhã inteira sentada à mesa da cozinha, organizando os extratos, vendo no papel a realidade de sua situação financeira. O que viu quase a desestabilizou, como se estivesse precariamente equilibrada à beira de um precipício. É só isso que resta, pensou. E estou sozinha.

Sou responsável por tudo. As crianças dependem de mim. Não pareciam considerar a hipótese de ela não estar à altura da tarefa.

Naquele momento, Matt entrou na cozinha com um saco de croissants da padaria. Sentou-se à sua frente.

— Vá em frente — disse, levando um à boca de Isabel. — São deliciosos. Prove. — Ela se sentiu estranhamente inibida, consciente de que ele a observava enquanto abria a boca. Ele sorriu.

— São bons, não?

Ele tinha mãos largas, dedos quadrados, a pele esfolada e seca, calejada por anos de trabalho pesado. E quando ela assentiu, mastigando, ele tornou a sorrir, como se confirmasse algo para si mesmo. Ele passara a levar coisas para Isabel com frequência: café de verdade, para que ela preparasse para ele, ovos que ganhavam em outra obra, muffins de chocolate e bolos de passas quando um de seus homens ia à cidade. Ela nunca sabia se devia ficar feliz com a presença dele — pois significava que não estava sozinha, afinal havia a possibilidade de ter ratazanas, vazamentos ou um defeito no fogão — ou com medo — pois ele sempre parecia ter mais controle da casa do que ela. Tinha carisma, o que de alguma forma a convencia a concordar com o curso de suas ações, mesmo quando a princípio pretendera o oposto.

— Olhe para as suas mãos — exclamou ele, quando ela tornou a pegar o croissant. Byron estava à porta. — Olhe para elas, Byron. Já viu dedos assim?

Ela corou quando ele tocou um deles.

— Eles têm sido protegidos — disse ela. — Nunca fizeram muita coisa a não ser tocar violino.

— Sem marca nenhuma. Tão lisos. Parecem… — virou-se para Byron — …dedos de estátua, não?

Byron concordou com um murmúrio, fazendo ela se sentir ridícula. Matt terminou o café e se levantou.

— Não coma todos de uma vez — disse ao sair da cozinha.

Isabel olhou para o fino talão de cheques e para o saco de papel amassado ao lado. Achava que nem as delícias de um croissant poderiam melhorar seu dia. Os extratos lhe mostravam a verdade incontestável. Colocou-os numa pilha. Viu Matt lá fora supervisionando o homem com a escavadeira. Estavam ligando um cano secundário à rede externa.

Aquilo tinha que parar, disse a si mesma. Não importava que a casa estivesse caindo aos pedaços, já não sobrava quase nada.

*

Isabel saiu da casa e vinha atravessando penosamente o gramado. Usava uma saia longa e um

cardigã de lã volumoso. O cabelo solto caía pelos ombros e o vento fazia as mechas soltas atingirem seu rosto. Matt foi até a escavadeira e colocou lá dentro os projetos de Sven.

— Eu trouxe chá para vocês — disse ela, estendendo duas canecas.

Matt sorriu para Byron.

— A Sr. D sabe cuidar de nós. Não é feito uns e outros, hein, Byron?

— Obrigado.

Ele viu Byron pegar a caneca das mãos dela, os dedos ainda pretos de terra.

— Estávamos dizendo que antigamente havia uma horta ali antes que aquele muro caísse. — Matt apontou para uma área cercada dos dois lados por tijolos vermelhos maciços. Ele ainda a visualizava, lembrando-se de macieiras plantadas em espaldeira, com nomes como Gascoyne's Scarlet, D'Arcy Spice e Enneth's Early. — Ainda há algumas frutíferas. Você deve ter uma boa safra esse outono.

Se ainda estiver aqui, pensou, de repente.

Byron baixou a caneca.

— Tem alguns canteiros elevados lá atrás. Onde ficava a horta. Talvez Thierry queira semear algo. Minha sobrinha gosta de cultivar algumas coisinhas.

Foi um dos discursos mais longos que Matt já o escutara fazer espontaneamente.

— Se quiser, eu mostro a ele como — prosseguiu. — Ervilha-de-cheiro é bem fácil.

— Talvez ele goste — disse Isabel, afastando o cabelo do rosto. — Obrigada.

Byron deu um passo à frente, arrastando as botas, que estavam cobertas por uma crosta de lama.

— Também queria lhe pedir desculpas pela história da ratazana. Já guardei a espingarda no seu sótão onde ninguém pode tocá-la.

— Obrigada — disse ela novamente.

— Acho que a senhora não vai mais ser incomodada por ratazanas.

— Não dá para ter certeza — interveio Matt.

— Eu acho que dá — disse Byron, com firmeza, os olhos fixos num trecho de terra bem em frente aos pés de Matt. — Acho que posso dizer com segurança que foi um caso isolado.

— Bem… é um alívio — concordou Isabel. — Ando tendo pesadelos com aquela ratazana.

Passei noites sem conseguir dormir… Aliás — disse, virando-se para Matt —, posso dar uma palavrinha com você? Preciso falar sobre a obra.

Calado, Byron começou a se ocupar com a escavadeira.

Isabel abriu a boca para falar, depois tornou a fechá-la. Finalmente, ergueu os olhos para Matt, segurando o cabelo com a mão para mantê-lo afastado do rosto, a expressão pesarosa e um pouco desafiadora.

— Tenho que parar com isso.

Matt ergueu uma das sobrancelhas.

— A obra — explicou ela. — O que você fez até agora é maravilhoso, mas não posso continuar.

Pelo menos não por enquanto.

— Você não pode simplesmente parar — disse ele. — Estamos no meio de vários serviços. Não pode deixá-los pela metade.

— Bem, mas vai ter que ser assim. Dei uma olhada nos números e não faz sentido a gente continuar… Eu continuar, não nesse momento. Agradeço de verdade o que você já fez, Matt, mas tenho que pensar no que é sensato. — Corou enquanto falava.

— Mas não é sensato parar agora. — Ele apontou para a escavadeira. — Quase todas as obras que estamos fazendo são essenciais. Você não vai

longe sem um disjuntor novo. E estamos no meio do trabalho no banheiro. Acho que dá para ficar sem aquecimento nos quartos de cima pelos próximos meses, mas aconselho você a terminar… Você não vai conseguir ninguém perto do inverno, e quando eu largar essa obra, vou ficar cheio de trabalho.

De repente ele notou que ela estava muito pálida.

— Você não está entendendo, Matt.

— Então me explique.

Ela tinha um odor vagamente cítrico.

— Tudo bem. A obra já ficou muito mais grandiosa do que eu esperava, e não temos dinheiro para continuar. Não posso lhe pagar por mais nenhum trabalho.

Ela estava à beira das lágrimas. Os cílios nos cantos externos brilhavam, como pontinhas pretas de estrelas.

— Entendo — disse ele, se remexendo.

Havia montes de terra em volta da vala recém-aberta, com a tubulação ainda a ser colocada. A louça nova do banheiro ainda estava embalada, no alpendre dos fundos. Havia vários meses que ele a escolhera, uma antiga banheira vitoriana de ferro fundido com pés em formato de garra e uma pia enorme. Era exatamente o que Laura quisera. Mas de vez em quando ele se esquecia de que a casa era de Isabel.

— Pode acreditar em mim — disse ela, baixinho —, se tivesse dinheiro para continuar, eu continuaria.

— É tão grave assim? — perguntou ele.

— É.

Ela não o encarou. Dava para escutar as gralhas grasnando ao longe.

— Você está bem, Isabel?

Ela assentiu, mordendo o lábio.

— Bem, não vamos nos preocupar demais por enquanto. Vou mandar o pessoal terminar as obras em andamento e depois paramos. — Ela estava prestes a interrompê-lo, mas ele ergueu a mão. — Não se preocupe com isso. Não precisa me pagar tudo já. Vamos chegar a um acordo.

Mais tarde, ele concluiu que não havia escolhido as palavras com cuidado. Na verdade, mal tinha pensado no que dissera. Porque, embora tivesse previsto esse momento havia meses — quase desde que se dera conta da inexperiência da nova proprietária da casa —, Matt não conseguiu sentir nenhum prazer. Byron o tinha distraído com seu tom de

voz ao mencionar a ratazana e com o jeito que olhara para Isabel ao pegar a caneca da mão dela.

Matt McCarthy estava confuso.

Quando Isabel se afastou, cabisbaixa, os ombros encurvados no sentido contrário do vento, ele se aproximou do homem.

— Uma coisa — disse, casualmente.

Byron ergueu o olhar.

— A viúva — falou Matt. — Não se apegue muito a ela.

Para sua surpresa, Byron não se manifestou. Nem tentou fingir que não entendia o que ele estava dizendo. Empertigou-se, ficando meia cabeça mais alto que Matt, e eles se entreolharam por mais tempo do que Matt havia esperado. Os olhos de Byron eram inescrutáveis.

— Você está me alertando para ficar longe — observou ele, num tom baixo e sereno.

Então se afastou, mas sua expressão deixara claro o que ele não dissera: Nem você pode mandar alguém ficar longe do que não é de fato seu.

*

No fim da tarde o vento aumentou, e Matt e os homens, molhados de chuva e pelejando com o

solo cada vez mais enlameado, foram embora cedo. A escavadeira estava largada no gramado, num mar de lama cada vez mais grosso. De vez em quando, Isabel olhava para ela e depois desviava o olhar, pois aquela gritante presença amarela a lembrava de sua situação financeira.

Numa tentativa de melhorar seu humor, fizera alguns biscoitos, mas não dava para saber quando ficariam prontos no fogão e, distraída por uma sinfonia de Schubert, esquecera-se deles. Quando as crianças chegaram em casa, os biscoitos já estavam cor de couro escurecido e com um aroma semelhante.

Thierry jogou a mochila numa cadeira da cozinha, pegou um biscoito, sentiu o cheiro e o devolveu à bandeja onde esfriava. Kitty apenas deu uma olhada e ergueu as sobrancelhas.

— Teve um bom-dia, querido? — disse Isabel.

Thierry deu de ombros. Kitty estava remexendo na mochila.

— Kitty, o seu dia foi bom?

— Igual aos outros — disse ela com indiferença.

Isabel franziu o cenho.

— Como assim?

Kitty virou o rostinho fino.

— É que confinada numa escola nova onde não tenho nenhum amigo, numa casa que odeio, numa região que não conheço, todos os dias são a mesma bosta. Está bem?

Isabel sentiu como se tivesse levado um soco na boca do estômago. Kitty nunca falara assim com ela.

— Qual é o problema? Kitty, que diabo deu em você?

Os olhos da menina mostravam desprezo.

— Não finja que não sabe.

— Mas eu não sei. — A voz de Isabel se elevou. Não conseguia lidar com isso naquele dia, para culminar todo o restante.

— Mentirosa!

Isabel puxou uma cadeira e se sentou diante da filha. Viu os grandes olhos escuros de Thierry se voltarem para a irmã e depois para ela. O menino continuava de boca fechada.

— Kitty, me diga por que você está tão zangada. Não posso ajudar se não souber o que está acontecendo.

— Você! — exclamou Kitty, cheia de veneno. — Você vive dizendo que ama a gente e, na hora da verdade, não nos ama nada. Mesmo depois que o papai morreu, ainda perdemos para esse maldito violino.

— Como você pode dizer isso? Abri mão da minha carreira para ficar com vocês. Estou aqui todas as manhãs, todas as noites, esperando vocês chegarem em casa. Não trabalho desde que viemos para cá.

— A questão não é essa!

— A questão é essa, sim! Você e Thierry vêm na frente de tudo!

Você não sabe quanto me custa estar aqui, ter sacrificado minha carreira, desejou acrescentar, mas não podia descarregar esse fardo na filha.

— Eu sei! — gritou Kitty. — Eu sei sobre o Sr. Cartwright. Sei que você podia ter vendido o Guarneri e a gente podia ter ficado na nossa casa!

Isabel ficou lívida. Quase havia esquecido isso, de tão completamente envolvida que estava com a Casa Espanhola.

— Você mentiu para a gente! Disse para mim que não tínhamos dinheiro para ficar na nossa casa, na casa que a gente adorava, com todos os nossos amigos e Mary. Disse que tínhamos que nos mudar para cá… E

durante todo esse tempo podia ter vendido o violino e nós podíamos ter ficado na nossa casa com as pessoas que amamos. Você mentiu! — Ela respirou fundo, depois acertou Isabel com um golpe mortal: — Papai não teria mentido para nós.

Thierry puxou a cadeira para trás e saiu em disparada.

— Thierry… Kitty… Eu nem sei direito se eu tivesse…

— Sem essa! Ouvi o que o Sr. Cartwright disse!

— Mas eu…

— Essa velharia não é a droga de uma casa! Nunca foi! Não passou de um jeito de você ficar com seu precioso violino.

— Kitty, isso é…

— Ah, me deixe em paz!

A menina jogou a mochila na mesa da cozinha e saiu, furiosa, esfregando o rosto na manga.

Isabel queria ir atrás dos filhos, tentar explicar, mas percebeu que era inútil. Porque Kitty tinha razão. E havia pouco que pudesse dizer para se defender.

O jantar transcorreu num clima contido. Thierry não disse nada, mas comeu o macarrão com queijo, recusou uma maçã e depois foi para o quarto. Kitty ficou o tempo todo cabisbaixa e respondeu às perguntas de Isabel de maneira monossilábica.

— Desculpe — disse Isabel. — De verdade, Kitty. Desculpe. Mas você precisa saber que não há nada mais importante para mim do que você e seu irmão.

— Tanto faz.

Kitty empurrou o prato. Ela e Thierry foram para a cama sem reclamar, o que já era perturbador, e Isabel ficou sozinha na sala, com as luzes bruxuleando e o vento assoviando na vegetação rasteira do lado de fora.

Atiçou o fogo na lareira, bebeu muito depressa meia garrafa de vinho tinto e notou que nem as chamas estalando lhe proporcionavam um pouco de consolo. Percebeu, com alívio, que estava passando um programa humorístico na televisão. Mas quando subiram os créditos de abertura, de repente ouviu-se um clic. Os pixels encolheram num ponto branco e sumiram. Ao mesmo tempo, as luzes se apagaram, deixando-a envolta em silêncio e escuridão. Pareceu quase um insulto, como se a casa estivesse

rindo dela. Isabel permaneceu imóvel no sofá, iluminada pelas brasas do fogo. Depois seu rosto se contraiu e os soluços brotaram.

— Maldita casa! — gritou. — Maldita casa idiota!

Levantou-se e começou a tatear à procura de fósforos, depois fora em busca das velas que não pensara em guardar num lugar específico, ainda xingando, a voz abafada pelo vento lá fora e pelo desespero.

*

Matt passara a noite no Long Whistle. Estava evitando Theresa, que, com antenas bem

sintonizadas, notara a falta de interesse dele e ficara irritadiça e petulante, fazendo movimentos bruscos atrás do balcão e lançando olhares cheios de significado em sua direção. Ele notara com indiferença seus olhares faiscantes e suas tentativas de intimidade. Não havia nada de que gostasse menos do que uma mulher que não entendesse os sinais.

Além do mais, estava com a cabeça em outras coisas.

Fora para o pub, em vez de ir para casa, porque sabia que, apesar de preferir ignorar muita coisa, Laura não conseguia ignorar sua óbvia e crescente inquietação. Sentia-se estranhamente em conflito consigo mesmo. Quando fechava os olhos, visualizava o rosto de Byron olhando para Isabel. Captara nela algo puro e desprotegido e percebeu que isso mexera com ele. Quando fechava os olhos, não visualizava Theresa nem sua esposa, mas a pele pálida do colo de Isabel Delancey, com sardas onde havia sido exposta ao sol. Imaginava-a sorrindo e gingando na direção dele, a ondulação dos quadris, a inibição dissolvida na apreciação sensual da música.

Byron dera a resposta certa. Ela não pertencia a ninguém. Não tinha amarras, assim como ele.

Pensar em Byron aproximando-se dela deixou sua cerveja com gosto amargo. Pensar em qualquer outra pessoa com ela naquela casa, que tinha a marca dele em todas as tábuas, o fez cerrar a mandíbula com determinação.

— Vai ser uma noite ruim hoje — disse o dono do pub, com os olhos fixos nas palavras cruzadas.

— É. — Matt virou a cerveja de um gole só e deixou o copo no balcão. — Você deve ter razão.

Ignorou as tentativas frenéticas de Theresa de chamar sua atenção. Não sabia direito que desculpa daria para explicar que estava muito atrasado. Mas, levado por um impulso que não conseguia entender bem, quinze minutos antes da hora de fechar, Matt estava na sua caminhonete, a caminho de Little Barton.

*

Byron acomodou os cachorros perto do boiler, desligou o rádio e se preparou para ler um livro à

luz das velas que comprara naquela manhã. Era estranho a pressa com que a pessoa se adaptava ao ambiente à sua volta, desde que tivesse o mínimo de conforto. Para sua nova casa embaixo da Casa Espanhola, ele levara uma cadeira, seu radinho de pilha, os cestos dos cachorros e um fogareiro de camping. Depois de ter se lavado numa pia limpa, se alimentado com uma comida decente e tomado uma caneca de chá, sentia-se, ainda que longe de estar animado, pelo menos estava mais à vontade com sua sorte. Só faltavam três semanas para os filhotes poderem desmamar. Um dos fazendeiros do outro lado da igreja já lhe oferecera duzentas libras pelo mais esperto deles. Se vendesse todos pelo mesmo valor, quase conseguiria o que era necessário para um depósito.

Quando estivesse com uma situação financeira mais estável, procuraria emprego em outro lugar. Estava cada vez mais desconfortável com o envolvimento de Matt com a casa. Não era nada que ele pudesse apontar com certeza, mas sua intuição lhe dizia que algo não estava certo, que Matt não desistira da ideia de ser dono da Casa Espanhola. A qualquer momento, a coisa explodiria, ou a Sra. Delancey seria obrigada a ir embora, e Byron não queria estar por perto quando uma das duas coisas acontecesse.

Eram quase dez para as onze quando ouviu o boiler desligar. Deu uma olhada no relógio de pulso, intrigado. O timer estava programado para onze e meia. Saiu do saco de dormir, ignorando os olhares esperançosos dos cachorros, e foi até a porta. Todas as luzes estavam apagadas.

Alguns minutos depois, ouviu soluços.

— Maldita casa— gritava ela. — Maldita casa idiota.

Estavam sem luz. Ele ficou imóvel. Talvez fosse um fusível, mas era provável que ela não soubesse onde ficava a caixa dos fusíveis. Ele

poderia consertá-lo, mas depois teria que explicar por que estava tão perto da casa dela.

Byron ficou parado, e Meg ganiu, percebendo o desconforto dele. Mandou que ela ficasse quieta.

Ficou ouvindo com atenção no escuro, escutando Isabel Delancey andar com passos pesados para cima e para baixo, e ficou muito inquieto. Aquilo não estava certo, mas ele não tinha como fazer nada a respeito. Ouviu o violino tocar e a infelicidade dela se transferir para as cordas. Não era conhecedor de música, mas até ele teve a impressão de que nunca ouvira nada tão triste.

Lembrou-se dela mais cedo naquele dia, aproximando-se de Matt McCarthy com o livro de contas muito manuseado, com a aparência de quem perde o sono. Então, até quem parecia ser rico podia estar à beira das dívidas. Em alguns aspectos, a situação dela não era melhor que a dele.

Foi isso que o levou a sair dali, e também a constatação de que podiam ser sua irmã e Lily no lugar de Isabel. Podia ouvi-la, concentrada em seu instrumento do outro lado da porta, tocando sua melodia melancólica no escuro. Ele iria até a entrada da casa, veria se as luzes da cocheira estavam acesas e bateria à porta. Diria que estava passando por ali. Ficaria mais tranquilo sabendo que ela e os filhos tinham luz.

Tinha acabado de fechar a porta quando ouviu pneus rangendo no cascalho. Sem o carro ali, ele não tinha nenhuma explicação convincente para sua presença. Certamente não podia se dar ao luxo de ser visto. Novamente abriu a porta em silêncio e entrou no espaço embaixo da casa.

Então ficou sentado no escuro, esperando.

*

Não havia nenhuma luz acesa na casa e, por um instante, ele achou que as crianças haviam saído

e sentiu certo desapontamento. Depois, quando o vento amainou brevemente, ouviu o violino dela e deduziu que estivessem sem energia. Talvez por ter bebido bastante, ou porque os últimos meses o tivessem dotado de algum apreço por esse tipo de música, Matt McCarthy permaneceu onde estava e ficou escutando. Com a janela aberta, sentindo o vento frio, deixou a música se harmonizar com o clima angustiado e devastado da ventania assoviando à sua volta. Continuou sentado de frente

para a casa que deveria ter sido sua e permitiu-se sentir algo que lhe era estranho.

As luzes continuavam apagadas.

Não soube afinal o que o atraiu. Mais tarde, achou que poderia ter sido a vontade de ajudar, talvez verificar a caixa de fusíveis. Ou poderia ter sido a música. Em nenhum dos casos, estava sendo honesto consigo mesmo. A porta de entrada, como de costume, estava destrancada. Entrou, fechou-a delicadamente e parou por um instante enquanto a casa rangia um pouco à sua volta, feito um velho navio em alto mar. Ficou se perguntando se devia gritar o nome de alguém, mas parte dele sentia que isso interromperia a música, e descobriu, para sua surpresa, que não queria que parasse. Então avançou furtivamente pelo corredor, desceu a escada da cozinha, e encontrou-a ali, à porta. Ela estava tocando, de olhos fechados com as lágrimas escorrendo.

Ele olhou para ela, e algo lhe provocou um curto-circuito. Isabel estava com a boca entreaberta, a cabeça inclinada para a frente, os ombros para trás. Estava absorta em algo que ele não tinha. Ela mordeu o lábio inferior, contraindo o rosto quando a música atingiu um crescendo, como se o som lhe causasse dor. Ele não conseguia desviar os olhos dela. Sentia-se de novo uma criança, como se estivesse assistindo a algo que não deveria ver, algo que ia além dele, que não poderia tomar para si, e um nó se formou em sua garganta. Enquanto ele estava ali parado, ela abriu os olhos e arregalou-os ligeiramente ao vê-lo na penumbra.

Ele fez menção de falar, mas ela continuou tocando sem parar. Estava observando-o, os olhos fixos nos dele, mexendo o braço como se fosse incapaz de estancar o fluxo.

— Você está sem luz — disse ele, quando a música silenciou por um momento.

Ela assentiu.

Os olhos dele estavam fixos nos dela. Ele se aproximou, atraído pelo arfar de seu peito, pelo movimento fremente de seu corpo. Sua absoluta independência, contrastando com o que ele de repente viu em seus olhos: uma carência pura, uma privação física.

Ela baixou as mãos antes que ele se aproximasse e emitiu um som imperceptível, como se estivesse em rendição. Ele a agarrou pela cintura, inclinando-a um pouco para trás, esmagando-a com seu corpo, empurrando-a pela porta para a cozinha. Ela se precipitou para colocar o

violino na mesa e então suas mãos pálidas e frias estavam no cabelo dele, a boca aberta colada na dele.

Ele ouviu-a sufocar um grito, sentiu na pele o calor chocante de suas coxas enquanto ele empurrava as mãos saia acima, a doce e gratificante fusão do corpo dela com o dele. Algo dentro de Matt McCarthy cantou, altissonante e pungente, tornou-se ensurdecedor à medida que ela se impulsionava na direção dele, e uma efusão grave e gutural escapou do peito dele.

Deslizaram de forma nada graciosa para o chão, ela por baixo, onde Matt a exigia, onde havia exigido desde a primeira vez que a vira. E se deu conta de que desejava ter não só a casa, mas aquela mulher. Mordeu o pescoço dela, obrigou-a a se render, sentiu seus dedos surpreendentemente fortes agarrando sua pele, e seu último pensamento enquanto o vento ressoava nas janelas, a casa gemia feito um ser vivo em volta deles. Foi uma leve surpresa ver que os olhos dela estavam fechados enquanto os dele estavam abertos, bem abertos, como se ele estivesse vendo um universo inteiro pela primeira vez.

*

Não sabia ao certo quanto tempo dormira, talvez horas, talvez minutos. Quando abriu os olhos,

sua pele exposta se manifestava contra o frio do chão de pedra, havia uma colcha cobrindo-o parcialmente, peças de roupa embaixo de sua cabeça, e o manto negro da madrugada envolvia as janelas. Tentou entender onde estava, o que fazia ali, e então viu Isabel, com as roupas intactas, como se nada tivesse acontecido, sentada numa cadeira, observando-o, sua silhueta escura em contraste com a luz suave.

Ergueu um pouco o corpo, sentindo o leve cheiro dela na própria pele e a reação automática de sua ereção. Sua mente estava inundada de imagens, da sensação dela em cima dele, em volta dele, dos clamores dela em seus ouvidos. Então Matt ergueu a mão e murmurou: — Venha cá, onde eu possa ver seu rosto.

— São quase duas da manhã — disse ela. — Você precisa ir para casa.

Para casa. Ah! Nossa, isso exigiria uma bela explicação.

Matt se levantou, deixando a colcha deslizar até o chão. Vestiu a calça jeans e o cinto. Estava frio, mas ele nem sentiu. Alguma sensação espantosa o percorria, como se seu sangue tivesse sido purificado,

renovado. Aproximou-se dela, ainda sem conseguir ver seu rosto com clareza. Mas tocou no cabelo que agarrara pouco antes.

Tudo mudara. E ele estava estranhamente feliz, aceitando isso.

— Obrigado — disse. Queria lhe dizer o que aquilo significava. Como ela o havia transformado. Então se deu conta, ao passar o polegar pela maçã do rosto dela, de que estava molhada de lágrimas, e de repente percebeu que poderia remediar isso. — Não fique triste — falou, baixinho. — Vai dar tudo certo, você sabe.

Ela não respondeu.

— Olhe — continuou, querendo que ela sorrisse, querendo dissipar sua infelicidade —, em relação ao dinheiro, esqueça a próxima prestação. Vamos dar um jeito. — Num momento de insensatez, cogitou confessar de que maneira as coisas poderiam mudar. Mas nem mesmo ele estava tão desorientado a esse ponto. — Isabel?

Ele sentiu, mais do que ouviu, um novo silêncio. Ela ficara tensa, esquivando-se de seu contato.

— Eu nunca tinha feito isso — disse ela, e sua voz era fria.

— Feito o quê? — perguntou ele, tentando ver seu rosto.

— Vou pagar tudo que lhe devo.

Ele ficou boquiaberto, como se estivesse chocado com o verdadeiro sentido da conversa deles.

— Olhe… Eu não vim aqui hoje por causa… Eu… Nossa. — Estava quase rindo, incapaz de acreditar no que escutara. — Eu não estava sugerindo… — Fora pego desprevenido. — Nunca…

paguei por isso na vida.

— E eu nunca ofereci. — O tom dela ficou glacial. — Gostaria que você fosse embora.

Matt foi para o frio lá de fora, dirigindo-se para a caminhonete, a cabeça girando. Precisava fazê-la entender. Não podia acreditar que ela chegara a pensar que aquilo tinha a ver com dinheiro. Mas mesmo esmagando o cascalho com os pés, ouviu o barulho pesado e irrefutável de uma porta sendo trancada.

Do outro lado, Isabel desabou no chão com um uivo silencioso de desespero e desprezo por si mesma. Deixou a cabeça pender entre os joelhos, os lábios machucados encostarem no tecido macio da saia, escondendo o rosto de sua traição.

Seu corpo todo doía de solidão, da perda do marido, da comunhão grosseira com um homem que não era ele. Estava sóbria e vazia. Mais vazia do que nunca.

Laurent!, gritou. Ao que você me fez chegar? No que foi que me tornei? A casa respondeu-lhe com um silêncio ensurdecedor.

14

Havia um trem que saía a cada duas horas e fazia a conexão entre sua nova casa e Londres, e Isabel calculara que, mesmo que ele chegasse no horário, só com sorte conseguiria voltar antes do ônibus escolar. Ficou sentada, resignada, enquanto o homem à sua frente lia metodicamente o jornal e os dois jovens mochileiros à direita conversavam numa língua áspera e que parecia ser do norte da Europa, deixando a monotonia abafada das rodas sobre os trilhos entorpecer sua mente.

Pensou em Mary, com quem se encontrara para tomar café, e se condoera da tirania da obrigação diária de transportar os filhos para a escola.

— Considere-se feliz por não estar fazendo isso em Londres — dissera ela alegremente. — Passo metade da vida dentro do carro.

Tinha sido bom vê-la, algo que fez Isabel lembrar que já tivera outra vida. Mary perguntou com impaciência por Kitty e Thierry, disse a Isabel que ela estava com uma aparência muito melhor (uma mentira diplomática, Isabel imaginou) e prometeu visitá-los em breve. Mas era claro que seu lugar passara a ser outro, ela já estava entrosada com outra família. Levara uma das crianças de quem cuidava: um bebê de olhos doces que ela embalava no joelho com a mesma confiança tranquila que demonstrava quando cuidava dos filhos de Isabel.

— Então não foi às compras?

Isabel deu uma olhada no vagão e reconheceu uma mulher. Reparou na sua capa de chuva impecável em tom pastel, o chapéu inadequado, e a mulher sorriu.

— Linnet. Deirdre Linnet. A gente se conhece da loja dos Primos. Você mora na Casa Espanhola — disse, como se estivesse dando uma informação. Apontou para as pernas de Isabel.

— Achei que talvez tivesse ido a Londres para fazer umas compras, mas você não está com nenhuma sacola.

— Sacola — repetiu Isabel.

— De compras.

— Não — disse ela. — Hoje, não.

— Fiz umas loucuras. Só vou a Londres duas vezes por ano e gosto de fazer algumas extravagâncias. Meu pequeno prazer. — Deu tapinhas nas sacolas de plástico que ladeavam sua poltrona, cada uma ostentando uma marca que anunciava ao mundo o destino que as economias da Sra. Linnet tinham tomado. — Meu pequeno prazer — repetiu para si mesma.

"Estou numa enrascada", dissera Isabel a Mary. "Fiz tudo errado. As crianças estão extremamente infelizes e a culpa é toda minha."

Mary ouvira quase a história inteira (sendo que Isabel deliberadamente omitira uma parte) e depois rira muito, como se nada daquilo fosse muito preocupante.

"Ela é adolescente", dissera. "O papel dela é ser infeliz. Até agora você está se saindo bem.

Thierry… Bem, com o tempo ele vai voltar a falar. Mas eles estão indo bem na escola. Voltam para casa todos os dias. Estão comendo. Parece que estão bem, depois de tudo o que aconteceu.

Quem está infeliz é você."

— Foi a trabalho?

— Como?

— Foi a trabalho? Sua viagem a Londres.

Isabel deu um sorriso amarelo. Seus olhos ardiam de cansaço. Passara quase toda a noite anterior em claro, e a falta de sono a estava derrubando.

— Mais ou menos.

— Você é musicista, não é? Asad me contou. Ele não é de fofoca, nem ele nem Henry, mas você já deve ter visto que não acontece muita coisa no nosso vilarejo que não chegue à loja.

Isabel se perguntou apaticamente quanto tempo a noite anterior levaria para virar assunto de conversa.

— Vi seu anúncio das aulas de violino. Eu cantava, sabe. Podia ter sido profissional, meu marido sempre disse. Mas acabei me envolvendo com os filhos… — Ela suspirou. — Você sabe como é.

Isabel se virou para a janela.

— Sim, eu sei.

"Você precisa trabalhar", dissera Mary. Ela pagara o café, o que Isabel tinha achado uma humilhação quase insuportável. "Precisa voltar a trabalhar com a orquestra, ganhar um dinheirinho, recuperar a paz de espírito. Pode deixá-los um dia sozinhos. Kitty já tem idade para tomar conta do irmão."

Ela abraçara Isabel e fora embora, empurrando o carrinho do bebê, voltando para facilitar a vida de outra família.

Haviam passado pela última estação antes de Long Barton. Ela viu a Sra. Linnet pegar as sacolas e se agarrar a elas, preparando-se com certa antecedência para descer do trem. Reparou nos pontos de referência já familiares da igreja e das casas, vislumbrou a rua principal entre as árvores, a vegetação do acostamento e as sebes verdejantes com os novos brotos, então se perguntou o que era necessário para que qualquer lugar se tornasse um lar.

Só quando o trem entrou na estação de Little Barton, Isabel se levantou e fez o que jurara que não faria. Estendeu o braço e viu que sua mão se fechou em volta da alça do estojo de um violino que não estava mais ali.

*

Quando voltou, eles estavam diante da televisão, Kitty só de meias com os pés em cima da mesa

na frente do sofá, comendo um pacote de batatas fritas, e Thierry deitado numa poltrona velha, a gravata da escola embolada no chão.

— Você não estava em casa quando a gente chegou — disse Kitty, em tom acusatório. — Nem Matt. Tivemos que usar a chave de baixo do capacho da porta dos fundos.

Isabel deixou a bolsa a tiracolo numa mesa lateral.

— Thierry, você comeu seu almoço todo hoje?

O filho assentiu, sem tirar os olhos da televisão.

— O sanduíche inteiro?

Ele virou os olhos depressa para ela e tornou a balançar a cabeça. A sala estava atipicamente calma, e ela se deu conta de que era por causa da ausência dos pedreiros. Mesmo quando não estavam batendo ou quebrando algo por ali, a presença deles deixava o local mais agitado. Ou seria só Matt McCarthy? Isabel esfregou os olhos.

— Vou fazer um chá — disse ela.

— Aonde você foi?

A curiosidade natural de Kitty devia ter abafado seu desejo de ignorar a mãe. A menina reparou em seu cansaço e Isabel corou, como se o motivo da exaustão estivesse evidente.

— Fui a Londres — disse. — Já explico.

Quando voltou com o chá, a televisão tinha sido desligada e os dois estavam sentados com as costas retas. Separaram-se rapidamente, como se estivessem cochichando sobre algum assunto do qual ela não estava sabendo. Mas teria sido unilateral, pensou ela, porque o filho não falava.

Isabel fitou-os nos olhos e lhes contou.

— Podemos voltar para Londres — anunciou.

Mais tarde, percebeu que não sabia ao certo o que esperara, talvez não aplausos calorosos, mas alguma empolgação, talvez sorrisos, uma manifestação de alegria. Mas eles permaneceram sentados olhando para ela.

— O que isso quer dizer? — perguntou Kitty, ainda um pouco agressiva.

— O que eu falei. Podemos voltar para Londres. Vamos arrumar essa casa, deixá-la num estado em que a gente consiga vendê-la, e depois, com um pouco de sorte, teremos o suficiente para comprar uma casa perto da nossa antiga. E dos amigos de vocês.

Eles continuavam olhando para ela.

— Provavelmente não vai ser tão grande quanto a antiga, mas tenho certeza que vamos encontrar uma que nos agrade.

— Mas… como a gente vai conseguir pagar? — perguntou Kitty, de cenho franzido, enrolando inconscientemente uma mecha de cabelo no dedo.

— Vocês não precisam se preocupar com isso — respondeu Isabel. — Só achei que gostariam de saber.

Kitty olhava para ela, desconfiada.

— Não estou entendendo. Você me disse que a gente não tinha dinheiro. Que a obra estava custando todas as nossas economias. O que aconteceu?

— Eu… reorganizei nossas finanças. Foi para isso que fui a Londres.

— Você não entende nada de finanças. Eu conheço nossas finanças, e a gente não tem dinheiro nenhum.

De repente, ela entendeu. Deu uma olhada na sala, na mesa, na escrivaninha.

— Ai, meu Deus — disse, baixinho.

Isabel tinha ensaiado um sorriso calmo e sereno. Um sorriso que não revelava aos filhos nada do que aquilo lhe custara, da angústia que sentira

ao entregar o instrumento ao vendedor. Fora como se estivesse se separando de um de seus filhos.

— Você não o vendeu.

Isabel fez que sim com a cabeça.

Kitty irrompeu em soluços histéricos.

— Ah, não! — gritou. — Não! Eu forcei você a fazer isso.

O sorriso de Isabel desapareceu.

— Eu não estava falando sério quando disse para você vender. Sei o que o violino significava para você. E agora vai ficar péssima e me odiar para sempre. Ah, mãe, desculpe.

Isabel sentou-se pesadamente e puxou Kitty para perto.

— Não — disse, acariciando seu cabelo. — Você tinha razão. O violino era uma extravagância que não podíamos nos dar ao luxo de ter. E, além do mais, o Sr. Frobisher arranjou um substituto para mim… bem mais barato, mas com um som muito bonito. Ele está ajeitando as cordas e vai me mandar na semana que vem.

— Você vai detestar. — A voz de Kitty estava abafada.

— Não vou, não — retrucou Isabel, embora soubesse que a filha estava certa. — Kitty, eu cometi um grande erro e vou corrigi-lo. A música vai ficar em segundo plano. Quanto antes conseguirmos arranjar dinheiro para deixar esse lugar em ordem, mais depressa voltaremos para a nossa casa.

Nesse instante, ela reparou na expressão de Thierry. Ele não parecia nada contente.

— Você ainda quer voltar, não é, Thierry? Para Londres?

Houve um breve momento de silêncio. Então, lentamente, o filho negou com a cabeça. Isabel olhou para ele, depois para Kitty.

— Thierry? — chamou ela de novo.

A voz dele, quando saiu, era fraca, mas categórica.

— Não — disse ele.

Isabel olhou para Kitty, que parecia incapaz de encará-la.

— Na verdade — disse Kitty — Eu… não me importo de morar aqui. — Olhou para o irmão atrás dela. — Quer dizer, não me importo de ficar um tempo aqui… se Thierry quiser.

Isabel se perguntou se algum dia entenderia seus dois filhos estranhos e inconstantes. Respirou bem fundo.

— Tudo bem. Vamos pagar o que devemos para o Sr. McCarthy e depois a gente resolve. Mas pelo menos temos opções. E agora vou colocar

parte dessa papelada em ordem.

O sol estava se pondo do outro lado da janela da sala de estar, e as crianças ligaram a televisão.

Isabel se sentou à mesa e começou a abrir as cartas que havia ignorado e a escrever listas de afazeres. Sentia-se quase fisicamente partilhada com a perda do objeto que valorizara muito durante tanto tempo, intimidada pelos meses que teria pela frente, mas, curiosamente, melhor do que se sentia havia meses.

*

Ele disse não, pensou ela, observando o filho abrir outro envelope. Isso tinha que ser melhor do

que nada.

*

— Ela estava com uma aparência péssima — disse a Sra. Linnet, deleitando-se. — Branca feito

um fantasma, com olheiras enormes. Mal falou comigo nas duas últimas paradas.

Asad e Henry se entreolharam. Talvez a conversa da Sra. Linnet não exercesse a mesma atração em todas as pessoas que ela encontrava.

— Aquela casa ainda vai causar um ataque de nervos nela. Sabia que nem faz duas semanas que um dos tetos desabou? Qualquer coisa podia ter acontecido. Os filhos dela podiam estar embaixo.

— Mas não estavam — disse Henry. — Então tudo ficou bem.

— Não sei no que Matt McCarthy está pensando. Um homem com a experiência dele… Era de se imaginar que a primeira providência que ela tomaria seria garantir que aquilo estava seguro.

Ainda mais com as crianças.

— Era de se imaginar — disse Asad, que estava contando o dinheiro do caixa.

— Tenho certeza de que foi um caso isolado — acrescentou Henry.

— Eu não me surpreenderia se fosse o fantasma do Samuel Pottisworth que apareceu para assustá-los. — A Sra. Linnet estremeceu de um jeito teatral.

— Ah, Sra. L, a senhora não acredita em fantasmas — afirmou Henry, repreendendo-a.

— Mas a gente acredita em espíritos malignos, não é, Henry? — disse Asad, passando um elástico em volta das notas.

— Gosto de ter provas antes de acreditar em alguma coisa, Asad.

Henry lançou um olhar incisivo para o companheiro.

— Ah, algumas entidades são muito espertas para isso.

— E algumas pessoas veem coisas que não existem.

A Sra. Linnet se distraíra da conversa e olhava para eles.

Asad fechou o caixa.

— Ver bondade em tudo é um dos traços mais simpáticos do seu caráter, Henry, mas às vezes isso impede você de enxergar a realidade à sua volta.

— Sei perfeitamente o que acontece à minha volta, mas também acho que a pessoa tem que se proteger.

— "Para o mal resistir, basta as pessoas boas ficarem de braços cruzados sem fazer nada."

— Mas você não tem provas.

A Sra. Linnet largou a sacola.

— Perdi alguma coisa aqui? — perguntou.

Nesse momento, a porta se abriu, e os três ficaram em silêncio quando Anthony McCarthy entrou. Estava falando no celular e não reparou nos olhares que os outros trocaram nem que os dois homens atrás do balcão trataram de se ocupar. A Sra. Linnet se lembrou de comprar geleia e foi procurar nas prateleiras no fundo da loja.

O menino terminou a conversa e desligou o telefone. Seu gorro de lã estava enterrado na cabeça e suas roupas eram largas, como se tivesse comprado vários tamanhos acima do seu.

— Boa tarde, Anthony. — Asad sorriu. — Posso ajudar?

— Ah, sim. — Agachou-se na frente do balcão de frios, mordendo o lábio. — Minha mãe me pediu para levar azeitona, peru defumado e mais alguma coisa. — Ele sorriu. — Mas não consigo lembrar o que era.

— Homens… — disse a Sra. Linnet. — São todos iguais.

— Queijo? — sugeriu Asad.

— Fruta? — Henry estendeu um cesto. — Temos uvas deliciosas.

— Pão?

O menino se parecia muito com a mãe, pensou Henry. O mesmo nariz, o mesmo jeito simpático mas reservado. A mesma combinação peculiar de

atitude defensiva e orgulho, como se ter parentesco com Matt fosse motivo de comemoração e também de vergonha.

— Ela vai me matar — disse ele alegremente.

— Vou separar as azeitonas e o peru — avisou Asad. — Talvez refresque sua memória.

— É mesmo alguma coisa para comer? — perguntou a Sra. Linnet, que gostava de um desafio.

— Bolo de frutas? Ela gosta — sugeriu Henry, pegando um.

Anthony fez que não.

— Leite — disse a Sra. Linnet. — Sempre esqueço leite. E papel higiênico.

— Por que não liga para ela?

— Acabei de ligar. Caiu na secretária eletrônica. Ela deve ter saído. Vou lembrar assim que entrar no carro.

Asad colocou os dois embrulhos numa sacola e entregou-os por cima do balcão.

— Você ainda está ajudando seu pai no casarão? — perguntou quando Anthony lhe deu o dinheiro.

— Às vezes.

— Como vai a obra? — Asad preferiu ignorar a cara fechada de Henry.

— Ela pediu para a gente parar por enquanto — disse Anthony. — Acho que está tudo bem.

Mas, na verdade, não sei. Faço só o que meu pai manda.

— Tenho certeza — disse Asad. Ele contou o troco e o colocou na mão de Anthony. — E como está a menina Kitty?

O garoto corou.

— Está… bem. Pelo que eu sei — murmurou, de cabeça baixa.

Henry estava contendo um sorriso.

— É bom que ela tenha feito amigos — disse Linnet. — Uma mocinha deve se sentir muito só naquele casarão. Eu estava mesmo dizendo que a mãe dela está com uma aparência horrível…

Anthony captou o olhar de Henry quando a porta tornou a se abrir e Matt entrou.

— Por que você está demorando tanto? Devíamos estar na casa do Sr. Nixon há quinze minutos.

— Esqueci o que mamãe queria — disse Anthony.

— Então, filho — disse Matt com um sorriso —, o que as mulheres querem é um dos eternos mistérios da vida, certo? — De repente, ele pareceu perceber com quem estava falando, e seu sorrisinho desapareceu. — Enfim, é melhor a gente ir andando.

Asad sorriu.

— Sr. McCarthy, eu ia mesmo dizer ao Anthony… Assisti a um programa muito interessante ontem à noite sobre pedreiros.

— Ah, é?

Matt olhava para a porta, como se estivesse com pressa de ir embora.

— Mostrava o que acontece quando os pedreiros cobram um preço excessivo de clientes inocentes, ou inventam trabalhos que não precisam ser feitos. É uma atitude horrível, não concorda, Sr. McCarthy?

Fez-se um silêncio súbito. Henry fechou os olhos.

Matt se voltou e fechou a porta.

— Não entendi o que você está querendo dizer, Asad.

O sorriso de Asad continuava firme.

— Ah, acho que o senhor é um homem mais experiente do que diz ser, Sr. McCarthy.

Matt se aproximou do filho.

— É bondade sua, Asad, mas vai descobrir que nada desse tipo acontece aqui. Contamos com nossa reputação, como você sabe. Pedreiros e comerciantes.

— É verdade. Nessa loja, conhecemos bem a reputação das pessoas. Mas fico feliz que você tenha uma visão tão otimista das coisas. Porque há de convir que se alguém soubesse de uma atitude dessas teria a obrigação de se manifestar.

O sorriso de Matt endureceu.

— Asad, meu amigo, se eu fizesse alguma ideia do que você está falando, tenho certeza de que concordaria. Vamos, Anthony. Temos que ir.

A porta fechou com um pouco mais de ênfase do que de costume, fazendo o sininho tocar durante vários segundos.

*

As orelhas de Matt queimavam enquanto ele atravessava a rua. Ao entrar na caminhonete, não

conseguia controlar seus sentimentos.

— Que cara de pau! Ouviu o que ele disse, Ant? Ouviu o que ele estava insinuando? — O

medo de que sua noite com Isabel pudesse ser descoberta deixava-o mais agressivo do que era a intenção. — Babaca moralista. Falando desse jeito, eu podia processá-lo por difamação. Ele se acha melhor do que todo mundo… sempre me deu nos nervos.

O ruído na cabeça de Matt estava tão alto que ele só ouviu o telefone tocar quando o filho o pegou no painel e atendeu.

— É Theresa — disse, abertamente, e também desviou os olhos do pai.

*

Ainda não eram nem sete da manhã do dia seguinte quando Isabel viu os cachorros. Era sábado,

então não havia necessidade de acordar cedo, mas ela andava dormindo mal, e concluíra que a única maneira de desanuviar a cabeça era se levantar da cama.

Como podia explicar os projetos que descobrira na escavadeira amarela? Nitidamente, tinham relação com a Casa Espanhola, eram um modelo do trabalho que Matt andara fazendo. Havia esboços do banheiro no espaço que ele havia sugerido, ao lado de um closet novo. No entanto ele nunca havia mencionado arquitetos nem projetos. Eram muito recentes para terem pertencido a Samuel Pottisworth, e ela custava a acreditar que seu tio-avô tivesse intenção de se envolver em obras importantes, afinal abandonou a casa durante décadas.

Mas se Matt pagara um arquiteto para desenhá-los, ela não devia poder opinar sobre o que era sugerido? A ideia de discutir o assunto com ele a deixou infeliz de novo.

E depois havia o dinheiro. Ela nunca tinha pensado em dinheiro antes da morte de Laurent.

Era função dele, uma coisa abstrata que existia para facilitar os prazeres da vida. Férias em família, roupas novas, refeições fora de casa. A ostentação displicente deles a deixava em choque.

Isabel sabia exatamente quanto dinheiro tinha na carteira e na conta bancária. Quando pagasse a última fatura de Matt, ela e a família poderiam viver três meses com o que sobrasse sem outra fonte de renda. Dar três a quatro aulas de violino por semana prorrogariam esse prazo. Se conseguissem pelo menos ter um quarto e um banheiro decentes, poderiam

alugar a casa, o que geraria uma renda de até quarenta libras por semana. Mas isso era um grande se. Eles continuavam se lavando na pia da cozinha e usando o banheiro do andar de baixo.

"Não vejo muitos inquilinos interessados em tomar banho de bacia", comentara Kitty.

Isabel estava na janela, meio dormindo, observando os patos e os gansos levantarem voo, grasnando para algum predador invisível, quando notou cachorros do outro lado do lago, correndo serelepes em círculos uns atrás dos outros.

Quase instintivamente, vestiu o robe e desceu correndo até a porta da casa. Calçou as galochas e atravessou o gramado meio andando, meio correndo, abraçando-se para se proteger da friagem da manhã.

Parou onde os cachorros estiveram havia pouco tempo, a grama molhada roçando em suas panturrilhas, o canto dos pássaros chegando a seus ouvidos. Os cachorros tinham sumido.

— Byron? — chamou, a voz ecoando pelo lago.

Ele já havia ido embora. Devia estar indo para o trabalho. E então, não muito longe dali, uma cabeça rompeu a água. Uma cabeça escura e brilhosa e, erguendo-se da superfície, surgiu um corpo, nu até a cintura.

Como ele estava de costas para ela, Isabel pôde observá-lo por alguns segundos sem ser notada.

Ficou impressionada com o esplendor do torso dele, que era largo nos ombros e se estreitava até a cintura fina. Ele afastou as gotas d'água do rosto, e Isabel foi tomada por emoções conflitantes: surpresa diante daquela beleza física, constrangimento ao se lembrar do último corpo masculino que esteve próximo dela, e falta de uma presença física descomplicada, um corpo masculino tocando seu corpo feminino entregue, prazeres de que desconfiava que nunca mais desfrutaria.

Ele se sobressaltou ao vê-la, e ela se virou de costas, constrangida por ter sido flagrada.

— Desculpe — disse, com o cabelo caindo no rosto. — Eu… não vi que você estava aí…

Ele foi até a margem do lago, parecendo quase tão sem graça quanto ela.

— Sempre venho nadar aqui de manhã — disse. Suas roupas estavam perto de um pé de louro.

— Espero que não se incomode.

— Não… Claro que não. Você é muito corajoso. A água deve estar congelando.

— A gente se acostuma — disse ele. Houve um breve silêncio, em que os cachorros passaram correndo com as línguas de fora. Então ele sorriu. — Hum… Isabel… preciso sair…

Ela entendeu imediatamente o que ele queria dizer e se virou, as bochechas queimando.

Quanto tempo ele achava que ela ficara ali parada? E logo de robe. De repente, ela imaginou como outra pessoa poderia enxergá-la naquela situação. Será que Matt contara a ele sobre a noite anterior? Será que ela ao menos devia estar ali? De repente Isabel se sentiu esmagada. Apertou o robe em volta do corpo.

— Olhe, falo com você outra hora. Tenho que entrar.

— Isabel, não precisa…

— Não. Preciso, sim. Eu realmente…

Então viu o filho. Ele saiu de trás das árvores segurando a barra do moletom, que estava cheio de cogumelos.

— Thierry? — disse, perplexa. — Achei que você estivesse na cama.

— Pensei que soubesse — disse Byron, atrás dela. — Ele tem saído comigo todo sábado de manhã.

Ela não fazia a menor ideia. Mas Mary saberia se Thierry andasse no bosque pouco depois do amanhecer. Isabel sentiu frio. Seu robe de seda não protegia nem um pouco do ar úmido.

— Desculpe — pediu Byron, ainda dentro da água. — Se eu soubesse, não teria deixado ele vir.

— Tudo bem. Se isso o deixa feliz… — retrucou ela, num fio de voz.

Thierry se aproximou e lhe entregou os cogumelos, que emanavam um aroma forte e terroso.

— Não tem perigo — disse Byron —, são cantarelos. Faz anos que eu pego. São do terreno de Matt, mas ele não vai se importar.

Ao ouvir esse nome, Isabel deixou o cabelo cair ainda mais no rosto e se abaixou para pegar os cogumelos de Thierry. Ficou de costas para Byron e ouviu um barulho enquanto ele saía da água.

Saber que ele estava nu ali tão perto a deixou extremamente inibida, e ela murmurou alguma coisa inconsequente para Thierry, que examinava sua colheita com dedos experientes.

— Aliás, eu precisava lhe pedir um favor — disse ela, ainda de costas para Byron.

Ele esperou.

— Preciso usar nossa terra, viver dela o máximo possível. Você disse que podia ensinar Thierry a cultivar legumes… Bem, talvez pudesse me mostrar o que eu posso fazer. Sei que trabalha para Matt e deve ser muito ocupado, mas eu ficaria grata por qualquer coisa que puder me dizer… Não tenho mais ninguém a quem pedir. — Tentou avaliar a reação dele, depois prosseguiu: — Não quero vacas nem porcos nem nada disso, e não vou ficar arando campo. Mas deve haver alguma coisa que a gente possa fazer para nos socorrer.

— Vai sujar as mãos.

Ela se virou e deparou com ele de calça jeans e camiseta, a pele ainda visivelmente molhada.

Então olhou para os próprios dedos, há trinta anos protegidos do desgaste do dia a dia, já sujos da terra dos cogumelos.

— É questão de costume.

Byron esfregou a cabeça com uma toalha e observou o terreno à sua volta.

— Bem, para começar, aí está o seu café da manhã — disse ele, apontando para os cogumelos.

— Pode colher até o outono. E, se não for muito fresca, provavelmente poderia alimentar sua família durante meses.

Ela esperou.

Um sorrisinho brincava nos lábios de Byron. Quando sorriu, ele parecia outra pessoa.

— Hum — disse, por fim, e apontou para o robe dela. — Com isso você não vai longe.

— Ah! — exclamou ela, rindo de repente. — Ah. Cinco minutos. Só me dê cinco minutos.

*

Havia comida por todo lado, se escolhesse enxergá-la, Isabel descobriu durante aquela manhã com

Byron. Enquanto Kitty ficou em casa, conversando ao telefone, Isabel e Thierry acompanharam Byron pelo jardim e em volta do lago, Isabel tentou memorizar tudo o que ele falava sobre as possibilidades de suas terras, que mais pareciam um celeiro de víveres do que um desanimador sorvedouro de seus recursos.

— As coisas mais fáceis de cultivar são batatas, tomates, talvez cebolas e alguns tipos de feijão.

Neste solo, todos são infalíveis. Esse canto todo você pode usar para ruibarbo, crescia muito bem aqui.

Thierry fez uma careta.

— Você vai gostar numa torta — disse Byron, cutucando-o.

Preciso fazer uma, pensou Isabel, mas nunca tinha pedido a receita a Mary.

— A velha estufa fica perto dos estábulos. Se desenvolver as mudinhas embaixo de uma proteção de vidro, pode transplantá-las depois das geadas. É mais barato cultivar apenas semente, embora para este ano talvez já esteja muito tarde. Se capinarmos isso — disse, arrancando algumas ervas daninhas perto do muro de tijolos —, talvez até encontre algumas estacas de framboesa… Aqui estão. Corte essas mais ou menos por aqui — explicou, indicando com os polegares —, e deve ter uma boa safra. É bom deixar todas essas silvas para ter amoras.

Foi andando a passos largos, cada vez mais tagarela. Ali, no seu ambiente, a atitude defensiva se dissipou, o estranho sorriso surgia em seu rosto de vez em quando. Falava baixinho, como se não quisesse perturbar seu entorno.

— Aqui tem muitas variedades de maçã. Vão estar maduras no outono. Você precisa arranjar um freezer para guardar o que não consumir e, assim, ter comida para durar até o fim do inverno.

Cozinhe o máximo que puder. O que sobrar, embrulhe individualmente em jornal. — Fez o gesto de polir uma maçã. — Deixe-as num lugar frio numa das dependências externas, onde os camundongos não as alcancem — acrescentou.

— E tem ameixas Victoria, peras, maçãs silvestres, ameixas pretas… — Indicou as árvores. Ela não sabia distingui-las. — Rainhas-cláudias aqui. Groselhas nesse arbusto. Cuidado com os espinhos quando for colhê-las, Thierry. Dá para fazer geleia, chutney, talvez até vender. Muita gente vende coisas na beira da estrada.

— Quem viria até aqui para comprar geleia? — perguntou Isabel.

— Se for boa, pode pedir para os Primos venderem na loja como produto orgânico. Nunca usamos agrotóxicos aqui, pelo que lembro. — Hesitou. — As únicas coisas que dão problema são as alfaces e as cenouras.

— Os coelhos — disse Isabel.

— É. Mas a gente pode arranjar alguma coisa para mantê-los afastados. E toda noite você poderia ter ensopado de coelho, se quisesse.

— Você quer dizer matar coelhos?

— Por aqui é moleza.

Ela estremeceu com a escolha de palavras dele.

— Não é difícil esfolar um coelho. Thierry já fez isso.

Ela ficou espantada, mas de repente Byron pareceu sem jeito.

— Tomei cuidado. Fiquei de olho enquanto ele usava a faca.

Não foi a descoberta de que o filho andara manuseando facas que espantou Isabel: foi a expressão de orgulho dele ao olhar com timidez para Byron, aparentemente deleitando-se com a aprovação do homem.

— Ele é bom nisso, não é, T? Tem um talento nato, o seu filho.

— Você gostou de fazer isso, Thierry?

Observando-o com Byron, ela pensou que talvez ele respondesse. Mas se limitou a assentir. Ela captou o olhar de Byron e viu ali refletido um reconhecimento daquilo que esperara. Mas ele continuou falando tranquilamente, como se não tivesse percebido nada.

— E tem faisões, veados. A carne de veado pode abastecê-la durante quase todo o inverno. Pode pendurar num dos galpões. É carne boa. Muito magra.

— Acho que não vou me sair muito bem nisso — disse ela, e sorriu.

Ficaram ali parados por um minuto enquanto Thierry corria com um dos cachorros pelo meio das árvores.

— Você ficaria surpresa com o que dá para fazer — disse Byron —, se tiver necessidade.

Caminharam pela trilha ao redor do lago e voltaram para casa, o sol aquecendo a terra e fazendo algumas abelhas voarem em volta deles. A cabeça de Isabel fervilhava de possibilidades.

As provisões penduradas em ganchos do lado de fora, cestos suspensos não convencionais, cheios de cebola, frutas, uma tina de plástico transparente cheia de leite. Imaginou-os transbordando com sua produção, ela de repente capaz, descascando, esfolando, cozinhando.

— E você me ensinaria? — perguntou. — A atirar?

Então ele ficou muito sem jeito.

— Com uma espingarda de ar comprimido, sim. Eu não devia ter usado aquela espingarda.

Não tenho porte de armas. Conheço uma pessoa que pode lhe ensinar, se quiser.

— Não posso pagar — disse ela.

— Dá para caçar coelho com espingarda de ar comprimido — afirmou ele. — Não precisa de porte de armas para isso. Pode pegar a minha emprestada, se quiser. Eu lhe mostro como usar.

*

Em vinte e quatro horas, refletiu Isabel, tinha passado de primeiro violino a jardineira armada.

Sentou-se no banco de jardim perto da varanda dos fundos, segurando a .22 de Byron, com algumas latas enfileiradas no muro diante do campo aberto, para não acertar ninguém acidentalmente. Ele lhe dissera para continuar treinando. Ela apoiou a espingarda no ombro e mirou na lata. Era preciso acertar na cabeça, dissera ele. Um tiro fatal. É crueldade feri-los.

Não são coelhos fofinhos, disse a si mesma. São comida para os meus filhos. Dinheiro economizado para essa casa. Para o nosso futuro.

Pou! O tiro ecoou pelo campo e, com um estalido gratificante, a bala atingiu a lata. Ela ouviu o filho se aproximar, sentiu o toque dele em seu ombro. Virou-se e ele deu um sorriso radiante.

Ela fez sinal para o menino se afastar de novo.

É isso, Laurent, disse ela em silêncio, enquanto fechava mais uma vez o dedo branco esguio em volta do gatilho. Está na hora de seguir em frente.

15

Achavam que Anthony não podia ouvir. Trancados no escritório, pareciam achar que o som de suas vozes não se propagaria pela casa, ricocheteando feito balas nas paredes.

— Realmente não acho que seja pedir muito, Matt. Só quero ter uma ideia de quando você vai chegar em casa.

— Já disse que não sei. Você sabe que não tenho como saber de véspera.

— Você costumava me dar alguma previsão. Agora deixa o celular desligado, e metade do tempo eu não sei onde você está.

— E por que eu devia lhe dizer onde estou a cada minuto do dia? Não sou uma criança. Você quer a Casa Espanhola, não é? Então me deixe ganhar o raio do dinheiro para comprá-la.

Na sala, Anthony caiu na cadeira e se perguntou se devia colocar os fones de ouvido.

— Não sei por que você está sendo tão agressivo. Só estou pedindo para me avisar mais ou menos a hora que vai chegar em casa.

— E eu estou lhe dizendo, como já repeti cem vezes, que não tenho como fazer isso. Posso estar trabalhando no casarão e surgir um problema. Posso ser chamado do outro lado da cidade por alguém com alguma emergência. Você sabe tão bem quanto eu que preciso ser flexível. Cadê meu maldito livro de IVA?

Gavetas abrindo e fechando.

— Na pasta azul onde sempre fica. Ali. — Uma pausa. — Olhe, eu entendo, Matt, mas por que você não pode ligar e me dar uma previsão? Assim também posso planejar minha noite. E o jantar.

— Deixa meu jantar no forno, mulher. Se eu não me incomodo com comida morna, por que está criando tanto caso?

— Porque você está sendo evasivo.

— Não, você é que está sendo controladora. Como se quisesse controlar tudo… essa casa, aquela casa, o dinheiro, Anthony e agora a mim. “Você tem que fazer isso, tem que fazer aquilo”, o tempo todo enchendo o saco!

— Como você pode dizer isso?

— Porque é verdade. E porque está me irritando.

— Pelo visto, Matt, quase tudo o que eu faço te irrita.

Era a terceira vez essa semana. Fazia quase dez dias que o pai andava nervoso e mal-humorado.

Por uma razão qualquer, não contara à mãe que tinham parado a obra na Casa Espanhola, e no fundo o garoto se perguntava se seria por que a mãe de Kitty não tinha mais dinheiro. A menina vivia dizendo que a mãe estava dura. Talvez seu pai estivesse tentando decidir o que fazer antes de contar à sua mãe.

O que quer que fosse, havia alguma coisa acontecendo. Normalmente, quando saía para trabalhar, Matt levava Anthony com ele depois da aula, supostamente para ensiná-lo, preparando-o para o dia em que assumisse o trabalho. Era o que sempre dizia, mesmo quando Anthony desconfiava que ele queria mais um par de braços de graça. Mas ultimamente não pedira que fosse com ele. Também não levava Byron, que estava cuidando da terra. Anthony nem sabia onde seu pai estava trabalhando… Na casa de Theresa, provavelmente, não que pudessem chamar aquilo de trabalho. Na verdade, ele não se importava, isso significava que podia ir para a casa de Kitty e ficar com ela. Era mais fácil do que ter que ouvir aquilo. Tirou o celular do bolso. "Acha q a assistência social acolheria meus pais?", digitou e enviou a mensagem para Kitty.

— Não quero discutir com você, Matt…

— Você me surpreende. Arruma briga sempre que pode.

— Isso não é justo. Só quero sentir que não estou casada com um… um vácuo. Porque é assim que eu me sinto. Até quando você está presente, é como se não estivesse conosco.

O telefone de Anthony apitou. Ele olhou.

"Não adianta me perguntar. Minha mãe agora anda de espingarda em punho. Bjs, K."

— Você está me perturbando. Vou embora.

— Matt, não…

— Não tenho tempo para isso.

— Mas tem tempo para ela.

Um longo silêncio. Anthony fechou o telefone, depois ficou sentado na cadeira, prestando atenção ao que soava como o lento chiado de um rastilho.

— Do que você está falando?

A mãe, chorosa, respondeu:

— Não sou idiota, Matt. Eu sei. E não vou aguentar isso de novo.

O pai, desdenhoso e frio:

— Não sei do que você está falando.

— Quem é dessa vez, Matt? Uma balconista? Uma bartender? Uma cliente grata? Droga… A mulher do outro lado da estrada, talvez? Você vive enfurnado lá.

O pai explodiu:

— Quem me falou para ir até lá? Quem quis que eu fizesse a obra? Quem passou os últimos nove anos falando sem parar que queria aquela maldita casa? Não comece a reclamar comigo porque estou fazendo a única coisa que você disse que queria!

— Pare de distorcer minhas palavras! Você queria aquela casa tanto quanto eu!

— Não vou mais ouvir isso — disparou o pai. — Estou indo para o trabalho.

Anthony se apressou para colocar os fones de ouvido quando a porta do escritório se abriu e o pai saiu com um passo decidido.

— Vou chegar quando tiver que chegar. Está bem? Anthony, você devia estar na escola e não sentado aí xeretando feito uma velha.

— Não me trate como se eu fosse imbecil, Matt. — A mãe estava gritando. — Não vou ficar de braços cruzados enquanto você trepa com metade das mulheres da região. Matt! Matt?

A caminhonete do pai se afastou levantando cascalho, e Anthony tirou os fones de ouvido quando a mãe apareceu. Ao vê-lo, ela se sobressaltou e enxugou os olhos, tentando se recompor.

— Eu não sabia que você ainda estava aí, querido. Está esperando uma carona?

— Tenho o tempo livre. Só preciso chegar às dez. — Ficou brincando com o telefone para ela ter tempo de ajeitar o cabelo, que estava sempre impecável e, quando ficava desgrenhado como naquele momento lhe deixava com uma aparência vulnerável. — Eu só queria ter certeza de que você estava bem.

Ela estava com os olhos vermelhos e a pele manchada.

— Estou bem. De verdade. Você sabe como seu pai é… um pouco difícil às vezes. — Depois acrescentou, como quem não quer nada: — Ele não disse onde estava trabalhando?

— Não. — E o menino acrescentou: — Mas ele não está no casarão. Kitty falou que ele não apareceu lá essa semana.

— É mesmo?

— Ela saberia.

A mãe suspirou, como se não soubesse se estava desapontada ou aliviada com essa informação.

— Então ele não está lá — disse, quase para si mesma. — Anthony, posso fazer uma pergunta?

Acha que ele está… envolvido com a Sra. Delancey?

Anthony ficou feliz de não ter que mentir.

— Não. Com ela, não. Ela é… diferente de nós.

Quase disse que ela não fazia o tipo do pai.

— Ele anda tão… — Laura exibiu o sorriso característico de quando tentava convencer Anthony de que estava tudo bem. — Desculpe. Eu não devia envolver você nisso tudo. Deve me achar uma boba.

Ele se deu conta de que queria bater no pai, bater, bater mesmo. As palavras saíram antes que ele se desse conta do que dizia.

— A gente podia deixá-lo.

A mãe arregalou os olhos.

— Quer dizer, não continue com ele por minha causa. Eu não ficaria arrasado nem nada se a gente fosse embora.

— Mas, Anthony, ele é seu pai.

O menino deu de ombros e pegou a mochila ao lado do sofá, já sabendo que nada do que dissesse faria diferença.

— Mas isso não faz dele uma boa pessoa, faz?

*

A princípio ela pensara que haviam sido os Primos. Não imaginava quem mais deixaria duas

caixas de ovos frescos à sua porta, onde quase pisara neles. Pegara uma das caixas, abrira-a e examinara os ovos manchados de tamanhos irregulares, alguns ainda com palha e penas grudadas.

Quando quebrara um deles na frigideira, o ovo ficara quase em pé em vez de se esparramar. Feito uma prótese de silicone para o seio, comentara Kitty.

— Os Primos dizem que isso significa que são realmente frescos.

Ela fora à loja na hora do almoço e lhes agradecera pela entrega inesperada.

— Estavam muito deliciosos. Quase carnudos de tão saborosos. Nunca imaginei que ovo tivesse esse gosto. E a cor! Tão viva!

Henry olhara para ela, sem entender.

— Querida, eu adoraria achar que estamos incrementando a contagem dos seus ovos, mas a gente não faz entrega. Nem para nossos melhores clientes.

Então, alguns dias depois, apareceu lenha. Viera com um bilhete: "Precisa secar por pelo menos um ano. Deixei o resto no celeiro perto do pomar."

Ela saíra e encontrara uma pilha bem alinhada de lenha recém-cortada, algumas ainda com a seiva escorrendo. Sentira o aroma, passando a mão pela casca. Havia algo essencialmente gratificante num monte de lenha, a certeza do calor que viria.

Dois dias depois, acocoradas e de olhos inexpressivos e furiosos numa caixa de arame enferrujada, havia seis galinhas. "Essas estão em ponto de postura (os ovos virão em breve)", dizia o bilhete. "Vão precisar de milho ou ração, um suprimento comum de areia e água. E do antigo galinheiro ao lado da estufa. Prenda-as à noite. Colin, da Fazenda Dorneys, vai aí retirar as paletas velhas no fundo da garagem como pagamento."

Ela e Thierry haviam improvisado um cercado com pedaços velhos de tela de galinheiro e estacas, e observavam as aves ciscarem pelo jardim. Thierry tinha gostado daquilo, ocupando-se das estacas e da tela, depois esfregando as mãos de alegria. A primeira vez que ele encontrara um ovo, fora correndo encostá-lo no rosto dela para sentir o calor que ainda tinha. Isabel rezara para que aquilo fosse uma virada para o filho.

E depois foram os coelhos. Ela estava no andar de cima, escovando os dentes no banheiro inacabado, quando ouviu Kitty gritar. Desceu correndo de robe, a boca cheia de pasta de dente, e encontrou a filha encolhida ao lado da porta dos fundos. Estava branca de susto.

— Ai, meu Deus, alguém realmente nos odeia!

— O quê? — gritou Isabel. — O que foi?

— Olhe só!

Isabel abrira a porta dos fundos, com Thierry ao lado. Ali, nos degraus, havia três coelhos mortos, as patas traseiras amarradas com barbante, e

uma pequena mancha vermelha em cada cabeça apontando de onde eles tinham vindo.

— Parece o Amargo Pesadelo.

— Foi Byron — disse Thierry, todo feliz.

— O que você disse? — perguntou Isabel.

Mas o menino ficou calado de novo. Pegou os coelhos e os levou para a cozinha, colocando-os delicadamente na mesa.

— Eca! Não coloque aí! Estão mortos! — gritou Kitty, encolhida na parede, como se os coelhos pudessem ressuscitar de repente e pular em cima dela.

— Não tem problema, querida. — tranquilizou-a Isabel. — São um presente para a gente.

Thierry vai prepará-los.

— Alguém nos deu uns bichos atropelados de presente?

— Não são bichos atropelados. As pessoas costumavam comer coelho o tempo todo.

— Sim, e também mandavam crianças subirem pelas chaminés. Não é desculpa. — Kitty estava visivelmente horrorizada com a ideia. — Se acham que vou comer coelho morto, estão loucos. Eca! Vocês são nojentos!

Ela saiu com estardalhaço da cozinha. Thierry estava sorrindo.

— Mostre para mim, querido — disse Isabel. — Mostre para mim o que Byron te ensinou e vamos fazer isso juntos.

Durante quase duas semanas tinha sido assim. As primeiras batatas, com brotos hesitantes na casca amassada, envelopes com sementes, rotulados com instruções, dois sacos de esterco. Isabel tentara encontrar Byron para agradecer, mas ele nunca estava por perto. Na verdade, a não ser por ela e pelos filhos, a casa andava deserta. Matt não voltara. A escavadeira e as ferramentas dele estavam espalhadas pela casa e pelo terreno feito relíquias encalhadas do Mary Celeste.

Thierry estendeu um saco plástico na mesa e colocou um coelho de costas, com a cabeça virada para ele. Pegou a faca pequena da cozinha e posicionou-a do lado esquerdo da barriga macia e branca, puxou um tufo de pelos com os dedos e começou a cortar. Isabel resistiu ao instinto de afastá-lo de utensílios afiados, mas os dedos do menino eram precisos como os seus eram nas cordas, e ele estava muito absorto na tarefa. E, enquanto Isabel observava, impressionada com a delicadeza da operação, o

filho largou a faca e arrancou a pele do animal, quase como se o estivesse despindo, revelando a carne viva rosada por baixo.

Ela não sabia o que diria a Matt sobre aquela noite. Não conseguia explicar seus atos, quanto mais os dele, e embora a bebida pudesse ter contribuído, sabia que colocar a culpa no vinho não bastava. Para ser sincera, uma parte dela tinha se sentido em dívida com ele, embora a verdade nua e crua da proposta dele tivesse feito seu sangue gelar.

Estava na pior quando ele aparecera de repente, um homem forte, sempre no comando… E ali, no escuro, absorta na música e em sua solidão, convencera-se de que ele não era praticamente um estranho. De que, de alguma forma, ela havia invocado Laurent no escuro e no vento. Uma versão espectral dele.

Não podia alegar falta de vontade. Havia desejado aquilo.

O filho retirou a cabeça. Enquanto Isabel tentava não estremecer, ele abria o animal da virilha para cima, puxando as entranhas. Mordia o lábio inferior, muito compenetrado. Suas mãos, pensou ela distraidamente, tinham o mesmo aspecto de quando ele era bem pequeno, fazendo pintura a dedo com tinta vermelha e marrom.

Tinha experimentado um prazer vergonhoso ao sentir as mãos de Matt em seu corpo, seu hálito, seu abraço, ao se entregar a ele. Ao sentir seu puro desejo ser correspondido. Ainda se lembrava da lancinante felicidade física de senti-lo dentro dela.

E depois o encanto se quebrara. Se fosse alguns minutos depois, poderia não ter sido tão ruim.

Ele não era seu marido. Não era alguém que ela desejasse perto dela, dentro dela. Mas fora longe demais para parar e por isso fechara os olhos, tentando se desvincular do que estava acontecendo enquanto seu corpo, que de início a traíra, lembrava-se de quem ele era e se fechara, transformando-a em uma pessoa fria, envergonhada e sem sentimentos. Então, o pior foi ele ter ficado tão satisfeito, tão afetuoso depois. Parecia achar que ela poderia prolongar o encontro, ou mesmo repeti-lo.

E, para completar, essa culpa esmagadora, não só por causa da esposa dele, mas pela tranquilidade com que se oferecera a outro homem, ela, uma mulher que passara pouco mais de um ano de luto pelo marido e ainda não parava de pensar nele. Traíra o que ela e Laurent tinham vivido. Sentia-se como se a presença de Matt houvesse apagado tudo o que existira antes.

Isabel se sobressaltou quando Thierry, com um gesto bruto, quebrou as pernas do coelho. Já não havia pelo, cabeça, patas, só um bolo de carne crua. Dolorosa e exposta. Thierry a lavou na torneira, ficando na ponta dos pés, depois mostrou cheio de orgulho para a mãe. Não havia mais nada no interior, só uma cavidade limpa onde antes estivera o coração.

Isabel conteve um estremecimento.

— Maravilhoso, querido. Muito bem.

As mãos do menino ainda estavam salpicadas de sangue e pelo quando puxou outro coelho do saco plástico.

Isabel colocou o bicho limpo em salmoura, como Byron lhe dissera para fazer. Aparentemente, isso deixaria a carne mais saborosa.

*

Ela viu o carro antes de notar a presença dele, avistando-o através das árvores do outro lado do

lago. Era o lugar que ela lhe mostrara no dia em que se conheceram. Desde então, ela voltara lá mais de uma vez, nos dias em que Matt estava especialmente detestável. As palavras do filho ainda ecoavam em seus ouvidos.

"Somos casados", dissera a ele. "Acredite ou não, isso significa alguma coisa. Significa não ir embora quando as coisas se complicam. Significa que resolvemos nossos problemas."

"Se você está falando…", resmungara Anthony.

"O que quer dizer com isso?"

"Bem, eu nunca vou me casar se isso significa ser como vocês dois. Olhe só para vocês", dissera ele. "Não são amigos, nunca riem juntos. Nunca conversam um com o outro sobre nada."

"Isso não é justo."

"Vocês parecem uma série de comédia dos anos 1950. Ele te deixa chateada. Você o perdoa.

Ele faz sujeira. Você limpa. São como uma instituição falida."

O carro dele estava estacionado um pouco mais atrás, fora do caminho, e, quando passou, ela olhou de relance para o mapa lá dentro, os papéis espalhados, já sabendo que só poderia haver uma razão para ele ter voltado. Laura endireitou as lapelas, feliz por ter se dado ao trabalho de retocar a maquiagem.

Ele estava sentado num tronco de árvore e se levantou depressa quando ela se aproximou, abrindo um sorriso. Ela sorriu também. Fazia tempo que alguém sem pelo nem cascos se alegrava tanto em vê-la.

— É você! — exclamou ele. — Eu estava torcendo para que fosse.

Ele tinha uma voz linda, grave, suave e ligeiramente entrecortada. Um pouco como a do pai dela. De repente, ficou encabulada.

— Apreciando a vista? — perguntou, timidamente.

Ele se abaixou para fazer carinho em Bernie, que não hesitou em lhe dar as boas-vindas.

— É um lugar fabuloso. Sonhei com essa vista todas as noites depois… da nossa última conversa.

Mal se via a casa do outro lado, parcialmente encoberta por árvores e sebes, parcialmente refletida no lago espelhado. Em várias ocasiões ela se sentara ali e deixara a imaginação divagar, imaginando-se de braço dado com o marido, descendo a escada de pedra que levava para o lago. As festas que dariam nos gramados, as cortinas elegantes que penduriariam nas janelas. Em outras ocasiões, mais recentes, ela não conseguia caminhar por esse lado da propriedade, não conseguia ver a casa sem morrer de inveja e frustração por não ser sua, depois de tudo o que passou.

Mas, naquele dia, pela primeira vez, isso não importava. Não era objeto nem de frustração nem de desejo, era apenas uma casa velha e acabada, espreitando placidamente do outro lado do lago.

Houve um breve silêncio, quebrado por patos brigando nos juncos. Nicholas estava acariciando as orelhas do cachorro. Ela se lembrou das coisas que lhe contara da última vez em que haviam se encontrado. Talvez fosse mais fácil contar segredos a um estranho.

— Você está… linda — disse ele.

Ela involuntariamente levou a mão ao cabelo.

— Melhor do que da outra vez.

— Você estava maravilhosa da outra vez. — Ele se levantou. — Quer tomar um café? Eu estava tomando um… trouxe uma xícara a mais.

A implicação dessa última frase os fez rir. Laura se sentou no tronco da árvore.

— Eu adoraria — disse ela.

Não sabia quem era, contou a ele, algum tempo depois. Sabia que o marido estava dormindo com alguém, mas não sabia quem.

— Viver numa cidade pequena é terrível. — Tomou o cuidado de não olhar para ele ao dizer isso, sabendo que só conseguiria continuar se fingisse que ele não estava ali. — Aonde quer que eu vá, fico me perguntando: é você? Ou é você? Pode ser qualquer pessoa. A moça do supermercado.

A mulher da loja de tecidos. A garçonete do restaurante aonde ele me leva. As mulheres sempre acharam ele atraente.

Nicholas não disse nada. Ficou sentado ao lado dela, escutando.

— Não posso falar com ninguém sobre isso. Nem com as minhas amigas, nem com as vizinhas… Sei de pelo menos uma com que ele dormiu, por mais que ela negue. Não adianta perguntar a ele. É capaz de dizer que o preto era branco e a gente acreditar. Já fez isso comigo muitas vezes. Mesmo agora, não admite nada. Faz com que eu me sinta uma imbecil por desconfiar dele.

Nicholas se virou para observar o rosto dela. Laura sabia no que ele devia estar pensando.

Idiota. Mas sua expressão não dizia isso.

— Da última vez, teve que admitir. Mandou uma mensagem de texto para mim em vez de mandar para ela. Deve ter se confundido. "Me encontre no Tailors' Arms", era o que dizia.

"Tenho duas horas antes do toque de recolher." Nunca esqueci. Toque de recolher. Como se eu fosse uma carcereira.

— O que você fez?

Ela riu, mas não estava achando graça.

— Fui até o pub. Ele ficou completamente pálido quando me viu.

Nicholas sorriu em solidariedade. Laura brincou com um dos punhos da camisa.

— Ele confessou tudo e pediu desculpas. Estávamos tentando ter um filho, sabe. Achei que isso nos uniria, mas ele disse que o fazia se sentir pressionado e que essa mulher… essa garota… era o resultado. Isso foi há três anos.

— E agora?

— Não sei. Falo com as vendedoras das lojas e com a cabeleireira, com minhas amigas e vizinhas e… não tenho ideia de qual delas está dormindo com meu marido. — Esforçou-se para controlar o tom de voz. — É o mais difícil de tudo, sabe. A possibilidade de ela estar aqui me olhando, rindo de mim. Uma dessas garotas bonitinhas de corpo firme e

pele perfeita. É o que imagino. Os dois rindo de mim. — Cerrou a mandíbula. — Desculpe — disse, pouco depois. — Você só queria tomar um café e curtir a vista e eu estou aqui, lamentando meu casamento.

Desculpe.

Não seja gentil, senão desmorono, disse-lhe em silêncio.

Mas enquanto ela olhava fixamente a casa ao longe, a mão dele se fechou sobre a sua. A mão era quente, firme e desconhecida. E a voz que falou com ela foi inesperadamente severa.

— Esse cara é um idiota. — afirmou.

*

Passaram-se mais duas horas até ele consultar o relógio.

"Tirou um horário de almoço e tanto," dissera ela, quando ele se espantou com a hora.

Ele sorrira e balançara a cabeça, exibindo rugas nos cantos dos olhos.

"Mas não foi bem um almoço, foi?"

Eles baixaram os olhos para a embalagem de chocolate.

Não tinham falado mais sobre Matt. Ele mudara de assunto educadamente, contando de um lugar que visitara quando criança, não muito diferente daquele, onde ele e os irmãos passavam horas vagando e montando acampamentos. Depois, tinham falado de bichos de estimação que tiveram na infância, de pais idosos, de evitar relacionamentos, do motivo pelo qual poderiam estar ali sentados sozinhos na beira de um bosque. Depois ela conferira o relógio de pulso e descobrira que duas horas tinham se passado.

— Talvez você me deixe compensar isso outra hora — disse ele. — Uma oferta gastronômica melhor.

Ela entendera o que ele estava dizendo. E seu sorriso desaparecera. Um almoço decente. Uma coisa era encontrar alguém por acaso enquanto estava passeando com o cachorro, até mesmo se sentar e conversar um pouco, mas um almoço era algo premeditado. Revelava uma intenção.

Era o tipo de coisa que Matt fazia com as mulheres que conquistava.

Seus pensamentos devem ter sido transparentes, e ela notou a decepção no rosto dele.

— Desculpe — disse Nicholas. — Eu sei… as coisas são complicadas.

— Não é você…

Ele contorceu o rosto.

— Você é… uma ótima companhia.

— E você também, Laura. — Ele se levantou e lhe deu a mão. — É sério. Nem consigo dizer como gostei dessa tarde.

— As divagações de uma dona de casa chorona…

Ela endireitou a camisa.

— Não — disse ele. — Apenas honesta. Estou lisonjeado. — Continuava segurando a mão dela. — Estou sozinho há muito tempo, em parte porque quero, mas foi bom simplesmente conversar com alguém… alguém inteligente e simpático e…

— É melhor eu ir.

Ele soltou a mão dela.

— Claro.

— Quem sabe a gente se encontra de novo — disse ela.

Não podia pedir. Não podia confessar a si mesma que talvez quisesse isso.

Ele enfiou a mão no bolso, tirou uma caneta e escreveu algo num pedaço de papel.

— Para o caso de algum dia você se interessar por aquele almoço — disse ele. E enquanto ela seguia para a trilha, com o papel radioativo no bolso, ouviu-o dizer: — Três pratos ou uma barra de chocolate. Realmente não me importo.

*

Nicholas a observou descer a trilha, os passos um pouco forçados, como se soubesse que ele estava

com os olhos fixos nela. Laura não olharia para trás, mesmo se quisesse, pensou ele. Tudo nela remetia a delicadeza, a uma atitude que ele raramente costumava encontrar. Até o jeito que ela segurava a xícara era elegante. Poderia ter passado muitas horas mais observando-a. Obrigara-se a olhar para a casa do outro lado do lago, temendo que sua atenção a assustasse. Mas sentira-a intensamente ao seu lado, suas terminações nervosas se aguçando quando o vento carregou até ele um vestígio do perfume dela. O ar ficara preso em sua garganta quando ela erguera para ele aqueles olhos cinzentos e tristonhos. Já sem constrangimento, fixou o olhar nela até as árvores a engolirem, aquele cabelo louro marcado brevemente pelos raios de sol.

Ele desconfiava que a entendia, aquela mulher linda e gentil que mal conhecia. Não tinha desejado ninguém tão completamente, com tanta certeza, desde que sua esposa saíra de casa, e não sabia se já a desejara da mesma maneira.

Ande em direção ao carro, ordenou a si mesmo para não alimentar esperanças. Como a casa, aquele provavelmente seria um jogo de paciência. Talvez lhe faltasse autoconhecimento para admitir, mas apesar do seu passado recente, Nicholas Trent era, no fundo, um negociante. E a existência de um rival, por mais invisível, desconhecido e poderoso que fosse, só aguçava seu desejo.

*

Naquela noite, Byron finalmente apareceu. Isabel ouviu baterem à porta da cozinha, e abriu,

depois de ver através do vidro quem era. Ele ficou parado, ocupando o vão da porta, só com uma camiseta velha azul para protegê-lo da friagem da noite.

— Oi — disse ele, e seu sorriso foi tão inesperado que ela retribuiu. — Espero que não se incomode, mas eu queria saber se podia dar uma palavrinha com você.

— Quer entrar? — perguntou ela, indicando a cozinha.

Thierry, que estava fazendo o dever de casa, já tinha se levantado da cadeira.

— Não, não — respondeu Byron. — É melhor aqui fora.

Indicou o jardim com a cabeça, e Isabel saiu, fechando a porta.

Ai, meu Deus, pensou ela. Ele vai querer dinheiro por todas as coisas que deixou.

— Está tudo bem? — indagou.

— É o Thierry — disse ele, baixinho.

— O quê? — perguntou ela, aflita.

— Não é nada ruim — respondeu ele, depressa. — É que já vendi quase todos os meus filhotes… Bem, reservei para algumas pessoas… mas antes de me desfazer dos dois últimos, queria saber se vocês gostariam de ficar com um. Thierry se afeiçoou muito a eles, sabe.

Ela viu dois filhotes pretos e brancos atracados numa caixa no chão ali perto.

— Estão quase prontos para ir — prosseguiu ele —, e eu pensei… Bem, parece que ficar em contato com animais faz muito bem para ele. — Byron hesitou, como se tivesse medo de falar demais. — Eu faço Thierry gritar para chamá-los.

— Gritar para chamá-los?

— Digo que ele tem de chamá-los como parte do adestramento. Peço para ele fazer isso no bosque.

— E ele grita?

Byron assente.

— Às vezes bem alto.

Um grande nó se formou na garganta de Isabel ao pensar na voz do filho calado ecoando.

— O que ele diz?

— Nada de mais. Só grita os nomes deles e "Aqui", "Senta", esse tipo de coisa. Achei que seria bom forçá-lo a produzir algum som. Acho que no bosque é mais fácil para ele.

Estavam frente a frente, calados.

— Por quanto está vendendo? — perguntou Isabel.

— Ah, duzentas libras cada um. — E depois, ao ver a expressão dela, acrescentou: — Mas não para você. Para Thierry. Eu não pretendia…

— O quê?

— Cobrar.

Isabel corou.

— Vou pagar o que os outros estão pagando.

— Mas não é o que eu…

— É melhor eu pagar. Assim ficamos quites.

Ela cruzou os braços.

— Olhe, não vim vender um filhote. Vim perguntar se Thierry gostaria de ficar com um. De presente. Mas primeiro eu tinha que ver com você se não teria problema.

Por que você nos presentearia com algo?, Isabel queria questionar, mas a pergunta ficou presa em seus lábios.

— É o mais fraco da ninhada — acrescentou ele, apontando para o mais escuro dos dois.

Ela desconfiou que isso não fosse verdade, mas não podia questioná-lo. Abaixou-se e o retirou da caixa. Ele se contorceu, tentando lamber seu pescoço.

— Você já nos deu muita coisa — disse, num tom sombrio.

— Nem tanto. Por aqui, quase todo mundo se ajuda.

— Aquilo tudo — disse ela. — A lenha, as galinhas…

— Não fui eu. Falei para Colin que você ficaria feliz de trocar aquelas paletas de madeira por algumas galinhas. Sério. Não tem por que se preocupar com isso. — Pegou o outro filhote. — Seria bom se esse carinha fosse para uma boa casa.

Olhou para ele, um homem indecifrável cujo desconforto espelhava o dela. Percebeu que era mais novo do que ela imaginara, que seu tamanho, sua força e sua contenção escondiam algo parecido com vulnerabilidade. E fez um esforço para relaxar.

— Então, obrigada — disse, com um sorriso. — Acho… Sei que ele adoraria ter um cachorrinho.

— Ele é…

Byron se calou quando uma caminhonete apareceu no meio das árvores. Isabel corou ao reconhecer o barulho característico do motor a diesel. Uma parte infantil dela queria correr para dentro de casa e esperar o carro se afastar.

Mas claro que isso não aconteceu. Matt saltou e seguiu com displicência à porta dos fundos, depois os viu. Isabel reparou que Byron se afastou alguns passos dela enquanto o homem mais velho se aproximava.

— Byron, você pegou aquele material isolante? — perguntou.

— Peguei.

— E terminou de desentupir a tubulação?

Byron assentiu.

Respondidas as perguntas, Matt virou as costas, como se não tivesse mais interesse no homem.

Isabel notou que Byron se fechou, como se seu corpo fosse uma concha. Seu rosto estava inexpressivo.

— Desculpe por não ter aparecido. — Matt estava na frente de Isabel. — Ando ocupado com um trabalho em Long Barton.

— Tudo bem — disse ela. — Mesmo.

— Mas eu queria que você soubesse que volto amanhã. Como de costume.

Lançava um olhar penetrante para ela, como se suas palavras tivessem outro significado.

Isabel aproximou o filhote do peito, grata com a desculpa de se concentrar em outra coisa que não nos olhos dele.

— Tudo bem — respondeu.

Ele não se mexeu. Isabel o encarou, endireitando os ombros. Ele sustentou o olhar dela mais do que o necessário, mas aparentemente não conseguiu decifrar nada neles e acabou desviando a vista.

— De quem é o filhote? — perguntou.

— É meu — disse Byron.

— Meio novinho para sair, não acha?

Byron pegou o cachorrinho da mão de Isabel e colocou-o de volta na caixa.

— Vou levá-los para casa agora — disse ele.

Matt parecia não querer ir embora. Olhava um para outro, até que se virou para Byron.

— Eu me esqueci de falar… A partir de amanhã, quero você na obra de Dawson. Está bem?

Algumas terras precisam ser capinadas. Ah, e tenho uma coisa para você. — Pegou um envelope com dinheiro e começou a contar ostensivamente as notas. — …e vinte. Seu salário. — Sorriu. — Não gaste tudo de uma vez.

Byron pegou o dinheiro, a contragosto. Seus olhos ardiam.

— Então, Byron, não queremos incomodar a Sra. Delancey a noite toda. Quer uma carona de volta para a cidade?

— Não — disse Byron. — Estacionei do outro lado do lago.

Ao som do seu assovio, os dois cachorros apareceram e o seguiram aos pulos pelo caminho.

Isabel resistiu ao impulso de chamá-lo.

Matt observou-o ir embora, depois virou-se para ela. Sua arrogância tinha diminuído.

— Isabel — disse, baixinho —, eu queria conversar…

A porta da cozinha se abriu e Kitty apareceu, com uma mecha de cabelo presa no canto da boca.

— Vai me ajudar com o jantar? — perguntou, retirando a mecha de cabelo presa. — Você está aí fora há séculos.

Aliviada, Isabel se voltou para ele.

— Desculpe. Não posso conversar agora.

Kitty estendeu um escorredor.

— Têm uns brotos saindo de quase todas as batatas.

— Olhe — disse ela abruptamente —, temos… Eu tenho o suficiente para pagar as outras obras que você sugeriu. — Percebeu a súbita expressão de prazer dele e se deu conta de que talvez achasse que ela teria outro motivo para prendê-lo ali. — O encanamento, a calefação e o banheiro. Precisamos muito do banheiro.

— Volto amanhã — disse ele.

— Ótimo.

Isabel entrou pela porta da cozinha e fechou-a, sentindo-se grata.

16

Byron Firth era um homem de poucas expectativas, mas até ele tinha que admitir que a casa da Appleby Lane não era o que imaginara. Previra que seria pequena, geminada, talvez um pouco parecida com a casa que ele e a irmã haviam morado, ou numa rua sem saída dos anos 1970 com um jardinzinho quadrado na frente e atrás.

Dois quartos, dissera a irmã, e ele desconfiara que seria um dúplex ou um apartamento do programa de habitação social. Mas era uma casa com telhado de colmo, situada numa rua tranquila, num terreno de mil trezentos e cinquenta metros quadrados, quase uma paródia de um idílio em estilo inglês antigo, com vigas pesadas e canteiros de flores.

— Quer mais alguma coisa, Byron?

Ele se recostou no sofá luxuoso e confortável.

— Não, obrigado. Estava uma delícia.

— Jason está colocando a chaleira no fogo. Quer lhe mostrar alguns projetos que temos para o jardim. Sebes e esse tipo de coisa. Quem sabe você pode dar uns conselhos.

Byron sabia que Jason não queria fazer aquilo. Os dois nunca tinham simpatizado um com o outro. Byron via os namorados de Jan — qualquer potencial padrasto de Lily — com desconfiança. Mas entendia o que ela estava tentando fazer e, consciente da hospitalidade deles, contentou-se em entrar no jogo.

— Claro. É só dizer quando — concordou.

O verão chegara abruptamente nesse cantinho da Inglaterra. Na floresta, isso significava um grande número de atividade, brotos verdes irrompendo dos troncos das árvores desbastadas em direção ao céu, e um tapete de flores do lado leste que havia durado semanas.

Quando a irmã voltou para a cozinha imaculada, Byron deixou a cabeça afundar nas almofadas e fechou os olhos. O rosbife estava delicioso. Mas o sofá… Ele nem imaginara o luxo que significava a presença de um sofá antes de ter passado várias semanas dormindo num chão de concreto. Era fisicamente resistente, mas estava se perguntando como sobreviveria mais uma noite naquele local.

Aquilo estava demorando mais do que ele imaginara. O velho em Catton's End ainda não pagara pela cadelinha, e a Sra. Dorney, do centro de jardinagem, queria receber o filhote só depois que tivesse se mudado.

Ele encontrara uma casinha para alugar a uns cinco quilômetros dali, numa enorme fazenda.

Não se importavam com os cães, e lá ele poderia inclusive arranjar alguns bicos, mas até todos os cachorrinhos serem entregues, ele não tinha dinheiro para o depósito. Nem a venda deles equivaleria à quantia que o proprietário pedia. Então ele teria que aceitar todas as horas extras que Matt pudesse oferecer.

— Você pode me ajudar a montar essa cadeira?

Lily se sentou em seu colo e entregou as peças da mobília da casinha de bonecas que ele tinha levado. Ela lhe mostrara seu quarto, e a casa de bonecas que o "tio Jason" lhe dera. Tinha quase um metro de altura e telhado de palha.

"Ele queria que ela se sentisse bem-vinda", dissera Jan. "Foi ele quem fez. É uma cópia dessa casa."

Ele se surpreendera com o monossilábico Jason, e não pela primeira vez naquele dia. Nada na atitude do homem sugerira que ele pudesse ser capaz de fazer algo como aquilo.

— Passe a cola, Lily.

Inclinou-se para a frente com cuidado, para não deixar o tubinho pingar.

— Pode fazer as coisas da cozinha depois?

— Claro.

Ela olhou para ele com um sorriso malicioso.

— Sarah, a amiga da mamãe, gosta de você. Mamãe disse que ela podia ficar com você contanto que lavasse sua roupa também.

Foi a mesma coisa que a irmã dissera quando ele lhe entregara suas roupas.

— Nossa, Byron. Há quanto tempo você não lava isso? — Segurara a distância o saco de roupa suja. — Não é típico de você.

— A máquina de lavar do meu amigo quebrou. Então me enrolei com isso.

Fingiu se distrair com o jardim. Essa era a pior coisa do lugar onde estava morando. A lavanderia mais próxima ficava a vinte e cinco quilômetros, o que lhe custaria muito diesel. Se enxaguasse as roupas no

lago, elas continuavam com um aspecto sujo e demoravam dias para secar. Às vezes, quando estava sentado ouvindo a música de Isabel, imaginava-se entrando de fininho na lavanderia e usando escondido a máquina dela. Mas teria a sensação de estar fazendo algo furtivo e errado. E se ela encontrasse uma meia perdida dele?

Escutava confortavelmente a máquina da irmã funcionando ao longe. De barriga cheia, com um lugar macio para se sentar e a perspectiva de roupa lavada. Entregou a Lily a cadeirinha montada. Pensando bem, não era preciso muita coisa na vida para ser feliz.

— Ela é bem bonita — disse Lily. — Tem cabelo comprido.

— Byron.

Jason entrou e se sentou numa das poltronas.

Byron se endireitou um pouco no sofá. Seria muito fácil dormir ali.

— Casa bonita — falou. — Tudo é… muito bonito.

— Fiz quase toda a obra com meu pai alguns anos atrás.

— É melhor do que a nossa casa velha. — Lily estava colando adesivos na mobília de madeira.

— Embora eu gostasse dela.

Byron sorriu para ela, observando Jason.

— Você vai fazer concorrência ao Matt McCarthy.

— Não me leve a mal, cara, mas eu não gostaria desse homem na minha casa. Não com todas essas histórias que a gente ouve sobre ele.

Que histórias?, Byron quis perguntar.

A menina cantarolava desafinadamente enquanto arrumava e rearrumava a mobília das bonecas. Por fim, Jason murmurou:

— Lily, querida, você pode perguntar à sua mãe se quer que eu vá buscar mais biscoitos?

Ela se levantou depressa e foi para a cozinha, atraída pela palavra mágica. Quando estava suficientemente longe, Jason sussurrou:

— Olhe, Byron, sei que você não é muito fã da minha relação com a sua irmã…

Byron tentou interromper, mas Jason ergueu a mão.

— Não, me deixe terminar. Ela me contou o que aconteceu com você. A prisão e tudo o mais.

E eu queria que você soubesse de uma coisa. — O olhar dele era penetrante e sincero. — Eu nunca encostaria um dedo na sua irmã nem na

Lily. Não sou… esse tipo de homem. Eu queria que você soubesse disso. E, no seu lugar, eu provavelmente teria feito a mesma coisa.

Byron engoliu em seco.

— Eu não tive a intenção…

— Sim?

— Ele caiu de mal jeito — disse ele, por fim. — Foi há muito tempo.

— É. Ela me contou.

O "mas" ficou no ar. Através da porta, Byron ouviu a chaleira fervendo, o barulho das xícaras sendo tiradas dos armários.

— Enfim, só para você saber, provavelmente vou pedi-la em casamento, quando elas estiverem adaptadas.

Byron deixou a cabeça afundar de novo nas almofadas, tentando digerir essa última reviravolta, a nova versão de um homem do qual ele estava propenso a não gostar. Ele era diferente na própria casa. Talvez a maioria das pessoas fosse.

Passaram-se vários minutos arrastados.

— Vou ver como está indo o chá — anunciou Jason. — Com leite e sem açúcar, não é?

— Obrigado — disse Byron.

Então a irmã saiu da cozinha com uma bandeja.

— Não sei por que você fica falando em biscoitos — disse, cutucando Jason ao se sentar ao lado dele. — Você sabe que a gente comeu os últimos hoje de manhã.

Serviu uma caneca e entregou-a ao irmão.

— Você ainda não me contou… apesar de ter me presenteado com meia tonelada de roupa suja. Quem é esse amigo que está hospedando você?

*

Durante três dias, Thierry teve certeza de ter escutado aquilo. Estava passando pelos celeiros do

lado mais afastado da casa e ouviu um grunhido abafado, parecendo vir de debaixo da terra.

"Provavelmente filhotes de raposa", dissera Byron, quando gesticulou para ele. "Devem estar entocados em algum lugar. Vamos, temos que alimentar os faisões."

Byron dissera que animais selvagens jamais deviam ser perturbados sem motivo, especialmente os jovens. Se alguém pegasse uma cria ou mexesse num ninho, os pais poderiam se assustar e nunca mais voltar.

Mas Byron não estava lá naquele dia. Thierry ficou parado sob o sol, imóvel, inclinando a cabeça para avaliar de onde vinha o som. Ouvia música vindo do quarto de Kitty, que ela e a mãe estavam pintando. A mãe dissera que ela poderia colocar o que quisesse nas paredes. Ele ia perguntar se podia pôr os planetas. Gostava da ideia de ter o Sistema Solar do lado de fora e também do lado de dentro da janela.

À sua volta, ouvia o sussurro dos pinhos-de-riga, cujo aroma flutuava em sua direção através da brisa cálida. Lá estava de novo. Thierry tirou as mãos dos bolsos e começou a dar a volta na casa.

Parou quando chegou à velha porta apodrecida. Byron lhe ensinara sobre rastros, e, ao olhar para o chão, notou que a porta havia sido aberta recentemente.

Franziu o cenho. Como uma raposa conseguiria abrir uma porta, ainda mais uma porta pesada como aquela? Seguiu em frente, enfiou os dedos na lateral e puxou. Entrou e esperou os olhos se adaptarem à escuridão. Os gemidos tinham cessado.

Thierry notou o formato em L do cômodo. Quando fechou a porta e desceu os degraus, os gemidos e rosnados recomeçaram, e ele seguiu o barulho até se deparar com uma visão familiar.

Abaixou-se e pegou um dos filhotes de Byron na caixa, segurando-o com firmeza. Devia ter deixado os cachorrinhos ali para que ficassem em segurança enquanto ele trabalhava.

Thierry se sentou no chão de concreto, deixando os cachorrinhos pularem em cima dele e lamberem seu rosto, coisa que sua irmã sempre dizia que era nojenta.

Só quando eles se acalmaram e ficaram farejando o ar, ele notou que havia mais coisas ali.

Tinha uma cadeira dobrável no canto, um saco de dormir em cima de uma lona, uma mochila e algumas sacolas. Ali perto, viu as tigelas dos cachorros. Um copo com uma escova de dentes estava equilibrado na lateral de uma pequena pia. Thierry espremeu um pouco de pasta na boca. Por que Byron estava acampando ali?

— Thierry! — Sua mãe o chamou do andar de cima. — Está na hora do almoço! Thierry!

Ele deixou cuidadosamente a pasta de dente no lugar.

— Shiu — disse aos cachorros, colocando o indicador nos lábios. — Shiu.

Thierry sabia tudo sobre segredos, entendia por que era melhor guardar certas coisas, e não queria que Byron pensasse que seu refúgio tivesse sido violado.

*

A mão se lembra da música muito depois de ter parado de tocar. Assim, a mão de Isabel recordava

a sensação de seu velho violino muito depois de ter se desfeito dele. Pensou no instrumento enquanto fazia a mímica do Dvořák, imaginando a tensão das cordas, a sensação do Guarneri sob seu queixo. Provavelmente nunca mais seguraria um violino daqueles, nunca mais ouviria seu timbre aveludado, sentiria a vibração pura de suas cordas, mas havia compensações, disse a si mesma.

O verão trouxera certa paz após as turbulentas semanas do fim da primavera. A horta florescia.

Ela comprara um freezer grande e o colocara na sala de jantar para o excesso, e as férias de verão haviam começado, portanto Kitty assumira o cuidado com as galinhas, criando cochins pretas, garnizés, enormes Orpingtons cheia de penas fofas. Os ovos e os pintos lhe rendiam uma renda pequena mas fixa. As duas portas da casa permaneciam abertas durante o dia, e de vez em quando Isabel encontrava um galinho de plumagem extravagante espiando-a do sofá com olhos penetrantes, ou uma galinha poedeira aninhada numa pilha de roupa suja. Tinha dificuldade em mostrar-se muito ofendida. Adorava ver Kitty e Thierry cuidando dos pintinhos. Era bom vê-los interessados em algo, ver que já não lamentavam o que haviam perdido.

Thierry passava grande parte do tempo no bosque com Byron, e voltava com cogumelos, folhas que podiam usar em saladas, ou carrinhos de mão cheios de lenha para o inverno. Isabel imaginava-o chamando o filhote que Byron lhe dera. A expressão do filho quando entendera que o animalzinho era mesmo dele a deixara com lágrimas nos olhos. Diga alguma coisa, Thierry, encorajara-o silenciosamente. Fique satisfeito, berre, grite como o garoto que você é, mas ele tinha se aproximado dela e

abraçado sua cintura. Ela o apertara, temendo demonstrar que esperara por mais.

— Ele vai ter que começar a treinar esse filhote logo — comentara Byron, na frente de Thierry, e Isabel rezou para que o bichinho devolvesse a fala ao filho.

Aquela manhã, Byron lhe ensinara a rachar lenha. Pelo visto, ela andara fazendo tudo errado.

O machado estava cego. Apoiar um pedaço de madeira num tronco e cortar no meio era perigoso e podia cegá-la. Devia rachá-lo ao meio, não cortá-lo. Ele mostrou como retirar o machado da madeira, batendo na parte de trás com uma marreta, suas mãos fortes partindo o tronco com um golpe limpo.

— Isso faz bem para você — disse ele, sorrindo quando ela tornou a levantar o machado. — Ajuda a esvaziar a cabeça. É terapêutico.

— Desde que eu não decepe os pés.

Enquanto isso, as mãos de Isabel estavam ficando ásperas e arranhadas de rachar lenha, enfrentar moitas de groselhas silvestres e framboesas. Ela cortara a mão com a faca enquanto esfolava coelhos, e as palmas estavam calejadas de pintar o interior da casa nos lugares que não estavam cobertos com plástico. Estava determinada a alegrá-la se pudesse. Achava que Laura McCarthy e gente da laia dela provavelmente achariam a casa um caos, com a madeira grosseiramente pintada, as cores primitivas, os murais que subiam até o andar de cima com gavinhas de hera verdes e amarelas. Ela não se importava: cada marca deixava o ambiente mais aconchegante, em vez de um lugar aonde ela, Kitty e Thierry tinham ido parar por acaso.

Mas o estranho na Casa Espanhola era isso, que ela só conseguiu admitir para si mesma depois de Kitty ter comentado.

“Gosto dessa casa”, dissera sua filha certa noite. “Muito mais do que quando chegamos.

Mesmo com todos os buracos e toda a confusão. Mas nunca dá a sensação de ser a nossa casa, não é?”

Isabel tinha feito sons tranquilizadores quanto à casa estar inacabada e à impossibilidade de julgar até que fosse totalmente deles. Quanto a banheiros novos e janelas a serem trocados. Mas ela sabia que as palavras de Kitty tinham um fundo de verdade.

É por sua causa?, perguntara ela a Laurent em silêncio. É impossível construirmos uma casa nossa sem você?

Durante esse período, ela evitara Matt, o máximo que era possível evitar alguém que estava todos os dias dentro da sua casa. Às vezes era fácil, como nos momentos em que saía para dar aulas de violino, o que a apavorava. Desenvolvera todo tipo de estratégias para garantir que nunca ficasse sozinha com ele, mantendo-se perto de Byron ou dos outros pedreiros quando ia servir chá para eles, pedindo às crianças que a acompanhassem enquanto terminava alguma tarefa, e deixando quaisquer conversas necessárias para quando pai e filho estivessem trabalhando juntos.

Matt usava a mesma estratégia, um pouco menos animado e comunicativo do que antes, mas às vezes ela se convencia de que essa nova distância também era conveniente para ele.

Parecia haver problemas entre ele e Anthony. Mal se falavam, e Anthony encarava o pai com uma aversão mal disfarçada. Se o menino não fosse nada menos que gentil com Isabel, ela poderia achar que ele tinha descoberto a verdade. De vez em quando, sentia os olhos de Matt fixos em suas costas, mas, em geral, conseguia não se importar com isso.

Estava na horta quando ele a flagrou sozinha. Era fim de tarde, Kitty e Thierry estavam no bosque com o cachorrinho, e ela decidira desenterrar algumas batatas para o jantar. Temendo cortá-las com a pá, puxava-as com a mão, ajoelhada em um saco velho, e jogava-as num balde de metal para depois serem lavadas. Havia algo gratificante em arrancar batatas, em sentir a forma irregular do prêmio debaixo da terra, na surpresa agradável de constatar o tamanho quando eram retiradas. Parou para afastar o cabelo do rosto e olhou para os próprios dedos. Antes brancos, naquele momento estavam manchados, as unhas mal aparadas eram meias-luas de sujeira. Ah, Laurent, o que você pensaria de mim?, pensou, sorrindo. E então percebeu, com um misto de alívio e pesar, que era a primeira vez que conseguira pensar nele sem uma pontada de dor.

Colheu a última batata, separou-a dos caules e acomodou de novo a terra onde a planta estivera. Depois, esfregou as mãos para soltar a terra, e sobressaltou-se ao ouvir uma voz: — Ainda são bonitas.

Matt estava atrás dela, apoiado na pá.

— Suas mãos ainda são lindas.

Ela tentou interpretar a expressão dele, depois se levantou e sacudiu o saco.

— Como está o banheiro? — perguntou, num tom cautelosamente neutro. — Você achou que terminaria essa semana.

— Não quero falar sobre isso — disse Matt. — Faz semanas que estamos nos evitando. Quero falar sobre nós.

— Não existe nós, Matt — retrucou Isabel com firmeza, pegando o balde.

— Você não pode dizer isso.

Aproximou-se dela, e Isabel se perguntou se os filhos ou qualquer outra pessoa estavam por perto.

— Eu estava lá, Isabel. — A voz dele era grave e íntima. — E senti como você estava… como nós estávamos. O que eu disse depois… foi um equívoco, um mal-entendido. Não parei para pensar em nós.

Isabel disparou em direção à casa.

— Não, Matt, por favor — disse ela.

— Eu sei o que senti, Isabel.

Ela se virou.

— Talvez seja melhor a gente acertar as contas do trabalho que você já fez e encerrar por aí.

— Você precisa de mim aqui, Isabel. Ninguém conhece essa casa melhor que eu.

— Talvez — disse ela, contra o vento —, mas não acho que isso esteja fazendo bem a nenhum de nós, você acha? Vamos simplesmente terminar o banheiro e depois… — Tinha chegado à cozinha. — Preciso ir — falou.

Fechou a porta e ficou parada do outro lado.

— Isabel! O que eu fiz para deixar você tão furiosa? Por que está agindo assim?

Ela esperou que ele não tentasse abrir a porta.

— Isabel, não quis dizer aquilo naquela noite. Saiu errado.

— Não vou discutir isso — respondeu ela.

Passou-se um momento. Então ela ouviu a voz dele de novo, junto à porta, como se estivesse com o rosto encostado nela. Era grave, determinada.

— Você não pode fingir que nada mudou — disse ele.

Isabel esperou, ouvindo o peso do silêncio do lado de fora, e depois, quando os passos dele finalmente se afastaram e desapareceram, ela

suspirou fundo. Levou a mão ao rosto, a mão suja, coberta de terra, quase irreconhecível até para ela mesma. Estava tremendo.

*

Matt dirigiu sozinho pelo curto trajeto até sua casa. Byron, que mal falara com ele o dia inteiro,

desaparecera antes de ele terminar, e Anthony dissera que gostaria de ficar mais um pouco com Kitty.

— Sua mãe está esperando você — disse Matt, invejando a liberdade do menino para ficar em casa.

— Não está, não. Eu disse a ela que ia ficar aqui para assistir a um filme. Você não escuta.

Em outras circunstâncias, Matt teria calado essa insubordinação com uma bofetada, mas estava distraído com o som de Isabel, parecendo indiferente ao diálogo deles, afinando o violino no andar de cima. Ouvi-la tocar se tornara algo desconfortável para ele. Não entendia o que tinha acabado de acontecer entre os dois: sabia como ela se sentia, então por que ela negava aquilo?

Entrou derrapando na estrada de acesso e bateu, mal-humorado, a porta do carro. Bernie saiu mancando na direção de Matt, mas ele ignorou o velho cão ao passar, tentando reprimir seus pensamentos. Não existe "nós", dissera ela, como se tivesse sido um erro.

Abriu o forno e viu que estava vazio.

— Cadê meu jantar? — gritou para o alto da escada.

Como não houve resposta, andou pela cozinha, levantando pratos e panelas, tentando descobrir onde ela o deixara.

— Cadê meu jantar? — perguntou novamente, quando Laura apareceu à porta.

— Olá, querida, teve um bom-dia? Ótimo, obrigada — disse Laura, num tom monocórdio.

— Oi, amor — disse Matt, com uma paciência exagerada. — Só quero saber onde está meu jantar.

— Bem… Tem costelas no freezer, sopa pronta ou frango congelado na geladeira. Queijo e biscoitos. Pode escolher.

Ele ficou encarando a esposa.

— Matt, faz semanas que você se recusa a me dizer se vem para casa ou quando vem — disse ela —, então achei que seria mais fácil não

esquentar a cabeça. De agora em diante, você pode se virar.

Ele se empertigou.

— Isso é alguma piada?

Ela enfrentou o olhar hostil dele com a mesma hostilidade.

— Não, Matt. Não acho que tenha graça nenhuma, mas não sou a cozinheira de ninguém. Se você nem se dá ao trabalho de me cumprimentar quando chega, por que tenho que me dar ao trabalho de fazer o jantar para você?

— Não me aborreça. Só quero alguma coisa para comer.

— E estou lhe dizendo onde está a comida. Tem muita comida. Você só precisa cozinhar.

Ela se sobressaltou quando Matt deu um murro na bancada.

— Essa é a sua vingança, é? Sua vingança mesquinha? Onde você acha que estive o dia inteiro, Laura? Do outro lado da estrada, com seu filho, fazendo o que você queria, que é dar um jeito de nos mudarmos para aquela maldita casa. Assentando canos. Instalando banheiros. Trocando janelas. E só porque você não está recebendo toda a minha atenção, acha que vai mostrar que tem razão me fazendo passar fome.

— Não implique comigo, Matt. Você sabe muito bem o motivo disso.

— Vou para o pub. Não preciso disso depois de um dia de trabalho. — Passou agressivamente por ela em direção à porta. — Vou jantar lá. E ter uma boa recepção.

— Ótimo! — gritou Laura, enquanto ele entrava na caminhonete. — Quem sabe você também encontre uma cama por lá!

*

Nem o consolo de uma lasanha de micro-ondas e várias cervejas conseguiram melhorar o humor

de Matt. Sentado no banco do bar, murmurava apenas as respostas mais superficiais para quem puxava conversa com ele. Estava imerso numa reflexão mal-humorada.

Vira o dono do pub cutucar Theresa várias vezes, articulando com os lábios: “Fique de olho nele.” Alguns clientes habituais, que normalmente teriam feito algum comentário engraçado com ele, haviam percebido que tinha algo acontecendo e mantiveram distância.

— Está tudo bem, Matt? — Mike, o corretor imobiliário, tinha parado ao lado dele. — Quer mais uma?

O copo de Matt estava vazio de novo.

— Uma cerveja. Obrigado.

— Está calmo aqui esta noite. — Mike dirigiu o comentário para o público em geral, talvez percebendo o humor de Matt.

— Futebol — disse o dono do bar. — É sempre assim. O pessoal chega lá pelas dez, se não houver pênaltis.

— Detesto isso — disse Theresa. — É chato. Mas fico entediada com facilidade.

— Como está a obra, Matt? — Mike passou a cerveja para ele. — Ouvi dizer que você praticamente deixou a casa no osso.

Matt assentiu.

— Você sabe como ela estava — respondeu.

— Com certeza. Qualquer hora dessas, eu gostaria de ver o que você fez na casa, se não se incomodar de me mostrar.

— Vai ficar linda — disse Matt, levantando a cabeça de repente. — Vai ficar fantástica. Uma casa dos sonhos. Melhor do que você poderia imaginar.

Mike olhou para ele.

— Bem, vou aguardar ansioso você me mostrar, cara. Ligo para você durante a semana.

Theresa esperou até Mike sair e o patrão ir para os fundos, então se aproximou de Matt.

— Pegue leve. Você está bebendo demais.

Os olhos azuis dele estavam agressivos.

— Agora vai me dizer o que eu devo fazer, Theresa?

Ela pareceu desapontada.

— Não quero que você se meta em nenhuma encrenca. Quer dizer, que dirija bêbado.

Ele olhou para ela como se a visse pela primeira vez.

— Você se preocupa comigo, é? — perguntou, com a fala enrolada.

Ela colocou veladamente a mão sobre a dele e deixou os dedos percorrerem os nós dos dele.

— Você sabe que sim. Mais do que tudo.

Ele se empertigou com banco e olhou em volta do pub meio vazio.

— Vá me encontrar lá nos fundos — disse, baixinho. — Preciso… falar com você.

Viu apreensão e deleite na expressão dela. Então, ela foi falar com o patrão num passo inseguro, e sussurrou no seu ouvido.

— Cinco minutos. — Matt ouviu o homem dizer, fazendo cara feia para ele.

Então, com o chão oscilando sob seus pés, Matt saiu para o ar fresco do estacionamento.

Ela estava no pátio, ao lado dos caixotes, mariposas esvoaçando em volta da luz de emergência.

Quando se aproximou de Theresa, ela passou os braços em volta do pescoço dele.

— Nossa, que saudade de você — disse, beijando-o. Ela tinha gosto de spray bucal, como se houvesse pulverizado a boca nos poucos segundos que levou para chegar lá. — Diga o que quer me dizer. Achei que você tinha me deixado. — Enfiou as mãos por baixo da camiseta dele. — Odeio não ver você. Quando você não aparece, as noites parecem nunca acabar.

— Você se preocupa comigo, então?

Ela aproximou o peito do dele. Recendia a baunilha.

— Mais que tudo. Mais que qualquer pessoa — sussurrou no ouvido dele. Seus dedos percorriam a nuca dele.

— Levante a saia — disse Matt, com a voz pastosa.

Se ele a viu hesitar, preferiu ignorar. Seus movimentos tinham ficado pesados e desajeitados, puxando a blusa dela, agarrando a saia e empurrando-a nos caixotes.

— Matt, não sei se eu… Aqui, não.

Mas ele não se importou. Enganchou a perna ao redor dela, enfiando os lábios no pescoço dela, beijando-a, apalpando seus seios, suas nádegas, seu cabelo, até os protestos de Theresa cessarem.

Depois, penetrou-a com força, perdendo-se dentro dela, de olhos fechados, tentando reviver o que sentira na escuridão daquela casa, o cabelo dela caindo em volta dele. Estava fodendo ela, ouvindo a música dela em seus ouvidos. Era ela. Tinha que ser ela. Perdeu-se num lugar escuro, com movimentos grosseiros e frenéticos. Não estava se importando com quem o visse ou com quem ele conhecia. Estava vagamente consciente de que os arquejos de Theresa iam ficando lânguidos e passivos, como se ele estivesse simplesmente tirando ar de dentro dela. Então, com um rugido abafado, gozou e desabou em cima dela. Vazio. Asqueroso.

Foi desprezível. Pior que desprezível.

Matt suspirou fundo e se afastou, equilibrando-se com um braço.

Endireitou a calça jeans e notou que Theresa o olhava desconfiada, ajeitando a blusa, os dedos pelejando com o tecido esticado.

— Desculpe — disse ele, quando viu que havia botões faltando.

Esperara que ela passasse os braços em volta do pescoço de novo, que o olhasse nos olhos com adoração daquele seu jeito meloso. Que lhe dissesse que não tinha importância. Que tudo o que ele fizesse estava bom para ela. Mas Theresa parecia desconcertada e desvencilhou-se de sua mão.

— Theresa…

— Tenho que entrar — disse e, calçando o outro pé do sapato, correu para dentro do pub.

*

Laura estava na cama quando ele chegou. Entrou na casa silenciosa, notando as cortinas fechadas,

a luz acesa no patamar da escada. A casa era impecável, acolhedora, tranquila. Estava tudo errado.

Ele não se sentia preparado para subir, nem sabia se ia se deitar quando subisse.

Tirou as botas, ligou a televisão, serviu-se de uísque e bebeu de um gole só. Não se sentiu melhor, então bebeu outro, a cabeça a mil.

Finalmente, à meia noite e quinze, pegou o telefone e discou.

— Sou eu — disse.

*

No andar de cima, Laura estava deitada na cama king size, ouvindo o marido dar passos pesados lá

embaixo. Estava nitidamente bêbado. Ela já adivinhara que estaria quando ele não voltara para casa na hora que o pub fechava. Numa atitude rara, perguntando-se se devia fazer as pazes, ligara para Long Whistle. Uma moça atendera.

— Matt McCarthy esteve aí esta noite? — perguntara, e quase acrescentara “é a mulher dele”, mas não aguentou assumir o papel da esposa que brande o rolo de macarrão. “Toque de recolher”, dissera ele, como se ela fosse sua carcereira.

Houve uma pausa. Ela imaginou que era a diplomacia natural de uma bartender.

— Sim — disse a moça. — Mas ele não está aqui agora.

Dez minutos depois, escutara pneus no cascalho. Laura não sabia se devia se sentir aliviada por ele ter ido simplesmente ao pub e voltado, ou perturbada por ele não ter subido. Não sabia o que faria se ele subisse. Já não sabia mais muita coisa. Pensou em Nicholas segurando sua mão, dizendo-lhe que seu marido era um idiota. Ela ficara constrangida e afastara a mão. Ouviu sua voz revelando a ele os segredos mais íntimos de seu casamento e se sentiu desleal. Nicholas lançara um olhar penetrante para ela. Sabia que tudo que ela precisava fazer era lhe dar um sinal.

Contara coisas demais a ele, mas não fizera nada além disso.

O pedaço de papel com o número dele estava lá em cima, dentro da calça de jardinagem. Iria jogá-lo fora, disse a si mesma. Mas isso não facilitava seu casamento, porque Matt ignorava seu autocontrole. Limitava-se a gritar com ela, a ir para o pub e a voltar para casa bêbado.

Laura se sentou na cama, com a cabeça entre as mãos. A situação estava um caos, e ela precisava fazer alguma coisa a respeito. O que sua amiga lhe dissera? Quer ser correta ou quer ser feliz? Ela pediria desculpas. Tentaria seguir em frente.

Estava prestes a abrir a porta do quarto quando percebeu que Matt falava ao telefone. Devia ser o celular, pois o telefone ao lado da cama não fizera nenhum clique. Laura abriu a porta em silêncio e saiu para o patamar da escada, a ponta dos pés no tapete bege.

— Sou eu. — A voz de Matt flutuou escada acima. — Tenho que lhe dizer uma coisa. Atenda.

Eu me dei conta de algo. — Hesitou, e ela se esforçou para ouvir se havia alguém no outro lado da conversa. — Você tem que atender — disse ele. — Por favor, atenda… Olhe, tenho que lhe dizer como me sinto. Tudo o que falamos depois daquela noite… foi tudo um erro idiota. Porque sei o que está te deixando tão incomodada. E é por causa da Laura. Você não é como… Você não é uma daquelas mulheres. Mas nunca enxerguei você assim… entende? Não como uma amante.

Podemos ser felizes juntos, eu e você, na casa. É você, Isabel. É você…

Laura sentiu a vida lhe escapar. Por um instante pensou que talvez fosse desmaiar.

— Então me ligue — falou o marido, com a voz muito enrolada. — Vou esperar a noite inteira ao lado do telefone se for preciso. Mas sei…

Aparentemente, ele pegara no sono. Lá em cima, Laura McCarthy entrou no quarto, como se estivesse em transe, e fechou a porta. Tirou o robe, dobrou-o com cuidado ao pé da cama, foi até a janela e abriu a cortina. Dava para distinguir a silhueta da Casa Espanhola entre as árvores, uma única luz numa janela do andar de cima. Laura observou-a, ouvindo uma música tênue. Um canto de sereia, observou, enquanto todo o seu ser transpassava pela dor. Um canto de sereia.

17

Não era uma coisa que diria em voz alta, mas o bosque em volta da Casa Espanhola fazia Isabel lembrar o mar, capaz de mudanças sutis de humor e aparência, uma fonte de ameaça, emoção ou prazer. Vários meses depois, descobrira que extraía da paisagem um reflexo de como se sentia. À

noite, quando estava mais deprimida, era escuro e assustador, cheio de mistério, de uma maldade invisível. Quando seus filhos estavam rindo e gritando, correndo por entre as árvores com o cachorrinho latindo ao lado deles, era mágico, um refúgio onde ainda predominavam a inocência e o encanto. Quando pensava em Thierry chamando, embrenhado no bosque, considerava-o uma presença inofensiva, um lugar seguro, uma barreira para protegê-los do mundo mais selvagem além dele.

Mas naquele momento, logo após a aurora, era lugar de paz, com o canto dos pássaros abafando o frenesi em sua mente. Curativo, calmante. Um lugar onde podia esquecer.

— Cuidado com essa raiz.

Ao seu lado, Byron apontou para um broto grosso e retorcido no solo.

Ela enganchou o cesto de cogumelos no quadril e diminuiu o passo ao levantar a arma para o ombro.

— Não entendo. Minha pontaria já está boa… Pratiquei o suficiente com as latas. Consigo acertar metade de um tijolo a nove metros de distância. Mas toda vez que saio eles desaparecem antes que eu consiga levantar a arma.

Byron refletiu sobre isso.

— Você faz barulho? Talvez os deixe em alerta mais do que pensa.

Ela pisou em volta de algumas urtigas.

— Acho que não. Tenho consciência dos sons.

— E está saindo nas horas certas? Quer dizer, vê muitos deles por aí?

— Tarde da noite, como você falou. Ou de manhã cedo. Não há escassez deles, Byron. Eu os vejo em toda parte.

Ele estendeu o braço quando atravessaram uma vala. Isabel se apoiou nele por um instante, embora já não precisasse. Nesses últimos meses,

aprendera a dar passos firmes, seus músculos estavam fortes e rijos de caminhar em terreno irregular, de arrastar coisas, pintar e levantar peso.

Para uma pessoa que nunca teve consciência do próprio corpo, exceção no que tinha relação com o violino, estava curtindo essa nova sensação de boa forma física.

— E você não está com o seu casaco azul — dissera ele.

Ela riu.

— Não. Não estou com o meu casco azul.

— Para que lado está soprando o vento? — perguntou ele. — Se estiver a favor do vento em relação a eles, vão farejá-la muito antes de verem você. Por mais cuidadosa que seja.

— Para que serve isso? — questionou ela, apontando para o fino lenço verde que ele a fizera amarrar no pescoço.

— Para tapar — disse ele. — Para o coelho não ver sua cara quando você o puxar para cima.

Ela riu.

— Para não me reconhecer? É como o capuz do carrasco?

— Pode rir, mas coelhos são espertos. Não tem bicho mais preparado para detectar predadores.

Isabel seguiu-o até o limite do bosque.

— Nunca me considerei uma predadora — disse.

Ele não levara os cães. Ficavam muito agitados àquela hora da manhã, justificara, quando, ainda sonolenta, ela saiu pela porta dos fundos. Alertariam todas as criaturas num raio de oito quilômetros. Ele estava esperando por ela, embora ela tivesse pedido para que se encontrassem pouco depois das cinco e meia.

Era a terceira vez que a acompanhava, sempre bem cedo pela manhã, antes de começar a trabalhar com Matt. Logo depois de amanhecer era a melhor parte do dia, dissera ele. Tinham visto veados jovens, texugos, uma raposa com filhotes quase crescidos. Ele lhe mostrara os faisões que cuidava para um fazendeiro local, aquela plumagem incrivelmente vistosa destoando dos tons de marrom e verde menos vivos do campo inglês, arrogantes rajás indianos transportados para uma paisagem discreta. Ele tinha arrancado trevos e agrião bravo, colhido folhas de espinheiro das sebes e contado a ela que as comia a caminho da escola quando era pequeno. Não as levou aos lábios dela, como Matt teria feito, mas

colocou-as delicadamente em sua mão. Ela tentou não olhar para as mãos dele. Não o veria desse jeito. Não estragaria algo que se tornara precioso.

Ele lhe contara que tinha se formado como professor, e sorriu diante da surpresa dela.

— Achou que eu não fazia o tipo? — perguntou.

— Não. Odeio tanto dar aulas de violino que me espanta que alguém possa querer lecionar. — Ergueu os olhos para ele. — Mas você leva jeito com criança — disse, refletindo —, com Thierry.

Daria um bom professor.

— Sim. — Ele hesitou. — Bem, esse trabalho combinaria comigo.

Não contou por que mudara de ideia a respeito do magistério, e ela não lhe pedira explicações.

Quando era possível viver naquele lugar, sem as restrições e as frustrações insignificantes da vida moderna, era fácil adivinhar por que ele teria preferido essa vida. Sentia que Byron gostava de ficar sozinho com ela. Seus movimentos se tornavam mais livres, sua conversa, menos forçada.

Talvez porque ele estivesse menos constrangido, ou porque ela tivesse tão poucas pessoas com quem conversar que lhe contara a verdade sobre a casa.

— É difícil, porque agora gosto de morar aqui. Acho difícil imaginar um retorno para a cidade grande. Mas às vezes tenho medo de que a casa acabe com a gente.

Byron pareceu engolir o que queria dizer. Não era de admirar, pensou ela. Ele trabalha para Matt.

— É uma casa grande — disse ele, com cautela.

— É um saco sem fundo — afirmou ela. — Literalmente come tudo o que eu tenho. E eu gostaria que Matt terminasse. Sei que você trabalha para ele, Byron, mas acho a presença dele…

um pouco difícil. Eu ficaria bem feliz de vender, de me mudar para uma casa mais viável, mas ele derrubou tanta coisa… não deixou nenhum cômodo intacto. Ainda não temos nenhum banheiro funcionando. E não posso vendê-la nesse estado… Não se quiser arrumar dinheiro para comprar uma casa decente. O problema é que não tenho dinheiro para seguir com a obra. Mesmo com tudo isso — explicou, indicando os cogumelos —, mesmo com todos esses cortes nas despesas, mal dá para pagar pelo trabalho que ele já fez.

Pensou no recado repulsivo na secretária eletrônica com o qual acordara no dia anterior.

Apagara-o depressa, horrorizada de pensar na possibilidade de os filhos ouvirem aquilo. Podemos ser felizes juntos, dissera ele, como se soubesse alguma coisa sobre ela.

— Enfim, tenho certeza de que vou dar um jeito. — Sorriu, esperando que ele não visse as lágrimas que irritavam seus olhos. — Talvez eu aprenda algumas habilidades hidráulicas e instale meu banheiro.

Foi uma piada infeliz, e Byron não riu. Continuaram caminhando, sem falar nada. Isabel se perguntou se o silêncio dele significava que o tinha constrangido. Sua mandíbula estava trincada.

— Que manhã maravilhosa — disse ela, por fim, se dando conta de que fora injusto fazer confidências sobre o patrão dele. — Às vezes sinto que poderia ficar no bosque para sempre.

Ele assentiu.

— Muitas vezes penso — disse ele — que quando a gente está aqui ao amanhecer pode fazer de conta que é a única pessoa no mundo.

O bosque também lhe dava essa sensação, concluiu ela. Às vezes, em manhãs como aquela, gostava de estar isolada da civilização, deliciava-se com a satisfação quase primitiva de voltar com o sustento da família. Quando dava para colher a comida do nada, morar ali parecia muito menos intimidador.

Byron ergueu um dos braços.

— Ali — disse, baixinho.

Ela largou silenciosamente o cesto e se escondeu atrás da árvore com ele. À frente, o bosque dava no campo de doze hectares, onde tinha uma plantação de trigo.

— Uma grande coelheira na orla — murmurou ele. Lambeu um dedo e ergueu-o. — E

estamos contra o vento. Não se mexa e levante a arma.

Ela cobriu o rosto com o lenço, apoiou a arma no ombro e esperou, o mais imóvel possível.

Byron dissera que ela era extraordinariamente boa nisso, e ela atribuíra essa habilidade ao fato de tocar um instrumento. Era forte, e como tinha muita consciência dos movimentos de seu tronco, achava fácil não mexer esses músculos.

— Lá — sussurrou ele.

Pela mira, ela viu os coelhos a uns nove metros de distância, três ou quatro, de um tom cinza-claro na beira da trilha dos cavalos. Eles saltitavam, depois fitavam o horizonte, desconfiados.

— Deixe-os se afastarem uns cinco metros das tocas — sussurrou Byron. — Lembre-se de que quer matá-los, não feri-los. Tem que acertar na cabeça.

Só teria uma chance, dissera ele.

O coelho enquadrado em sua mira evidentemente concluíra que havia pouca ameaça.

Mordiscou a grama, correu para trás de uma moita de ervas daninhas, depois tornou a sair.

"Não pense nele como um bichinho fofo", dissera Byron. "Pense nele como um ladrão de hortaliças. Pense nele como o jantar de Kitty e Thierry. Coelho e cogumelos selvagens com molho de alho."

— Atire você — disse ela, tentando entregar a arma para ele, que a empurrou de volta.

— Não.

— E se eu errar?

Isabel tinha medo de causar uma dor atroz no animal.

Sentiu a presença dele logo atrás quando levantou novamente a arma e apontou. Ele tinha um cheiro doce de musgo, como a terra estival. Não tocou nela.

— Você não vai errar — disse, baixinho.

Isabel fechou os olhos, abriu-os de novo e atirou.

*

Fazia algum tempo que não voltava a Londres, mais tempo ainda que não ia a um restaurante

como aquele. Em casa, as calças de linho e os sapatos sem salto de Laura teriam sido considerados elegantes, mas ali comprovavam sua condição provinciana. Pareço alguém que se arrumou para ir à cidade, pensou.

— Tem reserva? — perguntou uma moça com ar enfadonho, por baixo da franja cortada com precisão.

— Vou encontrar uma pessoa — respondeu Laura.

O restaurante estava cheio de homens de ternos escuros, monocromáticos em contraste com as paredes de granito cinzentas.

— Nome? — pediu a moça.

Laura hesitou, como se falar em voz alta pudesse ser interpretado como prova.

— Trent. Nicholas Trent.

Ele sentira uma alegria comovente ao ter notícias dela. Ficara muito feliz ao saber de sua viagem repentina a Londres, muito interessado em organizar o dia para encaixar um almoço.

"Você não trabalha?", perguntara ela, tentando lembrar o que ele dissera que fazia.

"Acabei de pedir demissão", respondera ele jovialmente, "o que significa que posso voltar do almoço a hora que quiser. O que vão fazer? Vão me demitir?"

A moça saiu energicamente em direção às mesas sob o átrio, aparentemente esperando que Laura a acompanhasse. Todos em Londres pareciam jovens, estilosos e produzidos, pensou ela.

Embora tivesse se preocupado em se vestir bem e arrumar o cabelo, sentia-se uma pessoa de meia-idade e deslocada. Ultimamente, não fazia ideia de como os outros a enxergavam. Não feito uma velha, porém também não mais uma garota. Amada, não amada. Desejada… não desejada. Laura respirou fundo e prendeu a respiração ao vê-lo se levantar de uma mesa com um sorriso escancarado.

Estava bonito naquele ambiente, como se o que o rodeava refletisse algo dele. Mais que isso, parecia mais animado, menos abatido. Talvez mais novo também. Ou talvez isso sempre tivesse sido algo que ela só imaginara ter visto nele. Comparados à força irrefreável que era seu marido, todos os homens pareciam menos vigorosos.

— Você veio — disse ele, pegando sua mão.

— Sim.

E ela sabia que dizer essa palavra era o mesmo que admitir que dormiria com ele. Que havia ultrapassado um limite. O comovente era que ele não parecia ver as coisas dessa forma. Achava que nada estava garantido com ela.

— Eu não tinha certeza de que você viria. Pensei que da última vez… — A frase ficou no ar.

— Ele não me ama mais — disse ela, ao se sentar. Ensaiara mentalmente tantas vezes aquela frase que conseguia pronunciá-la como se não significasse nada. — Ouvi quando ele falou ao telefone. Sei quem é.

Por isso — explicou, com uma voz alegre —, pouca coisa pode me impedir de fazer o que eu quero.

Quando as lágrimas brotaram, ela pegou o cardápio. Ouviu Nicholas pedir uma bebida para ela, dizendo ao garçom que lhes desse mais alguns minutos. Na hora em que seu gim-tônica chegou, ela já tinha recuperado a compostura.

— Vou lhe contar de um jeito simples, e não vamos mais tocar no assunto — disse, calmamente. — Quero que a gente tenha um almoço agradável sem pensar nisso. — Sua voz saiu irreconhecível para ela, tensa e forçada.

A mão dele estava apoiada na mesa, como se quisesse pegar a dela mas temesse que isso fosse uma imposição.

— É a dona do casarão — revelou ela. — A casa do outro lado do lago, a que você achou linda.

Teve a impressão de tê-lo visto estremecer e ficou comovida com aquela manifestação inconsciente de solidariedade.

— Meu marido está fazendo a reforma da casa, por isso acho que eles…

— Seu marido? — disse ele de um jeito estranho, mas ela continuou, pois se parasse naquele ponto talvez nunca mais as palavras saíssem.

— Durante todo esse tempo, ele me disse que estava trabalhando na casa para nós. Queríamos aquela casa, sabe. O velho que morava lá praticamente prometeu que seria nossa. Cuidamos dele durante muito tempo. Quando a viúva se mudou para lá, Matt se ofereceu para fazer a reforma.

Disse, em particular, que ela nunca seria feliz lá, que não tinha dinheiro para pagar as obras necessárias, que antes do Natal já teria ido embora. Ele me fez acreditar que estava fazendo a obra por nós. — Ela fez uma pausa para beber um gole do gim. — Bem, eu entreouvi uma conversa. E

adivinhe só? Ele está planejando se mudar para lá com ela. Então essa mulher vai ficar não só com a minha casa, mas também com o meu marido. — Ela riu, o que foi um som estridente e triste. — Ele está usando os projetos que elaboramos juntos. Todos os mínimos detalhes que eu tinha imaginado. Até queria que eu ficasse amiga ela. Dá para acreditar nisso?

Achara que Nicholas pegaria sua mão de novo, que lhe ofereceria palavras de consolo, tornaria a dizer que seu marido era um idiota. Mas ele parecia perdido nos próprios pensamentos.

Ai, meu Deus, eu o deixei entediado, apavorou-se ela. Ele achou que ia almoçar com uma mulher alegre e eu me revelei uma mulher amarga e traída.

— Desculpe… — começou ela.

— Não, Laura. Eu é que peço desculpas. Tem uma coisa que preciso lhe contar. Uma coisa de que você precisa saber… Por favor. Não fiquei assustada. Eu só… Ah, pelo amor de Deus.

Fez um gesto para afastar o garçom, que estava rondando ao lado da mesa.

— Não — disse Laura, querendo adiar esse momento. Chamou o garçom de volta. — Vamos pedir? Vou querer o pargo.

— Quero a mesma coisa — disse Nicholas.

— E água — pediu Laura. — Sem gás, por favor. Sem gelo.

Estava com medo do que Nicholas diria. Que, no fim das contas, era casado. Que mudara de ideia a respeito dela. Que nunca estivera interessado nela, não nesse sentido. Que estava morrendo com uma doença terminal.

Virou-se de novo para ele, que parecia não ter tirado os olhos dela.

— O que você estava dizendo? — perguntou educadamente.

— Não quero que haja nenhum segredo entre nós, nenhum mal-entendido. É importante para mim sermos sinceros um com o outro.

Laura tomou outro gole da bebida.

— Naquele dia na estrada em que nos conhecemos, eu não estava perdido.

Ela franziu o cenho.

— Eu queria dar mais uma olhada na Casa Espanhola. Tinha me deparado por acaso com ela semanas antes, me contaram a história do local, e achei que daria um empreendimento maravilhoso.

— Empreendimento?

— É o que eu faço. O que eu fazia. Sou corretor imobiliário. Pego… Bom, imóveis e tento criar projetos maravilhosos. — Recostou-se. — E, para ser sincero, projetos que rendam muito dinheiro. Achei que aquela casa tinha potencial.

— Mas não está à venda.

— Eu sei. Mas soube do estado em que estava, e que a proprietária tinha pouco dinheiro, então pensei que podia fazer uma proposta.

Laura dobrou e desdobrou o guardanapo. Era um tecido bonito, pesado, branco e engomado.

Prestes a ser manchado.

— Então por que não fez?

— Por questão de timing, acho. Eu queria ter certeza de que era o momento certo. E queria descobrir o máximo possível sobre a casa. Achei que, se esperasse até que a proprietária estivesse enfrentando sérias dificuldades, quem sabe aceitaria um preço mais baixo. Parece repugnante, mas é assim que funciona a promoção imobiliária.

— Que conveniente você ter me conhecido, então — disse Laura, tensa. — Alguém que conhecia tanto a casa.

— Não — disse ele, enfaticamente. — Você me distraiu disso. Pense só… Nunca falamos sobre aquela casa, Laura. Você nunca disse nada sobre o local. Eu não sabia que você tinha qualquer relação. Simplesmente pensei que você fosse… uma visão na floresta.

Ela percebeu que tinha se tornado uma pessoa muito desconfiada, que custava a acreditar que alguém pudesse se interessar de verdade por ela.

Nesse instante, ele lhe estendeu a mão, e ela a segurou. Não era um passo tão grande assim. Os dedos dele se fecharam sobre os dela, mãos macias, elegantes, com unhas perfeitas. Muito diferentes das de seu marido.

— Passei toda a minha vida adulta desejando aquela casa — disse ela. — Nunca fomos uma família de verdade, e eu achava que, se morássemos lá, tudo melhoraria.

— Vou ganhar uma fortuna para nós. Podemos construir uma casa melhor ainda.

Ela ergueu bruscamente a cabeça.

— Desculpe — disse ele. — Provavelmente isso é muito precipitado. Mas não me sinto assim desde que conheci minha mulher, minha ex-mulher, e isso foi muito tempo atrás. Eu queria que você soubesse a verdade.

Uma ex-mulher. Ela tentou digerir isso. Por que deveria ficar surpresa com o fato de ele ter sido casado?

— Não sei muita coisa sobre você, não é? — perguntou ela.

— Qualquer coisa — disse ele, recostando-se na cadeira. — Pode me perguntar o que quiser.

Sou um homem de meia-idade que passou anos abatido, se achando um fracasso absoluto, e que de repente tem a sensação de que coisas boas estão acontecendo. Recuperei minha carreira, fazia tempo que eu não me sentia assim, tenho dinheiro no banco e conheci uma mulher linda, que não é devidamente valorizada e que não sabe como é maravilhosa.

Laura custou um pouco a perceber que ele se referia a ela.

— Você é incrível, Laura — disse ele, levando a mão dela aos lábios —, é, gentil e merece muito mais. De tudo.

As mãos dos dois se afastaram quando a comida foi colocada diante deles com um floreio teatral. Laura olhou para o peixe assado sobre espinafres frescos e verdíssimos com um molho reduzido ao extremo. Percebeu que sua vaga sensação de ausência não era causada pela fome.

Estava sentindo falta da pressão delicada da mão de Nicholas. Encarou-o enquanto ele agradecia ao garçom, registrando seus traços aquilinos, a autoconfiança em seu rosto. E, quando o rapaz se afastou, ela estendeu a mão em direção à dele.

— A que horas você disse que tinha que voltar para o trabalho? — perguntou, e os dedos dele se fecharam em torno dos dela. Sua voz saiu segura, íntima.

— Eu não disse. Estou aqui pelo tempo que você quiser.

Ela olhou para o peixe e depois para Nicholas. Deixou o olhar se fixar no dele.

— Não estou com fome — disse.

*

Ela ficara muito animada quando acertou.

— Você viu isso? Ah, meu Deus! Viu?

Agarrara o braço dele, arrancara o lenço do rosto e ficara de pé. Byron também tinha se levantado.

— Impecável — disse, aproximando-se do coelho. — Eu não poderia ter feito melhor. Aí está seu jantar. — Ergueu o animal, ainda quente. — Agora devíamos pegar alguns alhos.

Certificou-se de que o bicho estava morto, depois o levou para ela, segurando-o pelas patas traseiras. Ela estava prestes a pegá-lo, mas ao

sentir o calor do pelo, afastou depressa a mão. Ficou desapontada.

— É tão lindo!

— Eu não os vejo desse jeito.

— Mas os olhinhos dele… — Tentou fechar as pálpebras. — Ai, meu Deus, eu matei mesmo o coitado.

Byron franziu o cenho.

— Eu sei… É uma sensação estranha saber que estava vivo e agora está morto por minha causa. Eu nunca tinha matado nada.

Era de fato chocante fazer mal a uma criatura viva. Alterar o curso da vida. Byron procurou uma explicação que pudesse fazê-la se sentir melhor.

— Pense num frango de aviário, e depois pense nesse coelho, a vida toda fazendo o que devia, vivenciando tudo o que devia vivenciar. Qual você preferia ser?

— Sei que parece bobagem. Mas odeio a ideia de causar dor.

— O fim foi tão rápido que ele nem sentiu nada. — Viu-a estremecer. — Você está bem? — perguntou quando ela não se mexeu. — Isabel?

— Foi o que disseram sobre o meu marido — declarou ela, os olhos fixos no coelho morto. — Dirigindo na estrada, ansioso para ver o filho se apresentar na escola. Cantando, provavelmente.

— Sorriu. — Ele tinha uma voz horrível.

Em volta deles, os pássaros haviam recomeçado a cantar. Ao longe, Byron ouvia um melro e os insistentes arrulhos rítmicos de um pombo torcaz. E as palavras de Isabel, graves e doces: — Um caminhão atravessou o canteiro central e o atingiu de frente. Foi o que disseram quando apareceram para me dar a notícia. Ele não sentiu nada.

Byron ouviu a desolação em sua voz. Quis falar, mas às vezes sentia que guardava as coisas havia tempo demais e já lhe faltavam palavras.

Ela estava tentando sorrir de novo.

— Ele estava ouvindo o Requiem de Fauré. O homem da ambulância disse que ninguém conseguiu desligar a música enquanto ele era retirado das ferragens. Deve ter sido a última coisa que ouviu ao morrer… Não sei por quê, mas isso fez com que eu me sentisse melhor.

Ela suspirou fundo.

— Fomos nós quem sentimos tudo. Ele não teve conhecimento de nada.

— Sinto muito — disse ele.

Então Isabel o encarou, e ele não sabia se ela o achava idiota. O olhar dela era quase questionador, como se estivesse procurando alguma coisa. Ela era muito estranha, ora sorridente, corajosa, forte, ora diferente de tudo o que ele já tinha visto. Ora uma viúva enlutada, ora uma mulher que deixava Matt entrar em sua casa no meio da noite…

Ela pareceu voltar para o presente. Sacudiu alguma coisa do sapato.

— Sabe de uma coisa? Acho que não sou uma predadora que se preze. Sou muito grata, Byron, mas talvez eu tenha que me limitar a executar apenas batatas.

Devolveu-lhe a arma, cerimoniosamente, com ambas as mãos. Ele notou que suas mãos estavam manchadas de tinta e calejadas na parte das juntas de cada dedo. Quis roçar o polegar nelas.

— É melhor voltarmos. Você tem trabalho a fazer. — Ela tocou na manga da camisa e passou por ele, andando com segurança em direção à casa. — Venha. Você pode tomar café da manhã com a gente antes de Matt chegar.

Não chame atenção, alertara Jan, quando ele confessara suas suspeitas. Você precisa de cada centavo, e emprego não está dando em árvore. Ainda mais quando a pessoa tem antecedentes criminais, foi o adendo silencioso. Byron observou Isabel andando a passos largos à sua frente, cantarolando baixinho para si mesma ao caminhar com cuidado entre as árvores. Era o que a prisão fazia com as pessoas: reduzia suas escolhas, por muito tempo tirava sua capacidade de se comportar feito um ser humano normal. Passaria a vida toda reprimindo seus sentimentos, tendo que ignorar o comportamento de gente como Matt McCarthy, só para que não confirmassem o que suspeitavam ser verdade.

*

— Você está com sono, Byron? — Ele andara sonolento a manhã inteira, ensimesmado, como se

seus pensamentos estivessem longe. — Pedi para você me passar aquele cano. Não, esse não, o de plástico. E coloque essa banheira do outro lado. Onde está Anthony?

Por alguma razão, o filho não queria falar com ele. Matt entrava no cômodo e o menino saía.

Matt gritou o nome dele, lembrando-se da visita de Isabel ao joalheiro em Long Barton no dia anterior. Não tivera a intenção de segui-la. Quando

saiu do banco, viu que ela estacionava o carro e, curioso, mudou de trajeto para descobrir aonde ela ia. Era fácil segui-la. Isabel se destacava no vilarejo, com aquelas roupas superchamativas, o cabelo despenteado. Viu-a atravessar rapidamente a rua, segurando um rolo de veludo, e esperou, tentando descobrir o que ela estava fazendo. Depois entrara na loja. O homem segurava o rolo de veludo e examinava alguma coisa com uma lupa.

— Isso é para vender, não é? — perguntou, tentando soar displicente.

Viu um colar de pérolas e um reflexo vermelho.

— Vai ser — respondeu o joalheiro.

Matt pegara o cartão do homem e fora se sentar na caminhonete. Ela não vendera as joias por causa da conta dele. Não era culpa de Matt. Seria para conseguir a oportunidade de recomeçar, para se libertar da lembrança do marido, disse ele a si mesmo várias vezes, mas mesmo assim se sentira nervoso e mal-humorado.

Matt tinha armado para que Byron passasse quase a manhã inteira carregando entulho da antiga sala de estar para a caçamba. A presença do outro homem o perturbava no momento, embora não conseguisse dizer por quê. Era mais fácil que ficasse trabalhando em outro lugar.

Matt e Anthony haviam começado a mexer no banheiro. Ela insistira tanto nisso que ele tivera que dar a impressão de que estavam fazendo alguma coisa. Foram necessários quatro pedreiros, que levaram uma hora, para subir com a banheira de ferro fundido, o que, no fundo, aborrecera Matt. Em poucos meses, quando finalmente fosse dono da casa, teriam que mudá-la de lugar.

"Quando for recolocar as tábuas, certifique-se de bater os pregos nas vigas de madeira e não nos canos, ou isso vai ser descontado do seu salário", avisara a Anthony, que estava usando aquele gorro de lã ridículo.

Anthony estava se endireitando quando Matt o chamou para ajudá-lo a mudar novamente a banheira de lugar.

— Para lá — disse, gemendo com o esforço. — Onde os dois canos estão aparecendo.

O filho começou a arrastar a banheira, depois parou.

— Espere aí, pai. Não dá para colocar ali.

— O quê?

— As vigas de madeira. Você passou os canos por baixo. Vão ficar a apenas alguns centímetros da banheira.

— Bem, o banheiro não vai ser aqui — murmurou.

Anthony franziu o cenho, intrigado, e Matt percebeu que tinha falado em voz alta o que passava pela sua cabeça.

— Não estou entendendo — disse o filho.

— Não precisa entender — retrucou Matt. — Não te pago para entender. Ande logo com isso.

Anthony puxou a banheira de novo, depois parou.

— Não estou de brincadeira, pai. Se a Sra. Delancey quer mesmo a banheira ali, não teríamos que passar a tubulação pela lateral?

— E você acabou de fazer um curso técnico em instalações hidráulicas, foi?

— Não, mas não é preciso ser bombeiro hidráulico para saber que…

— Eu pedi sua opinião? Você foi promovido sem que eu soubesse? Até onde sei, Anthony, contratei você e Byron para trabalho braçal. Limpeza. Coisas que não exigem cérebro.

Anthony respirou fundo e lentamente.

— Acho que a Sra. Delancey não ficaria muito feliz de saber que você está fazendo o serviço nas coxas.

— Ah, você acha, é?

— Acho.

Uma sensação escaldante correu pelas veias de Matt. Laura envenenara Anthony contra ele.

Todas essas respostas…

— Não quero mais fazer isso.

— Você faz a droga que eu mandar.

Foi para o meio do banheiro, bloqueando a saída, e viu a hesitação nos olhos do menino. Pelo menos ele sabia quem mandava.

— Matt?

Byron. Sempre aparecia na hora errada.

— O que você quer?

— Acho que isso é seu.

Matt pegara a caixa de transporte de animais antes de saber o que estava fazendo. As palavras e suas implicações assentaram-se pesadamente no silêncio.

— Estava na outra caçamba — disse Byron. — A segunda que encontrei lá. A Sra. Delancey não quer mais visitas inesperadas.

Matt olhou para o filho e notou que Anthony ainda não entendera o significado do que Byron dissera. O menino estava indo de fininho para a porta, aparentemente planejando sua fuga.

— Vou para casa.

Anthony tirou o cinto de ferramentas e o largou no chão. Matt o ignorou.

— A Sra. Delancey, a Sra. Delancey. Todo mundo aqui parece ler os pensamentos dela. Bem, acho que a Sra. Delancey não iria gostar se conhecesse a sua história, não acha? Muita gente aqui não lhe daria as oportunidades que eu lhe dou… nem sequer lhe dariam um emprego.

Sustentou o olhar firme do outro homem.

— Seu problema, Byron, é que você não sabe valorizar o que tem.

— Matt, não quero discutir com você, mas não posso simplesmente ficar aqui e…

Isabel aparecera à porta.

— Trouxe chá para vocês — anunciou, passando pela porta. O cabelo estava preso e ela usava um short, revelando pernas compridas e bronzeadas. — Anthony, aqui tem uma bebida gelada.

Sei que você não gosta de chá. Ah, e, Byron, você deixou suas chaves na mesa da cozinha hoje de manhã. Quase as joguei fora com as sobras de comida.

— Café da manhã? — perguntou Matt, a cabeça a mil com a informação nova. — Café da manhã com os Delancey, é? Que íntimo!

Isabel deixou a bandeja do chá em um caixote.

— Você já é de casa, não, Byron? — prosseguiu Matt.

— Ele tem me ajudado. Chá e torradas era o mínimo que eu podia oferecer — disse Isabel.

Ela corara? Ou tinha sido imaginação dele?

O filho passou desdenhosamente por Matt, que se sentiu tonto.

— Acho que você não teria sido tão hospitaleira se soubesse.

Foi a gota d'água. Os olhos de Byron se fecharam por um instante e seus ombros se curvaram.

— Se soubesse o quê?

— Está querendo dizer que ele não lhe contou?

— Tudo bem, eu me demito — disse Byron, baixinho. — Não aguento mais isso.

— O que está acontecendo? — perguntou Isabel.

Byron pegou as chaves, mas Matt foi mais rápido que ele.

— Isabel… sabe que sempre me preocupei com você, certo?

— Hum, sim — respondeu com cautela.

— Eu teria lhe contado antes, mas quis dar uma chance ao Byron. Mas não acho certo você ser a única pessoa que não sabe a verdade, principalmente porque parece passar muito tempo sozinha com ele. Você gosta da ideia de um ex-presidiário se sentar para tomar café da manhã com a sua família, ou ficar sozinho no bosque com o seu filho?

Ele viu a expressão de dúvida dela. Sempre soube acertar no ponto fraco das pessoas.

— Não sabia que Byron já foi preso? Achei que ele teria lhe contado num dos seus passeios íntimos. Por quanto tempo você esteve preso, afinal, Byron? Quase dezoito meses por lesões corporais graves, foi isso? Pelo que lembro você fez um estrago. Deixou o cara numa cadeira de rodas, não foi?

Ela não perguntou se era verdade. Não precisava: estava estampado na cara de Byron. Matt percebeu a súbita perda de confiança, a instantânea reavaliação a que o homem fora submetido, e sentiu a exultação da vitória.

— Achei que você teria contado à Sra. Delancey…

— Tudo bem — disse Byron. — Vou embora.

Ao pegar as chaves, não olhou para Isabel. Seu rosto parecia esculpido em pedra.

— Sim, pode ir. E fique longe desta casa. — Havia triunfo na voz de Matt.

Ele se virou para Isabel no cômodo vazio. Lá embaixo, a porta da frente se fechou.

— Pronto — disse ele, como se isso decidisse alguma coisa.

Isabel olhou para ele como se nuvens caíssem sobre seus olhos.

— Essa casa não é sua — afirmou ela.

18

Quando se pensava na situação, era tudo bem simples. Uma solução quase perfeita. Matt colocou cuidadosamente a vidraça nova no caixilho e começou a mexer na massa com o polegar até deixá-

la quente e maleável. Pressionou-a com cuidado pela lateral do vidro com uma precisão adquirida após bastante prática, deixando a massa lisa, a aresta claramente definida. A luz refletia no vidro e o bosque fervilhava de pássaros e outras criaturas. Às vezes, a gente está tão perto das árvores que elas não nos permitem ver a floresta. Ele não pôde deixar de rir da própria piada.

Enquanto a massa secava, Matt ajustou o cinto de ferramentas e levou os marcos especiais de madeira para a outra janela. Seria o quarto mais bonito que já tinha construído. Nunca se empenhara tanto em uma tarefa. Eram janelas de orientação dupla, de modo que, quando acordassem, a primeira coisa que veriam seria o lago, a névoa subindo da água de manhãzinha e os pássaros levantando voo por entre as árvores. Encomendara cornijas e sancas de gesso de uma empresa italiana especialista, depois cortara e modelara cada peça para que encaixasse como um intrincado quebra-cabeça tridimensional. Rebocara o teto com tanta habilidade que não havia sequer uma marca de dedo na superfície. Quase valera a pena ter derrubado o teto original pelo prazer de criar algo tão belo para ela. Refizera o assoalho, tábua por tábua, para que os pés descalços dela nunca precisassem sentir uma superfície irregular. Imaginou-a vestindo aquele robe de seda vermelha e deslizando da cama enorme e amarrotada dos dois com os lençóis amassados. Podia vê-la nitidamente, a aurora iluminando seu rosto enquanto ela abria as cortinas.

Isabel se viraria para sorrir para ele, a luz contornando seu corpo através da seda.

Por que ele não tinha pensado nisso antes? Teria resolvido tudo. Iria morar com ela e prosseguiria com a obra que começara. Ela não teria que pagar nada, afinal estariam juntos. Suas preocupações com dinheiro acabariam. Era claro que, sozinha, ela não daria conta. Desde que começara a obra, ela acatara a opinião de Matt, deixara-se tranquilizar por ele. A casa seria dos dois. Ele seria o dono da casa dos seus sonhos. Dono

de Isabel Delancey. Laura ficaria bem na cocheira, com cafés da manhã com as amigas e suas reclamações. Ela estava tão farta quanto ele.

Era incrível, ele quase não pensava mais nela. Era como se ela tivesse se tornado irrelevante.

Isabel afastara todo o resto. Ela era tudo. Tudo para o que ele já tinha trabalhado, tudo o que disseram que ele não poderia ter. Tudo que ele precisara abandonar quando o pai foi expulso da casa. Às vezes achava difícil imaginar onde ela acabava e a casa começava.

Com determinação renovada, Matt montou o marco, movimentando-se num novo ritmo.

Poderia ter cortado uma parte do instrumento, aproveitado o principal, mas aprendera havia muito tempo que às vezes o único jeito era eliminar totalmente a madeira morta.

*

Byron acordou com o som de pancadas e notou a claridade entrando por baixo da porta. Levou alguns segundos para entender o significado daquilo e depois olhou o relógio. Eram sete e meia.

Matt já estava trabalhando.

Ao lado dele, os cachorros estavam atentos, sentados em silêncio, com os olhos fixos nele.

Endireitou-se, esfregando o rosto e o cabelo. Lá fora, o chilrear dos pássaros perdera o entusiasmo alvoroçado do coro da aurora e diminuíra.

— Vocês podiam ter me avisado — murmurou para Meg e Elsie. — Como é que vamos sair daqui agora?

Mal havia dormido, depois de ter caminhado pelo bosque até quase meia-noite, e então, quando voltou para a casa, ficou horas acordado tentando decidir o que fazer em seguida. Pensou em ligar para Jan, mas vira como eram as coisas para eles naquela casinha apertada e achava que não podia se intrometer ali. Ainda não tinha dinheiro suficiente para o depósito da casa na fazenda. Perguntara-se se havia se precipitado muito em largar o emprego, mas não poderia continuar aceitando a farsa daquele homem. Não podia garantir que, com a constante provocação de Matt, não acabasse tomando uma atitude da qual se arrependeria depois.

Pensou de novo no rosto de Isabel quando revelaram seu passado. Em sua surpresa, seguida de incerteza. Mas ele parecia tão bom, tão normal. Byron já vira muitas vezes essa expressão.

— Meu Deus!

Arrastou-se para o canto quando a porta se abriu e se fechou depois da entrada de Thierry e do cachorro, que correu para Byron e pulou em cima dele.

— Shiu… Shiu!

Ele tentava desesperadamente calar o cão. Quando ergueu de novo os olhos, Thierry estava equilibrado numa perna só. Byron ergueu o corpo.

— Nossa, Thierry. Você me deu… Como sabia que eu estava aqui?

Thierry sinalizou com a cabeça para Pepper, o cachorrinho, que farejava a mãe.

— Você… Você contou a alguém?

Ele saiu do saco de dormir, olhando para a porta atrás do menino. Thierry negou com a cabeça.

— Nossa. Pensei que fosse…

Passou a mão no rosto, tentando regularizar a respiração. O menino parecia alheio ao susto que havia provocado. Estava ajoelhado com os cachorros, abraçando-os, deixando que lambessem seu rosto.

— Eu… Eu estava dormindo algumas noites aqui até minha casa nova ficar pronta. Por favor, não diga nada a ninguém, está bem? Poderia… parecer estranho.

Não tinha certeza se Thierry o escutara.

— Eu não queria deixar Meg e Elsie. Você entende isso, não é?

Thierry assentiu. Pouco depois, enfiou a mão dentro da gola da camisa e tirou um pacotinho quadrado, embrulhado num guardanapo branco, que entregou a Byron. Ele o abriu e encontrou um sanduíche feito com duas torradas quentinhas. Depois, Thierry pegou no bolso uma caixa amassada de suco e também deu a ele. Em seguida tornou a se ajoelhar com os cachorros para fazer cócegas na barriga de Meg.

Byron não comia desde o almoço do dia anterior. Deu uma mordida no sanduíche, que estava recheado de geleia e manteiga. Apoiou a mão no ombro do menino, comovido com o inesperado gesto de bondade.

— Obrigado — disse, e o menino sorriu. — Obrigado, T.

*

— Por que você ainda não chegou? Disse que estaria comigo às três.

Kitty estava deitada numa manta à beira do lado, ouvindo os grilos e contemplando o azul infinito acima dela. De vez em quando, um abelhão

passava zumbindo, mas ela não estremeceu, nem quando uma delas pousou na sua camiseta. Estava muito calor para se mexer. Além do mais, ela estava tentando se bronzear. Lera numa revista que as pernas ficavam mais bonitas bronzeadas. Em Londres, o jardinzinho deles era voltado para o norte e lá nunca batia sol.

— Minha mãe anda muito estranha — disse Anthony.

Ela mascou uma folha de grama.

— Todas elas são estranhas. É o papel delas.

— Não. Ela está… Acho que tem alguma coisa estranha acontecendo entre nossos pais.

Kitty largou a folha e esperou, escutando a mãe martelar rodapés no andar de baixo. O barulho ecoava pela água, acabando com a paz do lago. Pensou que talvez preferisse quando a mãe tocava música.

— Estranha em que sentido? — perguntou.

Ele pareceu desconfortável.

— Não diga nada, está bem? Mas acho que meu pai anda cobrando a mais da sua mãe.

— Cobrando a mais? — Ela estreitou os olhos para uma nuvem, puxando uma mecha de cabelo. — Ele é pedreiro, Ant. Pensei que isso fizesse parte da profissão.

— Não, quero dizer que está cobrando muito mais. Bem mais mesmo. — Anthony baixou a voz: — Fui ao escritório hoje de manhã e minha mãe estava lá, examinando todos os recibos relacionados à sua casa. Estava com uma cara muito estranha…

*

— Você e o papai continuam não se falando?

— Parece que a gente não tem muito assunto ultimamente — respondeu ela com calma.

Olhou para as cópias das faturas, todas em nome da Sra. Isabel Delancey. Pegou uma delas. — Parece que seu pai e eu temos ideias muito diferentes sobre a forma correta de tratar as pessoas.

— O que quer dizer, mãe?

Ela ergueu os olhos, e foi como se só então o tivesse visto.

— Nada, querido. Só estou falando sozinha. — Levantou-se, esfregou a calça e exibiu aquele sorriso alegre. — Olhe, vou fazer chá gelado. Você

quer?

*

A voz de Anthony estava baixinha e apressada:

— Acho que ela descobriu que meu pai anda cobrando a mais. Minha mãe é bem antiquada, não gosta desse tipo de coisa. Quando ela desceu a escada, dei uma olhada em algumas faturas.

Aquele reservatório de água quente… Tenho certeza de que ele cobrou da sua mãe o dobro do que custou.

— Mas esse não é o custo da mão de obra? — A mãe vivia falando isso. — Quer dizer, minha mãe não parece ver mal nisso. Diz que está custando uma fortuna, mas quando a gente considera o que ele já fez…

— Você não está entendendo.

— A casa está desmoronando.

Anthony estava impaciente.

— Olhe, Kitty, meu pai é um babaca. Faz o que quer e não está nem aí. Há anos ele quer sua casa, e acho que é por isso que está cobrando a mais da sua mãe. Para tentar forçá-la a sair daqui.

Kitty se sentou. Encostou os joelhos no queixo. Sentiu frio de repente, apesar da temperatura agradável.

— Ele queria a nossa casa?

— Antes de vocês chegarem, sim. Ele e minha mãe. Quando vocês se mudaram, achei que isso tinha passado. É só uma casa, certo?

— Certo — disse Kitty, em dúvida.

— Além do mais, normalmente não presto muita atenção ao que meu pai faz. A gente aprende a baixar a cabeça na minha família. Mas tinha aquela fatura, e minha mãe… Não acho que ele esteja fazendo um bom trabalho. E outro dia ouvi Asad fazendo um comentário estranho com ele.

— Asad?

Ele pareceu se dar conta de que tinha falado demais.

— Olhe… Não conte nada para a sua mãe. Ainda não. Acho que minha mãe talvez o force a devolver uma parte do dinheiro, a consertar a situação. Ele está devendo dinheiro a ela… — Ela o ouviu falar com uma voz abafada. — Tenho que desligar. Escute… quer me encontrar no pub mais tarde? Vão fazer um churrasco ao ar livre hoje à noite e todo mundo pode ir. — Depois acrescentou: — Eu estou te convidando.

A água estava opaca nas margens, uma película de lodo lambendo a praia.

— Tudo bem — respondeu ela.

*

Isabel estava ajoelhada no chão, pintando as tábuas do corredor com uma tinta de tom cinza-claro

pungente.

— Não se aproxime muito — disse ela, quando Kitty veio correndo da cozinha. — Não pensei nas pegadas.

Sentou-se e observou o que tinha feito. Havia uma mancha de tinta cinza na sua maçã do rosto, e a camisa branca pendia frouxa dos ombros.

— O que acha? — perguntou.

— Está bonito — respondeu a menina.

— Eu não ia pintar, mas a mistura de cores era horrível, não combinava e as tábuas estavam muito sujas. Achei que assim alegrava um pouco o ambiente.

— Vou sair — avisou Kitty. — Vai ter um churrasco no pub e vou me encontrar com Anthony.

— Que bom, querida. Você viu Thierry?

— Ele estava lá com as galinhas.

O menino andara falando com os animais, repreendendo os maiores por intimidarem os outros, mas, quando via a mãe, ficava quieto.

— Vou ficar ocupada com isso mais um pouco — disse Isabel. — Preciso que esse lado seque antes de começar o outro. Você acha que a tinta seca mais depressa no calor?

Ouviram passos nos degraus e Matt apareceu, usando o cinto de ferramentas e a camiseta colada no corpo. Parou no pé da escada.

— Acabei. Achei que podíamos sair para beber alguma coisa se… — Sobressaltou-se quando viu Kitty, depois se recompôs. — Se alguma das senhoritas quiser.

— Não obrigada — disse Isabel. — Tenho coisas para fazer. O banheiro está funcionando?

— Eu estava trabalhando no quarto principal. Você devia dar uma olhada lá.

Isabel ergueu os olhos para ele.

— Mas eu pedi para você terminar o banheiro. Precisamos de um banheiro, Matt.

Combinamos que você se concentraria nisso.

— Vou terminar amanhã — disse ele. — Você devia dar uma olhada no quarto. — Era como se ele não a tivesse escutado. — Vai adorar. Está lindo. Pode ir… Vá lá ver.

Kitty observou a mãe trincar a mandíbula. Queria dizer alguma coisa, mas tinha prometido a Anthony que não faria isso.

— Estou cansada daquela tina de metal — falou. — Não deve ser tão difícil assim cuidar do encanamento de um banheiro.

Matt parecia não prestar atenção no que ela dizia.

— Nem dá para perceber que aquele teto veio abaixo. Na verdade, eu diria que as cornijas no quarto estão melhores do que quando foram construídas. Pode ir lá… Quero que você veja.

A mãe suspirou e afastou do rosto uma mecha de cabelo suada. Estava visivelmente se esforçando para conter a frustração.

— Matt, pode passar logo para eu terminar de pintar o chão? Kitty, querida, quero você em casa antes de anoitecer.

— Tudo bem — disse a menina, encarando Matt.

— Anthony vai acompanhar você até em casa?

— Vai.

— Você vai ao churrasco, não é? Quer uma carona até a estrada? — perguntou Matt.

— Não. — Ela o fuzilou com os olhos, depois acrescentou, sob o olhar incisivo da mãe: — Obrigada.

— Como você quiser — disse ele. — Tem certeza de que não a deixei tentada, Isabel?

Kitty aguardou as luzes dos freios de Matt desaparecerem, depois seguiu energicamente pelo bosque na direção da estrada, a sombra aliviando um pouco o calor, que mesmo no fim da tarde pairava abafado sobre o vale. Ela já não via mais fantasmas imaginários atrás das árvores, nem lenhadores malucos ao longe. Sabia que a verdadeira ameaça estava muito mais perto de casa.

Pensou em Matt, nas piadas e na conversa dele, em seus sacos de croissants, em como tinha fingido ser amigo deles. Como todos tinham fingido ser amigos deles. Quantas pessoas sabiam o que ele estava fazendo?

Quando saiu do bosque, sua cabeça estava rodando. Prometera encontrar Anthony às seis, mas a luz estava acesa na loja, e dava para ver que havia gente lá dentro. No último minuto, Kitty Delancey mudou de direção.

*

— Então ele diz "Como se atreve?" — falou Henry, tentando não rir. — "Meu nome é Hucker.

Rudolph Hucker."

Deu um tapa no balcão e caiu na gargalhada.

— Não me faça rir — disse Asad, suspirando e guardando moedas na caixa. — Vou ficar com falta de ar.

— Ainda não entendi — disse a Sra. Linnet. — Conte de novo.

— Talvez você devesse tê-lo apresentado a Tansy Hyde.

A Sra. Linnet pousou a xícara de chá.

— O quê? Ela é uma dos Warburton Hydes?

A porta se abriu e Kitty entrou, trazendo com ela uma lufada de ar quente do lado de fora e uma explosão de música do jardim do pub do outro lado da rua.

— Nossa adolescente preferida — disse Henry. — Ah, eu adoraria ser jovem de novo.

— Adoraria nada — retrucou Asad. — Você me disse que foi a época mais infeliz da sua vida.

— Então eu adoraria recuperar meu corpo adolescente. Se eu soubesse, naquela época, como era bonito e sem rugas, em vez de esquentar a cabeça com espinhas inexistentes, teria ficado o tempo inteiro de sunga.

— Quando tiver a minha idade — falou a Sra. Linnet —, vai ficar grato se ainda conseguir se mexer.

— Você podia usar sunga agora — disse Asad. — Poderíamos transformar isso num tema regular. Colocar um cartaz: "Quinta-feira é dia de sunga."

Henry balançou um dedo.

— Nunca achei elegante que um comerciante deixasse as ameixas à mostra.

— Secas, com certeza?

Asad estava rindo de novo. Henry se esforçou para não rir.

— Acho que devo ser grato por você não ter começado citando uva-passa.

— Sra. Linnet, a senhora é uma má influência — disse Asad. — Agora, pare.

— Sim, pare, Sra. Linnet. Aqui entre nós tem uma menina impressionável. O que você quer, Kitty? Ou nos trouxe mais ovos? O último lote já está quase no fim.

Henry se debruçou no balcão.

— Há quanto tempo sabem que Matt McCarthy está tentando nos expulsar de casa?

A loja ficou em silêncio. Henry encarou Asad. Kitty o interceptou.

— Devo interpretar isso como "há bastante tempo"? — perguntou com amargura.

— Tentando expulsar vocês de casa? — perguntou a Sra. Linnet.

— Cobrando a mais de nós, pelo que parece — disse Kitty com frieza. — Pelo visto, fomos os últimos a saber.

Asad levantou o balcão e foi para o meio da loja.

— Sente-se, Kitty — disse ele. — Vamos tomar uma xícara de chá e conversar.

— Não, obrigada. — Ela cruzou os braços. — Estou indo encontrar uma pessoa. Eu só queria saber quantas pessoas andaram rindo pelas nossas costas. Os bobos da cidade, não é? Crentes que podiam dar um jeito naquele casarão velho.

— Não foi assim — disse Asad. — Eu desconfiava de que alguma coisa estivesse errada, mas não tinha provas.

— Asad queria dizer alguma coisa — interrompeu Henry —, mas eu falei para ele: "Você não pode simplesmente começar a fazer acusações descabidas." A gente não tinha ideia do que estava acontecendo na sua casa, do que ele estava fazendo.

— Mas vocês sabiam que ele queria a casa. Antes de chegarmos.

Os dois se entreolharam, impotentes.

— Bem, sim. Todo mundo sabia isso.

— Menos a gente — disse Kitty. — Teria sido bem útil se alguém tivesse nos avisado que o homem que estava acabando com a nossa casa e nos cobrando os olhos da cara pelo serviço era o mesmo que queria ficar com ela. Enfim, acho que agora sei quem são nossos amigos.

Virou as costas para sair.

— Kitty! — chamou Asad. — Sua mãe sabe? Você falou com ela sobre isso? — Henry ouviu o chiado na voz dele, revelando sua angústia.

— Não sei o que ela sabe — disse Kitty. — Não quero causar mais problemas. — De repente se tornou uma criança despreparada para lidar com a situação. — Não sei o que fazer. Mesmo assim, acho que agora não importa, porque, de qualquer forma, ele vai ter que parar o trabalho em breve. Nosso dinheiro acabou. Vamos simplesmente ficar na nossa casa quase em ruínas, calcular o quanto perdemos e tentar tocar a vida.

Havia certo drama no discurso dela, mas Henry não podia culpá-la por isso.

— Kitty, por favor, espere. Deixe eu explicar um pouco…

O sininho tornou a tocar e a porta se fechou.

— Bom! — exclamou a Sra. Linnet, no silêncio. E, quando ninguém disse nada: — Bom.

— Ela vai mudar de opinião — afirmou Henry. — Quando pensar sobre isso. Só Deus sabe o que esse homem fez com a casa. Desculpe, Asad — disse, fechando as persianas da loja. — Você pode vir com aquela história de "eu avisei". Devíamos ter falado alguma coisa, mesmo que fosse só uma suspeita.

— Então vocês sabiam que ele estava aprontando alguma coisa? — perguntou a Sra. Linnet.

— Bem, não — disse Henry, retorcendo as mãos. — O problema foi esse. Não sabíamos. E o que podíamos fazer? Quer dizer, a gente não quer espalhar rumores sem fundamento, quer? Ainda mais quando se trata de alguém feito ele.

— Ele está no pub — disse a Sra. Linnet. — Não faz nem dez minutos que o vi entrar, com a maior cara de pau.

Asad desamarrou o avental.

— Sabem de uma coisa — continuou —, sempre achei que tinha algo nele que não era legal.

Quando Matt ampliou a casa da Sra. Baker, ela disse que ele acabou colocando os puxadores das portas muito perto dos caixilhos. Ela esfolou os nós dos dedos muitas vezes…

— Aonde você vai? — perguntou Henry, pois Asad estava tirando o avental.

— Nunca fiquei tão envergonhado. Nunca. — Havia um tom exaltado, incontido, por trás de suas palavras. — Aquela menina tinha razão, Henry.

Tudo o que ela disse estava certo. Todos nós agimos de forma vergonhosa.

— Mas aonde você vai?

— Falar com o Sr. McCarthy — explicou Asad —, antes que a Sra. Delancey descubra o que está acontecendo. Vou pedir que ele aja feito um ser humano honrado. E vou dizer exatamente o que penso dele.

— Asad, não faça isso — pediu Henry, bloqueando seu caminho para a porta. — Não se meta.

Não é da sua conta.

— É da nossa conta, sim. É nosso dever como amigos e como bons vizinhos.

— Nosso dever? Quem é que já se preocupou com a gente, Asad? — Henry estava gritando, alheio a quem pudesse ouvir. — Quem alguma vez nos defendeu quando enfrentamos aqueles fanáticos assim que chegamos aqui? Quem nos ajudou quando jogavam coisas nas nossas janelas?

Pichavam nossa porta?

— Ela é sozinha, Henry.

— Nós também éramos.

— Isso foi há muitos anos. — Asad balançou a cabeça, sem compreender. — Do que você tem tanto medo? — perguntou e depois saiu.

*

O churrasqueiro estava usando um avental com estampa de peitos falsos e calcinha de

babadinhos. De vez em quando, batia as mãos nos peitos ou erguia uma linguiça na pinça e contraía os lábios, como se estivesse fazendo algo grosseiro. Ocasionalmente, rodopiava de maneira sugestiva ao som da música, que tocava alto no aparelho de som equilibrado por alguém numa mesinha ao lado da porta. Kitty mal notava. Estava muito nervosa. Os Primos tinham ficado chocados e perturbados com o que ela lhes dissera, mas era óbvio que sabiam. Por que não tinham falado nada?

— Ali está ela — disse Anthony, quando uma mulher apareceu atrás da churrasqueira para falar com o homem. O cabelo dela, num penteado deliberadamente bagunçado, tinha grossas mechas louras e ruivas. — É a mulher que meu pai anda comendo.

Kitty ficou com o copo parado nos lábios.

— O quê? — perguntou, sem ter certeza se tinha escutado direito.

— Theresa Dillon. A atendente do bar. Faz meses que meu pai está transando com essa mulher — disse, com a maior naturalidade, como se fosse esperado que o pai de alguém dormisse com outra mulher que não fosse a esposa.

Kitty baixou o copo de refrigerante.

— Tem certeza?

— Claro. — Olhou para a mulher com desdém. — E ela não é a primeira.

Algumas vezes, no último ano, Kitty tinha se sentido a adolescente mais velha do mundo. A única pessoa da família capaz de tomar decisões sensatas, pagar contas, organizar a casa apesar do caos da mãe. Mas ainda havia ocasiões, como essas, em que tinha a sensação de estar viajando por uma paisagem que nem havia começado a entender. Matt tinha se aproximado casualmente quando ela se sentara com Anthony. Brincara, dizendo que ela poderia ter ganhado a rodada de bebidas se tivesse aceitado a carona dele. Anthony mal olhara para o pai, ela ficara muda de fúria e, no fim, resmungando sobre os adolescentes, Matt se levantara e fora se sentar com outras pessoas.

— Se tem certeza disso — disse ela com cuidado —, por que não conta para sua mãe?

Anthony olhou para Kitty como se a menina fosse totalmente inocente, e ela se lembrou de ter lhe contado que seus pais tinham sido felizes juntos, que a mãe ficara arrasada quando o marido morrera.

Ele lhe ofereceu uma batata frita.

— Você não conhece meu pai — disse, com desprezo.

Ficaram algum tempo sentados no banco, o calor do sol baixo penetrando pelo tecido do vestido de Kitty.

— Quer mais batata frita? Vou buscar mais com sal e vinagre antes que acabem. — Anthony vasculhou os bolsos em busca de moedas. Então parou. — Ei. O que está acontecendo ali?

Asad estava parado na frente de Matt, que estava sentado a uma das mesas do outro lado do jardim. Ela não conseguia ouvir tudo o que diziam, mas podia perceber pela expressão severa de Matt e pela postura de Asad que não era nada bom.

— Você não sabe o que está dizendo, Asad, então, se eu fosse você ficaria fora disso para não passar vergonha. — A voz de Matt ressoava acima da música no ar parado.

— Você é um sem-vergonha que se aproveita do medo que as pessoas têm de você. Bem, eu não tenho medo de você. Nem tenho medo de dizer a verdade.

O jardim ficara muito silencioso, pois todo mundo notou a confusão.

— A verdade? — questionou Matt. — Fofoca de cidade pequena. Vocês ficam lá sentados naquela lojinha fofocando feito velhas. Vocês dois. São uma piada.

Ele deu uma gargalhada. O coração de Kitty quase parou. Ela olhou para Anthony, que balançou a cabeça.

— Ah, não — murmurou ele.

Matt se levantou, e Kitty deu um passo à frente, mas o braço de Anthony a segurou.

Henry, que acabara de entrar no jardim com a Sra. Linnet, olhou em volta à procura de Asad, depois correu até ele, murmurando algo que Kitty não conseguiu ouvir.

Asad não pareceu notar.

— Estou lhe pedindo para fazer a coisa certa — disse, calmamente.

— E quem é você? Uma autoridade ou um júri moral?

— Uma pessoa que não está preparada para ver uma mulher correta ser enganada.

Quando Matt falou, sua voz saiu tensa:

— Asad, vou lhe dar um conselho de amigo. Vá brincar com suas ervilhas em lata.

A voz de Asad estava mais alta:

— Aquele dinheiro todo… e ela é viúva. Você não tem vergonha?

— A Sra. Delancey está muito satisfeita com o trabalho que estou fazendo na casa dela. Pode perguntar. Está bem? Pergunte se ela não está satisfeita.

— Isso é porque ela não sabe a verdade.

— Asad, me deixe em paz. — Matt fez um gesto rápido com a mão e tomou um grande gole de cerveja. — Você está começando a me aborrecer.

— Ela não sabe que você anda sistematicamente cobrando a mais, arruinando-a…

Henry puxou o braço dele.

— Asad, vamos embora.

— Isso mesmo, Asad. Vá… antes que você diga alguma coisa de que se arrependa.

— Meu único arrependimento é não ter me manifestado antes — disse Asad. — Você sabe muito bem que eu…

— Que merda isso quer dizer?

— Vou contar a ela — disse Asad, ofegante. — Vou visitar a Sra. Delancey para contar o que você anda fazendo.

De repente, a postura de Matt McCarthy mudou. Ele se levantou com um pulo e se postou com um ar ameaçador na frente do homem mais velho.

— Vá para casa — disse, venenosamente, o rosto a um centímetro do de Asad. — Você está me dando nos nervos.

— Você não gosta da ideia de alguém contar a verdade a ela?

Matt estava apontando um dedo para ele.

— Não. Eu não gosto de você. Por que não sai do meu pé? Por que não fica na sua e para de se intrometer na vida dos outros?

— Matt…

Outro homem tocou em seu braço, mas Matt empurrou a mão dele.

— Não! Faz semanas que esse idiota anda me provocando, insinuando coisas, jogando indiretas. Estou avisando, Asad. Não se meta nos meus negócios senão vai ter problema.

O coração de Kitty estava acelerado. Perto da churrasqueira, uma mulher pegou a mão do filho e levou-o para o portão. Henry estava puxando Asad.

— Por favor, vamos embora, Asad. Pense na sua asma.

Asad recusava-se a se mover.

— Durante toda a minha vida, encontrei aproveitadores como você — disse ele, ofegante. — E

são todos iguais. Todos contam com o fato de que as pessoas têm muito medo para se envolverem.

Matt deu um tapa no peito de Asad.

— Você não desiste, não é? Seu velho idiota… Não sabe a hora de deixar um assunto para lá!

Empurrou Asad, fazendo-o cambalear.

— Matt! — A atendente com luzes no cabelo estava puxando sua camisa. — Não…

— Você vive metendo o nariz onde não é chamado, fazendo ameaças. E não sabe nada, está me ouvindo? — gritou Matt na cara de Asad. — Nada.

Kitty tremia, e Anthony correu para perto do pai. Mas Matt já não parecia ouvir os protestos de ninguém.

— Cale a boca e vá embora, está me ouvindo? — Empurrou o outro. — Pare de espalhar suas fofocas venenosas, seu velho cretino. — Mais um empurrão. — Está bem? Cale a boca e vá embora. — Outro empurrão.

Então, Asad tropeçou, e dava para ouvir que se esforçava para respirar.

— Você… não… me… mete… medo — afirmou ele.

A expressão de Matt fez Kitty estremecer.

— Não se meta nessa merda, Asad.

— Matt, pare com isso. Ele é um velho. — O churrasqueiro estava na frente de Matt, com a pinça em punho. — Henry, tire Asad daqui. Matt… acho que todo mundo devia se acalmar.

Mas Matt se esquivou dele, cutucando o peito de Asad.

— Se disser a porra de uma palavra a Isabel Delancey, você está morto, entendeu?

— Chega. — Vários homens tinham se juntado ao churrasqueiro e estavam afastando Matt de Asad. — Controle-se, McCarthy. Vá para casa esfriar a cabeça.

— Morto, está me ouvindo? — Desvencilhou-se das mãos que o seguravam. — Estou indo.

Podem me deixar em paz. É ele que vocês deviam expulsar.

— Ai, meu Deus!

Rodeado por um semicírculo de curiosos, Asad caiu no chão, as pernas compridas dobrando-se com elegância embaixo do corpo, levando o punho cerrado ao peito.

— Tragam o inalador dele! — gritou Henry. — Alguém vá buscar o inalador dele. — Baixou a cabeça. — Respire fundo, meu amor.

Os olhos de Asad estavam fechados com força. Kitty notou sua tez estranhamente púrpura à medida que as pessoas formavam um círculo em volta dele. Alguém murmurou alguma coisa sobre asma. A Sra. Linnet remexia um molho de chaves.

— Não sei qual é! — gemia ela. — Não sei qual é a da loja!

Anthony falava num tom de urgência com o pai no portão.

Havia alguma coisa queimando na churrasqueira, expelindo baforadas de fumaça acre na noite cálida. Kitty observou a cena se afastar, como se ela já não fizesse parte e estivesse assistindo de longe, através de uma

barreira de vidro. Ela notou distraidamente que os pássaros continuavam cantando.

— Alguém segure ele. Segure ele para mim. Ah, por favor… Chamem uma ambulância!

Alguém chame uma ambulância! — E então, quando Henry passou desabalado por Kitty em direção à loja, ela o ouviu dizer, como se falasse sozinho: — Era disso, Asad… — Estava quase chorando, o rosto afogueado com o esforço, a respiração ofegante. — Era disso que eu tinha medo.

19

Andreas Stephanides tinha as unhas mais imaculadas que Nicholas já vira num homem: perfeitamente regulares, de um tom cor-de-rosa claro bem polido. Devia ter ido à manicure, pensou distraído. A ideia de lhe perguntar, que sempre fazia as unhas provocou uma gargalhada nervosa subindo pela garganta de Nicholas, que tossiu, tentando disfarçar.

— Você está bem?

— Ótimo. — Nicholas fez um gesto indicando que ele não devia se preocupar. — É o ar-condicionado. A garganta…

O homem mais velho se recostou na cadeira e apontou para os papéis à sua frente.

— Sabe de uma coisa? Você me fez um favor. Minha esposa está naquela idade em que…

precisa de um projeto.

Ele pegou uma das folhas.

— É isso que todas elas fazem agora, não é? Quando os filhos saíam de casa, antigamente elas faziam cortinas, esquemas de cores para as casas umas das outras. Talvez um trabalho de caridade.

Mas ela quer reconstruir casas inteiras. — Ele deu de ombros. — Eu não me importo. Isso a deixa feliz. E ela gosta dessa casa. Gosta muito.

— A casa tem potencial.

Nicholas cruzou as pernas, lembrando-se do terno novo. Fazia anos que não conseguia comprar um terno de qualidade como aquele, mas, ao sentir a fina lã na pele, recordara que uma roupa sob medida deixava a pessoa se sentindo… até mesmo parecendo… mais homem. Parecia inconcebível que pudesse ter chegado àquele escritório usando algo de qualidade inferior. O

primeiro pagamento de Andreas financiara o novo terno.

Andreas balançou a cabeça.

— Ela concorda com você. Como eu disse, está muito feliz. E se está feliz…

Nicholas esperou. Sabia por experiência própria, havia muito tempo, que, com Andreas, era bom nunca falar demais. O homem era jogador de

pôquer e levava a pessoa mais a sério se achasse que haviam ficado coisas por dizer.

"Só um idiota revela todas as cartas", ele gostava de dizer. Enquanto esperava, Nicholas admirava a vista do Hyde Park. Era mais um dia quente e havia executivos na grama, aproveitando a hora do almoço, com as mangas arregaçadas ou as saias levantadas acima dos joelhos. O tráfego estava parado numa artéria densa nos arredores, avançando em arrancos curtos e mal-humorados, mas Nicholas só ouvia leves resquícios do som de buzinas e motores. No seu escritório, com paredes de lambri e vidros duplos, a pessoa ficava isolada do barulho, da poluição, da confusão da vida cotidiana. Dinheiro protegia de quase tudo.

— Quer que eu deposite uma quantia?

Nicholas sorriu para ele.

— Cinco por cento deve resolver.

— Acha que consegue mais como essa?

Nicholas voltou a atenção para a mesa.

— Andreas, você sabe tão bem quanto eu que propriedades assim não crescem em árvores, principalmente nessa área de Londres. Mas vou ficar de olho.

Ele as tinha "virado", avaliando-as por baixo para uma venda rápida e aceitando uma gorjeta tanto do comprador quanto do vendedor, agindo como intermediário invisível. Isso não era estritamente legal, mas boa parte do que acontecia no mercado imobiliário se passava numa zona cinzenta. O vendedor, filho do falecido proprietário, tinha ficado feliz por não pagar corretagem.

— E você… está se dando bem com isso?

— Se quer saber a verdade, é um bom trocado.

Andreas era atraente, com cabelo volumoso e preto, apesar dos sessenta e poucos anos, se vestia de modo impecável e tinha um jeito enganosamente relaxado que lembrava um cantor de bar dos anos 1950. Suas abotoaduras eram cravejadas de minúsculos brilhantes. Tudo nele e em sua sala remetia a dinheiro graúdo, gasto com ostentação.

Pegou o telefone e falou com a secretária.

— Shoula, traga um almoço para nós dois, por favor, e bebidas. — Ergueu uma das sobrancelhas para Nicholas. — Você tem tempo?

Ele deu de ombros, como se tempo não importasse. Andreas desligou o telefone e acendeu um cigarro.

— Então, o que você ganha com isso? Essa é a segunda propriedade que você encontra para mim a um preço bem inferior que o do mercado. Você não é um homem burro, Nicholas.

Também é corretor imobiliário. Por que está me fazendo favores?

Nicholas estava esperando que essa pergunta surgisse após as bebidas. Respirou fundo, torcendo para parecer despreocupado.

— Pensei que talvez você pudesse me ajudar num projeto… Há uma propriedade especial.

Quero desenvolvê-la pessoalmente, mas preciso de respaldo.

— Por que não promoveu essas duas? — Andreas indicou os detalhes da propriedade na mesa.

— Você podia ter faturado uma quantia de seis dígitos, mesmo que só as vendesse. Um bom pedreiro, alguns meses e talvez o dobro disso.

— Eu não queria me distrair. Esse projeto vai exigir muita atenção. E preciso me apressar com isso.

— Mas não quer que eu promova essa casa "especial" com você? Em sociedade?

Nicholas pôs as mãos na mesa.

— Quero um empréstimo. Posso lhe dar uma porcentagem sobre os lucros, se isso tornar a proposta mais atraente. É um projeto pessoal, Andreas.

— Pessoal?

— Tem uma mulher…

— Ah! Sempre tem uma mulher.

Os dois se calaram quando a secretária de Andreas entrou com a bandeja. Tinha meia dúzia de pratinhos com aperitivos: tiras de pão pita, homus, tzatziki, azeitonas e haloumi. Ela serviu vinho, ofereceu dois guardanapos e saiu da sala.

— Por favor.

Andreas indicou a comida. Nicholas estava muito tenso para comer, mas se forçou a pegar algumas azeitonas.

Andreas bebericou o vinho e girou a cadeira para a janela.

— A melhor vista de Londres — declarou, referindo-se à extensão verde lá embaixo.

— É maravilhosa — concordou Nicholas, e se perguntou onde colocaria o caroço da azeitona.

— Essa propriedade. Você é o dono?

— Não.

— Tem licença de obra?

— Não.

— Não é o proprietário, não tem licença de obra — observou Andreas, como se mostrasse boa vontade a alguém não muito são.

— Posso conseguir as duas coisas. Sei o que estou fazendo.

Ficaram beliscando os aperitivos por um tempo, depois Andreas tornou a falar: — Sabe de uma coisa, Nicholas? Fiquei surpreso quando você me ligou. Muito surpreso.

Quando o seu negócio faliu, muita gente disse que você estava acabado. Que tinha perdido a coragem. Diziam que, sem o dinheiro da sua mulher, você não era nada. — Como Nicholas continuou em silêncio, ele prosseguiu: — Vou ser sincero com você. Ainda tem gente que o considera uma aposta ruim. O que devo dizer a essas pessoas?

Nicholas agarrou o guardanapo. Nenhum banco não lhe emprestaria nem de longe o que ele precisava. Poucos investidores se dignariam ao menos a recebê-lo. Andreas sabia de tudo isso.

Pensou por um instante.

— Seu pessoal tem razão. Na teoria, não sou uma boa aposta.

O homem mais velho contraiu os lábios.

— Não vou gastar seu tempo tentando convencê-lo sobre algo que você já deve ter decidido, mas sabe tão bem quanto eu, Andreas, que é com as possibilidades mais remotas que se ganha mais dinheiro.

Pareceu que anos tinham se passado quando o homem sorriu, tempo suficiente, afinal, para o suor começar a brotar no início das costas de Nicholas, apesar do ar-condicionado.

— Ah! — disse Andreas. — É bom ver que sua ex-mulher não levou também o seu colhão…

Tudo bem, Nicholas. Eu gosto de uma boa história de volta por cima. Conte mais sobre esse projeto. E então falaremos de dinheiro.

*

Foram precisos vários toques para ela atender. Quando o fez, parecia apressada, como se tivesse

corrido até o telefone.

— Sou eu — disse ele, sorrindo.

— Eu sei.

— Você me incluiu nos contatos do seu telefone? — Estava admirado com a audácia dela.

— Não exatamente. Você está salvo como Sheila.

Ele estava no meio da rua, o tráfego de Londres passando barulhento, soltando fumaça, um cheiro de sujeira e fast-food vindo das fachadas das lojas em volta dele. Se pressionasse com bastante força o telefone em uma orelha e tapasse a outra, dava para escutar o chilrear de pássaros ao fundo, imaginá-la no campo ao lado do bosque, sentir o perfume doce do cabelo dela em sua pele.

— Eu tinha que lhe contar — disse ele. — Consegui o dinheiro.

Sentia-se como se tivesse passado numa prova, como se essa tivesse sido a etapa final da sua ressurreição. Sentia-se como se fosse de novo alguém. Queria contar todas essas coisas a ela, sabendo que entenderia. Queria fazer isso por ela. Afinal lhe dera uma razão para provar quem ele de fato era.

— Ah.

— Provavelmente vou aí falar com a mulher depois do fim de semana. Eu também estava pensando se podia ver você.

— Vai fazer uma proposta a ela?

— Algo assim.

O silêncio dela durou tempo suficiente para preocupá-lo.

— Você está bem?

Os freios de um caminhão chiaram ao lado dele, que se esforçou para ouvi-la.

— É estranho imaginar que aquela casa vai ser transformada.

— Você preferia que eles morassem lá juntos? — Era uma pergunta maldosa e ele se arrependeu assim que a fez. — Desculpe — gritou, acima do barulho do tráfego. — Eu não devia ter dito isso.

Percebeu uma mudança na voz dela quando falou:

— Não, você tem toda razão. Seria insuportável. É melhor que fique com outra pessoa.

— Escute — disse ele, sem se importar com os olhares curiosos dos transeuntes —, vamos encontrar um lugar melhor. Um lugar sem lembranças ruins.

Ele não conseguiu ouvir a resposta dela.

— Laura. Eu te amo — disse ele. Fazia anos que não dizia essas palavras. Repetiu-as. — Eu te amo.

Houve uma ligeira pausa.

— Também te amo — disse ela.

*

Laura desligou o telefone e respirou fundo algumas vezes antes de entrar em casa, deixando o

afogueamento em seu rosto diminuir. Nos últimos dias, tinha achado difícil acreditar que Matt não conseguia perceber o que estava estampado em seu rosto, que também ficara óbvio em seu modo de andar. Ela sempre conseguira perceber isso nele.

Trazia o toque de Nicholas na pele. As palavras carinhosas dele flutuavam em sua mente. Não impediam a mágoa, mas a enfraqueciam, reduzindo os efeitos do trabalho de demolição de Matt sobre seu amor-próprio. Aquele homem a amava. Aquele homem bom e culto a amava. Ela não só dormira com ele, poucas horas depois de tê-lo conhecido, como também lhe dissera que o amava.

Laura McCarthy tinha quase quarenta anos, era um enfadonho pilar da comunidade local cujo armário era organizado com eficiência militar e em cujo freezer sempre havia comida suficiente para ela improvisar uma refeição para uma dúzia de pessoas. De repente, perguntou a si mesma em quem estava se transformando.

Matt estava no escritório.

— Vou às compras. Você não vai trabalhar hoje? — perguntou ela educadamente. Já não lhe oferecia mais uma caneca de chá. Mesmo quando ele aceitava, ultimamente deixava-as esfriar.

Ela as encontrava, intactas e formando crostas em aparadores e mesas.
— Achei que você estivesse trabalhando do outro lado da estrada.

— Estou esperando materiais.

— Não podia ir para a obra dos Dawson, então?

— Eles cancelaram.

— Por quê? Pensei que estivessem satisfeitos com o orçamento.

— Não sei. Simplesmente cancelaram.

— Matt, isso tem alguma coisa a ver com o que aconteceu no pub?

Ele mantinha os olhos fixos na mesa, pegando papéis e tornando a colocá-los na mesa.

— Anthony falou por alto, mas achei que talvez você quisesse me contar o que realmente aconteceu. — Manteve o tom de voz neutro.

Não queria provocar uma discussão. Não lhe contou sobre os vizinhos que evitavam olhar para ela no supermercado, nem da Sra. Linnet murmurando em tom severo, quando se encontraram no estacionamento, que Matt devia ter vergonha de si mesmo.

— Fofocas, como todo o resto — disse ele com desdém.

— Asad está no hospital, Matt.

— É só asma. Ele está bem.

— Nunca é "só asma". Ele é velho, Matt, e você poderia tê-lo matado. O que está acontecendo?

Ele passou por ela, indo na direção do arquivo, e começou a puxar gavetas, levantando as pastas e colocando-as de volta.

— Ele me irritou, está bem? Nós discutimos. Ele teve um ataque de asma. Nada de mais.

— Nada de mais? E por que estamos tirando Byron da folha de pagamento? Ainda há poucas semanas você queria registrá-lo.

Ele parecia estar procurando alguma coisa. De repente, se deu conta de que as faturas estavam uma bagunça. Toda a documentação relativa às várias obras estava embaralhada, em pilhas caóticas na mesa. Matt era meticuloso com a papelada. Gostava de saber exatamente sua situação, justificar cada centavo. Ela nunca o vira tão desorganizado com os papéis. Não me importo, disse a si mesma com firmeza. Logo esse problema vai ser de outra pessoa. Logo vou estar com alguém que me valoriza. Você preferia que eles morassem lá juntos?

— Matt?

Esse homem distante e hostil era seu marido. Ela não entendia como tinham se afastado tanto e tão depressa um do outro. Você não sabe aonde isso está indo?, perguntou-lhe em silêncio.

Outro homem acabou de dizer que me ama. Um homem que semana passada passou horas num quarto de hotel em Londres venerando meu corpo nu. Um homem que diz que sua ideia de paraíso seria acordar ao meu lado todos os dias de sua vida. Um homem que diz que sou tudo para ele. Tudo.

Mas Matt não queria saber. Amava Isabel Delancey. Laura pareceu impassível.

— Matt? — chamou.

Preciso saber a situação dele para arrumarmos a papelada, pensou.

— Não quero falar sobre Byron — respondeu ele, folheando um livro-caixa. Nem ao menos ergueu os olhos.

Ela ficou mais um pouco ali, depois virou as costas e desceu a escada.

*

Mais um longo dia quente deu lugar à noite. Na clareira do bosque, havia novas camadas de som:

a música de um violino depois do barulho da louça do jantar sendo retirada, os latidos de um cachorro superagitado, desesperado para correr atrás de bolas, as reflexões distantes de uma adolescente ao telefone, filtrando-se pelas janelas abertas de uma casa velha caindo aos pedaços e, de vez em quando, o zumbido cortante de um mosquito, seguido por um tapa certeiro.

Byron estava sentado em sua cadeira, os olhos fixos no nada. Esses ruídos haviam se tornado familiares para ele nos últimos dois meses, o pano de fundo do fim de seu dia. Tentou adivinhar que sons se filtrariam pela sua nova vida, e nenhum deles era bem-vindo: o barulho incessante do trânsito, a televisão aos berros através de paredes finas, o toque intermitente de celulares competindo uns com os outros. Os sons de muitas pessoas ocupando pouco espaço.

Quando ficara ali pela primeira vez, sentira-se envergonhado. Mas já estava estranhamente à vontade naquilo que no fundo era uma dependência externa, escura e suja. Ele ainda era assombrado pelos barulhos da prisão: as portas de aço batendo e deslizando de forma incessante, a batida da música de outras alas, uma voz exaltada numa discussão ou manifestação e, por baixo disso tudo, o sussurro da ameaça, do medo, da raiva e do remorso. Comparado a isso, aquele ambiente espartano não remetia a falta de um teto, mas a uma estranha liberdade, a algo civilizado e acolhedor que estava ao seu alcance. Uma forma diferente de viver. Significava estar perto de Thierry, Isabel e Kitty, ouvindo o riso fácil de Isabel enquanto ela caminhava entre as árvores ao amanhecer, ouvi-la, absorta na música, observar, por mais que tentasse não observar, as leves sombras de ansiedade que nunca sumiam de seu rosto. Se sua situação e seu passado fossem diferentes, ele poderia ter oferecido mais do que lenha e ervas comestíveis.

Byron fez um esforço para se levantar. Pensar demais era uma estrada para o sofrimento.

Andou pelo quarto, arrumando seus poucos pertences em pilhas ordenadas, o corpo musculoso movendo-se com facilidade no escuro. Ouviu a porta se abrir e Thierry entrar de mansinho com o cãozinho atrás. O menino estava segurando uma tigela de framboesas e morangos, creme e um biscoito caseiro.

— Você disse à sua mãe que ia comer isso fora de casa?

Thierry riu. Byron fitou aquela criança bondosa e calada, e de repente sentiu-se culpado pelo que tinha de lhe dizer.

— Venha cá — disse, apontando para a porta. — Não posso aceitar que você fique sem sobremesa. Vamos dividir.

Ela tivera sorte com o tempo naquele verão, pensou Byron, jogando cartas com Thierry, enquanto tentava impedir o cachorro de roubá-las do caixote que usava como mesa. Ainda sentia o gosto das frutinhas na boca. Talvez ela tivesse um talento nato para o cultivo. Algumas pessoas tinham.

— Snap — anunciou ele.

Thierry ainda não pronunciava a palavra em voz alta. Grunhiu e deu um tapa enfático. Byron pegou as cartas, rindo do sorriso pesaroso do menino. Thierry tinha crescido desde que se mudara para a casa, aquela palidez triste fora substituída por sardas, um sorriso espontâneo e cores saudáveis. Tinha passado do luto para a felicidade, o que ele demonstrava quando se aventurava fora de casa ou brincava com o cachorro, mas então por que ainda não falava?

Byron tossiu baixinho e pigarreou. Depois deu as cartas de novo. Não olhou para o menino ao falar:

— Tenho que lhe contar uma coisa, Thierry. Eu vou, hum… eu vou embora.

O menino ergueu bruscamente a cabeça.

— Não tem trabalho para mim aqui — explicou com delicadeza —, e nenhum lugar decente para morar, então tenho que fazer as malas e ir para outro canto.

Thierry o encarava.

— Eu não iria, se não precisasse. Mas ser adulto é assim. A gente precisa ter um emprego e um teto.

Thierry apontou para cima.

— Não posso me esconder aqui para sempre. Preciso de uma casa decente, principalmente antes que comece a esfriar.

O menino estava se esforçando para não demonstrar, mas Byron percebia que ele estava devastado e sabia que espelhava o que ele também sentia.

— Sinto muito, T. Gosto da sua companhia.

Ele se acostumara com Thierry pendurado nos galhos das árvores, apostando corrida com os cachorros, o cenho franzido ao examinar, concentrado, os alvéolos das morchellas à procura de insetos. Byron sentia um nó na garganta e ficou feliz pelo fato de o quartinho ainda estar bastante escuro.

— Sinto muito — repetiu.

Esticou o braço para acariciar a cabeça de Meg atrás dele, como desculpa para virar para trás.

Então Thierry contornou a mesa para se sentar ao seu lado. Encostou a cabeça no braço de Byron.

Ficaram assim por alguns minutos. A música de Isabel atingiu um crescendo, depois parou. Ele ouviu a mesma nota sendo tocada repetidamente, como que em dúvida.

— Eu vou lhe avisar onde vou ficar — disse Byron, baixinho. — Vou escrever uma carta, se você quiser. Pode vir me visitar.

Não houve nenhum movimento.

— Você não me perdeu, sabe. Você tem Pepper, e eu tenho a mãe dele, e assim estaremos ligados. E tem sempre o telefone.

O telefone. Um aparelho inútil. Byron baixou os olhos para a cabeleira escura. Esperou um pouco.

— Por que você não fala, Thierry? Eu sei que você consegue. O que é tão difícil de dizer? — Byron não estava vendo o rosto dele, mas alguma coisa no silêncio determinado do menino o fez pensar. Sua voz estava embargada quando perguntou: — Thierry, aconteceu alguma coisa ruim?

Um gesto discreto de cabeça mas imperceptível. Byron sentiu-o no braço.

— Alguma coisa além do que aconteceu com seu pai?

Outro gesto de cabeça.

— E você não quer dizer.

O menino negou com a cabeça.

Byron esperou. Depois falou, baixinho:

— Sabe o que eu faço quando acontece alguma coisa ruim? Conto para Meg ou para Elsie. — Ele deixou as palavras se assentarem no silêncio. —

Cachorros são muito úteis. A gente conta algo e eles sempre escutam. Mas nunca contam a ninguém. Que tal você contar ao Pepper e eu ficar aqui sentado sem prestar atenção?

Nenhum movimento. Um pássaro, perturbado, bateu as asas ruidosamente lá fora.

— Ande, T. Você vai se livrar de um peso. Vai ver só.

Byron ficou olhando para a parede enquanto esperava em silêncio, depois, por fim, quando já estava desistindo, ouviu um murmúrio hesitante. O arranhão das patas do cachorro se contorcendo nos braços do menino. E quando a voz de Thierry se calou, Byron fechou os olhos.

*

O sol, uma bola vermelha incandescente, afundou atrás das árvores, projetando riscos vívidos que

só apareciam em leves reflexos por meio do dossel da mata. Isabel caminhava, tentando manter a melodia na mente, dedilhando cordas invisíveis. Em outros tempos, a música se repetia continuamente em sua cabeça, sendo que de vez em quando era interrompida pelas exigências dos filhos, pelas conversas com o marido. Então passara a ser interrompida toda hora, desarticulada pela realidade do dia a dia.

Aquele dia, como quase todos os outros, era o dinheiro. A última conta de Matt não tinha chegado, mas segundo seu livrinho, ela devia milhares pelo aluguel de equipamentos e pelas janelas novas. Achara que a venda do violino iria lhes render uma reserva, ajudá-los a concluir as obras, mas estavam inacabadas, e o Sr. Cartwright estava falando de imposto sobre ganhos de capital.

“Por que tenho que pagar imposto sobre a venda de uma coisa que me pertence?”, perguntara, horrorizada, quando ele tocou no assunto ao telefone. “Só estou tentando sobreviver.”

Ele não tinha resposta. Ela vendera as joias, todas menos a aliança. E continuava vendo suas economias encolherem a cada semana.

— Brahms — disse ela em voz alta. — Segundo movimento. Vamos, concentre-se.

Era uma esperança vã naquela tarde, mas ela descobrira que caminhar no bosque ajudava. Não era só o ruído abafado e constante da casa: a televisão, Thierry e o cachorro, o celular de Kitty. O

verdadeiro barulho era silencioso, muito mais invasivo. A casa não parecia mais um refúgio: era uma série de problemas, um lembrete das obras ainda por fazer, de serviços ainda por pagar.

Ela hesitou, olhando através das árvores para o lago. A essa hora do dia, ele estava no auge da beleza, os últimos raios de sol formavam um caminho cintilante na água, os pássaros quase em silêncio preparavam-se para se recolher. Podia pedir para adiar o pagamento até vender a casa.

Podia tentar pegar um empréstimo. Podia pagar Matt com todo o dinheiro que lhes restava e torcer para que conseguissem sobreviver até arrumar mais trabalho. Isabel sentou-se pesadamente num tronco de árvore. Podia ficar encolhida ali e esquecer tudo.

— Isabel?

O sol contornava a silhueta de Byron, seu vulto grande e escuro contrastando com as árvores.

Ela se levantou em um pulo, tentando não dar a impressão de estar tão alarmada quanto se sentia.

— Isabel?

Mas ele notara.

— Não ouvi você — disse, sem conseguir ver o rosto dele.

— Mas eu te chamei.

— Tudo bem — disse ela, num tom alegre demais.

Ele tinha ombros muito largos. Todo o seu corpo remetia a força e firmeza. Mas ela não podia deixar de pensar no mal que tanta força seria capaz de provocar, na ameaça implícita nela. Desde que deixara a casa vários dias antes, Byron, seu cúmplice delicado e sem jeito, se tornara um estranho para ela, as coisas que ela julgava saber haviam sido destruídas pelas palavras de Matt.

— Eu estava voltando para casa — disse ela, com uma animação forçada. — Quer alguma coisa?

Percebeu que estava caminhando em direção ao lago, como se ficar na claridade, fora da penumbra do bosque, fosse mais seguro.

Quando ele se virou, parecia mais nervoso que ela. Então ela viu que ele lhe estendia algumas cartas. Pegou-as, observando que havia algo familiar na letra. Os dois envelopes haviam sido abertos.

— Não as li — disse Byron — Mas Thierry leu. Eu devo lhe dizer… Ele acha… que não é seguro falar.

— O quê?

Isabel leu as primeiras quatorze linhas de uma bela caligrafia rebuscada. Ficou olhando para as palavras escritas pela mulher desconhecida. A mulher não sabia que Laurent havia morrido, que ele não estava tentando evitá-la. Releu o bilhete, tentando entender, obrigando-se a admitir a verdade. Isso só podia ser uma brincadeira, disse a si mesma, quase caindo na gargalhada. Então leu novamente.

Era a carta que Kitty tentara obrigá-la a ler muitos meses antes, quando o Sr. Cartwright a fizera tomar vergonha e olhar para a Pilha. Era uma das primeiras cartas que recebera, pouco mais de uma semana depois da morte do marido. Ela não a abrira. Ficou meses sem abrir nada.

Por que Thierry a pegara?

Aquilo não podia estar certo. A segunda fora mandada pelo escritório de Laurent, e ao ler as palavras urgentes, seu coração, ou o que julgara restar dele, caiu num abismo.

Não, disse silenciosamente. E a música parou. Restou o silêncio ensurdecedor da própria ignorância. Não. Não. Não. Não. Byron continuava ali parado, observando-a. E ela se deu conta de que conhecia o teor das cartas. O que ele dissera? Ele acha que não é seguro falar. Não o marido. O filho. E seu sentimento de traição foi sufocado por outra emoção.

— Ele sabia? — perguntou ela, segurando a carta, com a voz trêmula. — Thierry sabia disso?

Tem carregado isso esse tempo todo?

Byron assentiu.

— A mulher entregou a primeira em mãos. Ele a reconheceu. E depois viu a outra numa pilha de cartas.

— Ele a reconheceu? Ai, meu Deus.

Tudo passara a fazer sentido, e ela foi esmagada pela traição do marido, por sua traição inocente ao filho que não ousava falar porque sabia demais. E não restava mais nada da pequena família que morara numa casa aconchegante em Maida Vale. Porque não havia lembranças, não havia inocência, nada que ela pudesse salvar daquele acidente de carro. Isabel deixou-se cair mais uma vez no tronco de árvore. Não havia ninguém que pudesse ajudar, ninguém que pudesse melhorar a situação. E ela nem sequer podia lamentar o amor do marido que perdera, porque sabia que o perdera muito antes.

— Isabel? Você está bem? — A pergunta parecia tão idiota e ficou pairando entre eles.

Thierry, pensou ela cegamente. Tinha que ir até Thierry. Então se levantou, meio trêmula.

— Obrigada — disse, com educação, sem saber como conseguira atribuir um tom de normalidade à voz. — Obrigada por me contar.

Seguiu num passo enérgico para a casa, tropeçando no terreno irregular, pois estava escurecendo. O bosque subia e descia à sua volta, indistinto nas beiradas. Byron estava ao seu lado.

— Sinto muito — disse ele.

Ela se virou.

— Por quê? Você dormiu com o meu marido? Estava dirigindo o caminhão que o matou?

Traumatizou meu filho a ponto de deixá-lo mudo? Não. Então, não seja ridículo. Isso não tem nada a ver com você. — Ela estava um pouco ofegante, e suas palavras foram estridentes e implacáveis.

— Sinto muito por ter trazido más notícias. Só achei que você devia saber pelo bem de Thierry.

— Muito bem.

Ela tropeçou num tronco caído.

— Isabel, eu…

— Quem mais sabe? Talvez você pudesse passar nos Primos e contar a eles em primeira mão.

Sem dúvida amanhã de manhã a cidade inteira já vai estar sabendo.

— Ninguém sabe.

Ela viu a casa. O filho estaria lá dentro. No andar de cima, talvez, imerso num jogo de computador. Como não percebi? Como pude ter deixado ele sofrer assim?

— Isabel, acalme-se. Espere um pouco antes de falar com ele.

Pôs a mão no ombro dela, mas Isabel a repeliu.

— Não me toque!

Ele se afastou, como se tivesse levado uma ferroada. Houve um breve silêncio.

— Se pudesse, eu as teria queimado. Só estava tentando ajudar Thierry.

— Bem, eu não preciso que você o ajude — disse ela secamente. — Não precisamos da sua ajuda nem da ajuda de ninguém.

Ele observou o rosto dela, depois, com a mandíbula cerrada, saiu andando. Isabel observou-o se afastar.

— Eu mesma posso protegê-lo! — gritou. Ele estava a uns quinze metros quando ela acrescentou: — Posso proteger os dois!

Ele não diminuiu o passo. Um grande soluço escapou de Isabel.

— Tudo bem — disse ela, com a voz embargada. — Byron, diga por quê?

Ele parou e se virou. Ela estava ao lado de um carvalho caído, o lago quase invisível às suas costas. Estava com as mãos no quadril, o rosto corado.

— Por que ele contou tudo isso a você e não a mim? Por que não conseguiu me contar? Sou a mãe dele, não sou? Posso nem sempre ter sido uma boa mãe, mas eu o amo desde que ele nasceu.

Sou tudo o que ele tem. Por que contou a você e não a mim?

Byron notou o sofrimento no rosto dela, o choque e a tristeza sob aquela aparência feroz. Um animal ferido atacava qualquer pessoa.

— Ele estava com medo — respondeu.

Ela pareceu se encolher um pouco. Encarou o céu e fechou os olhos por um instante. Se fosse outra pessoa, pensou Byron de repente, qualquer outra no mundo, poderia ter se aproximado dela e tê-la abraçado. Poderia ter oferecido a essa mulher sofrida um leve consolo.

— O silêncio dele era para proteger você.

Esperou só até ela se afastar e saiu com firmeza para a estrada.

*

Ele estava acordado quando ela voltou. Mesmo à meia-luz do quarto, Isabel notou seus olhos fixos

nela. Desconfiou que ele estava esperando havia algum tempo. Devia ter adivinhado o que Byron diria. Mas ali naquele momento ela não sabia o que dizer. Nem sequer tinha certeza de ter assimilado a verdade do que lhe fora revelado. Mas sabia que precisava livrá-lo daquele fardo.

Colocou a mão em sua cabeça, sentindo o cabelo macio familiar.

— Sei de tudo — sussurrou —, e está tudo bem. — Concentrou-se em manter a voz calma. — As pessoas… nem sempre agem como deveriam, mas não tem importância. Ainda amo seu pai e sei que ele me amava.

Uma mãozinha emergiu das cobertas e pegou a dela, que acariciou seus dedos.

— O que você leu naquelas cartas não tem importância, Thierry. Não muda nosso amor por papai, nem o amor dele por nós. Você não deve se preocupar com isso. — Ela fechou os olhos. — E precisa saber de mais uma coisa, algo muito importante. Não há nada tão ruim que você não possa me contar. Está entendendo, Thierry? Não precisa guardar coisas assim. É para isso que estou aqui.

Houve um longo silêncio. Já estava completamente escuro lá fora, e Isabel se deitou na cama ao lado do filho. Do lado de fora da janela, as estrelas eram pontinhos luminosos no céu noturno, sugerindo uma grande luminosidade.

Como pode ter sido tão incompetente enquanto mãe para que seu filho caçula não se sentisse capaz de confiar nela? Como deve ter sido frágil, egocêntrica e egoísta para que ambos se sentissem obrigados a protegê-la.

— Pode me contar qualquer coisa — insistiu, quase para si mesma.

Estava consumida pelo sofrimento e pelo choque, e se perguntou por um instante se não poderia simplesmente dormir ali. Ir para o andar de cima lhe parecia impossível.

A voz de Thierry rompeu o silêncio:

— Eu disse a ele — sussurrou. — Eu disse que tinha ódio dele.

Isabel ficou em alerta no mesmo instante.

— Tudo bem — falou logo depois. — Você pode dizer o que sente. Tenho certeza de que seu pai entendeu. Realmente, eu…

— Não.

— Thierry, meu amor, você não pode…

— No dia em que vi os dois. Antes do concerto. Ela foi lá em casa e eu vi os dois… e papai tentou fingir que não era nada. Mas não sou burro. E eu disse a ele… Eu disse a ele que queria que estivesse morto.

Começou a soluçar no colo dela, os pequenos punhos agarrando sua camisa. Isabel fechou bem os olhos no escuro, para o lugar sombrio onde seu filho passara meses e, engolindo o grito que subia pela sua garganta, abraçou-o com força.

20

Naquele dia, ela saíra de casa duas vezes, uma para colher legumes na horta, caminhando cabisbaixa, com um escorredor na mão. Estava com uma camiseta desbotada e um short feito a partir de uma calça cortada, o cabelo emaranhado preso com um grampo grande do qual tentava escapar. O calor fazia as roupas grudarem na pele, pairando o dia todo sobre o lago, abafando movimentos e sons, aliviado apenas pelo sussurro de uma brisa.

No bosque, estava um pouco mais fresco, mas, em meio às árvores, a casa reverberava no calor.

As telhas de ardósia, que haviam sido consertadas, brilhavam, livres do musgo que cobria suas vizinhas. O revestimento que fora trocado contrastava gritantemente com a madeira mais antiga.

No tempo certo, seria pintado de outra cor, mas era evidente que o trabalho tinha sido bem-feito.

A restauração transformaria o prédio.

Quando trabalhava de acordo com suas plantas arquitetônicas, Matt McCarthy não poupava esforços. Entendia a beleza de um trabalho bem realizado e adquirira experiência suficiente com o passar dos anos para saber que o barato — acessórios de segunda linha, pisos na promoção — sempre saía caro. Quando queriam coisa boa, não poupava esforços. A casa ficaria perfeita.

No início, se seu bom gosto e perfeccionismo haviam levado Isabel Delancey a gastar mais do que podia, ele não vira mal nisso. Era simplesmente uma forma de apressar as mudanças das duas famílias: a sua para a Casa Espanhola e a dela de volta para Londres. As coisas que ela lhe pedira para fazer, as poucas exigências que fizera, ele executara de qualquer maneira, sabendo que não fazia tanto sentido caprichar muito num trabalho que teria de ser refeito meses depois. Quando ela não se intimidara com os preços, os riscos aparentes da casa, fossem ratazanas ou assoalhos podres, ele inventara mais obras. Uma parede que precisava ser derrubada, vigas que precisavam ser trocadas. No fundo, ficara espantado que ela tivesse levado tanto tempo para questionar o que ele fazia.

Matt enxotou uma mosca que tinha entrado pela janela aberta. Isabel havia saído pela segunda vez, logo depois do almoço, esfregando os olhos

como se tivesse acabado de acordar. Ele pensara em falar com ela, mas o menino correra atrás da mãe, com o cachorro latindo nos calcanhares.

Ela se abaixara e beijara o filho, e ele lembrou como os lábios dela haviam cedido aos seus, seu corpo enroscado no dele.

Talvez Matt tenha cochilado um pouco, o banco da frente da caminhonete reclinado enquanto tentava descansar os olhos. Era muito difícil dormir no momento. Sua casa virara um ambiente hostil: os olhares acusadores de Laura acompanhavam-no para todo lado, e suas perguntas eram amargamente educadas. Era mais fácil evitar a casa o máximo que pudesse. Desconfiava que ela tivesse se mudado para o quarto de hóspedes: a porta estava fechada da última vez que fora ao andar de cima. Mas, por outro lado, a porta do quarto deles também.

As últimas semanas haviam assumido uma configuração estranha. O calor atormentava os dias, fazendo-o acordar e cochilar em horários atípicos, sentir-se ora exausto, ora quase eufórico de energia. O filho o evitava. Byron desaparecera. Ele se esquecera de despedi-lo e, quando ligou para saber onde estava, ficou chocado com a resposta ríspida que recebeu. Era o calor, explicara Matt, esquentando a cabeça. Byron não respondera. Matt continuou falando por mais algum tempo até perceber que não havia ninguém do outro lado da linha.

Tinha ido ao Long Whistle. Não se lembrava da última vez que fizera uma refeição decente.

Theresa prepararia alguma coisa para ele, com um sorriso simpático. Só que, em vez disso, ela lhe disse, na lata, que não serviam mais refeições e, depois de ele ter implorado, oferecera um pão com presunto seco. Não quis conversar com ele, nem quando ele implicou com ela por causa do comprimento da saia. Ficou de braços cruzados no fundo do bar, olhando de cara feia como se ele fosse um cachorro. Ele ficara sentado por algum tempo, até se dar conta de que ninguém no pub falava com ele.

— Será que cresceu outra cabeça em mim? — perguntou, irritado, sem aguentar mais o escrutínio das pessoas.

— Você devia dar um jeito na que tem, cara. Coma esse pão e vá embora. Não quero confusão — disse o dono do pub, pegando o jornal e desaparecendo nos fundos.

— Você devia ir para casa, Matt. — Mike Todd se aproximara dele, baixando a voz para ninguém mais ouvir. Deu-lhe tapinhas nas costas. Era estranho, havia pena em seus olhos. — Vá para casa descansar.

— Quando você vai ver essa minha casa? — perguntou, mas Mike pareceu não ouvir.

— Vá para casa, Matt — insistiu.

Fora mais fácil simplesmente se sentar no carro. Não sabia ao certo há quanto tempo estava ali, mas já era o bastante. Esquecera-se de carregar o celular, mas não tinha importância, pois não queria falar com ninguém. Matt ficou olhando para a fachada da casa, sem notar os andaimes nos fundos, a caçamba de entulho transbordando, a janela com a lona tremulando, e sim a sua casa. O

casarão, que recuperara sua glória original, com ele descendo pelo gramado até o lago. Lembrava-se de estar de bicicleta naquele local exato, ainda criança, jurando vingança. Haviam acusado seu pai de roubar duas rodas sobressalentes dos carros antigos e não se retrataram, por vergonha ou por preguiça, quando as peças ofensivas foram encontradas na garagem, apesar de George McCarthy ter trabalhado irrepreensivelmente para a família durante quase quinze anos. Mas aí já era tarde demais: Matt e a irmã tiveram que se mudar da casa na propriedade para uma da habitação social em Little Barton, e o nome da família fora manchado pelos Pottisworth. Desde esse dia, sabia que a casa tinha que ser dele. Apagaria o sorriso afetado de Pottisworth. Mostraria quem ele era à família de Laura, que reparava com uma repugnância educada e mal disfarçada em seus sapatos e no jeito que ele segurava os talheres à mesa.

Conseguiria a casa para os McCarthy. Provaria a todo mundo ali que o que importava não eram as origens, mas o que a pessoa conseguia alcançar. Recuperaria a casa e a reputação de sua família.

Devia ter sido bem simples garantir que a viúva, a intrusa, não o atrapalhasse durante muito tempo. Mas depois, numa noite de vento do início do verão, a viúva se transformara em Isabel, uma Isabel viva e palpitante que inundara sua mente de música e fizera sua vida parecer apagada, cinzenta e silenciosa. Isabel, que flutuava etereamente pelas árvores, cujos quadris gingavam com a música, que olhara para ele com olhos oblíquos e provocantes, que o fizera perceber aquilo que estava tentando alcançar, aquilo que deixara de ver enquanto se preocupava com coisas práticas e cálculos de área. A única mulher que já representara um desafio. Continuava desejando a casa…

Ah, continuava sabendo que era sua. Mas isso já não bastava.

Matt McCarthy fechou os olhos e tornou a abri-los, tentando dissipar o ruído em sua cabeça.

Ficou mexendo no painel do aparelho de som até a Música Aquática, de Handel, começar.

Aumentou o volume. Então, como se as cordas o acalmassem e o revigorassem, tirou o caderno do porta-luvas e começou metodicamente uma lista de todas as coisas que ainda precisava fazer, da vedação dos canos até a instalação da última janela. Lembrava-se de cada prego, de cada placa de gesso. Ninguém conhecia aquela casa melhor que ele. Ficou sentado escrevendo, ignorando as páginas cheias que caíam no chão à medida que o sol baixava por trás da Casa Espanhola.

*

Isabel passou três dias e duas noites sem dormir. Ficava acordada, envolvida em um milhão de

confrontos silenciosos com o falecido marido. Recriminava-o pela infidelidade, censurava-se por tê-lo abandonado por tanto tempo a ponto de ele ter sentido necessidade e aproveitado a oportunidade. Relembrava os eventos familiares, férias, viagens, incluindo essa mulher no que considerava recordações da família. Os gastos excessivos, as viagens mais frequentes do marido no ano anterior: tudo fazia sentido e um horroroso padrão se apresentava. Nada lhe pertencia mais, nada era exclusivamente deles. O caso do marido corrompera tudo. E ela sentiu ódio de si mesma por ter sido autocentrada demais para perceber o que estava acontecendo, complacente demais para pensar em conferir contas bancárias e faturas de cartões de crédito.

À meia-noite, jogara a aliança no lago, sem saber se ria ou se chorava quando não ouviu o barulho da água. Mas sobretudo chorava pelo que, por negligência, ele causara ao filho. Naquele mesmo dia, no café da manhã, ela lembrava que Laurent beijara a cabeça de Thierry, comentando como ele estava grande. Será que tinha sido uma mensagem cifrada? Uma maneira de Laurent avisá-lo para não contar? Será que esconder sua infidelidade teria sido mais importante para ele do que a paz de espírito do filho? Ou teria dito que Thierry estava crescido simplesmente porque de fato estava?

Saber daquilo corrompia tudo. Deixava-a atordoada.

Matt havia aparecido na manhã seguinte à sua descoberta, e quando ouviu o carro dele e a batida na porta dos fundos — pegara as chaves de emergência embaixo do capacho —, abrira a porta e dissera que não era conveniente que ele entrasse.

"Você precisa do banheiro pronto", dissera ele. "Faz semanas que fala nisso. Estou com todo o material no carro."

Matt estava com uma aparência horrível. A barba vários dias por fazer e a camiseta estava imunda. Não imunda de obra, mas amarrotada, encardida, como se tivesse dormido com ela.

"Não", respondera ela. "Não é um bom momento."

"Mas você disse que queria…"

"Há meses estamos usando uma tina de metal. Agora não vai fazer a menor diferença, vai?"

E fechara a porta, sem se importar se havia sido grosseira, ou se Kitty voltaria a se queixar de que viviam em condições pré-históricas. Odiava Matt por ser homem. Por ter dormido com ela sendo casado também, e por não ter a elegância de fingir que pensava no que estava fazendo. Ela contorceu o rosto quando se lembrou de sua própria duplicidade irrefletida. Não fizera com Laura aquilo que a deixara tão desesperada por terem feito com ela?

Ninguém mais apareceu na casa. Ela ignorou os poucos telefonemas. Por fora, fez uma apresentação digna de um virtuose. Cozinhou, admirou os pintinhos novos e ouviu atentamente quando Kitty chegou com Anthony do hospital onde Asad se recuperava bem do ataque de asma.

Escutou, satisfeita, a voz do filho. No começo, era hesitante e tímida, mas ele pediu o café da manhã em vez de se servir de cereal em silêncio, chamou o cachorro, e, naquela tarde, ela o ouviu rindo quando o animal saiu perseguindo um coelho perto do lago.

Estava feliz pelo fato de os filhos não quererem mais voltar para Londres: da noite para o dia, a casa em Maida Vale transformara-se de um idílio perdido num lar confortável, um lugar de decepção e segredos.

À noite, quando os filhos já estavam dormindo e ela se sentia incapaz de tocar violino, ficava andando pela casa inacabada, na companhia dos mosquitos que haviam descoberto um jeito de entrar pelas janelas que faltavam, das criaturas noturnas que corriam embaixo do assoalho ou nos beirais. Já não via as placas de gesso expostas. O fato de a casa estar no osso em alguns lugares não a tornava um lar nem mais nem menos do que

o suposto porto seguro em Londres. Não tinha nada a ver com decoração ou estofados, nem com o número de tábuas que faltavam no piso. Não tinha a ver com riqueza nem com segurança.

Ela já não sabia o que constituía um lar. Além dos dois corpos adormecidos tranquilamente no andar de cima.

*

Erva-alheira. Cardamine hirsuta. Tomilho bravo e cantarelos. Byron caminhou pela beira do

bosque, onde os troncos velhos levavam para os pastos, demarcados por anos de sucessivos agricultores, e, sob a luz tênue, colheu uma ceia nos lugares que conhecia desde criança. Tinha emagrecido, mas desconfiava que isso se devia menos ao fato de ter que procurar o que comer do que à perda de apetite.

Passara os últimos dias escondido, dormindo nas horas que fazia mais calor, e vagando pelo bosque à noite, tentando decidir o que fazer em seguida.

Ela desconfiava dele. Isso estava claro. Percebera pelo jeito que ela se sobressaltara ao vê-lo se aproximar por entre as árvores, pelo sorriso, muito escancarado, muito alegre. Ouvira na natureza forçada de seu cumprimento, como se não quisesse lhe mostrar como estava com medo. Ele conhecia essa reação: vira-a naqueles conterrâneos que sabiam de sua fama sem o conhecer pessoalmente.

Quando Byron imaginava Isabel com medo dele, a família dela achando que ele poderia lhes fazer mal, algo pesado se abatia sobre ele, como uma mortalha.

Sabia que não fazia muito sentido tentar permanecer com os Barton. Seu passado, por mais equivocadamente que fosse relatado, iria persegui-lo feito um cheiro ruim enquanto lá houvesse gente feito Matt. E com a redução das terras, engolidas por novos e "únicos" empreendimentos residenciais, unidades industriais ou terras agrícolas, havia poucas pessoas na região que poderiam lhe oferecer trabalho. Ele vira as novas possibilidades de carreira para pessoas como ele: repositor de mercadorias, segurança, taxista. Algo dentro dele morria quando lia os anúncios e se imaginava num estacionamento de concreto, ouvindo o supervisor lhe dizer quando tirar um intervalo de quinze minutos e recebendo um salário mínimo pago de má vontade.

Eu não devia ter desafiado Matt, disse a si mesmo, pela centésima vez. Devia ter ficado quieto.

Mas não achava aquilo.

*

— Alô?

Ela escrevera a primeira linha do seu endereço no alto da carta: Beaufort House, nº 32, Witchtree Gardens. Uma coisa estranha para uma amante, pensou Isabel. Ser tão específica.

Como se ele pudesse confundi-la com outra pessoa.

Quarenta e oito horas depois de ter recebido as cartas, ligara para o serviço de informações sobre listas e descobrira que só havia uma Karen naquele endereço. Karen Traynor, destruidora de casamentos e de lembranças. Quem imaginaria que duas palavras pudessem causar tamanho impacto na vida de tanta gente? Isabel imaginou-a alta, loura, atlética, talvez com vinte e tantos anos. Com uma maquiagem impecável, afinal mulheres sem filhos sempre estavam maquiadas: tinham tempo para ser narcisistas. Tocava algum instrumento? Ou Laurent gostara de ficar com uma pessoa que não estivesse com a cabeça sempre em outro lugar.

Não sabia o que diria, embora tivesse ensaiado uma centena de argumentos, mil insultos apropriados. Desconfiava que seria capaz de berrar com a mulher ou simplesmente gritar. Exigiria saber onde o dinheiro fora parar. Para onde Laurent a levara? Quantos hotéis, quantas férias em Paris, quantos mimos caros tinha lhe proporcionado enquanto Isabel presumia que ele estava viajando a negócios? Mostraria à mulher o que ela havia feito, explicaria que, ao contrário do que Laurent poderia ter dito (o que ele tinha dito?), ela fora uma intrusa num casamento que ainda era cheio de paixão, ainda pulsava, ainda estava vivo. Faria essa mulher leviana e egoísta entender a situação. Faria ela perceber.

E então, o telefone parou de tocar, e uma voz feminina, fluente, normal, provavelmente não muito diferente da sua, disse:

— Alô. — E após uma pausa: — Alô?

E Isabel, uma mulher que considerava a vida vazia se não tivesse a cabeça cheia de sons gloriosos, descobriu que só conseguia ouvir em silêncio.

Na terceira noite, a onda de calor arrebentou. O céu escureceu bruscamente, com um ronco de trovoada, feito tímpanos se aquecendo para o grandioso final, e depois, acompanhando nuvens sujas que deslizavam na direção deles num ímpeto impaciente, veio uma tempestade torrencial.

Fez as criaturas na área correrem para se abrigar e rios gorgolejarem na direção das valas.

Byron se sentou no subsolo da casa e ficou escutando, primeiro as exclamações de Isabel e Kitty, que corriam até o varal, gritando e se molhando enquanto pegavam as roupas. Depois, com um sorriso irônico, Thierry, que cantava sozinho ao passar pelo quarto de Byron: "Chove chuva!

Chove sem parar!", de um jeito alegre e desinibido. Os cachorros estavam sentados, em alerta, os olhos se movendo da porta para Byron, aguardando um sinal, qualquer sinal, de que também podiam correr lá para fora, mas ele ergueu a mão e, com um gemido, os animais sossegaram.

— Pois eu vou fazer uma prece para a chuva parar.

Quando os passos desapareceram para dentro da casa, Byron se levantou devagar. Tinha guardado cuidadosamente seus pertences em dois sacos. Assim que estiasse um pouco, atravessaria o bosque até onde tinha deixado o carro e partiria.

Uma porta bateu. Acima dele, abruptamente, o ar se encheu de música. Uma orquestra inteira, uma melodia dramática que ele já ouvira. Escutou a voz de Kitty, suplicando.

— Ah, isso não.

E depois fecharam uma janela e o som foi abafado. Só conseguia ouvir os violinos, as vozes se elevando numa exaltação.

Byron pegou uma caneta e escreveu um bilhete, dobrou-o com cuidado e o colocou em cima do boiler. Depois se sentou, a noite cada vez mais fechada, e esperou.

*

— Nicholas?

— Você recebeu? — Ele não perguntou quem era.

— São lindas — disse ela com doçura. — Lindíssimas. Chegaram pouco antes da hora do chá.

— Eu estava preocupado. Achei que talvez ele quisesse saber quem tinha mandado. Mas você disse…

— Ele não está aqui. Não sei aonde vai, mas agora é raro ficar em casa.

Não lhe contou que, quando estava passeando com o cachorro, vira o carro do marido parado no bosque. Por que não estacionar na porta da casa da viúva?, perguntara-lhe em silêncio. Pelo menos seria honesto da sua parte.

— Eu queria mandar rosas, mas achei que seria muito óbvio.

— De qualquer maneira, a maioria das rosas não tem mais cheiro.

— E a moça sugeriu lírios. Mas não são um pouco fortes demais? E fúnebres?

Ele queria mostrar a consideração que tivera ao lhe comprar as flores. Ela ficou comovida com isso.

— Peônias são as minhas preferidas — disse ela. — Você é muito esperto…

— Desconfiei que fossem. Eu queria que soubesse… que penso em você o tempo todo. Não estou te pressionando, mas…

— Vou decidir, Nicholas…

— Eu sei…

— É só que as coisas estão acontecendo bem depressa. Prometo que não vai demorar muito mais.

Sentou-se na beirada da cama e olhou para a mão esquerda, para o anel de brilhantes que a mãe achara vulgar. Será que um anel vulgar seria preferível a uma filha adúltera?

— É complicado. Tem meu filho e tudo o mais.

— O tempo que você precisar.

Desejou que ele estivesse ali. Sentia-se segura de tudo quando ele estava com ela, quando sentia as mãos dele e via a sinceridade em seu rosto. Quando estava sozinha, sem Matt lançando uma sombra sobre a casa, e a Casa Espanhola fazia sua imaginação correr solta, sentia-se péssima.

Será que ele estava lá agora? Rindo dela? Fazendo amor com aquela mulher?

Mal conseguia aparecer no vilarejo. A loja dos Primos continuava fechada. Desde a briga de Matt com Asad, as pessoas viravam a cara para ela, como se fosse culpada por associação. Não podia encontrar as amigas: não se sentia preparada para contar a verdade para ninguém sobre o que

estava acontecendo com seu casamento. Sobre o que ocorrera com seu casamento. Morava lá havia tempo suficiente para saber que sua vida não demoraria a ser tornar tema de conversa.

Uma lágrima caiu inesperadamente, deixando uma mancha escura na sua calça, e a gota se espalhou.

— Ainda posso ver você na terça-feira?

— Ah, Nicholas — disse ela, enxugando o rosto. — Precisa mesmo perguntar?

*

Era a primeira vez que chovia e não havia nenhum vazamento, e Isabel, que já não considerava

natural esse tipo de coisa, achou que era um pequeno milagre. Talvez Matt tivesse alguma utilidade, afinal. A tempestade dissipara algo, trazendo uma perspectiva diferente e, por um instante, ela pôde se esquecer das contas, da traição, de Laurent, e aproveitar a gritaria desenfreada dos filhos na chuva, e a água na pele após dias de calor grudento. Escutara a conversa deles aquela noite, não reclamara quando jogaram meias molhadas um no outro, fazendo o cachorro latir.

Dormira aquela tarde na cama desarrumada, e acordara calma e fresca, como se uma febre tivesse passado. A tempestade deixara todos mais leves.

Foi para o quarto de Thierry. Ele estava deitado, com o cachorro em cima do edredom. Não brigaria com ele: se isso o fazia feliz, algumas pegadas de lama eram um preço pequeno a se pagar. Isabel fechou as cortinas, ouvindo um trovão ao longe, vendo uma estranha meia-luz azul à medida que a tempestade se deslocava para o leste. Depois, ao se abaixar para lhe dar um beijo de boa-noite, ele agarrou seu pescoço.

— Eu te amo, mãe — disse, e as palavras cantaram em sua cabeça.

— Eu te amo, Thierry — disse ela.

— E amo Pepper.

— Ah, eu também — afirmou ela com firmeza.

— Eu queria que Byron não tivesse ido embora.

— Embora para onde?

Ela estava cobrindo o menino, um olho no mapa das constelações que tapavam um buraco no gesso, e outro no trabalho que ficara incompleto.

— Ele não tem onde morar — explicou o menino. — Tem que ir embora para arranjar outro emprego.

Ela recordou, envergonhada, como se enfurecera com Byron. Lembrou-se das cartas em sua mão, do cheiro de mofo quente subindo de um tronco apodrecido. Da descarga de adrenalina que acompanhou uma descoberta indesejada.

Tinha ficado tão transtornada que não conseguia se lembrar direito do que dissera a ele.

— Você pode dar um emprego para Byron? Ele podia tomar conta da nossa terra.

Ela lhe deu outro beijo.

— Ah, meu amor, se a gente tivesse dinheiro eu daria…

Pensou em lhe pedir desculpas. Não queria que Byron fosse embora com as coisas entre eles daquele jeito. Depois de tudo o que tinha feito por ela, por Thierry. Não precisamos da sua proteção, respondera ela.

— Vou falar com ele. Onde ele está?

Alguns silêncios são mais pesados que outros. Ele olhou para ela, como se avaliasse alguma coisa, e ela percebeu, um pouco chocada, que o filho estava guardando mais de um segredo.

— Tudo, Thierry. Lembre-se disso. Você pode me contar tudo. Não tem problema.

Pegou a mão dele, tentando não deixar a voz revelar sua ansiedade. Houve uma brevíssima hesitação. Uma leve pressão na mão dela.

— Ele está embaixo da casa — respondeu.

*

Isabel desceu os degraus em silêncio, os pés descalços chapinhando no chão de arenito de York.

Tinha ficado tão aturdida com o que Thierry lhe contara que se esquecera de que estava descalça, até sentir o cascalho molhado sob os pés. A essa altura, isso já não parecia fazer diferença. A luz estava diminuindo, e uma chuva fina persistia, muito depois de a tempestade ter passado. Deu a volta na casa, abaixando-se para evitar os andaimes, pisando com cuidado nos lugares onde sabia que poderia haver cacos de vidro entre as pedras. Por fim, chegou à escada que levava ao quarto de Byron. Nunca pensara em usá-la.

Viu uma luz fraca e hesitou um instante. Depois ouviu o rosnado de um cachorro. A porta rangeu quando ela a abriu e, a princípio, não conseguiu enxergar nada, mas seus ouvidos, extremamente sensíveis às diferenças de som, detectaram movimento.

Seu coração martelava. E então a lua saiu de trás de uma nuvem e iluminou parcialmente o homem no fundo do quarto. Ela deixou a vista se adaptar à escuridão, um pouco consciente dos cachorros aos pés dele.

— Há quanto tempo está aqui? — perguntou Isabel.

— Há alguns meses — disse ele, da penumbra. E enquanto ela digeria isso, ele acrescentou: — Desculpe. Quando amanhecer já vou ter ido embora. Tenho algumas oportunidades de trabalho em… — Calou-se, como se não fosse capaz de convencer nem a si mesmo.

Lá fora, a chuva caía, havia um leve sibilar nas árvores, um murmúrio das águas dos campos ao longe seguindo para as valas. Ela sentia o cheiro da terra encharcada, o calor lançando seus aromas úmidos no ar parado.

Esse tempo todo, pensou Isabel, ele estava aqui, embaixo de nós.

— Sei o que deve parecer… Eu precisava de um teto.

— Por que não me pediu? Por que não me disse que não tinha para onde ir?

— Foi o que Matt disse. Não quero que pense que estou morando aqui e… — Ele não terminou a frase. — Nossa. Olhe, Isabel… me desculpe.

Ela deixou a porta aberta e entrou no quarto embaixo da casa, consciente não de estar aflita, mas de um conforto inesperado por não ter estado sozinha nesses últimos dias de desespero.

— Não — disse ela. — Eu não devia ter escutado Matt. O que quer que ele tenha dito não é importante.

Ela balançou a cabeça.

— Preciso conversar com você sobre ele.

— Não — disse ela com firmeza. — Não quero falar dele.

— Então preciso que você saiba — disse Byron — que não sou uma pessoa violenta. Esse homem… o homem de quem Matt falou… ele batia na minha irmã. Ela não me contou, mas Lily, minha sobrinha, me falou. E quando ele descobriu que Lily tinha me contado, partiu para cima dela. — Sua voz endureceu. — Ela tinha quatro anos.

Isabel se contorceu.

— Byron, pare. Não precisa…

— Mas foi um acidente. Mesmo.

Ela notou o sofrimento na voz dele.

— Perdi tudo — afirmou ele. — Minha casa. Meu futuro. Minha reputação.

Ela se lembrou de uma coisa que ele lhe dissera uma vez.

— Você não podia ser professor.

— Eu nunca tinha batido em ninguém. Nunca na vida. — Sua voz se tornou um sussurro: — Nada mais é igual depois de uma coisa dessas, Isabel. Nada. Não é só a culpa. É a forma das coisas. É a nossa forma. — Hesitou. — Começamos a nos ver como os outros nos veem.

Ela ficou encarando ele e disse:

— Eu, não.

Ficaram parados no escuro, nenhum deles conseguia enxergar muito bem o outro. Dois contornos. Duas meras sombras. Durante meses, ela vira Laurent em todos os cantos, em todos os homens. Vira o contorno de seus ombros naqueles estranhos e ouvira sua risada em ruas cheias de gente. Murmurara para ele nos sonhos e chorara quando não conseguira realizá-lo. Num acesso de loucura, projetara-o em Matt. Naquele momento, finalmente, sabia que ele se fora. Havia uma sensação de ausência, e não de perda. Laurent deixara de existir.

Mas quem era aquele homem?

— Byron — sussurrou, erguendo a mão, sem saber o que estava fazendo. Do que aqueles dedos sabiam? A música que haviam feito surgir era falsa, uma distração. Ela confiara em algo que sabia ser uma ilusão. — Byron?

Estendeu o braço até encontrar a mão dele que se fechou sobre a sua. A pele era áspera e quente no ar noturno. O mundo começou a rodar. Sua mente se fechou no ar úmido, no perfume das prímulas, no cheiro sulfuroso do boiler. Um cachorro ganiu, e Isabel fitou a escuridão até saber que ele havia erguido os olhos para ela.

— Não precisa ficar aqui embaixo — murmurou. — Vamos lá para cima. Fique com a gente.

A mão dele se ergueu e lentamente, com delicadeza, enxugou com o polegar as lágrimas no rosto dela. Isabel inclinou a cabeça, pegando a mão dele para colocá-la em sua pele. Depois, enquanto dava um passo à frente, uma voz sussurrou:

— Isabel… não posso…

Então, envergonhada com a lembrança das mãos de Matt sobre ela, com sua cumplicidade, afastou-se dele num pulo.

— Não — disse, depressa. — Desculpe.

Virou-se e fugiu escada acima, rápido demais para ouvir o pedido de desculpas atrapalhado dele.

21

Onze ovos e um ainda quente. Kitty encostou-o no rosto, a mão envolvendo a casca frágil. Haveria o suficiente para o café da manhã, e meia dúzia para levar para os Primos. Asad voltaria ao trabalho naquela manhã, e nos últimos dias ela preparara quatro caixas de ovos para ele.

"Seu estoque vai estar zerado", dissera dois dias antes, sentada à cabeceira dele, a cortina floral em tons pastel às suas costas.

"Então vamos abrir só para conversar, não para vender comida", respondera Asad.

Ainda parecia cansado. A crise de asma o deixara com olheiras acentuadas e uma aparência cadavérica no rosto anguloso. Henry havia reclamado que ele só estava se alimentando direito nos últimos dois dias.

Kitty tivera receio de que nenhum dos homens quisesse falar com ela, considerando o que dissera naquela tarde terrível, mas quando a menina pediu desculpas, com Anthony sem jeito atrás dela, Asad apertara a mão dela entre as suas palmas compridas e ásperas.

— Não, eu é que peço desculpas, Kitty. Devia ter avisado você há muito tempo das minhas suspeitas. Isso me ensinou uma lição. Acho que é bom descobrir que não estou velho demais para aprender.

— Aprendi a carregar uma bengala. E um inalador extra. — Henry ajeitou o travesseiro de Asad. — Ele não vai conseguir suspender nada, sabe. Esse homem…

— Ele ainda está trabalhando na sua casa?

— Não o tenho visto.

— Não sei onde ele está — disse Anthony. — Minha mãe o viu outro dia mas disse que ele não falou muito.

— Não sei como tem coragem de mostrar a cara. — Henry deu uma última batidinha vigorosa demais no travesseiro. — Provavelmente está evitando aparecer. Com um pouco de sorte, sua mãe não vai ter que pagar mais nada.

Asad olhou para Anthony.

— Desculpe por você ter que ouvir a gente falar assim do seu pai.

— Nada que eu não tenha escutado antes.

Anthony deu de ombros, como se não tivesse importância. Mas Kitty sabia que tinha e, mais tarde, quando se sentaram nas cadeiras de plástico das visitas, segurara com força a mão dele para mostrar que entendia.

Thierry entrou pela porta dos fundos e olhou por cima do ombro da irmã que estava arrumando os ovos nas caixas.

— Quantos?

— Onze. Seriam doze mas deixei cair um.

— Eu sei. Nos degraus. Pepper comeu. Adivinha quem está no quarto?

Ela fechou os olhos com cuidado.

— Qual deles?

— O quarto principal. O que Matt arrumou. — Sorriu. — Byron.

— O quê? Trabalhando?

Thierry negou com a cabeça.

— Dormindo.

— Por que ele está aqui em casa?

Thierry fez um movimento irritado com a cabeça.

— É só por algum tempo — disse. — Até ele resolver a própria vida.

Kitty pensou à frente. Aluguel! Talvez eles tivessem mais dinheiro entrando. Pensou em seu almoço de aniversário dali a alguns dias, para o qual convidara Asad, Henry e quase metade do vilarejo. Ainda não dissera à mãe quantas pessoas viriam.

Seria conveniente ter Byron por perto. Ele poderia ajudar a instalar as coisas pesadas, talvez levar a mobília para fora de casa. Como a sala de jantar ainda estava toda esburacada e a meteorologia previa tempo bom, ela e a mãe haviam concluído que seria melhor fazer o almoço no gramado. Imaginou como seria, uma toalha branca esvoaçando repleta de pratos que haviam preparado, os convidados admirando a vista do lago. Podiam nadar, se quisessem. Diria para os amigos da escola trazerem roupa de banho. Kitty ficou orgulhosa, subitamente feliz por morar naquela casa estranha. De alguma forma, com o calor e o sol, o caos das obras já não parecia incomodar, nem os andaimes nem o assoalho empoeirado. Se não fosse a falta de uma banheira decente, provavelmente poderia morar assim para sempre. Seu celular tocou.

— Kitty?

— Sim.

— É Henry. Desculpe ligar tão cedo, querida. Por acaso você sabe onde eu poderia encontrar Byron? Temos alguns servicinhos aqui e não vamos

pedir a Você Sabe Quem.

Kitty ouviu passos desconhecidos no andar de cima.

— Por incrível que pareça, sei, sim.

*

Byron se deitou na cama de casal macia e ficou encarando o teto branco imaculado. Durante

meses, tinha acordado com a visão de um chão sujo, com o assobio e os solavancos do boiler que começava a funcionar. Naquela manhã, despertou com tranquilidade, a forte claridade atravessando as janelas restauradas, o canto dos pássaros, e, vindo lá de baixo, o cheiro de café.

Passou descalço pelo chão de madeira lixado e espreguiçou-se na janela, admirando a vista espetacular do lago.

Seus cachorros estavam estirados no tapete, parecendo relutantes em se levantar. Quando ele se abaixou para lhes dar carinho, Meg ficou batendo o rabo preguiçosamente.

Isabel lhe mostrara o quarto na noite anterior, ainda sem jeito depois daquele quase encontro no escuro.

— O quarto está pronto — disse ela. — Vou arrumar a cama para você.

— Pode deixar que eu arrumo.

Aceitou a pilha de roupa de cama e estremeceu quando as mãos dos dois se tocaram.

— Sinta-se em casa — disse ela. — Sirva-se do que quiser. Você sabe onde fica tudo.

— Vou lhe pagar. Quando arranjar um trabalho.

— É sério. Primeiro dê um jeito na sua vida e depois a gente se preocupa com dinheiro — respondeu ela. Tinha o cacoete de piscar com força quando ficava sem graça. — Ajude com a comida. Cuide do Thierry quando eu tiver que sair para dar aula. Será o suficiente. — Sorriu com ironia, finalmente erguendo os olhos para ele. — Afinal de contas, tem muita coisa para fazer aqui.

Era como se confiasse nele completamente. Byron se sentou na cama, assustado com sua sorte.

Isabel teria justificativas se o acusasse de ter invadido a propriedade alheia ou coisa pior.

Qualquer outra pessoa teria feito isso.

Em vez disso ela abrira as portas de sua casa para ele, convidara-o a se sentar à mesa, confiara-lhe os filhos. Ele passou a mão no cabelo e se espreguiçou mais uma vez. Então, olhando para o trabalho de Matt à sua volta, perguntou-se por um instante o que havia acontecido entre os dois, mas afastou o pensamento. Isabel o libertara do fardo de sua história. O mínimo que podia esperar era que ele fizesse o mesmo por ela.

Além do mais, pensar nos dois juntos o incomodava. Pensar em Matt explorando-a, como fazia com todo mundo, provocava sentimentos que havia muito tempo ele fazia questão de reprimir.

Quanto dano um único homem podia causar?

Olhando para o teto, de repente ficou impressionado, não com sua beleza, mas com o abismo que existia entre a casa, a proprietária e a vida dele. Isabel o acolhera, sim, mas era uma medida temporária. Ficar naquela casa, naquele quarto, não era o mesmo do que fazer parte dali.

Seus pensamentos sombrios foram interrompidos por uma batida à porta. O rosto de Thierry surgiu, com um sorriso de orelha a orelha. Byron se deu conta, com raro prazer, que o menino parecia exultante por vê-lo ali.

— Minha mãe disse que o café da manhã está servido lá embaixo. — Limpou o nariz na manga. — E Kitty falou para você ligar para os Primos. Eles têm algum trabalho para você.

*

Ele não tinha percebido nada. Laura andava graciosamente pelo quarto, separando roupas — as

que levaria, as que deixaria para trás — e ficou espantada com a audácia do marido de voltar para casa após quase três dias de ausência e simplesmente dormir. Ele entrara em casa pouco antes de amanhecer, e ela, atenta aos mínimos ruídos, pois passara a morar praticamente sozinha, sentara-se sobressaltada. Talvez ele tivesse voltado porque sabia. Ela se preparara para o confronto. Mas ele subira a escada, passara pela porta do seu quarto e através da parede ela o ouvira desabar na cama. Em questão de minutos, estava roncando.

E dormia desde então. Era quase meio-dia.

Laura pegou um terninho que havia usado num casamento no ano anterior, duas peças claras, de grife e corte enviesado. Respeitável, não muito revelador, do estilo que Matt gostava que ela usasse. Fizera tudo do

jeito que ele gostava, pensou, atenta aos movimentos no quarto ao lado. A alimentação da família, as roupas dela, a educação de Anthony, a decoração da casa. E para quê?

Por um homem capaz de desaparecer por três dias, depois voltar para dormir em casa como se não houvesse nada fora do comum. Por um homem capaz de trepar com a vizinha embaixo do nariz dela e não ver mal nenhum nisso.

Ela estava fazendo a coisa certa. Já repetira a si mesma muitas vezes e, nas ocasiões em que questionava sua decisão, Nicholas dissera por ela. Nicholas, que sempre atendia o telefone.

Nicholas, que nunca deixava de parecer no mínimo encantado ao ouvir sua voz. Nicholas, que a abraçava e murmurava seu nome como se fosse uma miragem num deserto.

Nicholas nunca seria infiel. Não era esse tipo de homem. Exibia a felicidade recuperada como uma medalha conquistada a duras penas, e era perceptível que estava grato. Por que você não conseguiu ser grato por estar comigo?, perguntou ela a Matt em silêncio. Por que eu não bastei para você?

Pensou nas centenas de vezes ao longo dos anos em que o comportamento de Matt a levara a se mudar para o quarto de hóspedes, pensou em seus protestos mudos pela ausência dele, nas crueldades levianas dele, na infidelidade. Ele sempre a reconquistava, claro. Simplesmente a seguia, deitava-se ao seu lado e fazia amor com ela até reconquistá-la. Como se nada daquilo tivesse importância. Como se fosse irrelevante em que cama ele estava.

Ela olhou pela janela para a Casa Espanhola, desprezando-a de repente pelo que fizera aos dois. Se a viúva não tivesse se mudado para lá… Se Matt não tivesse se empenhado em consegui-la… Se Samuel Pottisworth não tivesse sentido tanto prazer em abusar de seus cuidados ao longo dos anos… Se ela nunca tivesse achado que morar lá seria, de alguma forma, a solução para todos os seus problemas…

Laura guardou de novo o terninho do casamento no armário. Mas foi a Casa Espanhola que me trouxe Nicholas, lembrou a si mesma. E uma casa não pode ser responsável por nada. São as pessoas quem criam o próprio destino.

Ela se perguntou quando Anthony voltaria para casa. Ele é que sugerira que ela largasse Matt.

Então ela precisava colocar à prova a ideia dele.

*

Isabel estava sentada na beirada da mesa da cozinha e observava Byron e Thierry prepararem uma

torta de coelho, Byron picando cebolas e descascando favas, Thierry habilmente estripando a caça.

Lá fora, o sol dourava o jardim e, no aparador, o rádio emitia um agradável barulho de fundo. De vez em quando, uma brisa suave levantava as cortinas de musselina branca, trazendo uma mosca ou uma abelha que, após algum tempo, reencontrava a saída. Os cachorros de Byron estavam deitados ao lado do fogão, aparentemente felizes de sentir o calor adicional. O clima era aconchegante, sossegado. Até Kitty estava relaxada em relação ao preparo da carne, usando a bancada da cozinha para modelar biscoitos para sua festa de aniversário.

Byron voltara meia hora antes, após instalar fechaduras extras na loja dos Primos. Entrara na cozinha com duas pesadas sacolas de alimentos.

— Eu não quis cobrar nada pelo serviço, mas eles disseram que quase todos esses produtos estavam com o prazo de validade para vencer e nós devíamos ficar com eles.

Colocou as coisas no aparador com a satisfação discreta de um caçador.

— Biscoitos de chocolate! — exclamou Thierry, espiando do saco.

— Fico com esses para a festa. E com os palitinhos de queijo. Azeite! Arroz para risoto! Batata frita!

Kitty avançou nos sacos. Quando Isabel verificou as datas nas latas de sopa e nos pacotes de biscoitos caros, descobriu que ainda faltavam várias semanas para passarem da validade. Mas reconheceu que tanto os Primos quanto Byron tinham saído ganhando com a permuta e, feliz com a perspectiva de uma despensa cheia, optou por não tocar no assunto.

— Ah… acham que isso vai dar? Eu queria que a gente tivesse mais dinheiro. Então poderíamos fazer salmão, porco assado ou algo assim. — De repente, Kitty enrubesceu. — Na verdade… tem muita coisa. Provavelmente mais do que a gente pensa.

Ela sorriu para Isabel, que, comovida com a sensibilidade da filha, retribuiu o sorriso, desejando proporcionar-lhe uma festa para comemorar seus dezesseis anos sem estar contaminada pela falta de dinheiro.

Observou a menina abrir a massa, o cabelo preso atrás das orelhas, um tom rosado nas bochechas por ter passado tanto tempo no jardim. Não contara a Kitty o que sabia.

Thierry não abordaria o assunto. Protegeria as lembranças que ela guardava do pai. Era uma espécie de presente de aniversário.

Do outro lado da mesa de pinho arranhada, a cabeça escura de Byron estava abaixada enquanto ele ouvia Thierry contar as últimas façanhas de Pepper. Pelo visto, Pepper adquirira habilidades de supercão quando estava no bosque com Thierry: era capaz de subir em árvores, correr mais que as lebres e farejar veados a quilômetros de distância. Byron escutava aqueles exageros com um murmúrio encorajador.

Por um instante, Isabel sentiu uma dor discreta, observando o filho com Byron, sendo que era o pai que devia estar ao lado do menino. Mas Thierry voltara a ser extrovertido. Já não era o garoto retraído em que se transformara. Ela sabia que só podia estar grata.

Nas raras ocasiões em que se flagrava olhando para Byron, obrigava-se a se concentrar nos números do livro-caixa. Ele rejeitara com gentileza sua abordagem impulsiva. Em algumas semanas, iria embora. Era um amigo. Ela se censurou por sua carência. Seria mais simples para todo mundo, especialmente para as crianças, se ela optasse por considerá-lo apenas nesses termos.

*

A ligação aconteceu depois do almoço. Eles estavam no jardim, estirados em cadeiras de lona

esfarrapadas que haviam desencavado numa das dependências externas e levado para o gramado a poucos passos dos andaimes. Um velho guarda-sol de golfe estava escorado numa escada, formando uma pequena sombra. Thierry, estendido na grama, lia em voz alta um livro de piadas infantis, de vez em quando gemendo horrorizado enquanto bebia refresco de flor de sabugueiro.

Pela janela aberta, Byron ouviu o telefone tocar e entrou na casa.

— Isabel? — Ele estava ao lado dela. Exibia uma expressão alegre e cautelosa. — Ofereceram um trabalho perto de Brancaster. Um bosque que precisa ser desbastado. Um homem para quem trabalhei alguns anos atrás acabou de comprá-lo e quer arrumar o local. — Acrescentou: — É um bom dinheiro.

— Ah — disse Isabel, estranhamente desconcertada. — Quanto tempo é daqui a Brancaster?

Protegeu os olhos com a mão, tentando ver o rosto dele com mais clareza.

— Cerca de duas horas. Mas ele quer que eu fique lá. Acha que vai levar uns dois ou três dias.

Tem muito trabalho.

Isabel deu um sorriso forçado.

— Quando você vai?

— Logo mais. Ele quer que eu esteja lá o quanto antes.

Isabel percebeu que ele já estava com a cabeça no trabalho. Por que diabo se sentia apreensiva?

— Posso ir? — perguntou Thierry, se levantando e largando o livro no chão.

— Dessa vez, não, T.

— Você tem que nos ajudar na festa, Thierry — respondeu Isabel. — Vai voltar para a festa, Byron? Para o almoço da Kitty? — Tentou dar um tom despreocupado à pergunta.

— Vou tentar, mas depende do trabalho. Kitty, vou lhe dar uma lista de algumas coisas que você pode fazer para a sua festa. Andei pensando que você podia preparar sorvete de flor de sabugueiro. Com o freezer vai ser fácil.

Começou a escrever instruções, e, sem querer, Isabel ficou contente por ele. Teria sido difícil para Byron depender dos outros. A perspectiva de emprego, de ser necessário, mudara a sua atitude.

— Você vai ficar bem? Sozinha?

Ele entregou o papel a Kitty e olhou para Isabel.

— Ah, acho que a gente vai se virar.

— Eu ia lhe dizer que procurasse a câmara municipal. Chame o fiscal de obras e posturas. É

função deles fiscalizar as construções. Certifique-se de que está satisfeita com o trabalho de Matt.

Ela fez uma careta.

— Tenho que pensar na casa hoje? — Tudo sempre voltava para a casa. — Está tão bom aqui…

— Isso pode lhe dar alguma vantagem quando você for falar de dinheiro com Matt. Olhe, no caminho, eu entro em contato com eles para

você.

— Então vou preparar alguns sanduíches para você — disse ela, levantando-se e limpando o short. — E alguma coisa para o jantar.

Byron já estava seguindo para a casa.

— Não precisa — disse ele, a mão erguida numa saudação de despedida. — Eu como alguma coisa por lá. Aproveite sua tarde.

*

— Não entendo por que você está tão chocado.

Laura deu um sorriso hesitante. Ela escolhera o momento com tanta cautela, esperara até ouvir Matt sair de casa e Anthony acabar o almoço. Preparara frango empanado e salada de batata, o prato preferido dele, mas ela estava sem apetite.

Contara-lhe com cuidado, apresentara a situação não como um fato consumado, mas como uma opção. Um acaso feliz. Algo que melhoraria a vida dos dois. Tentara não deixar sua felicidade transparecer de modo muito óbvio, mexendo no cabelo para disfarçar o rubor ao dizer o nome de Nicholas.

Mas Anthony ficou visivelmente chocado.

Quando o silêncio se tornou incômodo, ela tornou a falar, rearrumando o sal e a pimenta na mesa.

— Foi você, Anthony, quem disse que eu devia largar seu pai. Você insistiu para que eu saísse de casa, lembra?

— Não quis dizer que você devia trocá-lo por outro.

Ela estendeu a mão para o menino à sua frente na mesa. Ele se afastou.

— Não acredito nisso. Eu só… Enquanto reclamava do papai, você estava transando com outro.

— Não use essa palavra, Anthony. É… feia.

— Mas o que você está fazendo é lindo, não é?

— Você disse, Anthony. Foi você quem disse que eu deveria deixá-lo.

— Mas não quis dizer para você trocá-lo por outro.

— O que você está dizendo, então? Que eu devo ficar sozinha para sempre?

O menino deu de ombros.

— Então, ele pode fazer o que quiser, mas quando tenho a chance de ser realmente feliz, de ter uma relação de verdade, eu sou a errada?

Ele não quis olhar para a mãe.

— Sabe há quanto tempo estou sozinha, Anthony? Mesmo com seu pai morando debaixo deste teto? Sabe quantas vezes ele me traiu? Quantas vezes tive que me conter enquanto andava pelo vilarejo, sabendo que provavelmente estava falando com alguém que tinha acabado de sair da cama com ele?

O senso de injustiça estava forçando Laura a dizer coisas que sabia que não deveria. Mas por que ela devia ser acusada?

Anthony encostou as pernas compridas e finas no peito.

— Sei lá — disse ele. — É só que… não consigo entender.

O relógio no corredor tocou. Continuaram sentados um diante do outro, olhando para a mesa.

Estava arranhada, ela reparou, passando o dedo pelo tampo. Não tinha notado isso antes.

Por fim, Laura estendeu o braço de novo. Dessa vez, ele deixou que ela segurasse sua mão. Sua boca estava contraída numa linha fina de infelicidade.

— Conheça ele, Anthony — implorou ela, a voz macia. — É um homem bom. Um homem gentil. Dê uma chance para isso. Dê uma chance para mim. Por favor.

— Então quer que eu o conheça, e depois vá morar com vocês na sua casa nova?

— Bem… Acho que dá para dizer isso…

Ele olhou para ela e, na sua expressão, na súbita frieza de seus olhos, ela viu, pela primeira vez em anos, o pai dele.

— Nossa — disse o menino. — Você é tão ruim quanto meu pai.

*

Ela passara quase quarenta e cinco minutos tentando tocar Bruckner, mas sua mão tombou ao

lado do corpo. Não estava nem com o coração nem com a cabeça focados naquilo. Kitty fora para o vilarejo, depois de ter recebido um chamado urgente de Anthony, e Thierry estava no bosque, de onde ela o ouvia chamar o cachorro de vez em quando. Fazia mais de uma hora que Byron se fora.

Ele passara só uma noite na casa. Ela não sabia direito por que a ausência dele a deixara tão mal consigo mesma.

Voltou a encaixar o violino no queixo e a enfiar o Dampit que umidificaria o instrumento, evitando que rachasse. A Romântica, chamava-se a quarta sinfonia. O segundo movimento fora descrito pelo compositor como uma "cena de amor rústica". Ela quase riu da ironia.

— Vamos, concentre-se.

Mas não adiantava. O romantismo lhe escapava. Era culpa do violino novo, do qual ainda não conseguia gostar. Talvez fosse falta de prática. Isabel se sentou na cozinha vazia e ficou observando o gramado do lado de fora.

Não sabia há quanto tempo estava ali quando ouviu a aldrava da porta. Levantou-se com um pulo para abrir. Ele mudara de ideia.

Mas quando abriu a porta, encontrou Matt, com a bolsa de ferramentas em punho.

— Ah — disse ela, sem conseguir disfarçar a decepção.

Estava com o cabelo em pé de um dos lados, como se tivesse dormido sobre ele, mas parecia calmo, menos exausto do que da última vez em que o vira e mais parecido com o velho Matt.

— Eu não estava esperando você hoje — disse ela, sem jeito com a transparência de sua reação.

— Então, posso continuar? O reboco, o rodapé da sala de jantar e o banheiro, se lembro bem.

Ele consultou um pedaço de papel rasgado.

Isabel não o queria ali. Não queria sentir os ecos da noite que passaram juntos irradiando dele.

Acertaria as contas naquele momento, se fosse preciso. Estava cansada daquilo.

Ele pareceu perceber sua hesitação.

— Ainda quer a tubulação do banheiro funcionando, certo? Por causa da Kitty.

Kitty, pensou ela, consideraria isso o melhor presente de aniversário. Um banho demorado e luxuoso numa banheira decente. Poderia comprar sais de banho e um ótimo óleo para ela.

— Você vai mesmo terminar o banheiro? Hoje?

— Eu poderia deixá-lo quase pronto hoje à tarde. Kitty adoraria, não?

— Essas três coisas — respondeu ela, com relutância —, e depois acertamos as contas. Já tenho o dinheiro para você.

— Ah, podemos falar sobre isso depois — disse ele, e foi andando para a sala de jantar, assobiando. — O meu é com dois torrões de açúcar. Está lembrada?

*

Ele podia relaxar, afinal estava ali de novo. Nos últimos dias, enquanto estivera ausente, sentira-se

inquieto, até com saudade de casa. Mas naquele momento, de volta à Casa Espanhola, com Isabel preparando seu chá, estava tranquilo. Sua agitação interior havia acalmado. Ele tinha comido e bebido, e retornara ao lugar onde devia estar.

Trabalhou no rodapé da sala de jantar, fixando cada peça, depois preenchendo os vãos ao longo da parte superior. Ficariam bem num tom cinza-claro, pensou. Talvez um azul-claro nas paredes.

Era uma sala que dava para o sul e talvez suportasse uma cor fria.

No andar de baixo, Isabel tocava o violino, e ele parou o que estava fazendo para ouvir. Estava recordando aquela noite, a visão dela no patamar, o instrumento apoiado no ombro, concentrada na música. Aproximara-se dela, que o encarara, como se ela soubesse que ele estava por perto.

Nem sequer precisaram falar. Tinha sido um encontro de mentes. E depois de corpos. Aquele cabelo despenteado em torno do rosto dele. Aqueles dedos compridos e elegantes agarrando-o.

A chaleira chiou e a música parou. Ele terminou o rodapé e se afastou para admirar seu trabalho. Um cômodo nunca parecia acabado sem um bom rodapé. No quarto principal, usara as peças moldadas mais altas e mais caras, refletindo a altura do pé-direito, a delicadeza das dimensões do espaço. Isabel não reparara, mas a culpa não era dela. Não entendia nada de construção, de arquitetura, assim como ele não entendia nada de música. Sabia-se simplesmente por instinto quando algo estava bom. Ouviu um ruído discreto do lado de fora, foi até a porta e notou, decepcionado, que ela havia deixado o chá no corredor. Esperara que ela entrasse e elogiasse o serviço, talvez comentasse com ele. Matt teria gostado de lhe explicar como era importante que os elementos estratégicos de um cômodo dialogassem uns com os outros. As pessoas nem imaginavam que um pedreiro entendesse dessas coisas.

Mas ela precisava trabalhar, ele lembrou a si mesmo. Tinha que cuidar da sua música.

Provavelmente era melhor assim. Ele tomou um grande gole do chá fumegante. E ela o desconcentrava muito. Com Isabel na casa, ele não sabia como algum dia terminaria o serviço.

Na verdade, confrontado com a perspectiva da presença diária dela na casa, não sabia ao certo se algum dia sentiria vontade de voltar a trabalhar.

*

Isabel estava na cozinha, de onde ouvia Matt martelando. Pela primeira vez, ele estava fazendo o

que disse que faria. Parecia calmo. A reação de Kitty quando ela visse a banheira funcionando seria uma imagem de satisfação. Então por que estava sentindo um nó de ansiedade?

É porque faz semanas que você não toca bem, disse a si mesma. Uma interrupção na música sempre lhe provocava um desconforto físico. E era fácil deixar a fantasia correr solta numa casa isolada como aquela, sem o barulho constante do trânsito, de portas batendo e de transeuntes para transportá-la à realidade. Iria se concentrar no Scherzo, e quando acertasse o movimento, Matt já teria terminado e poderia sair definitivamente da vida deles. Seria apenas um vizinho que ela cumprimentaria com um aceno de cabeça quando se cruzassem na estrada, que talvez chamasse se precisasse de alguma obra. Uma presença distante.

*

Matt deixara de lado o banheiro por um instante para inspecionar os reparos do reboco do quarto de Thierry. Passou as pontas dos dedos de leve pela superfície cor-de-rosa para se certificar de que não havia ressaltos. O reboco estava frio feito alabastro. Em volta dele, as roupas e os brinquedos de Thierry estavam espalhados caoticamente, como se um tornado tivesse passado por ali. Havia peças de Lego enfiadas em calças de pijama. Calças, meias e livros estavam jogados pelos cantos.

Por um instante isso o fez se lembrar de quando Anthony era pequeno. Matt fizera uma garagem de madeira para ele, uma peça linda com um elevador e pequenos postes para marcar as vagas. Mas Anthony se recusara a brincar com aquilo, preferira criar coisas com argila e massa de modelar, o que Laura dizia ser “educativo”, e então grudara pedacinhos minúsculos no carpete bege.

Para aplicar o reboco, pegou o cartaz que havia tirado e colocou-o na cama. Depois tirava do chão um pano velho para proteger da poeira e ia sacudi-lo no patamar antes de dobrá-lo. Enquanto cuidava do pano, entreviu o interior do quarto principal. A cama estava arrumada.

Matt ficou olhando para o lençol de linho branco. Ela finalmente se mudara para o quarto que ele criara para ela… para eles. Por que não lhe contara? Aquilo era importante. Ela estava ali, no quarto de Matt.

Lá embaixo, a música dela estava fluindo melhor, parando e recomeçando com menos frequência. Um trecho longo e onírico subia até Matt, que se perguntou se continha uma mensagem para ele. Afinal, a música era sua forma de expressão. Ele largou o pano no chão e entrou no quarto, andando devagar, como que influenciado pelo ritmo da música. Notou a claridade, o brilho do verniz intacto nas tábuas do assoalho, o azul opalino do céu através das bay windows. Era tão lindo quanto imaginara.

E então seus olhos se fixaram nas botas ao pé da cama. Um par de botas grandes, sujas e desbotadas com terra seca, as solas ainda trazendo a marca de um passeio recente.

Botas masculinas.

As botas de Byron.

Matt olhou para o sapato, depois ergueu a cabeça e viu as sacolas no canto. A toalha pendurada no aquecedor que ele instalara. A escova de dentes cuidadosamente posicionada no peitoril da janela. Algo se fechou dentro dele, encolheu-se sobre si mesmo, sem deixar nada além de um grande buraco negro, um vazio, onde antes estavam seus sentimentos.

Byron e Isabel no quarto principal. No quarto dele.

Na cama dele.

Matt balançou a cabeça duas vezes, como se tentasse clarear os pensamentos. Ficou imóvel. O

ruído alto e acelerado que ouvia era a sua respiração. Saiu do quarto e atravessou o patamar, depois desceu lenta e pausadamente a escada. Em direção à música.

*

Havia muitas coisas que adorava na experiência de participar de uma orquestra, pensou Isabel, ao entrar nos últimos compassos do Finale. Conhecia alguns músicos que comparavam a orquestra a uma fábrica e consideravam a seção de cordas apenas uma máquina de fazer salsichas musicais, tocando sob medida, seguindo instruções. Mas ela adorava o

companheirismo, a animação de construir uma parede a prova de som, o modo como até a harmonia de afinar o instrumento na frente de um bom público podia deixá-la sem fôlego. E havia os raros momentos de gênio inspirador de um grande regente. Se ela pudesse dar algumas escapulidas para fazer isso, nem que fosse duas vezes por mês, se revigoraria. Lembraria-se de quem era fora daquela casa.

Foi quando estava passando resina no arco que ouviu alguma coisa.

— Matt? — chamou, pensando que talvez o tivesse escutado na escada.

Mas não houve resposta. Isabel posicionou o violino no queixo novamente e verificou as cordas, fazendo ajustes mínimos no tom. Esse violino, pensou distraidamente, nunca poderia ter o som do Guarneri. Naquele exato momento, outra pessoa provavelmente o estaria tocando, aproveitando as notas ricas da corda de sol, o brilho trêmulo da corda de lá. O que é que eu tenho?, pensou, quase rindo. Doze metros quadrados de telhas de terracota e uma nova fossa séptica.

Já ia voltar a tocar quando sentiu um baque abafado, regular e repetitivo. Ficou imóvel, pensando no que havia pedido para Matt fazer. Ele terminara o rodapé. Passar reboco não fazia barulho. No banheiro, até onde ela sabia, só faltava ligar a tubulação. Mas a batida continuou, tum, tum, tum, até que um estrondo e o sussurro de pó de gesso caindo do teto a levaram até a porta.

— Matt?

Nada. E de novo tum, tum, tum. Um barulho ameaçador.

— Matt?

Deixou o violino na mesa da cozinha e começou a subir a escada para o vestíbulo. Ele estava no primeiro andar. Ela subiu. Ficara mais fácil identificar o barulho: uma coisa pesada batendo em algo sólido.

Foi andando devagar até o quarto principal… e lá estava ele, suando um pouco com o esforço, com uma enorme marreta em punho, batendo ritmicamente na parede. Um buraco de quase dois metros quadrados mostrava o banheiro inacabado.

Isabel ficou olhando para a expressão concentrada dele, sua força muscular ao brandir a marreta para desferir o golpe. Para o enorme buraco em sua parede.

— O que você está fazendo? — perguntou.

Ele não pareceu ouvi-la. Deu mais um golpe, derrubando vários tijolos. Torrões de reboco caíram na roupa de cama branca.

— Matt! — gritou ela. — O que você está fazendo?

Ele parou. Sua expressão era inescrutável. Seus olhos, de um azul cintilante, pareceram penetrá-la.

— Não está bom — respondeu, a voz espantosamente calma. — Este quarto não está bom.

— Mas é… é um quarto lindo — gaguejou ela. — Não estou entendendo.

— Não — disse ele, com os lábios contraídos. — Você o arruinou. Agora tenho que botar isso abaixo.

— Matt, você passou…

— Não posso fazer mais nada.

Nesse momento, Isabel soube que estava tentando ser racional com alguém que já não conseguia mais fazer o mesmo. Estava em casa, sozinha, com um homem de marreta em punho.

Com os pensamentos a mil, tentava descobrir como fazê-lo parar e se ele iria passar para outro cômodo depois. Uma pequena parte dela avaliava o nível de ameaça. Seja firme, disse a si mesma.

Não deixe que ele saiba que você está assustada.

Olhou pela janela e observou Thierry atravessando o gramado em direção à casa. Seu coração começou a acelerar.

— Matt! — chamou de novo. — Matt! Olhe… você tem razão — disse, erguendo as mãos. — Você está absolutamente certo.

Ele a encarou, como se não esperasse essa reação.

— Preciso repensar tudo isso.

— Está tudo errado — disse ele.

— Sim. Está, sim — concordou ela. — Cometi erros. Ah, muitos erros.

— Eu só queria que fosse lindo — afirmou ele, olhando para o teto, com uma expressão que lhe encheu de esperança.

Ela fixou o olhar na janela. Thierry sumira. Deveria estar indo para a porta dos fundos.

— Era só o que eu queria. Falar com você.

— Eu sei. Mas agora não. Vamos ter algumas ideias e conversar amanhã, talvez.

— Só nós dois?

O buraco na parede formava uma boca enorme atrás dele.

— Só nós dois. — Ela assentiu. Colocou a mão no braço dele, para tranquilizá-lo, mas também para mantê-lo a distância. — Mas não agora, está bem?

Ele a fitou nos olhos à procura da verdade. Ela manteve o olhar firme, mas prendia a respiração.

— Tenho que ir, Matt. Preciso ensaiar. Você sabe…

Foi como se o tivesse acordado de um sonho. Ele desviou os olhos dela, coçou a nuca e assentiu.

— Tudo bem — disse. Não parecia notar o caos que havia criado. — Pode ensaiar e depois a gente conversa. Não vai esquecer, está bem?

Ela balançou a cabeça, calada.

Ele finalmente seguiu para a porta, com a marreta na mão.

*

Ela discou o número de Byron quatorze vezes, sem completar a ligação. Como poderia? Nunca o

vira tão feliz como estava com a perspectiva de um trabalho remunerado, um jantar com um velho amigo, numa casa onde ganhara seu sustento. O que ela lhe diria? Estou com medo? Estou me sentindo ameaçada? Para explicar, ela teria que lhe contar um pouco do que acontecera entre ela e Matt. E não queria que Byron soubesse o que havia feito tantas semanas atrás. Lembrou-se da mão dele se fechando sobre a dela na noite anterior, e pensou na delicada negativa dele, que lhe mostrara que não a queria mais perto. Ela não tinha direito de lhe pedir nada.

Pensou muitas vezes em ligar para Laura, mas não o fez porque não sabia o que dizer. Como poderia contar para a mulher com cujo marido dormira que estava apavorada com ele, que desconfiava de que ele estava tendo um colapso? Não poderia esperar uma reação compreensiva.

Além do mais, era possível que Laura já soubesse. Talvez já o tivesse expulsado de casa e isso o fizera perder o juízo. Talvez Matt tivesse lhe contado o que acontecera entre eles. Era impossível saber o que se passava fora daquelas paredes.

Tentou imaginar que Byron ainda morava no subsolo da casa. Volte, disse-lhe em silêncio. E

então, antes de se dar conta, estava dizendo: Volte para casa.

Naquela noite, Isabel não deixou os filhos ficarem do lado de fora da casa até anoitecer.

Chamou-os para dentro com uma desculpa: convenceu Kitty a fazer mais biscoitos para a festa e Thierry a ler em voz alta. Estava alegre e atenta. Explicou a decisão de verificar compulsivamente as janelas e os ferrolhos das portas dizendo que Matt havia deixado um equipamento caro no andar de cima e lhe pedido para ter o máximo de cuidado.

Quando eles finalmente foram se deitar, com relutância, Isabel aguardou uma hora, depois foi para o quarto. Do porta-joias quase vazio, retirou uma pequena chave de latão, que enfiou no bolso. Ele havia colocado aquilo no sótão, longe de crianças curiosas. Então ela subiu e, ofegante com o esforço — o estojo era de madeira maciça —, desceu a escada bamba e arrastou-o para o quarto.

Não olhou para o buraco na parede: seu significado e sua ameaça pareciam muito maiores à noite. Abriu o estojo, pegou a espingarda e carregou-a. Era a espingarda de caça de Pottisworth, a que Byron encontrara em cima do armário da cozinha.

Certificou-se de que estava travada e conferiu a mira. Depois deu uma volta pela casa, conferindo mais uma vez as fechaduras e tirando Pepper de onde costumava dormir na cozinha para patrulhar também.

Olhou o telefone para conferir se Byron havia ligado. Então, quando escureceu e os pássaros lá fora finalmente se calaram, sentou-se no topo da escada, de onde podia ver a porta da frente, com a espingarda no colo.

Isabel ficou escutando com atenção e aguardou.

22

Ela acordou com o som do assobio de alguém. Abriu os olhos e permaneceu imóvel, descobrindo de relance que eram quinze para as sete e Matt já estava no banheiro. Ouvia água correndo, o barulho de um barbeador numa pele áspera. Laura lembrou-se de que não havia comprado lâminas novas para ele. E Matt odiava usar lâminas cegas.

Sentou-se na cama, perguntando-se se ele estava lá enquanto ela dormia. Se tinha visto as duas malas. Se fosse o caso, não estaria assobiando.

Laura deslizou para fora da cama, saiu do quarto e parou diante da porta do banheiro, registrando a visão do marido sem camisa, o que deixara de ser familiar.

— Olá — disse ele, vendo-a no espelho.

Era um cumprimento estranhamente despreocupado, daqueles que dirigíamos a um vizinho.

Apertou o robe em volta do corpo e encostou na porta. Fazia várias semanas que não ficava tão perto de Matt. O corpo seminu dele parecia tão familiar quanto o dela, mas estranho, como se já não fosse algo que ela devesse observar.

Afastou da testa uma mecha de cabelo. Ensaiara muitas vezes essa conversa.

— Matt, precisamos conversar.

O olhar dele não desviou do espelho.

— Agora não dá tempo. Tenho uma reunião importante.

Ergueu o queixo, para examinar melhor a barba. Ela manteve a voz serena: — Infelizmente é importante. Preciso lhe contar uma coisa.

— Não posso demorar. Tenho que sair de casa em… — consultou o relógio — …vinte minutos. No máximo.

— Matt, a gente…

Ele se virou, balançando a cabeça.

— Você nunca ouve, não é, Laura? Nunca ouve o que eu digo. Não posso falar com você agora. Tenho coisas para fazer.

Havia algo estranho em seu tom de voz, um pouco decidido demais. Mas era impossível saber o que se passava na cabeça dele. Ela preferiu não

falar nada. Deu um longo suspiro trêmulo.

— Tudo bem. Quando você volta?

Ele deu de ombros e continuou raspando o queixo com o barbeador.

É assim que acaba?, perguntou ela. Sem discussão? Sem briga? Sem estardalhaço? Só preciso marcar uma hora para resolver as questões básicas, enquanto vejo você se barbear para outra pessoa? Essa sou eu, lidando com a situação do meu jeito habitual ridículo e civilizado, tentando educadamente fazer você admitir que nosso casamento acabou?

As palavras emergiam de forma desconfortável, como se sua garganta estivesse inchada.

— Precisamos resolver isso, Matt. O que está acontecendo. Entre a gente.

Ele não disse nada.

— Podemos conversar hoje à noite? Você vem para casa?

— Provavelmente não.

— Pode me dizer onde vai estar? Na Casa Espanhola, talvez? — Não conseguiu disfarçar o tom de angústia na voz.

Ele passou direto por ela e despareceu no corredor, como se ela não tivesse mais importância do que o leiteiro. Laura escutou-o assobiando e fechou os olhos. Quando os abriu, notou que a toalha branca e macia, que ele pendurara, estava manchada de sangue.

*

— Guardanapos. Você precisa de guardanapos. A não ser que tenha aqueles adamascados bonitos.

— Será que precisamos mesmo, se vamos comer lá fora?

Henry deu seta para a esquerda e trocou de pista. Kitty estava sentada atrás e acrescentou outro item à lista cada vez maior. Nunca tinha dado uma festa. Não sabia qual era a quantidade de detalhes envolvidos na organização de um evento.

— A gente tinha guardanapos decentes — disse ela. — Mas sumiram na mudança.

— E os meus patins — disse Thierry ao lado dela. — Também nunca mais apareceram.

— Daqui a alguns anos vocês encontram os guardanapos. Provavelmente depois de terem comprados novos. Vão estar dentro de

uma caixa em algum canto — disse Henry.

— Não quero esperar anos para encontrar meus patins. — Thierry ergueu o pé e apoiou-o atrás do banco de Henry. — Já vão estar muito apertados. Quando chegar lá, a gente vai tomar café da manhã?

Kitty não pretendera levar Thierry, mas quando desceu, encontrou a mãe dormindo no sofá, ainda com a roupa do dia anterior. Devia ter passado a noite ensaiando. Não seria a primeira vez.

Se deixasse Thierry e Pepper em casa, pensou, a mãe acordaria cinco minutos depois, e parecia que precisava descansar.

— Refrigerante de cola. Todo adolescente bebe isso. Tem sempre promoções boas no atacado — ponderou Henry. — E suco de fruta. Você pode misturar com água com gás.

— Acho que não vai dar para comprar suco de fruta. Vou fazer mais refresco de flor de sabugueiro.

Asad cantarolava a música do carro, tamborilando no painel.

— Gelo — disse ele. — Um saco grande. Como ainda não tem geladeira na casa, você pode pegar nossa caixa térmica para guardar o gelo.

— E quem vai carregar? — perguntou Henry. — Pesa uma tonelada.

— A gente — disse Thierry. — Cresci trinta e oito milímetros em seis semanas. Minha mãe marcou na porta.

— Você tem que fazer um orçamento — sugeriu Henry. — Vai descobrir que o seu dinheiro rende muito mais aqui, mas mesmo assim é muita gente para alimentar. Quanto você tem?

— Oitenta e duas libras — disse ela. Seriam sessenta e duas, mas sua avó francesa lhe mandara um cheque de presente de aniversário naquela manhã.

— Churrasco — disse Henry. — O que acha, Asad?

— Muito caro. Cachorro-quente está bom — respondeu. — E muitas saladas gostosas de arroz e de massa para os vegetarianos. Posso preparar para você. Sua mãe vai mesmo fazer uma sobremesa de frutas vermelhas?

Seria a melhor festa de todos os tempos, pensou Kitty. Quase todos os seus colegas de turma iriam. Eles ficaram muito animados quando lhes contara sobre o lago. Um dos amigos de Anthony ia levar um bote inflável, e Anthony tinha um colchão inflável.

— Lá no depósito tem algumas bandeirinhas antigas — disse Henry. — Podíamos pendurar para esconder os andaimes.

— Faz tanto tempo que a gente arrumou esse depósito que elas devem ter a marca "Jubileu de Prata" — observou Asad.

— E velinhas descendo até o lago para quando escurecer — disse Henry. — Podíamos colocar dentro de vidros de geleia. Com duas libras, dá para comprar uma centena.

Tinha demorado um pouco, mas, sentada no carro com os dois homens conversando na frente, Kitty percebeu que não sentia mais saudade de Londres. Seis meses antes, se alguém lhe dissesse que ainda estariam ali, que ela consideraria divertido ir num atacado com dois gays idosos, ela teria passado uma semana chorando. Mas começara a achar que talvez não quisesse voltar para Londres. Ainda sentia saudade do pai — achava que nunca pensaria nele sem sentir um nó na garganta —, mas talvez sua mãe estivesse certa. Pode ser que realmente tivesse sido melhor começar uma vida nova ali, longe de tudo o que lembrava ele.

— Um purê ou uma mousse de frutas. Morango ou groselha.

— Como se faz uma mousse de groselha? — perguntou Asad?

— É só sacolejar duas bichas velhas no carro — respondeu Henry, caindo na gargalhada enquanto os dois irmãos olhavam do banco de trás sem entender nada.

*

— Mas o que ele disse exatamente? — Ele segurou o telefone entre a orelha e o ombro. —

Espere, vou parar no acostamento.

Fez um gesto pedindo desculpas a um motorista que ele fechara sem querer, ignorando a buzinada mal-humorada.

— Que barulho foi esse? Onde você está?

Laura lhe dissera que estava no fundo do jardim. Imaginava-a ali, com o cabelo esvoaçando ao vento, a mão tapando o outro ouvido.

— Estou na estrada, saída doze.

— Mas Matt está aqui — sussurrou ela.

— Não estou indo ver você — disse ele, olhando pelo retrovisor. Nossa, estava muito trânsito naquela manhã. — Por mais que eu quisesse.

— Vai falar com ela hoje?

Nicholas freou para permitir que um carro mudasse de pista, depois parou no acostamento, deixando o motor ligado.

— Não posso mais esperar, Laura. Tenho o dinheiro… Laura?

— Sim?

O silêncio prolongado dela o deixara nervoso.

— Você está bem?

— Acho que sim. É só que… é estranho. Uma sensação estranha. De que finalmente vai acontecer.

O carro dele sacolejou quando um caminhão passou.

— Olhe, mudanças são sempre…

— Eu sei.

— Eu entendo, Laura. Já passei por isso.

Ela hesitou um pouco demais.

— Você ainda quer essa casa? É isso?

— Não é…

— Eu largo o projeto da Casa Espanhola.

— O quê?

A frase saíra da sua boca antes que ele se desse conta do que dissera.

— Eu abandono o projeto — repetiu —, se você quiser muito a casa.

— Mas é o seu grande projeto. Como vai crescer sem ele? Você me disse…

— Eu dou um jeito.

— Mas todos aqueles planos. Os financiadores…

— Laura! Escute! — Ele gritava ao telefone, tentando se fazer ouvir acima do barulho da estrada. — Se você quiser muito essa casa, vou garantir que seja sua. Ainda podemos transformá-la na casa dos nossos sonhos.

Dessa vez, o silêncio dela tinha um teor diferente.

— Você faria isso por mim?

— Precisa perguntar?

— Ah, Nicholas. — Havia gratidão na voz dela, mas ele não sabia direito pelo que Laura estava agradecendo.

Ficaram um tempo em silêncio.

— Talvez ele esteja lá, você sabe. Não diga nada, está bem?

— Sobre nós?

— Acho que ele tem que saber por mim.

— Quer dizer que não posso comentar: “Sr. McCarthy, estou dormindo com a sua mulher. E, por falar nisso, a bunda dela parece um pêssego.”

Ela não conseguiu conter o riso.

— Por favor. Pode deixar que conto a ele mais tarde.

— Seu marido, Laura, é um idiota, e eu adoraria dizer isso a ele. Mas na hora que você escolher. Olhe, tenho que desligar. Ligo depois que tiver falado com Delancey.

Desligou e ficou ali, enquanto o tráfego passava depressa, torcendo para que ela não quisesse mesmo dizer que ele precisava escolher a opção que havia prometido.

*

Matt tirou a caixinha de couro do bolso interno e a abriu, deixando o anel de rubi com pequenas

pérolas cintilarem à luz do sol. Tinha sido muito fácil identificar o que fora dela.

"Belo anel", dissera o joalheiro. "Vitoriano. Diferente."

O anel reluzia na lojinha, destacando-se das outras joias. Assim como ela.

Matt desconfiou que haviam lhe cobrado o dobro do que Isabel recebera por ele, mas não se importou. Queria ver a expressão dela quando abrisse a caixa. Queria ver sua gratidão quando descobrisse o que ele fizera por ela.

Que importância tinha o dinheiro naquele momento? Fazia anos que ele e Laura guardavam dinheiro no banco, e de que isso adiantara para eles? Ainda não conseguira mostrar a Isabel o que sentia. O anel provaria que ele entendia o que ela desejava e perdera. Ele ficava feliz por ninguém mais além dele saber sobre o anel. Um rubi: a cor da paixão, do desejo, do sexo. Segurá-lo deixou-o com a sensação de possuir uma parte dela.

Estava prestes a sair do bosque com a caminhonete para pegar o acesso da casa dela quando viu um carro estacionar. Um homem de terno saltou.

Matt reparou que o sujeito observava a casa. Talvez fosse algum velho amigo. Ou um funcionário do governo. A sensação de expectativa sumiu. Quisera escolher cuidadosamente o momento para que as crianças não estivessem em casa. Aquilo só daria certo se eles dois estivessem sozinhos.

Guardou o anel no bolso. Era um homem paciente. Tinha todo o tempo do mundo.

*

— Sim?

Por um instante, ele ficou perplexo. Depois de passar quase dez minutos batendo à porta, e chegado à conclusão de que não havia ninguém em casa, recuara alguns passos para ter uma visão abrangente da casa que ocupava seus pensamentos havia tantas semanas.

Tinha uma grande trinca diagonal descendo da janela do andar de cima; afundamento ou empolamento do solo, o que talvez não fosse nenhuma surpresa considerando que a casa fazia fronteira com um lago e um bosque. Uma nova janela tinha sido mal instalada, deixando à mostra a luz do dia que passava pelo vão entre a madeira e o tijolo que não havia sido preenchido. Um pedaço de plástico azul tremulava com desânimo no vidro. O telhado estava inacabado, com calhas soltas. As paredes estavam parcialmente cobertas de andaimes para os quais não via finalidade.

Deu mais um passo para trás. No gramado havia uma mobília de jardim capenga e descombinada, mas nem isso tirava a beleza do cenário. O lago compensava tudo. Aquele lugar lindo e sossegado tinha um clima que era raro de encontrar, o tipo de ambiente que se esperava achar num lago escocês ou em áreas ainda mais remotas. Aquela parte de Norfolk era propícia à migração diária, dissera Mike Todd. Trabalhe em Londres e more no campo. Quase podia ver o folheto de propaganda. Talvez ele e Laura pudessem ficar com uma das casas, afinal aquele lugar tinha algo de atraente.

Então ele a viu: uma mulher descabelada com uma camisa de linho amassada, semicerrando os olhos para ele.

— Pois não?

Por um instante, esqueceu-se do que queria dizer. Tinha ensaiado muito, mas a aparição inesperada dela o pegara de surpresa. Era a mulher que havia causado tanta infelicidade a Laura.

— Desculpe incomodá-la — disse ele, adiantando-se a passos largos e estendendo a mão. Ela permitiu que ele apertasse a sua. — Talvez eu devesse ter telefonado antes. Vim para falar da casa.

— Ih! Meu Deus. Foi rápido — disse ela. — Que horas são?

Ele ergueu o punho para ver o relógio.

— Quinze para as dez.

Isso pareceu surpreendê-la. Falou mais para si mesma:

— Nem me lembro de ter dormido… Olhe, preciso fazer café. Aceita?

Ele a seguiu. Isabel estava a uns dois passos à frente e entrou na cozinha. Ele tentou reprimir a antipatia instintiva. Não sabia bem o que

esperava: alguém com uma aparência menos caótica, talvez, alguém um pouco mais calculado.

— Aqui — murmurou ela. — Pode se sentar. Talvez pareça uma pergunta boba, mas viu alguma criança por aí?

A cozinha estava precisando muito de uma reforma. Fazia décadas que não era tocada.

Nicholas viu o linóleo cheio de ranhuras, a tinta desbotada na parede, que havia sido decorada com algumas fotografias, flores secas e uma peça de barro pintada, uma tentativa de dar um toque familiar a um ambiente que ele teria considerado totalmente inabitável. Em volta da casa, do lado de fora, visíveis através das janelas, havia frutas e legumes pendurados em redes cor de laranja à sombra do beiral, feito lágrimas coloridas.

Ela encheu a chaleira de água e colocou-a no fogo, depois abriu a despensa, pegou uma caixa de leite e cheirou. Ainda estava bom. No limite.

— Não temos geladeira.

— Vou tomar puro, obrigado — disse Nicholas com cerimônia.

— O que provavelmente é bem sensato — reconheceu ela, tornando a guardar a caixa.

Entregou-lhe o café, e então notou a surpresa dele com o ambiente. — Esse é o único cômodo da casa que não foi alterado. Acho que não é muito diferente de quando meu tio-avô morava aqui.

Quer dar uma olhada?

— Não se incomoda?

— Acho que precisa ver tudo.

Quem poderia tê-la informado da visita dele? Imaginara que ela estaria na defensiva, até desconfiada, mas parecia prever o que ele tinha a dizer.

Ela pegou um papel na mesa e observou por um instante o que estava escrito. Depois se virou para a janela e viu o lago.

— Pode ir — disse, tomando um gole de café. — Daqui a um minuto eu o acompanho. Preciso clarear os pensamentos. — Sorriu como quem pedia desculpas e apontou para a escada. — Não tem problema. Não há ninguém aqui para ser incomodado.

Não foi preciso falar duas vezes. Nicholas pegou a caneca e foi examinar a casa que seria o seu futuro.

*

Ela levou quase vinte minutos para reaparecer. Tinha trocado de roupa e vestido uma camiseta

limpa e uma saia larga. Também prendera o cabelo.

Ele ergueu os olhos das anotações. No patamar, olhara da porta para o que deveria ser o quarto principal.

— Está derrubando a parede desses quartos? — perguntou, pois havia entulho e pó de gesso na roupa de cama.

— É uma longa história — explicou com cautela. — Mas não. Não vamos derrubar a parede.

— Precisa concertar depressa esse buraco, ou mandar alguém instalar uma viga de aço. É uma abertura muito grande numa parede estrutural. — Ele inspecionou uma trinca no canto, mas, quando se virou, ela estava olhando pela janela. — Sra. Delancey?

— Sim? Desculpe. Eu… eu não dormi muito. Talvez seja melhor discutirmos isso mais tarde.

— A senhora se incomoda se formos lá fora? Já vi o que precisava aqui dentro.

Certamente tinha visto o bastante para clarear as ideias. O marido de Laura era um safado. A casa era uma mistura bizarra de trabalho de qualidade e serviço de demolição, como se dois profissionais diferentes tivessem feito a obra, quase um em oposição ao outro. O que estava claro, porém, era que consertar a casa seria um desafio muito maior do que até mesmo Laura podia ter imaginado. Da última vez em que estivera lá, parecera-lhe simplesmente velha, precisando de diversos reparos. Mas o que estava vendo no momento confirmava sua certeza de que a melhor coisa para aquele lugar seria derrubá-lo e recomeçar do zero. Mas como dizer isso a Laura?

Desceu a escada atrás dela e saíram da casa. Lá fora o sol estava quente, e ele se arrependeu de estar de paletó assim que puseram os pés no jardim. Seguiu-a até os andaimes, tentando em vão matar algumas moscas.

— Essa chaminé vai ser tapada — disse ela, apontando. — Pelo menos acho que é essa. E aqui embaixo está passando uma nova tubulação de esgoto… ou talvez seja ali.

Ela enumerou mais alguns trabalhos, a maioria impossível de avaliar.

De repente, ele sentiu pena dela. Sua casa estava sendo destruída bem debaixo de seu nariz, e ela estava ali no meio de tudo aquilo, aparentemente sem perceber o que se passava.

— Então, o que acha? — perguntou ela, notando a expressão solene dele.

— Sra. Delancey. Eu… — Ficou sem palavras.

Ficaram olhando a alvenaria trincada, os montes de entulho e os sacos de cimento.

Ela o olhou com cautela.

— Achou horrível, não foi? — Não esperou resposta. — Ai, meu Deus, sei que está um caos.

Acho… Acho que, quando moramos aqui, não enxergamos mais o desastre que é.

Ela parecia arrasada, e Nicholas resistiu ao impulso de consolá-la. Naquele momento entendeu o que cativara o marido de Laura. Ela era uma menina-mulher, com uma aparência vulnerável e exigia que ele a protegesse. Sem querer, fazia todo homem se sentir um cavaleiro de armadura reluzente.

— Então, o que eu devo fazer? — Ela esboçara um sorriso corajoso.

— Acho que seria útil se eu resumisse o que considerei errado. Se você realmente quiser que eu faça isso — disse ele.

— Sim — respondeu ela com firmeza. — Preciso saber.

— Tudo bem. Vamos começar pelo telhado…

*

Matt observou pelo para-brisa o homem mostrando o bloco de notas a Isabel, e então apontando

para os fundos da casa depois dos andaimes, para o ponto em que as telhas da cumeeira se encontravam com a chaminé. A princípio, pensou que poderia ser um músico, em seguida, talvez um professor — havia pouquíssimos homens nas redondezas que andavam de terno —, mas ele parecia discutir sobre a casa de Matt, sobre o trabalho de Matt. E pelo balançar de sua cabeça e pela expressão tensa de Isabel, não estava fazendo elogios.

Matt conferiu no bolso a caixinha do anel e saiu do carro. Fechou a porta sem fazer barulho e se aproximou, tomando o cuidado de permanecer parcialmente escondido pelas árvores. Não era ninguém da câmara. Ele conhecia quase todo mundo do departamento de obras e posturas.

Aquele homem se expressava bem e era desconhecido. Tinha um ar acadêmico, catedrático.

— Estruturalmente, alguma coisa aqui ficou enfraquecida — dizia o homem, apontando para a parede. — Como não tivemos um verão extremamente seco nem um inverno úmido, e a trinca até parece nova, presumo que foi causada pelas obras.

— Pelas obras? — A voz de Isabel demonstrava seu choque.

— Receio que sim. Derrubaram muita coisa lá dentro? Parece que a casa levou uma surra.

Ela deu uma risada melancólica.

— Bem, você já viu a casa toda. Foi tanta obra lá dentro que nem sempre eu consegui acompanhar.

O coração de Matt disparou num ritmo desconfortável. Que diabo aquele homem estava tentando fazer?

— Não posso falar muito sobre o sistema de drenagem e esgoto, mas obviamente o do banheiro não foi concluído. A cozinha está totalmente obsoleta. Mas esses são problemas estéticos. O

quarto principal é o único cômodo que parece ter sido reformado de acordo com algum padrão, mas há a parede danificada… Há sinais de umidade e possivelmente broca na parte leste. Tomei a liberdade de retirar uma peça do rodapé que, infelizmente, merece uma análise mais apurada.

Desconfio que haja caruncho embaixo da escada. E, pelo visto, a senhora só tem um sistema de água quente pela metade… O esquema de uma parte da tubulação é incompreensível.

— Está dizendo que isso tudo é por causa do pedreiro?

O homem de terno pareceu pensar na resposta. Enfiou o bloco de anotações embaixo do braço.

— Não. Para começar, acho que a casa já estava em péssimo estado. Mas continua em péssimo estado, e o seu pedreiro, deliberadamente ou não, pode ter piorado a situação.

Isabel arregalou os olhos.

— Deliberadamente? — repetiu.

Matt não aguentou mais aquilo. Irrompeu do bosque, avançou a passos largos até o homem e gritou:

— O que está dizendo a ela? Quem é você? Que mentiras está contando?

Sentiu a mão de Isabel em seu braço.

— Matt, por favor…

Ela fez uma careta para o homem, que não a viu, pois estava olhando para Matt como se o avaliasse, como se fosse superior a ele.

— O senhor é Matt McCarthy?

— Quem é você, porra?

O homem não respondeu, limitou-se a continuar olhando para ele, o que lhe deixou mais irritado ainda.

— O que pensa que está fazendo ao vir aqui contar mentiras para Isabel? Hein? Eu ouvi o que você disse! Ouvi a porra dessas mentiras todas! Você não sabe nada sobre essa casa nem sobre o que fiz aqui! Nada!

O homem não pareceu assustado com ele. Pelo contrário, olhou para Matt com inequívoco desprezo.

— Eu estava dizendo a verdade à Sra. Delancey sobre o que foi feito nessa casa. E posso lhe dizer, Sr. McCarthy, que ouvi histórias do que o senhor tinha feito aqui muito antes de ver pessoalmente.

— Histórias do que ele tinha feito aqui? — repetiu Isabel. — Como assim?

A visão de Matt ficou turva e ele começou a gritar, urrar. Virou a mão preparando-se para desferir um soco naquele pomposo intruso de terno.

— Você acha que sabe, é? Acha que sabe tudo sobre essa casa?

Isabel implorava para Matt se acalmar. Ele sentia seu leve perfume enquanto ela tentava segurá-lo, mas nem isso conseguiu contê-lo.

*

Laura estava no jardim, cortando rosas, quando ouviu Matt esbravejar, uma gritaria rude,

desagradável. Depois surgiu a voz de outro homem, mais calma. E um grito de mulher, assustado.

Laura sentiu um frio na barriga. Nicholas contara a ele.

— Mãe? — O rosto de Anthony, ainda inchado de sono, apareceu na janela. — O que está havendo?

Laura olhou inexpressivamente para ele. Então, largou a tesoura de podar e, seguida pelo cachorro, saiu andando e depois começou a correr em direção à Casa Espanhola.

*

A Sra. Delancey estava entre os dois, preparada, como se esperasse outro golpe. Nicholas

pressionava um lenço no nariz. O sangue escorria pelo seu rosto, respingando na camisa azul-clara. Matt gritava com ele, quase espumando pela boca, as palavras praticamente ininteligíveis.

Em volta deles, o cenário bucólico evidenciava a grosseria daquela briga. Ai, meu Deus, pensou Laura. O que foi que eu fiz?

— Ninguém quer você aqui! — vociferou Matt. — Vá embora antes que eu te machuque de verdade.

— Matt?

Ele recuou quando Laura se aproximou, e virou-se para ela.

— Ai, meu Deus, desculpe — disse ela. — Eu não queria que você descobrisse assim.

A postura calma e distante do marido daquela manhã era irreconhecível: ele estava com um olhar alucinado e irradiava uma energia incontida.

— Sobre o que você está falando, cacete? — perguntou ele.

— Laura, não… — começou Nicholas.

Mas Isabel Delancey interrompeu:

— É verdade? O que ele disse? — perguntou a Matt. — Que durante todo esse tempo você queria ficar com a casa? É por isso que a está destruindo deliberadamente?

Era a primeira vez que Laura via Matt abalado de verdade.

— Não — protestou ele. — Não… Não foi assim. Eu queria que a casa ficasse linda.

— Ora! Você destruiu a casa — disse Nicholas, indignado. — Transformou-a numa mixórdia.

— Estou fazendo a reforma!

— Não sobrou praticamente nada para reformar! Não sei como que esse raio de casa ainda está em pé!

— Esse tempo todo? — O choque ressoava na voz de Isabel. — As piadas, os conselhos, a ajuda, os croissants… E o tempo todo você só queria que a gente fosse embora?

Matt estava pálido.

— Não, Isabel. — Laura estremeceu quando o marido se aproximou da mulher. — Não… Não foi assim. No fim, não. — Olhou em volta, como se

procurasse provas. — O quarto principal foi um trabalho que fiz com amor. Há verdade e beleza ali. Você viu como me esforcei.

— Como pode dizer isso? Você fez um buraco enorme na parede! Feito um doido! — Arremedou a cena para os outros. — Não consegui conter você.

— Mas foi por causa do Byron — gritou ele. — Byron não podia dormir naquele quarto.

Laura se esforçou para entender. Nada daquilo fazia sentido.

— Tudo bem — interrompeu Nicholas. — Vamos deixar isso para lá. — Ele se recompusera.

Limpou a boca com o lenço ensanguentado. — Está nítido que essa é uma situação inusitada. Sra.

Delancey, sugiro que decida logo o que vai fazer com a casa.

— Não temos mais nada. Ele pegou todo o nosso dinheiro.

— Não fui o único — protestou Matt. — Não fui honesto com você no início, mas fiz o possível para corrigir isso.

— Sra. Delancey, sugiro…

— Não dê ouvidos a ele, Isabel. Vou consertar tudo o que fiz de errado. Eu não cuidei sempre de você?

Houve um longo silêncio. Laura olhava para Isabel, que exibia uma expressão de desespero.

— Você nos arruinou — disse ela, baixinho. — Confiei em você, que destruiu essa casa.

Quase antes de perceber o que estava fazendo, Laura deu um passo à frente.

— Vou resolver isso. — Sua voz cortou o ar. — Vou pagar os estragos de Matt. Eu mesma vou cobrir as despesas necessárias para consertar tudo.

Não conseguia pedir desculpas à mulher, mas também não queria ficar em dívida com ela.

— Há uma alternativa — interrompeu Nicholas. — A senhora poderia considerar a hipótese de vendê-la para mim. O estado da casa não é um problema.

— Vendê-la?

Isabel Delancey franziu o cenho.

— Sim — disse ele. — Eu ficaria feliz com a oportunidade de conversar sobre isso com a senhora.

— Mas por que a câmara compraria essa casa? — Ela parecia perplexa.

— A câmara?

Ninguém falou nada. Então ela disse:

— Quer dizer que Byron não te ligou?

— Quem é Byron? — perguntou Nicholas, sem entender. — Meu nome é Nicholas Trent.

Sou corretor imobiliário.

Isabel Delancey ficou olhando para ele.

— Corretor imobiliário? Então veio aqui hoje porque queria essa casa? — De repente ela compreendeu. — Ah, meu Deus… todos vocês querem essa casa. — Recuou, afastando-se deles e tapando a boca com a mão. — Esse tempo todo… — disse, quase rindo. — Tem mais alguém?

Alguém no vilarejo, talvez? Os Primos? O leiteiro? Esse tempo todo vocês queriam essa casa?

— Na verdade, não — disse Laura calmamente, olhando para Matt. E depois acrescentou com firmeza: — Eu não quero mais.

Matt se virou. Ela o viu absorver o que dissera, viu-o franzir o cenho sem entender quando Nicholas sorriu para ela, um sorriso repleto de significado. Notou Matt recordar seu pedido de desculpas, Nicholas chamá-la de Laura. Matt olhou para Isabel e, incapaz de enfrentar a intensidade de seu olhar, ela virou o rosto. Anthony, atrás dela, fitava Nicholas, com uma expressão indecifrável.

Pronto, pensou Laura. Não tem mais volta.

— Aqui está o meu cartão — disse Nicholas civilizadamente, tirando um do bolso interno e entregando-o a Isabel Delancey, enquanto se aproximava de Laura. — Pelo visto esta foi uma manhã estranha. Mas pense no que eu disse, Sra. Delancey. Tenho certeza de que podemos chegar a um acordo vantajoso para nós dois.

23

As finas varas de aveleira não tinham mais que sete anos, podiam ser usadas para cancelas ou telhados; ele guardaria as mais antigas e mais fortes para fazer bengalas ou estacas para sebes.

Juntara um pequeno monte de paus de castanheiro para cercas e estacas, mas o lucro com a poda das aveleiras era maior, e Byron concordara em deixar aquele bosque antigo praticamente só com aveleiras. Caminhou com cautela, examinando os brotos novos à procura de sinais de praga. As pessoas pensavam que ele só cortava coisas, destruindo-as, mas as árvores de madeira nobre e os arbustos nativos que eram podados dessa forma podiam produzir brotos que cresciam mais de trinta centímetros em uma semana. Uma árvore podada vivia muito mais tempo do que uma não podada. Byron tinha certeza de que havia uma lição de vida nisso, mas não conseguia descobrir qual era.

Deu passos firmes por entre as árvores com mais uma braçada, até o ponto em que o bosque dava na estrada. Muitas vezes as pessoas recorriam aos métodos antigos, e com a poda não era diferente. Um dinheirão em mobília de jardim, dissera Frank mais cedo, observando Byron trabalhar. Ou cercas rústicas. Passaram a adorar isso nos centros de jardinagem. As sobras podiam ser usadas para fazer carvão. Havia subsídios disponíveis a serem pagos pela recuperação de bosques em talhadia. Todas as instituições de preservação da natureza estavam pressionando os proprietários de terra para adotarem esse procedimento.

De vez em quando, ele pensava em Matt, e ficava com o pescoço e os ombros tensos, a mandíbula cerrada, e precisava respirar fundo. Matt McCarthy quase o expulsara de casa, quase expulsava Isabel da casa dela. Ele se perguntara várias vezes se devia contar a ela sobre a ratazana, sobre a persistência de Matt quando se tratava de conseguir o que queria. Mas ela estivera muito feliz no dia anterior, como se finalmente tivesse se atrevido a acreditar numa coisa boa. Ele não quisera estragar isso. Seu celular tocou.

— É Isabel.

— Oi — disse ele, incapaz de disfarçar o prazer em ouvir a voz dela. E repetiu, tentando moderar o tom: — Oi.

— Eu queria saber como estava. O seu trabalho, quer dizer. — Hesitou. — Thierry me pediu para ligar.

— Está indo bem. — Olhou para a área das silvas que limpara. — Trabalho pesado, mas…

bom.

Suas mãos estavam cheias de arranhões.

— Sim.

— Aqui é bonito. Perto do mar. Parecem mais férias do que trabalho.

— Imagino.

— E Frank, o proprietário, tem sido ótimo. Ele me ofereceu mais trabalho.

—Ah… Que maravilha.

— É. Fiquei contente. E como vão as coisas aí?

Foi então que percebeu que a voz dela estava tensa. Tinha visto três carros passarem antes de ela falar de novo.

— Eu não sabia se contava isso, mas… tivemos um alvoroço aqui. Apareceu um homem, um corretor imobiliário ou algo assim, querendo comprar a casa. Matt apareceu de surpresa e arranjou briga com ele.

— Vocês estão bem?

— Sim, estamos bem. O corretor levou um soco, mas aí Laura apareceu e os ânimos acalmaram. — Então acrescentou, baixinho: — Byron, acho que Matt está tendo um surto.

— Matt McCarthy?

— Ele… está estranho.

Byron não disse nada.

— Na verdade, parece quase… desnorteado.

Aposto que sim, pensou Byron, com amargura. A ideia de outra pessoa tirando aquela casa dele.

— Não se preocupe com Matt — disse, mais asperamente do que pretendia. — Ele sempre se vira.

Ela suspirou.

— Foi mais ou menos isso que o homem falou.

Ele começou a andar lentamente pela beira do bosque, alheio ao que o rodeava.

— O que você disse ao corretor?

— Eu não sabia o que dizer. Não sei mais o que pensar. Ele me falou… que Matt estava estragando a casa, tentando me expulsar de lá.

Byron fechou os olhos.

— Depois que você foi embora, ele fez um buraco na parede do quarto. Aquele em que você dormiu.

Ele sentiu um aperto no peito. Não devia tê-los abandonado. Devia ter avisado a ela, forçado-a a ouvir. Devia ter contido Matt. Sentia-se esmagado pela culpa, pelo peso das coisas que ficaram por dizer.

— Byron, não sei o que fazer.

— Você tem que fazer alguma coisa? — perguntou ele. — Não precisa decidir já.

— Não posso mais viver assim.

Dava para perceber pelo tom de voz dela. Isabel já tinha se decidido.

— Você vai vender a casa — afirmou ele.

— O que acha que devo fazer?

Ele não sabia o que responder. Ficara de braços cruzados enquanto Matt a envolvia naquele caos. Estaria sempre em dívida com Isabel, mesmo se ela decidisse ignorar. E o que podia lhe oferecer? Voltar e cortar lenha? Esfolar coelhos? Morar sob o teto dela? Se fizesse isso, nunca poderia estar em pé de igualdade com ela, nunca poderia lhe dar nada a não ser gratidão.

Ele engoliu em seco e disse:

— Bem, acho sensato sair da casa antes que o inverno chegue.

Houve uma longa pausa.

— Ah.

— Se é isso que você acha que deve fazer.

— Acho que você está certo. — Ela tossiu. — Quanto tempo você pensa em ficar fora?

— Não sei. Olhe… eu ia lhe contar isso quando voltasse, mas Frank acha que talvez tenha um trabalho para mim.

— Aí? Um trabalho em tempo integral?

O subsídio era suficiente para cobrir o salário de um homem, dissera Frank. E havia outros trabalhos além do serviço no bosque. Byron lhe lembrara da sua ficha criminal.

“Isso o impede de manejar uma serra?”, perguntara ele secamente.

— Tem um trailer decente onde eu posso ficar. Ele está considerando seis meses pelo menos. É

uma boa proposta.

— Acho que é. Sabe… você sempre pode ficar aqui em casa. Pelo tempo que quiser. Não ache que precisa ir embora depressa.

— Preciso me sustentar, Isabel. Trabalhos como esse não aparecem todo dia. — Chutou um pedregulho. — E se você vai se mudar, de qualquer maneira…

Houve mais uma pausa.

— Vai mesmo aceitar o emprego?

— Acho que sim. Mas de qualquer forma posso visitar vocês. Levar Thierry para passear nos fins de semana. Se você quiser.

Ele tentou interpretar o silêncio.

— Bem, tenho certeza de que ele adoraria ver você.

Byron se sentou num tronco de árvore perto do muro de pedra ao longo da estrada costeira. O

ar estava impregnado de sal do mar. De repente isso irritou seus olhos.

— Você vai conseguir vir para a festa da Kitty?

— Tenho muitas coisas para terminar, mas vou fazer o possível.

O telefone ficou mudo.

Byron pegou o machado e com um grunhido de fúria, jogou-o no meio do campo.

*

Isabel largou o telefone. Lá embaixo, as crianças tinham voltado das compras e se ocupavam com

a decoração. Estavam correndo pelo gramado, arrastando bandeirinhas e rindo, enquanto Pepper saía em disparada com algumas sob a luz dourada do sol se pondo.

Podiam ser felizes de novo, estavam mais alegres ainda do que eram em Londres. Para eles, uma decisão irresponsável tornara-se uma decisão acertada. Mas Isabel não podia morar tão perto de Matt e Laura, não depois de descobrir que cada olhar que lançavam para a casa era de cobiça, que a presença de sua família ali sempre estaria contaminada pelo que os McCarthy acreditavam ter perdido.

E o toque de Matt permeava tudo. As poucas partes da casa que os Delancey haviam reivindicado já não pareciam lhes pertencer.

Não precisava ser tão ruim, dissera a si mesma. Podiam se mudar para algum lugar próximo, para que Kitty e Thierry continuassem na mesma escola. Podia morar numa casa menor num dos vilarejos. Seria agradável

viver sem dívidas, sem ter que escarafunchar a terra à procura de comida. De vez em quando sentia vontade de rir quando dava seu endereço às pessoas e as observava reavaliando-a, às vezes tornando-se quase respeitosas. Morar no casarão conferia status.

Vocês ainda seriam tão simpáticos comigo se me vissem arrancando ervas para o chá das crianças?, perguntava-lhes em silêncio. Se vissem minha filha vendendo ovos para pagarmos a conta de luz? Numa casa nova, menor, cultivar legumes poderia ser mais uma distração agradável do que uma necessidade. Ela nunca mais olharia para uma placa de gesso.

Isabel observou Thierry se pendurar numa árvore para amarrar as bandeirinhas num galho.

Para ele, seria difícil deixar aquele lugar. A falta de banheiro nunca fora um grande sacrifício, mas perder a liberdade do bosque e a amizade de Byron seria bem diferente.

Talvez Byron ainda fosse visitá-los, mas ela não tinha tanta certeza disso. Como já não precisava deles, estava com uma voz diferente, mais segura, distante, como se já tivesse se afastado. Por favor, não magoe meu filho, ordenou em silêncio, e ignorou a possibilidade de estar falando de si mesma.

Virou-se e olhou para o buraco na parede do quarto principal, uma fenda medonha. Esse grande vão a assustara mais do que qualquer outra coisa que acontecera na casa. Seu simbolismo a assolava, a perspectiva de um futuro sem nada, um vazio no lugar que sua família e sua segurança haviam ocupado um dia.

— Ah, pelo amor de Deus, é só uma casa… só uma maldita casa — disse Isabel para o quarto vazio, ouvindo a própria voz ecoar no assoalho envernizado.

Estava na hora de colocar a cabeça no lugar. A casa não era deles. E, para ser sincera, nunca havia sido.

Arrastou uma placa de gesso para o buraco entre o quarto e o banheiro até quase conseguir tapá-lo. Pegou uma furadeira no andar de baixo e aparafusou-a no lugar. Depois encontrou uma velha gravura emoldurada, o contorno de um desenho de José Carreras, de algum festival de música espanhola, e encostou-o na parede, cobrindo o buraco. Ao lado do banheiro, prendeu um lençol branco velho, drapeando-o com delicadeza para sugerir que atrás poderia haver alguma coisa bonita.

Ligaria para o corretor perguntando qual era sua melhor oferta, depois procuraria os agentes locais para ter outras opiniões. Morariam em uma casa normal, e o tempo que passaram na Casa Espanhola seria um estranho interlúdio na vida deles. E faria tudo para que as últimas semanas ali fossem perfeitas. A festa de dezesseis anos de Kitty seria mágica. Era uma boa decisão. Uma decisão sensata.

Isabel avaliou seu trabalho e quase se sentiu satisfeita. Em seguida desceu até a cozinha, para os livros de bricolagem que pegara semanas atrás na pequena biblioteca de Long Barton. Tinha uma banheira que precisava ser instalada.

*

Perto dali, na garagem de sua casa, Laura também estava tomando decisões sobre o futuro. Tinha

ido buscar a mala grande, mas o caos inesperado das ferramentas sobressalentes de Matt a distraíra, e ela acabou arrumando-as. Talvez por força do hábito. Talvez porque uma parte dela não podia deixar a casa desarrumada.

Empurrou uma lavadora a jato para um canto e tirou dois bujões de gás vazios da frente da escrivaninha que o Sr. Pottisworth prometera que seria deles. Recolheu o lixo e o colocou num carrinho de mão, pronto para ser queimado. Laura sabia que a maneira mais eficaz de diminuir o caos mental era se dedicar a atividades domésticas. Levou quase duas horas para limpar o grosso.

Depois parou para apreciar as prateleiras bem-arrumadas, as latas de tinta com etiquetas dos cômodos em que haviam sido usadas para o caso de ser necessário algum retoque. Matt, claro, não estava por lá. Tinha saído de casa, ignorando suas ligações, e até Anthony, apesar de zangado com ela, tomara o cuidado de não ir atrás dele.

“Dê um tempo antes de falar com ele”, dissera Nicholas. Seu lenço estava quase completamente encharcado de sangue, embora o nariz quase estivesse pouco machucado. “Ele tem muito no que pensar.”

Ela não tentara ligar para Matt. Aprendera havia semanas que ele já não atendia.

Já fazia uma hora que Nicholas fora embora. Tinham sentado no carro na estrada, e ele lhe dissera que estava muito orgulhoso. Falou sobre como

seria a vida deles, sobre a felicidade que os aguardava. A casa seria a fortuna deles.

— Nicholas? — Ela se concentrou nas mãos, cruzadas no colo. — Você não me usou para se envolver em tudo isso, não é?

Ele ficara horrorizado. Os dois se entreolharam e, nesse momento, ela percebeu a desconfiança, a traição e o descrédito recíprocos que os haviam colocado onde estavam. Viu uma casa de sofrimento.

— Você é a única coisa honesta que já fiz na vida — disse ele.

Laura tirou as luvas de borracha, limpou as mãos numa toalha de papel e saiu da garagem. Não estava preparada para entrar em casa. Ali seria lembrada do que estava prestes a abandonar, da família que logo mais desagregaria para sempre, dos votos que estava quase quebrando. Estava preocupada com bobagens: o que faria com os quadros de família? Com a prataria que pertencera à tia? Levaria com ela no dia seguinte as peças mais valiosas, para evitar que Matt as destruísse num acesso de raiva? O que Nicholas pensaria se ela aparecesse com várias caixas de objetos de família? Só o fato de levá-los seria um ato de provocação? Quando estava se despedindo, Matt parecera muito diferente: muito frio, muito distante. Como ele sabia que ela estava com outro, não conseguia prever a reação dele. E o que a família dela ia pensar? Queria perguntar a Nicholas onde morariam até a casa nova supostamente ficar pronta, mas se fizesse muitas perguntas sobre a casa daria a impressão de ser uma pessoa cheia de exigências, como se ele não lhe bastasse. Ela nem conhecera a casa dele em Londres. E se a detestasse? E se descobrisse que não conseguia morar em Londres? E o que diabo ia fazer com Bernie? Era muito velho para se adaptar à vida londrina, mas não podia esperar que Matt tomasse conta dele. Matt quase não parava em casa.

Será que deveria sacrificar Bernie para satisfazer as exigências de sua vida amorosa? Que tipo de pessoa ela se revelaria com isso? Quando Nicholas a chamara para morar com ele, Laura desconfiara que ele considerara isso um grande gesto romântico. Ela também. Mas para uma mãe de quase quarenta anos, com casa, cachorro, filho para levar à escola e um lugar no centro comunitário da cidade, desligar-se dessa vida não era apenas questão de sair pela porta com uma mala na mão.

Enquanto se preocupava com esses problemas, pensou com amargura: é por isso que Matt já não me acha atraente. Nunca consegui me entregar à

paixão. Sempre serei a pessoa que fica para trás, preocupada em saber se alguém deu comida ao pobre cachorro.

Laura voltou para a garagem. Arrumou as caixas de reciclagem. Varreu o chão, e então seus olhos se fixaram na mesa do Sr. Pottisworth. Era um móvel velho, nogueira desbotada, com o folheado lascado e puxadores que não pareciam originais. Iria dedetizá-la, lustrá-la e levá-la para dentro. Assim poderia retirar a sua escrivaninha — a que ganhara dos pais quando fez dezoito anos — sentindo menos culpa. Afinal, Matt não se interessava por móveis, a não ser para reclamar quando eram muito ou pouco macios.

Colocou as luvas de borracha e examinou as prateleiras. Depois, durante quase uma hora, com o perfeccionismo pelo qual as amigas e vizinhas a conheciam, Laura desmontou a escrivaninha vitoriana, removendo cuidadosamente uma gaveta de cada vez, limpando-as com uma esponja e passando devagar o inseticida para garantir sua absorção profunda pela madeira. Quando tirou a última gaveta e a colocou emborcada em cima da escrivaninha viu algo. Duas folhas de papel, dobradas várias vezes e coladas displicentemente no fundo com fita adesiva.

Laura tirou as luvas e fechou a lata do inseticida, tomando o cuidado de não deixar o líquido nocivo entrar em contato com seus dedos. Arrancou lentamente a fita pelas bordas e desdobrou os documentos, semicerrando os olhos para ler sob a luz fraca da garagem.

Laura leu e releu o primeiro, verificando o carimbo oficial, o endereço do advogado desconhecido. Depois leu-o mais uma vez. Olhou para a fogueira. Por fim, leu o aditamento, redigido numa data posterior à caneta azul. A letra do Sr. Pottisworth tão difícil e ilegível quanto ele havia sido.

Vamos ver até que ponto a senhora é uma dama, Sra. M.

Noblesse oblige, hein?

24

Uma furadeira, uma bancada de trabalho, um saco com ferramentas de metal sortidas quase pesado demais para uma pessoa carregar sozinha, um serrador, uma serra elétrica, duas réguas de nível e uma trena. Um bloco com números rabiscados nas páginas, um rádio sem pilhas e um moletom com um cheiro entranhado, que era uma lembrança desconfortável de algo que ela gostaria de esquecer. Isabel levou esses objetos restantes para o vestíbulo e limpou as mãos empoeiradas no short. Não queria vestígios dele naquela casa. Quando a festa acabasse, levaria as coisas para uma das dependências externas e deixaria um bilhete para a esposa dele dizendo que podia ir lá buscá-las.

*

Um presunto grande numa tábua de madeira, oito baguetes, um prato de queijos, duas bandejas

de alumínio com frutas variadas. Uma caixa de papelão contendo ingredientes para várias saladas, duas caixas cuidadosamente fechadas com carne e peixe marinados, duas tigelas grandes de salada de arroz e de massa. Um caixote de sucos de várias frutas, duas garrafas de champanhe.

— Ai, meu Deus — disse Kitty, suspirando, quando os Primos descarregaram o carro. — Isso é tudo para a gente?

— Não elogie antes da hora, meu amor. Espere até ver o carro-chefe — disse Henry.

Debruçou-se dentro do carro e tirou cuidadosamente do tampão do porta-malas uma base prateada quadrada com um bolo enorme. No centro, erguia-se uma boneca de marzipã com cabelo no ombro, distribuindo confeitos prateados às galinhas.

— Feliz aniversário, fofinha.

Isabel sorriu.

— Isso — Kitty suspirou — é irado.

— Isso é uma gíria da garotada?

— Acho que ela gostou — disse Asad.

— Não acredito que vocês fizeram isso para mim!

— Bem — disse Henry, atravessando com cuidado o gramado em direção à mesa de cavalete —, todo mundo que faz dezesseis anos devia ter uma festa de aniversário maravilhosa. A partir daí, é ladeira abaixo, você sabe.

*

Duas roupas elegantes, duas calças jeans, um vestido de festa e vários conjuntos de calcinha e

sutiã La Perla novinhos em folha, e algumas calcinhas simples para o dia a dia. Botas, sapatos, tênis, uma camisola de seda e um pijama novo. Um nécessaire, um secador de cabelo com difusor, um álbum de fotos e quatro porta-retratos de prata com fotografias em sépia da família.

Um porta-joias. Um bule de chá de prata. Uma caneca do batizado e um pote de porcelana com o primeiro dente de Anthony. Uma pasta com documentos de investimentos, extratos bancários, certificados de ações, passaporte e carteira de habilitação. A escritura da casa, por via das dúvidas.

E então não cabia mais nada. Era isso: a sua vida dentro de uma mala Samsonite de 90x120cm.

Laura se sentou em cima dela no vestíbulo, com o casaco no colo, brincando com a pulseira do relógio ao consultar o mostrador pela centésima vez. O cachorro, preso à coleira, estava deitado tranquilamente a seus pés, roncando, sem desconfiar da mudança cataclísmica que sua vida estava prestes a sofrer. Ela se abaixou e acariciou a cabeça aveludada do animal, reprimindo as lágrimas que ameaçavam escorrer.

Anthony não iria. Anunciara aquela manhã que ficaria na casa da avó.

— Mas pensei que você viesse comigo.

— Não, isso foi o que você pensou. Não o que eu pensei.

— Mas você ia adorar Londres. Eu já lhe disse, vai ser maravilhoso. Você vai ter o seu quarto e…

— E deixar minha casa? Todos os meus amigos? Não, mãe. Você está falando da sua vida. Já tenho idade suficiente para fazer as minhas escolhas. E decidi ficar.

— Você não pode morar na casa da sua avó para sempre. Vai enlouquecer.

— Então vou para a casa da Sra. Delancey. Ela disse que eu podia ficar no quarto de hóspedes, se não me incomodasse com a bagunça. Parece que

o quarto está vago.

— Na casa de Isabel Delancey? Mas por que você ia querer ficar lá?

Ela ficara abatida só de imaginar isso.

— Porque ela não enche a paciência de ninguém — respondera o filho. Estava com aquele gorro de lã, embora fizesse quase vinte e seis graus do lado de fora. — Cuida da própria vida. Não perturba Kitty. Leva a vida dela.

Se a intenção era magoá-la, tinha funcionado. E Laura sabia como odiava aquela mulher. Sem se esforçar, ela roubara não só seu marido como também seu filho.

— Você sabia que ela está dormindo com seu pai? — disparara, quando não conseguiu mais aguentar a injustiça.

O escárnio dele fora devastador.

— Ah, não seja boba — caçoou. — Você estava lá. Ouviu muito bem o que ele fez com a casa dela. Ela odeia meu pai. — Deu uma risada melancólica. — Você pode dizer que ele anda trepando com ela, talvez.

— Anthony!

— Sabe, sempre me incomodou ouvir meu pai dizer que você era paranoica — dissera ele. — Agora acho que talvez ele tivesse razão. — Ergueu a mão quando a mãe protestou, passou por ela e saiu. — Ligue quando vier para cá. Acho que não vou a Londres tão cedo.

Ela ouvira os passos dele se afastando pelo caminho de cascalho e tentara redirecionar o soluço que irrompera de seu peito.

Ele mudaria de ideia, afirmou a si mesma, endireitando as fotografias restantes na mesa do hall. Cerca de duas semanas se dividindo entre a casa da avó e a do pai o faria mudar de ideia. Ela não conseguia imaginá-lo na Casa Espanhola. Se conseguisse, teria jogado a mala no bosque e corrido atrás dele aos berros.

O cachorro ergueu a cabeça quando a campainha tocou. Ela abriu a porta, tentando não deixar Nicholas notar seus olhos vermelhos.

— Está pronta? — Ele a beijou e olhou para a mala. — Só isso?

— Por enquanto — disse ela. — E… o cachorro. Se você não se incomodar. Sei que não discutimos isso.

— Traga os cavalos, se quiser — disse ele, alegre. — Acho que, se esforçando um pouco, dá para espremer dois no pátio.

Ela começou a rir, mas o riso virou um soluço. Apoiou a cabeça nas mãos.

— Ei… Ei… Desculpe. Está tudo bem.

— Não — disse ela, encostando-se no peito dele. — Não está. Meu filho me odeia. Vai morar com aquela mulher. Não posso acreditar que ele vai morar com aquela mulher.

Nicholas a abraçou.

— Bem, não vai ser por muito tempo — disse ele.

— Como assim?

— Com sorte, em breve, vamos ser os donos daquela casa. Então, teoricamente, ele vai continuar morando debaixo do seu teto. Do nosso teto. — Ofereceu-lhe um lenço. Ela o pegou e enxugou os olhos. — De linho… É o mesmo?

— Meu lenço da sorte.

Ela o dobrou com cuidado. Tentou manter a voz firme:

— Então ela aceitou?

— Mais ou menos… — Observou o rosto de Laura. — Mas conversei com ela hoje de manhã e quando disse que viria aqui, ela me pediu que passasse lá para falar com ela.

— E você acha que ela quer vender?

— Não imagino outra razão para ela querer falar comigo, você imagina?

— Ela deve querer te seduzir também. — Fungou.

Nicholas afastou o cabelo dela do rosto.

— Ah, acho que sou imune aos encantos dela. Você pode ir comigo, se quiser. Para não me deixar fazer bobagem.

Pegou a bagagem dela e colocou no porta-malas. Laura fechou a porta de casa, tentando não pensar no significado daquele gesto. Encorajou Bernie a pular para o banco de trás, depois se sentou na frente. Era um carro diferente daquele desgastado que ele tinha antes, mais elegante. As portas fechavam com um estalo amortecido e chique.

— Na verdade, eu não vou.

— Não vai o quê?

— Sair do carro. Não quero vê-la. Não quero vê-los. Nem quero ver aquela casa. — Desconsolada, ficou olhando para o painel. — Você fala com ela. Eu espero no carro.

Nicholas segurou a mão de Laura. Parecia que nada era capaz de perturbá-lo, pensou ela.

— Vai dar tudo certo, você sabe — disse ele, beijando seus dedos. — A gente sempre soube que este seria o pior dia. Mas Anthony vai mudar de ideia.

Ela estava com a outra mão no bolso, agarrando o pedaço de papel que acabara com a noção do que era certo, a noção de quem ela era.

Laura mordeu o lábio quando o carro desceu o acesso em direção à curva para a Casa Espanhola. Estava grata pela segurança que Nicholas fornecia. Mas isso não significava que ele tinha razão.

*

Quem diria que fazer café em sua cozinha fosse algo tão prazeroso? Byron pegou uma caneca no

armário e depois deu uma olhada no trailer, satisfeito. Estava longe de ser luxuoso, mas não era apertado. Era claro e limpo e, o mais importante, era dele. Suas roupas nas gavetas, seus itens de higiene. Seu jornal sempre no mesmo lugar para quando voltasse. Era um local que podia chamar de seu, mesmo que só por um tempo.

Seus cachorros estavam deitados, exaustos. Ele esfregou os olhos, tentando usar a força de vontade para se livrar do cansaço. Pensara em tirar um cochilo, mas sabia, por experiência própria, que às vezes acordar era tão penoso que era mais fácil ficar sem dormir.

Duas colheres de café resolveriam o problema. Precisava consumir o máximo de cafeína que pudesse. De quebra, acrescentou bastante açúcar.

Estava prestes a se sentar quando ouviu batidas mal-humoradas à porta. Levantou-se com cansaço e foi abri-la. Frank balançava uma folha de papel e seu rosto esta vermelho de raiva.

— O que é isso, então?

— Não quis incomodá-lo — disse Byron. — Você disse que estava fazendo as contas.

— Tem cinco minutos que você chegou aqui. Que diabo acha que está fazendo já dando o fora assim?

— Frank…

— Não tem nada de Frank. Eu lhe dou uma oportunidade, um lugar para morar, convido-o para se sentar à minha mesa e você já está se aproveitando. Não nasci ontem, Byron Firth.

— Escute…

— Não, escute você. Eu o contratei para podar esse bosque inteiro o mais depressa possível.

Acha que vai me fazer de bobo e ficar correndo de um lado para outro atrás de um rabo de saia e coisas assim? Pode esquecer.

Virou as costas e tornou a colocar o chapéu.

— Talvez eu devesse ter escutado o que todo mundo dizia. "Ah, não", disse Muriel. "Dê uma oportunidade ao rapaz. Ele era um bom sujeito antes…" Bem. Gente para fazer isso é o que não falta — resmungou ele, afastando-se com passos largos, furioso.

— Mas eu já terminei.

— Terminou o quê?

— O bosque.

Frank parou.

— Os cinco hectares e meio?

— Sim. As aveleiras estão empilhadas atrás do celeiro. Como combinamos.

Frank usava sempre o mesmo sobretudo, se o termômetro marcasse dez graus abaixo de zero ou trinta acima, e então os ombros surrados se ergueram, incrédulos.

— Mas…

— Trabalhei a noite inteira. — Apontou para o papel. — Você não leu até o fim. Prometi que ia ao aniversário de uma pessoa, e o único jeito de ir era fazer serão. Voltei para lá ontem depois do jantar.

— E terminou tudo ontem à noite? Como? No escuro?

Byron sorriu. Frank releu o bilhete, e lentamente foi esboçando um sorriso.

— Bem, caramba. Você sempre foi doido, Byron Firth. E não mudou nada. Nossa. Você fez serão. — E soltou um sonoro "Rá!".

— Então não tem problema se eu for? Volto segunda de manhã, se não tiver problema. Para começar no terreno de nove hectares.

Byron bebeu um gole de café.

— Faça o seu tempo, meu filho. Desde que você não espere que eu lhe forneça pilhas para a lanterna. Rá! Trabalhando a noite inteira, hein? Espere até eu contar à Muriel. Ela deve ter colocado alguma coisa naquela torta de amêndoa.

*

Eles chegaram cedo, como Kitty havia imaginado. Seus novos amigos, descendo de carros que

patinavam no caminho de acesso, ou vindo a pé pelo bosque com o riso solto e surgindo no fim da estrada. Ela fazia sinal para que entrassem, finalmente feliz por se sentir integrada. O estado da casa já não a envergonhava, pois sabia que todo mundo estava entretido com o lago e com pressa de se jogar na água. Na noite passada, sua mãe lhe dissera que provavelmente se mudariam de novo. Quando acrescentara que ficariam no vilarejo, que Kitty não teria que mudar de escola, a menina sentira um grande alívio. Ela fazia parte dali. Aquele era o seu lugar.

— Tudo bem com você? — perguntou a Anthony, que empurrava, desanimado, um barco de borracha, com o rosto escondido. — Aposto que ela vai voltar — disse, passando o braço em volta dos ombros dele. — Não vai conseguir deixar você.

— Eu a vi — disse ele. — Estava com a mala feita no corredor.

Kitty sabia o que era perder um pai. Mas não sabia como se sentia um filho que fosse abandonado deliberadamente, e Anthony estava tão arrasado que ela estava com medo de falar algo errado.

Ficaram alguns minutos sentados com os pés dentro d'água. Em volta deles, borboletas brancas voavam numa brisa invisível, e uma libélula iridescente pairava pertinho de seus pés, registrando com aqueles olhos esbugalhados cada detalhe das duas pessoas na margem.

Quando voou para longe, Kitty se virou para ele.

— Depois melhora — disse, e ele ergueu os olhos para ela de baixo daquele gorro de lã. — A vida. Às vezes pode ser uma merda, e quando a gente pensa que vai ser sempre assim, muda.

— O que é isso? — perguntou ele. — Uma casa na campina?

— Ano passado, nessa época — disse ela —, achava que eu, minha mãe e Thierry nunca mais seríamos felizes.

Ele olhou na mesma direção dos olhos dela, onde Isabel, com um colar de margaridas murchas, conversava com o homem de terno, e onde Thierry jogava gravetos no lago para o cachorro buscar.

Então ela passou os braços em volta da cintura dele, sentindo sua infelicidade diminuir com o contato humano. Ela sorriu, e ele acabou retribuindo o sorriso, como se estivesse sendo obrigado a fazer algo que não quisesse. Ela riu. Conseguia fazê-lo sorrir. Tinha dezesseis anos. Conseguia fazer qualquer coisa.

— Vamos — disse ela, afastando-se dele e puxando o gorro de sua cabeça. — Vamos nadar.

*

Era mais ou menos como estar com o Sr. Cartwright de novo, pensou Isabel. Estava sentada

quieta enquanto um homem explicava pacientemente as coisas, como se não esperasse que ela entendesse.

— O novo projeto estaria bastante de acordo com o meio ambiente. O ideal para mim seria deixar o jardim murado e construir as casas de frente para o lago. Seria uma construção favorável.

— Mas o senhor quer comprar a casa e o terreno imediatamente. Teríamos que sair de vez.

— Não necessariamente. Se estivesse interessada em uma das casas do projeto, poderíamos incluir isso no acordo a um preço preferencial. — O bloco com os números estava na mesa velha à sua frente, e ela estava sentada ao lado do Sr. Trent, cujo terno de linho ficava estranhamente deslocado junto das cadeiras de lona decrépitas e dos andaimes enferrujados. Ele enfiou a mão no bolso. — Como não sei se você conhece bem o mercado imobiliário local, consultei outros empreendimentos para dar uma ideia dos números aproximados envolvidos.

Entregou-lhe outra folha de papel.

— E o valor do terreno em cada caso é esse? — perguntou ela.

— Na verdade, sim. É o que teria sido pago aos proprietários pela casa e pelo terreno, e, na maioria dos casos, as construções existentes foram demolidas.

— Mas se essa propriedade é única, como você diz, isso não é um bom parâmetro.

— É difícil fazer comparações precisas.

— E você acha que haveria procura por casas num lugar como esse? Uma área tão isolada?

— Barton e os arredores estão se tornando uma região procurada por migrantes pendulares. Por causa do lago, quem compra uma segunda casa também pode se interessar. Considero que se trata de um risco calculado.

Isabel deu uma olhada na casa, que se acomodava tranquilamente atrás dos andaimes, os tijolos vermelhos cintilando ao sol quente do meio da manhã. Ali perto, um tordo gorjeava um canto preguiçoso e os patos

procuravam alguma coisa atrás dos caniços. No gramado, adolescentes vestiam roupa de banho ou soltavam exclamações diante dos presentes de Kitty. Era possível que ele tivesse visto hesitação, talvez até arrependimento, na expressão dela, porque tocou em seu cotovelo e falou em tom de urgência:

— Sra. Delancey, vou falar com uma franqueza que não é necessariamente sensata para uma pessoa na minha situação. Este lugar, este cenário é muito especial para mim. — Parecia sem jeito, como se honestidade fosse novidade para ele. — Desde que vi essa paisagem, não consigo pensar em mais nada. Mas acho que não vale a pena a senhora investir mais dinheiro nessa casa no estado em que está.

— E por que eu deveria acreditar no que diz, Sr. Trent, quando fui insensata em acreditar em outras pessoas?

Ele hesitou um instante.

— Porque o dinheiro fala. E se vender para mim, sua segurança financeira está garantida e eu ainda lhe dou a opção de continuar morando nesse cenário, se assim quiser.

— Sr. Trent, entende que, por ser sozinha, tenho que fazer tudo o que puder para sustentar meus filhos.

— Claro. — Ele sorriu.

— Então, eu estava pensando num número dessa ordem.

Isabel escreveu no bloco e recostou-se na cadeira, enquanto o Sr. Trent olhava para a cifra.

— É… um valor muito alto.

— É o preço que estou pedindo. Como disse, Sr. Trent, é um cenário muito especial.

Ele estava surpreso, mas ela não se importou. Thierry apareceu ao lado dela.

— Mãe?

— Só um minuto, T.

— Posso fazer um esconderijo dentro de casa?

Ela o puxou para perto. Nos últimos dias, ele tentara reproduzir a presença de Byron na casa.

Andara "podando", juntando galhos, catando alimentos e lenha, e, claro, o esconderijo. Isabel entendia. A ausência de Byron também mexia com ela.

— Você não quer nadar com os outros?

— Depois eu vou.

— Vá logo — disse ela. — Mas se vai fazer um esconderijo no quarto do boiler, não deixe as minhas xícaras e os meus pratos lá, está bem?

Quando ele saiu correndo, ela se voltou para o Sr. Trent.

— É isso, Sr. Trent. É o que preciso para sair daqui. Esse é o preço para desenraizar meus filhos de novo.

Ele começou a falar grosso:

— Sra. Delancey, se dá conta de que a reforma dessa casa vai lhe custar uma fortuna?

— Faz vários meses que estamos vivendo confortavelmente no caos. Isso já não nos incomoda.

Ela pensou na banheira, que terminara de instalar naquela manhã. Apertara a última porca, abrira as torneiras e observara a água inicialmente suja clarear e escorrer pelo ralo. Sentira-se tão realizada com aquilo como se sentia quando concluía uma sinfonia complicada.

Ele ficou olhando para o papel.

— É muito superior ao valor de mercado.

— Pelo que entendo, valor de mercado é simplesmente o que as pessoas estão dispostas a pagar.

Ela percebeu que ele tinha sido pego de surpresa. Mas queria a casa. E ela havia feito os cálculos. Chegara ao mínimo de que precisava para comprar uma casa decente e proporcionar uma segurança financeira para sua família.

E depois acrescentara um sobrepreço.

— O valor é esse. Agora, se me dá licença, tenho que ajudar na festa.

Era realmente como as conversas com o Sr. Cartwright, pensou ela, só que desta vez ela entendeu o que estava acontecendo. Melhor do que era de se imaginar.

— Vou dar uma última olhada, se não tiver problema — disse Nicholas Trent, bufando enquanto juntava os papéis. — Depois volto e a informo.

*

Kitty nem acreditou quando sua mãe lhe contou o que havia feito.

— Você instalou sozinha? E está mesmo funcionando?

Isabel mostrou as mãos.

— Mãos de bombeiro — disse, depois abraçou a filha que, coberta de algas do lago, estava enrolada numa toalha velha.

Não mencionou as horas que passara xingando as figuras incompreensíveis, tentando afrouxar porcas muito apertadas, os frequentes jatos d'água que espirravam, deixando-a toda encharcada.

— Feliz aniversário, querida. Também comprei uma espuma de banho boa para você.

— Ai, meu Deus. Um banho decente. Posso tomar agora? A gente tem água quente e tudo o mais?

— Agora? — disse Isabel. — Mas está no meio da sua festa.

Tremendo, Kitty fez um movimento brusco com a cabeça na direção dos amigos, que estavam entretidos empurrando-se uns aos outros dentro dos botes.

— Eles não vão se incomodar se eu desaparecer por meia hora. E posso lavar esse limo verde.

Ai, meu Deus, um banho! Um banho decente!

Ela pulava de alegria, seus dezesseis anos incapazes de conter a felicidade infantil.

— Vá em frente, então — disse Isabel. — Vou preparar o almoço para você.

Kitty entrou disparada em casa, subindo os degraus de dois em dois. Tomaria um banho de espuma rápido, lavaria o cabelo e depois estaria perfumada e maravilhosa no almoço, quando todo mundo saísse da água. Abriu a porta do banheiro e sorriu quando viu o que a mãe havia feito. Na lateral da banheira, havia vidros fechados do seu xampu e do seu condicionador preferidos. Fazia meses que usavam produtos de supermercado. No chão, amarrada com um laço de fita vermelha, uma espuma de banho francesa hidratante e, ao lado, uma toalha branca supermacia. Havia também um tapete de banheiro esticado com capricho no chão. Kitty pegou o vidro, abriu-o e cheirou, deixando o perfume caro invadir suas narinas.

Depois tapou o ralo com a tampa de metal reluzente e abriu as torneiras. A água saiu com pressão, embaçando imediatamente o armário espelhado acima. Kitty trancou a porta do banheiro, tirou o maiô e se enrolou na toalha que trouxera do jardim. Não queria sujar a toalha nova de limo verde. Enquanto esperava a banheira encher, foi até a janela.

Lá fora, sua mãe colocava pratos na mesa de cavalete enquanto conversava com Asad, que estava preparando uma salada. Henry bebericava uma taça de vinho, gritando alguma coisa para um grupo de meninas no lago, o que as fez rir. Jogou uma bola para elas e murmurou alguma coisa para a mãe, que também riu. Uma boa gargalhada, jogando a cabeça para trás, daquelas que dava quando o pai de Kitty estava vivo.

Kitty sentiu a ardência familiar das lágrimas e enxugou-as. Tudo ficaria bem. Pela primeira vez desde que o pai morrera, sentia que tudo ficaria bem. A mãe tomou as rédeas da situação, aqueles dias, então Kitty podia ter dezesseis anos. Apenas dezesseis anos.

Viu Thierry pegar disfarçadamente um prato de comida e ir para o quarto do boiler, então bateu no vidro para chamar a atenção dele. Fez uma careta para lhe mostrar que sabia o que ele estava fazendo. O menino mostrou a língua, e ela riu, o som apenas audível acima do barulho da água correndo.

E, nesse momento, ela deu um pulo para trás ao ouvir um ruído alto.

Kitty se virou a tempo de ver o lençol branco atrás da banheira esvoaçar quando um estrondo ecoou logo atrás. Deu um grito quando Matt McCarthy apareceu, afastando o lençol para o lado.

— O que… o que você está fazendo? — berrou ela, enrolando-se na toalha.

Ele se abaixou para passar pelo buraco e, já dentro do banheiro, roçou a mão empoeirada na cabeça.

— Vou consertar esse buraco — anunciou, calmamente. Estava com a barba grande e usava o cinto de ferramentas.

Kitty deu um passo involuntário para trás.

— Matt, você não pode ficar aqui. Estou indo tomar banho.

— Tenho que consertar isso. Aquele quarto era lindo. Não pode ficar desse jeito.

O coração dela batia tão acelerado e tão alto que abafava o barulho da água. Ela viu o maiô no chão e desejou estar vestida por baixo da toalha.

— Por favor, Matt, vá embora.

— Não vou demorar. — Agachando-se, passou os dedos na borda do buraco. — Só tenho que preencher isso. Eu não seria um pedreiro que se prezasse se deixasse um rombo aqui, não é?

Kitty se aproximou da porta. Matt se levantou de repente.

— Não se preocupe, Kitty. Não vou atrapalhar você — disse, e sorriu.

O lábio inferior de Kitty tremia. Desejou com todas as forças que a mãe fosse lá em cima, ou Anthony… qualquer pessoa. Alguém devia tê-lo visto entrar. As paredes do banheiro pareciam se fechar em volta dela, e o leve eco das vozes lá fora estava a um milhão de quilômetros de distância.

— Matt — disse, calmamente, tentando conter o tremor na voz. — Eu realmente gostaria que você saísse daqui.

Ele pareceu não ouvir.

— Sabe — disse —, você é muito parecida com a sua mãe.

Quando ele estendeu a mão para tocar em seu rosto, Kitty correu para a porta. Empurrou-o da sua frente, pelejou com a fechadura, depois, abafando um grito, precipitou-se escada abaixo, sem saber se ele estava atrás dela. Atrapalhou-se com o ferrolho da porta de entrada, mas logo depois saiu de casa, correndo pelo gramado, com um soluço contido na garganta.

*

— Não adianta me perguntar — dizia Henry. — Sou um filisteu em música. Se não tiver um

final que faça chorar, não tem nenhum significado para mim.

— A diferença genética dele é a mais curta possível da Judy Garland — disse Asad, retirando o papel filme de outra tigela.

Alguns dos amigos de Kitty haviam saído da água e estavam se enxugando com toalhas ou rondando, esperançosos, a mesa de comida.

— Acho que não sei nenhuma música da Judy Garland — disse Isabel. — Há mais toalhas ali, se alguém precisar.

— Você só toca música clássica? — perguntou Asad, arrumando as colheres de servir no centro da mesa, e jogou uma azeitona na boca.

— Só. Mas não precisa ser melancólica.

— Mas não acho que música clássica tenha a mesma dramaticidade que a trilha sonora de um musical — disse Henry. — Quer dizer, acho que eu não derramaria uma lágrima.

— Dramaticidade? Sr. Ross, você está mal informado.

— O quê? Você acha que poderia me fazer chorar? Com o seu violino?

Isabel riu.

— Já vi homens mais durões que você não resistirem — disse ela.

— Então mãos à obra. — Henry pegou um pano de prato. — Estou desafiando. Dê o seu melhor, Sra. D. Arranque minha emoção.

— Ah, estou sem prática. Faz meses que não toco direito.

— A gente não se importa.

— Mas o violino está na cozinha.

Henry se abaixou e puxou o estojo de debaixo da mesa.

— Estava.

— Pelo visto fui enganada.

Os dois homens riram.

— Tivemos que garantir que assistiríamos a um espetáculo particular — disse Henry. — Não que você ande por aí vendendo ingressos nem nada disso. Comece logo. Mande ver. É falta de educação não tocar, considerando que é aniversário da sua filha e tal.

Isabel ajeitou o violino embaixo do queixo. Depois passou o arco nas cordas e deixou os primeiros acordes do Concerto para violino em si menor, de Elgar, soarem ao sol do meio-dia.

Viu as expressões absortas de Asad e Henry e depois fechou os olhos, tentando se concentrar, tentando se lembrar da música. Tocou e, de repente, seu violino não parecia tão inferior. Remetia à sua tristeza por deixar a casa, pela ausência do marido, do homem que achara que ele tinha sido.

Falava do sofrimento de sentir falta de alguém que você não imaginava que faria falta.

Abriu os olhos e reparou que os convidados de Kitty haviam começado a sair do lago e a se sentar no gramado. Estavam em silêncio, ouvindo, aparentemente hipnotizados. Mudou de posição e, ao terminar o primeiro movimento, viu-o entre as árvores e se perguntou se seria imaginação sua. Ele ergueu a mão e ela abriu um sorriso radiante e espontâneo.

Henry e Asad se viraram para ver o alvo do sorriso e se cutucaram disfarçadamente.

Ele retribuiu o sorriso. Não era o marido dela, mas tudo bem.

— Você veio — disse Isabel, baixando o violino.

Ele parecia cansado, pensou ela, mas tranquilo. Com o trabalho, ele recuperara algo.

— Trouxe um presente de aniversário para Kitty. Foi minha irmã quem escolheu. Acho que não entendo muito do gosto das meninas.

— Ela vai adorar — disse Isabel, sem conseguir parar de olhar para ele. — Estou muito feliz por você ter vindo. De verdade.

Todo o antigo constrangimento havia desaparecido. Ele estava de cabeça erguida outra vez.

— Eu também — disse.

Fora da sombra de Matt, ele se tornara imponente, percebeu ela.

Ficaram ali, frente a frente, alheios aos olhares curiosos.

— Tudo bem, tudo bem — disse Henry, balançando a mão para Isabel. — Sente-se, Byron.

Não precisa parar Isabel. Eu estava sentindo uma tristeza gostosa.

Byron riu.

— Desculpe — disse. — Cadê Thierry?

Seus olhos não desviaram dos de Isabel, e ela se deu conta de que estava corada. Então levantou o violino para o ombro.

— Na cozinha, no quarto do boiler ou num lugar desses. Ele está montando um… esconderijo.

Ele ergueu uma das sobrancelhas. Isso se tornara uma piada interna, pensou ela. Não uma fonte de tensão.

Ele se sentou na grama, as pernas compridas esticadas à frente, e ela fixou o olhar nos Primos e recomeçou a tocar, tentando se concentrar na música, se esforçando para não pensar no que poderia significar a volta dele. Não me importo com quem ele seja, com o que ele fez quando era outra pessoa, pensou ela. Fico feliz por ele estar aqui. Fechou os olhos, imergindo na música, com medo de que, sem as notas atrás das quais se esconder, seus sentimentos ficassem escancarados, totalmente evidentes para a plateia.

Adorava o segundo movimento, o rico fluir e refluir, o tom reflexivo melodioso, mas foi naquele momento, ao deslizar pelas notas de cortar o coração da parte mais lenta, que entendeu por que havia escolhido inconscientemente aquela peça. Aquela frase, as notas apaixonadas amargas e doces antes do fim do movimento denotaram uma nova certeza, a de que não havia volta para o passado. O próprio Elgar dissera que era uma peça "muito emocional", mas também que a adorava.

Abriu os olhos. E lá estava Asad, a cabeça inclinada para trás em contemplação, e Henry, ao lado dele, enxugando os olhos disfarçadamente. Ela deixou as notas finais se prolongarem, querendo explorar o momento.

— Pronto — disse, baixando o violino. — Eu disse que…

Ficou quase sem ar quando a filha se jogou em seus braços, puxando-a com uma das mãos e segurando a toalha com a outra. Soluçava tão

desesperadamente que mal conseguia falar.

— Kitty! — Isabel recuou um pouco e observou o rosto dela. — O que foi?

— É ele. — Kitty se esforçava para falar entre os soluços. — Matt McCarthy. Ele está dentro de casa.

— O quê? — Byron se levantou.

Isabel olhou para a casa. Depois, percebendo que a filha estava nua por baixo da toalha, perguntou:

— Ele tocou em você?

— Não… — disse Kitty. — Só… Ele estava no quarto principal… Passou por aquele buraco…

Levei um susto.

Os pensamentos de Isabel estavam a mil. Seus olhos encontraram os de Byron.

— Ele estava agindo de um jeito muito estranho. Não consegui convencê-lo a ir embora… — Kitty continuava agarrada à mãe.

— O que vamos fazer? — Asad estava ao lado dela.

— Não sei — respondeu Isabel.

— Qual é o jogo dele?

Algo endurecera no rosto de Byron e seu corpo estava tenso. De repente, Isabel ficou com medo, não do passado dele, mas do que ele poderia fazer por ela.

— Ele disse que queria consertar a casa — disse Kitty. — O buraco. Mas ele não estava normal, mãe. Estava…

— Thierry — disse Byron, e saiu em disparada pelo gramado em direção à casa.

*

No banheiro do andar de cima, Matt limpou o vidro com o dedo e observou o grupo reunido lá

embaixo. Reparou quando Isabel olhou para cima e, por um instante, poderia jurar que ela captara o olhar dele. Ela iria subir.

Talvez pudessem conversar.

Ele não viu o nível da água na banheira de ferro fundido, que continuou subindo depois que Kitty fugira. Não ouviu o rangido das vigas gastas do assoalho, sujeitas à inesperada pressão do peso da água.

Matt McCarthy tornou a passar pelo buraco, entrou devagar no quarto principal, sentou-se na beira da cama e…

*

Byron subiu lentamente a escada, espiando em todos os cômodos para o caso de o menino estar em algum. Anos de caça haviam tornado seus movimentos quase silenciosos, e poucos degraus rangiam depois que as tábuas foram reassentadas.

Chegou ao patamar e ouviu torneiras abertas. A porta do banheiro estava entreaberta; o cômodo, aparentemente vazio. Empurrou a porta do quarto principal, e lá estava Matt, sentado na cama. Olhava fixamente para o buraco à sua frente. Matt ergueu os olhos e piscou.

Ele estava esperando outra pessoa, percebeu Byron. Ficou parado à porta. Já não tinha medo de nada que Matt McCarthy pudesse fazer.

— Cadê Isabel? — perguntou Matt.

Sua pele era cinzenta sob o bronzeado, exceto por duas manchas vermelhas nas maçãs do rosto.

— Você tem que ir embora — disse Byron com uma voz baixa e firme. Mas o sangue correndo e pulsando estava tão alto que ele teve certeza de que era audível.

— Cadê Isabel? — repetiu Matt. — Ela devia vir aqui falar comigo.

— Você quase matou Kitty de susto — disse Byron. — Saia daqui. Agora.

— Sair dessa casa? Quem é você para me mandar sair daqui?

— Você intimida todo mundo, não é? — Byron sentiu uma fúria antiga, uma fúria que passara anos reprimindo. — Intimidaria uma garota para ficar com a casa. Bem, estou lhe dizendo: acabou, Matt.

Enquanto Byron falava, Matt voltara a olhar pelo buraco, observando a água chegar à borda da banheira e transbordar. Era como se não o tivesse escutado.

— Saia daqui — insistiu Byron, os ombros preparados para a força que seria necessária para expulsar Matt. — Estou avisando…

Matt olhou para ele.

— Se não o que acontece? Você vai me obrigar? Duas palavras, Byron. — Matt riu, como se fosse uma piada particular. — Duas palavras. Se você conseguir soletrar. L-I-B-E-R-D-A-D-E C-O-N-D-I-C-I-O-N-A-L…

O latejar nos ouvidos de Byron se tornara insuportável. Ele viu o sorriso debochado de Matt, a expressão apagada em seus olhos, e

descobriu que já não se importava com as consequências. A única coisa que importava era parar esse homem, mostrar-lhe que ele já não conseguia assustar nem enganar as pessoas, explorar Isabel. Ergueu o punho, afastou-o…

E o ar foi sugado de dentro dele quando, com um estalo terrível e fortíssimo, o piso do banheiro começou a ceder…

*

Byron, pensou Isabel, pegando o violino dela e tentando imaginar algo alegre e divertido para

tocar. Tudo ficaria bem porque ele estava ali. Ele não deixaria que nada de ruim acontecesse… Ao ouvir um barulho de desmoronamento, ela largou o instrumento e se virou…

*

O barulho estourou no ar tranquilo feito um tiro, um barulho terrível, cheio de pavor. Criou um

vácuo e, em seguida, veio um ruído abafado, o estrondo ensurdecedor de madeira e azulejos desmoronando, rebatido pelos címbalos terríveis de vidros se estilhaçando. A Casa Espanhola estava ruindo a partir do meio, como se uma enorme fenda tivesse sido aberta na terra entre as duas alas. A terra tremeu, os patos levantaram voo, grasnando, enquanto os dois lados desabavam.

Isabel, Kitty e os convidados assistiram com uma exclamação de choque presa na garganta à casa inteira desaparecer, desintegrando-se sobre si mesma, deixando para trás uma grande espiral ascendente de poeira. Depois a poeira assentou, e ali, em contraste com o céu, estavam as duas extremidades da casa, as vigas lascadas despontando como ossos quebrados, os pisos, as paredes transformadas em montes de escombros, um fio de água escorrendo de um cano rompido, feito uma fonte festiva, no centro.

Ninguém disse nada. O som e o tempo haviam sido tragados. Isabel deixou escapar um suspiro de choque, tapando a boca com as mãos e, após uma breve pausa, Kitty começou a gemer, um som agudo e sobrenatural. Seu corpo tremia violentamente e seus olhos estavam fixos onde antes ficava a sua casa. Então conseguiu articular as palavras: — Onde está Thierry?

*

Laura ficou olhando pelo para-brisa, incapaz de acreditar no que acabara de testemunhar. A

absoluta magnitude e a improbabilidade a haviam prendido no banco do carro. Não havia mais casa onde, momentos antes, existira uma, só um esqueleto medonho, dois lados de pé, as entranhas dos cômodos expostas: o papel de parede, um quadro ainda pendurado, torto; metade de um quarto, pôsteres ainda colados nas paredes.

Atrás dela, no banco traseiro, seu velho cachorro latia.

Atrapalhando-se com os dedos, conseguiu abrir a porta e saiu. Na estrada de acesso, havia adolescentes se acotovelando, em estado de choque, ainda segurando toalhas. Isabel olhava para a casa, as mãos apertando a boca. Então os Primos surgiram atrás dela, Henry com o celular colado ao ouvido gritando instruções. Pottisworth, pensou ela distraidamente, sentindo a presença malévola dele naquilo, ouvindo aquela gargalhada asmática desagradável no estalar da madeira, no estilhaçar tardio de uma vidraça.

Então Nicholas veio andando a passos largos na sua direção, o rosto pálido, abraçando uma pasta.

— Que diabo foi isso? — perguntou ele. — Eu estava na garagem. Que diabo foi isso?

E ela só conseguia balançar a cabeça. Começaram a caminhar para o jardim.

— Thierry!

Viraram a esquina e Laura sentiu o coração parar na boca.

— Thierry!

Isabel parou no gramado, a alguns metros de distância. Estava toda desgrenhada e, quando tentou avançar, suas pernas cederam e ela caiu no chão.

— Ah… Ah, não — murmurou Laura. — A criança, não…

Nicholas lhe estendeu a mão, mas ela, apavorada, não conseguiu aceitá-la.

— Foi Matt — disse Nicholas. — Ele deve ter enfraquecido a estrutura. Eu poderia jurar que estava em bom estado quando a vi da primeira vez.

Laura não conseguia desviar os olhos da viúva, que estava pálida de medo, a catástrofe estampada no olhar ausente.

Atrás dela, a filha soluçava.

— Mãe? — chamou alguém. E de novo: — Mãe?

Isabel se virou e Laura achou que nunca mais esqueceria a expressão dela. O menino vinha pelo meio das árvores, seguido pelo cachorro.

— Mãe?

Ela se levantou e correu descalça pela grama o mais depressa que pôde, passando por todos eles, e então o abraçou, soluçando tanto que Laura se deu conta de que também começara a chorar. Laura observou-a, ouviu seus soluços. Viu a dor e o sofrimento da mulher, em parte causados por um desejo seu.

De repente, sentiu-se como uma voyeuse e virou-se para a casa: um grande buraco irregular no meio do bosque. A fachada era uma máscara de tijolos vermelhos, em que duas janelas vazias eram os olhos, e a porta, uma boca aberta de desespero

Então viu o marido sair aos tropeços, a cabeça ensanguentada, um dos braços num ângulo estranho. Não parecia mais perturbado do que se estivesse avaliando um serviço.

— Caramba — murmurou Nicholas.

De repente, ela reparou na intensidade da insanidade de Matt.

— Laura? — chamou Matt, passando por cima dos tijolos, e ela se deu conta de que, a apenas alguns metros de sua casa, Matt McCarthy estava completamente perdido.

*

— Obrigada — dizia Isabel a alguma divindade desconhecida, incapaz de largar o filho. — Ah,

obrigada. Ai, meu Deus, pensei… Eu não conseguiria suportar. Eu não conseguiria suportar.

Cheirou Thierry, recusando-se a deixá-lo desvencilhar-se dela, molhando-o com suas lágrimas.

— Contamos todo mundo, todas as crianças — disse Henry. — Estão todas bem.

— Temos que mantê-las afastadas — disse Asad, parando para usar o inalador. — Elas precisam ficar perto do lago.

Ouviu-se outro ruído abafado.

— O que foi isso? — perguntou Kitty.

Enquanto olhavam horrorizados, a parede traseira da ala oeste, que era metade remanescente do quarto principal, balançou e depois, como que em câmera lenta, desabou numa chuva de tijolos e vidros, arrancando um grito dos jovens no gramado, e alguns deles saíram correndo para o lago. Isabel abraçou os filhos, tentando proteger o rosto deles com as mãos.

— Está tudo bem — murmurava. — Está tudo bem. Vocês estão em segurança.

— Mas cadê Byron? — perguntou Kitty.

— Byron? — repetiu Thierry, sem entender.

— Ele saiu para procurar Thierry — disse Kitty apaticamente, virando-se para onde antes ficava o quarto do boiler.

— Ai, meu Deus do céu! — exclamou Henry.

Isabel saiu correndo pelo gramado e se ajoelhou, retirando pedaços de tijolos dos escombros.

— De novo, não — murmurava, a voz cheia de medo. — De novo, não. Você também, não.

E depois, quando a notícia se espalhou, todo mundo estava ao lado dela, puxando tábuas, as pernas e os braços magros dos adolescentes vermelhos por causa do pó dos tijolos, as mãos de Isabel esfoladas e em carne viva.

— Byron! — gritou. — Byron!

Os Primos estavam com Kitty e Thierry, enrolando-os em toalhas apesar do calor do sol.

Thierry tremia, o rosto pálido devido ao choque. Henry serviu um refresco ao garoto.

— A culpa é minha? — Isabel ouviu o filho perguntar e sentiu o rosto se contrair em resposta.

Uma viga do telhado estava sendo puxada por seis pessoas, que gemiam com o esforço quando ela afinal se soltou. Os amigos de Kitty gritavam uns com os outros, avisando sobre a presença de vidros ou pregos salientes. Duas meninas choravam e uma delas, um pouco afastada, falava ao celular.

— Eles já vão chegar — disse Henry, como se quisesse tranquilizar. — Os bombeiros e a ambulância. Vão encontrá-lo.

Isabel continuava trabalhando, os movimentos entrando num ritmo. Jogava tijolos para trás, um, dois, três, tentava ver se havia uma fresta por

baixo, um, dois, três, gritava de novo. Sua respiração estava irregular, o coração martelava seu tórax.

— Não deixem que eles andem em cima de nada — gritou Asad. — Se Byron estiver embaixo, podem fazer alguma coisa cair nele.

Como que confirmando o que ele dissera, dois adolescentes gritaram quando a madeira em que pisavam cedeu e eles foram puxados pelos amigos para um lugar seguro.

— Tirem essas crianças daqui — gritou Asad. — Gente, saia daí. O outro lado ainda pode desabar.

Era inútil, pensou Isabel, sentando-se. Olhou para o relógio de pulso e percebeu que já haviam passado quase vinte minutos, mas ainda não tinham ideia de onde ele estava. O sentimento de caos, de histeria, começara a aumentar. Atrás dela, duas pessoas discutiam a melhor maneira de levantar uma viga. Henry e Asad diziam para os adolescentes pararem de fazer o que estivessem fazendo e se afastassem. Subjacente a tudo, ela ouvia as tentativas da filha de tranquilizar Thierry, dizendo que ia ficar tudo bem.

Mas não estava nada bem. Byron estava embaixo dos escombros da casa. E cada minuto que passava podia ser crucial. Ajude-me, disse ela em silêncio, o suor se acumulando entre as escápulas enquanto tirava mais entulho. Me ajude a encontrar você. Não vou suportar perdê-lo também. Então sentou-se nos calcanhares, apertando os olhos com a ponta dos polegares.

Permaneceu sentada assim por um minuto, completamente imóvel. Depois olhou para trás.

— Silêncio! — gritou. — Silêncio, gente!

Então ouviu: o barulho distante de latidos frenéticos.

— Thierry! — berrou ela. — Cadê os cachorros do Byron? Vá buscar os cachorros dele!

Por um instante, o rosto do menino se iluminou. Enquanto os curiosos assistiam, intrigados, Thierry saiu correndo, contornando o lago, seguindo para o carro de Byron e soltou Meg e Elsie.

As cadelas saíram em disparada pelo gramado, direto para a outra extremidade da casa.

— Silêncio! Não façam barulho! — gritou Isabel, e fez-se silêncio, uma quietude mais ameaçadora que o estrondo que a precedera.

Kitty, abraçada por Henry, abafou os soluços, enquanto Isabel jogou-se no chão ao lado das cadelas e tornou a gritar:

— Byron! — Sua voz estava imperiosa, terrível e estranha até para ela mesma. — Byron!

O silêncio pareceu durar mil anos, o suficiente para o coração de Isabel parar de medo, o suficiente para ela ouvir o queixo da filha bater. Até os pássaros estavam quietos, o sussurro dos pinheiros parara. Num recanto campestre, o tempo se contraiu e parou.

E então, quando o barulho das sirenes irrompeu ao longe e os cachorros voltaram a latir, primeiro ganindo, depois cada vez mais histéricos, raspando com as patas um monte de madeira no chão, eles ouviram.

O grito dele.

O nome dela.

A música mais doce que Isabel já escutara.

*

Ele escapara por um triz, considerando a situação como um todo, disseram os paramédicos.

Suspeitavam que ele havia fraturado clavícula, também tinha um corte na perna e escoriações graves. Teria que passar a noite no hospital, para verificarem se havia lesões internas. Deitado na maca, em meio às discussões dos paramédicos e à alternância brusca entre os chiados e as interrupções dos rádios da polícia, Laura McCarthy observara o garoto Delancey se aproximar de Byron. Sem dizer uma palavra, sem que nenhum dos adultos em volta percebesse, apoiara a cabeça na mão de Byron e colocara a mão em seu torso coberto. Byron erguera a cabeça ao sentir aquele peso inesperado e então, piscando, estendeu uma mão maltratada para tocar o rosto do menino.

— Está tudo bem, Thierry — falou, tão baixinho que Laura quase não o ouviu. — Ainda estou aqui.

Nesse instante, enquanto ele era colocado na ambulância, ela se adiantou. Enfiou a mão na bolsa e pegou a carta, colocando-a nos dedos enfaixados de Byron.

— Não sei que valor isso tem agora, mas é melhor ficar com você — disse, rapidamente, afastando-se antes que ele pudesse falar alguma coisa.

— Laura? — chamou Matt.

Cheio de ataduras e escoltado por policiais e com uma manta em volta dos ombros, ele parecia uma criança, indefeso e vulnerável. Não resta mais nada dele, pensou ela. Foi demolido como a casa.

No fim, foi muito simples. Ela se virou para Nicholas e encostou a mão em sua bochecha, sentindo sua pele sob as pontas dos dedos, a força oculta de seu maxilar. Um homem bom. Um homem que se refizera.

— Desculpe — disse ela, baixinho.

Depois deu o braço ao marido atordoado e caminhou com ele para a viatura de polícia.

25

Eles haviam passado a primeira noite no quarto de Byron no hospital. Thierry não queria deixá-lo, e não tinham outro lugar para ir. As enfermeiras, ao saber do que havia acontecido, disponibilizaram uma pequena enfermaria para eles, e enquanto Kitty e Thierry, abalados com os acontecimentos do dia, dormiam nas duas camas vagas, Isabel ficou sentada entre eles, tentando não pensar no que poderia ter acontecido.

À sua volta, ouvia os barulhos de um hospital à noite: sapatos macios rangendo no chão de linóleo, cochichos, bipes esporádicos que anunciavam pedidos de socorro. Durante as horas que conseguiu cochilar, um forte estrondo ecoou em seus sonhos, com o gemido agudo da filha e o confuso "Mãe?" de Thierry acordando-a, assustada.

Seis meses antes, quando ainda procurava por sinais, teria dito que Laurent os salvara, que, de alguma forma, os protegera. Mas naquele momento, olhando para o homem na cama à sua frente, sabia que não era assim. Não havia motivo, não havia sentido em nada. Ou a pessoa tinha sorte ou não. Ou morria ou não.

O dia raiou pouco antes das cinco horas, uma luz azulada e fria surgiu por trás das persianas cinza, clareando lentamente o quarto escuro. Ela se espreguiçou, sentindo a tensão no pescoço e nos ombros doloridos. Então, sabendo que os filhos ainda dormiam, sentou-se na cadeira ao lado da cama de Byron. Dormindo, ele perdera sua atitude alerta. Sua expressão se suavizara e sua pele exibia simplesmente os sinais do desgaste provocado pelo seu trabalho. Não restavam traços de dúvida, raiva ou desconfiança.

Pensou em como ele não hesitara em correr para onde achara que Thierry poderia estar em perigo. Pensou em seu sorriso fácil e confiante quando ele chegara no dia anterior. Seu olhar fora tão direto, repleto de algo que ela desconfiava que nem ele conseguia disfarçar. E Isabel viu um futuro, possivelmente pela primeira vez desde a morte de Laurent. Viu o filho sorrindo, ouviu a voz dele ecoando. Viu a filha, liberada de uma maioridade prematura. Viu, senão felicidade, pelo menos outra chance de ser feliz.

Tinha certeza de que ele sentia o mesmo que ela. Isso não é impulsivo, disse a si mesma. É a coisa mais bem pensada que já fiz. Baixou a cabeça

devagar e beijou seus lábios, que eram inesperadamente macios, com gosto de hospital, desinfetante, sabão industrial e, bem no fundo, algo florestal.

— Byron — murmurou, e deu-lhe outro beijo, deixando as mãos machucadas dele a tocarem, deixando-se abraçar por ele quando acordou murmurando seu nome.

Deixou-se afundar nele e as lágrimas brotaram, de gratidão por ele estar ali, por mais uma vez poder ser abraçada, amada e desejada. Estava feliz por Laurent já não se erguer, espectral, entre eles, por não ouvir ecos de recriminação ou de culpa. Ele não estava mais ali, como estivera com Matt.

Era Byron. Somente Byron.

A pessoa podia escolher ser feliz ou não.

E quando, algum tempo depois, ergueu a cabeça para observá-lo, ela ficou chocada ao ver a expressão perturbada dele.

— Está com dor? — perguntou, passando o dedo por sua têmpora, deliciando-se com o luxo desse toque.

Ele não respondeu. Um hematoma em sua testa se acentuara durante a noite, transformando-se num arco-íris de tons arroxeados.

— Posso lhe dar um analgésico.

Tentou lembrar onde a enfermeira o colocara.

— Desculpe — disse ele, baixinho.

— Desculpar?

Ele balançou a cabeça. Ela se afastou.

— Desculpar por quê?

— Não posso fazer isso. Desculpe.

Houve uma pausa longa e tensa.

— Não estou entendendo.

Ela se sentou na cama. Do lado de fora, um telefone tocou, insistente e ignorado. Ele custou um pouco a falar, e sua voz grave e hesitante:

— Não vai dar certo.

Eu sei o que acabei de sentir, ela queria dizer. Sei o que você acabou de sentir. Mas essas palavras ecoavam os protestos de Matt.

— Isso é uma bobagem. — Tentou sorrir. — A gente não pode simplesmente… ver o que acontece?

— Você conseguiria mesmo fazer isso? Mergulhar de cabeça e esperar o melhor? — perguntou ele, como se aquilo fosse uma leviandade.

— Não foi o que eu quis dizer.

— Isabel, somos muito diferentes. Você sabe disso.

Ela ficou olhando para ele, para a linha obstinada de sua boca, para o jeito que ele evitava fitá-

la nos olhos. E ela baixou a voz:

— Você sabe, não sabe?

— O quê?

As crianças continuavam dormindo.

— Sobre Matt.

Ele fez uma careta, como ela temia.

— Eu sabia. Isso tudo é só uma desculpa. Bem, vou contar sobre Matt. Foi na noite que faltou luz. Eu estava bêbada, me sentindo sozinha e não me sentia tão deprimida daquela forma desde a morte de Laurent e, para ser sincera, uma partezinha burra de mim achou que eu queria aquilo.

— Não precisa me contar…

A voz dela saiu exaltada:

— Preciso, sim. Porque aconteceu e foi um grande erro. E não se passou um dia sem que eu me arrependesse. Mas o que eu fiz não tem nada a ver com o que sinto por você.

— Eu não preciso ouvir…

— Precisa, sim. Por que eu não sou assim. Não sou leviana com meus sentimentos.

— Eu não…

— Sabe de uma coisa? Antes disso, eu nunca tinha dormido com ninguém a não ser com Laurent. Com trinta e seis anos e só havia dormido com um homem… Eu até ria de mim mesma.

Matt…

— Não tem nada a ver com Matt! — A voz dele reverberou no quartinho. Kitty se mexeu, agitada, e Byron baixou a voz: — Eu sei que ele foi na sua casa aquela noite. Eu estava lá, lembra?

Mas nunca julguei você. Nunca julguei você. Matt e o negócio todo da casa só disfarçaram a verdade.

— A verdade?

Ele suspirou fundo.

— Que não ia dar certo.

— Como você pode dizer isso? Como pode saber?

— Isabel…

— Por que você nem quer tentar?

— Não tenho nada para lhe oferecer. Nem casa, nem segurança.

— Essas coisas não importam para mim.

— Por que você as tem. É fácil dizer isso quando se tem essas coisas.

Ele se recusava a encará-lo. Ela esperou.

— Não quero que você olhe para mim daqui a um ano e sinta… outra coisa. Por causa do que eu não tenho.

Ficaram mais alguns minutos em silêncio. Por fim, Isabel disse: — Sabe o que aconteceu lá ontem, Byron? A coisa mais assustadora que já vi. Você e Thierry podiam ter morrido. — Aproximou o rosto do dele. — Mas não morreram. Todo mundo sobreviveu. Todo mundo sobreviveu. E de uma coisa eu sei, algo que aprendi nesse último ano é que a gente deve aproveitar todas as oportunidades de ser feliz.

Ouviu Thierry gemer na cama atrás dela, mas não se importou.

— Você nos ajudou a seguir em frente — disse ela. — Thierry, as crianças… Você devolveu alguma coisa a elas. — Estava quase chorando. — Uma coisa de que precisavam. Uma coisa de que eu precisava. Não faça isso, Byron. Não me rejeite. Nada mais importa.

Ele trincou o maxilar.

— Isabel… sou realista. Não posso mudar as coisas — disse, sem olhar para ela. — Vai ser melhor assim. Pode acreditar.

Ela esperou que ele dissesse mais alguma coisa. Mas ele ficou quieto. Finalmente, ela se levantou, cambaleando um pouco, talvez por causa da privação de sono, ou talvez porque o choque a deixara tonta.

— É isso? Depois de tudo? Depois de tudo pelo que passamos? Você vai me julgar porque eu tenho uma casa?

Ele negou com a cabeça. E depois se virou dolorosamente de lado, fechando os olhos para não vê-la.

*

Os Primos ofereceram os quartos em cima da loja. Amigos e vizinhos também se colocaram à

disposição, mas só ali podiam estar juntos. Isabel não queria ficar perto da Casa Espanhola, mas, paradoxalmente, também não queria ficar longe. Os documentos do seguro ainda estavam lá dentro, assim como toda a papelada importante.

Asad lhe entregara as chaves do apartamento.

“Fiquem o tempo que precisar”, dissera. “É básico, mas pelo menos vocês vão ter o que comer e beber. Retiramos a maior parte do estoque e pegamos emprestado camas dobráveis, então, se não se incomodarem com um pouco de aperto, vão ter onde dormir e usar um banheiro.”

Isabel sentara-se pesadamente no sofá-cama, com Kitty e Thierry bem pertinho, e dera uma gargalhada esquisita, entrecortada por soluços. Um banheiro. Finalmente tinham um banheiro.

Thierry olhara para a mãe com expectativa, como se ela tivesse a capacidade de fazer tudo dar certo. Ela sentiu que estava hesitante e se controlou, sorrindo. Esse era o seu papel.

Tinham saído do hospital naquela manhã, sem nada, sem nem uma muda de roupa, sem carteira, só com um violino. Não tinha importância, dissera ela a Asad.

— São só coisas materiais, certo? E nós somos a família que consegue viver de ervas e coelhos.

— Manteve o tom de voz animado.

— Talvez você descubra que não está de mãos tão vazias como achava — disse Henry.

Assim que a notícia se espalhou, o pessoal da cidade foi chegando aos poucos durante o dia, trazendo coisas que achavam que poderiam ser úteis: escovas de dentes, panelas, cobertores.

Henry apontou para os sacos e caixas num canto.

— Demos uma olhada. Tem o suficiente para vocês tocarem a vida até receberem o dinheiro do seguro.

Isabel presumira que o material pertencesse ao estoque dos Primos. Então percebeu que eram artigos domésticos limpos, alguns novos, todos cuidadosamente embalados e trazidos para eles.

“Mas eles nem nos conhecem”, dissera Kitty, pegando uma manta xadrez macia.

— Sabe, sei que às vezes falam mal da vida em cidade pequena — disse Henry. — Mas há pessoas boas aqui, mesmo que nem sempre fique claro. Gente generosa. Nem todos são como…

Kitty pegou um saco e levou-o para o sofá. Começou a examinar o conteúdo, mostrando os objetos à medida que os encontrava. Alguns pareciam ter sido enviados por pessoas tão atenciosas que Isabel pensou que fosse chorar mais uma vez: um pequeno kit de higiene com maquiagem e loção para as mãos, um pacote de cereais matinais sortidos,

para todos os gostos, vasilhas Tupperware com alimentos. Pão de ló. Havia pilhas de roupas lavadas, aparentemente selecionadas no tamanho de cada um. Thierry mostrou uma camiseta de skate com uma alegria inesperada. Havia cartões com números de telefone, ajuda, solidariedade.

— A polícia está com a sua bolsa, carteira — disse Asad — e as chaves… do carro — acrescentou depressa.

— Então acho que estamos bem, afinal de contas — responde Isabel. — Temos uns aos outros, não é? E o resto é só bem material. Só coisas.

Quando ela desatou a chorar, Asad pôs a mão em seu ombro e murmurou algo sobre choque tardio. Tinha ligado a chaleira e mandado as crianças pegarem biscoitos. Ela deixou os filhos a encherem de mimos. Isabel, com o rosto enterrado nas mãos, não podia dizer a ele que não estava chorando porque perdera as coisas que tinha, mas porque um homem, que só então percebia que amava, não a amava o suficiente para ficar com ela.

*

O carro estava na clareira, estacionado meio que de qualquer maneira. Fora deixado às pressas ao

lado do lago havia aproximadamente trinta e seis horas por um homem a caminho de uma festa de aniversário. Na pressa de se juntar ao grupo no gramado, deixara-o destrancado.

O homem jogou a sacola no banco do carona. Um vizinho havia deixado um número de telefone preso no limpador de para-brisa, oferecendo ajuda, e ele retirou o papel com cuidado, impressionado com o gesto. Acabara de buscar as cadelas na casa de um fazendeiro que cuidara dos animais para ele, e no momento estava ao lado do Land Rover, observando os animais correrem em volta do lago, contentes com a volta à rotina.

Do outro lado da água, entre o que antes era a frente e os fundos da casa, a fita de isolamento colocada pela polícia tremulava ao vento, um eco triste das bandeirinhas enlameadas espalhadas pelo gramado. A viagem para a festa, o momento que passou sentado na grama sob o sol ouvindo música… isso tudo parecia ter acontecido havia uma eternidade. Ele tinha dificuldade em entender como a casa e as vidas ali dentro podiam ter mudado tão drasticamente em questão de segundos. Também

sabia que, de certo modo, o desabamento não o ameaçara, como, pelo visto, todo mundo presumia, mas o salvara.

De si mesmo.

Byron foi invadido por um profundo cansaço, e sentiu-se intimidado com a longa viagem de carro para a casa de Frank. Sua irmã, Jan, que chegara ao hospital na hora do almoço, insistira que ele ficasse com ela e Jason.

"Você está com uma aparência péssima", dissera ela. "Precisa de cuidados."

Mas Byron não queria ter ninguém por perto. Não queria ficar na casa dos outros, testemunhando a felicidade da vida em comum das pessoas.

"Vou voltar para Brancaster", afirmara.

"Às vezes você é seu pior inimigo", dissera ela.

Byron se aproximou devagar até a casa em ruínas, querendo dar uma última olhada nela antes de ir. Morara legitimamente ali por vinte e quatro horas. Quase não se lembrava de acordar sentindo-se tão leve como ocorrera naquele quarto. Mas não poderia ter ficado. E, ao se negar a enxergar isso, ela estava se iludindo.

Byron se deteve na extremidade leste da casa e pegou uma jarrinha branca, com a asa quebrada. Havia muitas coisas enterradas ali. Os escombros da vida da família de Isabel, que acabaram relegados à terra, talvez a algum aterro distante. Pegou a jarrinha, imaginando-a na cozinha, e tentou dissipar a imagem do rosto dela. Ele a via tão arrasada quanto no momento em que a casa desabara. Mas não tinha nada para lhe oferecer. Tê-la e perdê-la, ver seu afeto se transformar em irritação quando ele perdesse outro emprego ou não conseguisse ganhar dinheiro suficiente para colocar comida na mesa, ver seu cansaço sempre que ouvisse uma velha fofoca na cidade, ver sua paixão diminuir seria infinitamente mais doloroso do que nunca ter nada com ela.

Moraria sozinho com as cadelas. Era mais fácil assim.

Provavelmente Meg e Elsie precisavam comer, e o salário dele estava em Brancaster. Enfiou a mão no bolso, esperando encontrar alguns trocados para comprar ração, mas tirou um papel dobrado. Uma carta escrita em frente e verso. Tentou lembrar como fora parar ali, e teve uma vaga lembrança de Laura McCarthy colocando-a em sua mão antes de ele entrar na ambulância.

Sua carta de demissão, pensou. Puxa, os McCarthy sabiam escolher a dedo os momentos.

Desdobrou o papel, olhou para as palavras impressas e ficou completamente imóvel. Leu as linhas, as assinaturas das testemunhas, o bilhete para Laura McCarthy do próprio punho de Pottisworth. Releu, duvidando de que era mesmo seu nome escrito ali. Perguntou-se se seria uma brincadeira, depois lembrou-se da expressão dela ao colocar o bilhete em sua mão. Lembrou-se de Pottisworth, reclamando dos McCarthy, da ganância, da presunção deles.

"Eles mal podem esperar para colocar a mão nessa casa", queixava-se. "Esse tipo de gente sempre acha que tem direito."

Byron não prestara muita atenção nele. Pottisworth nunca demonstrara um pingo de afeição por ele, qualquer indício de preferência. Mas por que faria isso? Aquele testamento não tratava de contemplá-lo com algo, tratava de frustrar os McCarthy. Era um último teste a Laura, feito com satisfação: o velho lhe dera as duas cópias para que, se quisesse, ela pudesse destruir as provas. Era como mostrar o dedo do meio a Matt pela última vez.

Durante todo esse tempo, refletiu, à medida que a verdade o confortava, pedi desculpas por entrar sem autorização numa terra que era minha, por ocupar clandestinamente o quarto do boiler, que era meu. Durante todo esse tempo, isso me pertenceu. O absurdo da situação o fez rir, e suas cadelas ergueram as orelhas. A ideia de ser dono de algo daquele tamanho deixava-o tonto.

Ele, Byron, proprietário de tudo aquilo.

Então lembrou-se de Isabel. Ela perderia tudo. Não só a casa, mas também o que tinha dentro dela. Suas poupanças. Tudo o que ela tinha fora investido naquelas paredes. O ganho dele seria a perda dela.

Com o papel na mão, Byron se sentou numa viga caída. Ficou olhando daquele ponto estratégico para o outro lado do lago. Um homem que, afinal de contas, não estava de mãos vazias.

*

Depois de ter percorrido os últimos cem metros pelo meio das árvores, ela estava parada num

ponto da estrada pouco antes da clareira, olhando para a casa, de braços cruzados. Deixara Kitty e Thierry no apartamento com os Primos,

supostamente para comprar mantimentos. Mas em vez de seguir para o banco ou para o supermercado, quando se deu conta já estava pegando a entrada ao lado da criação de porcos e seguindo pela estrada esburacada até a placa com o aviso tardio que dizia "Atenção!".

Pensara que nunca mais veria a casa. Mas não teve como não ir lá. Tinha que vê-la. Por duas vezes, enquanto dirigia pelo bosque, achou que havia cometido um erro e quis dar meia-volta.

Mas o problema daquele caminho era esse: quando seguia para a casa, não dava para retornar.

Uma claridade inesperada surgia à medida que ela se aproximava da clareira. Perplexa, percebeu com um sobressalto que, obviamente, já não havia uma extensão de tijolos vermelhos para bloquear a luz. Diminuiu a velocidade e estacionou no caminho de acesso próximo do entulho e da pilha de madeira que já fora a sua casa.

A cena lhe arrepiou, apesar da tarde amena. Por mais que tivesse dito a si mesma que aquele nunca fora seu lar, que era apenas uma moradia provisória, a Casa Espanhola tornara-se uma extensão de sua família, suas esperanças, aspirações, afetos e história presos em suas paredes. Vê-la demolida era como que ver a família destruída, como se o estrago fosse pessoal.

Isabel chorou, já sem saber por que ou por quem chorava, mas sentia uma grande tristeza pela casa. Pelo choque de não haver nada onde antes havia alguma coisa. Por um final e um começo frustrados.

Ela não sabia há quanto tempo estava ali em pé. Fosse por causa da paz do lago ou por causa dos sons do bosque, seu choque e seu horror começaram a se dissipar, dando lugar à resignação.

Uma casa era só uma casa, e nada melhor que sua demolição evidenciava isso. Não significava nada, não tinha maior importância. Ela não precisava interpretar sua destruição como um agouro terrível. A casa fora uma construção triste e desprezada, apenas tijolos, argamassa, madeira e vidro. Nada que não pudesse, em última instância, ser substituído.

— Pode ficar com ela — dissera a Nicholas Trent, quando ele ligou aquela tarde.

O homem telefonara para saber como eles estavam após um choque tão terrível. E depois tinha acrescentado:

— Falei sério quando disse que o estado da casa não era um problema para mim…

— Pode ficar com ela pelo preço que me ofereceu — interrompeu Isabel. — Desde que a gente resolva tudo logo. Só quero seguir com a minha vida.

Enquanto relembrava essa conversa um cachorro enfiou o focinho frio na sua mão.

Ela se virou, e lá estava ele, a alguns passos de distância, num monte de tijolos, os hematomas no rosto e nos braços mais acentuados num tom azul-esverdeado.

Ela não conseguiu pensar em nada para dizer. Ele parecia muito diferente, muito distante do homem que ela deixara naquela manhã. O acidente os unira, como que por uma força magnética e quase imediatamente os repelira depois. Antes de vir, desejou que ele já tivesse ido embora. Mas também ficou feliz por vê-lo ali.

— Eu precisava ver a casa — disse ela, quando sua presença pareceu exigir uma explicação.

Ele balançou a cabeça.

— Não… Não está tão ruim quanto pensei. — O absurdo do que dissera a fez rir inesperadamente. — Quer dizer… Quer dizer, já não me assusta.

— Tivemos sorte — afirmou ele.

— Em alguns aspectos. — Não conseguiu esconder a amargura da frase.

Caminhou devagar, rodeando a casa, abaixando-se para pegar uma foto velha, uma escova de cabelo, tentando não ficar aflita ao ver seus pertences destruídos em meio aos escombros. Os bombeiros haviam tentado recolher todos os objetos de valor no dia do desabamento.

"Eu não me preocuparia com saqueadores", dissera-lhe um dos homens. "Quase ninguém sabe que tem uma casa aqui."

Foi um comentário impensado. Não havia casa alguma. Ela não se importava, disse a si mesma. Não tinha nada de muito valor. E não se importaria com Byron. Sabia que podia sobreviver sozinha. Era um novo recomeço. Olhou para trás e deparou com ele ainda olhando para ela. Por um instante, ele pareceu querer falar, mas ficou quieto. Isabel continuou percorrendo com cuidado os escombros de sua antiga vida, uma fúria

silenciosa aumentando dentro dela enquanto os olhos dele lhe queimavam sua pele.

*

Byron observou-a perambular por entre os objetos espalhados na grama, notou como a camiseta que lhe caía mal balançava em sua cintura. Viu os arranhões em seus braços e dedos, as cicatrizes não só do dia anterior, mas do ano que levara a esse dia. Não sabia o que lhe dizer, como se desculpar pelo que havia feito. Não sabia como contar as coisas que lhe haviam acontecido, como uma vida podia ser destruída e ressuscitada ao mesmo tempo. Finalmente, segurando alguns objetos junto ao peito, ela olhou para Byron e corou quando percebeu que ele ainda a observava.

— Tenho que voltar para os meus filhos. Retorno outra hora.

Ele não se mexeu. Ela ficou ali, parecendo aguardar um comentário dele, e depois, com um sorriso forçado, disse:

— Então, tchau.

Colocou uma mecha do cabelo atrás da orelha. Era quase como se fossem quase desconhecidos encontrando-se na rua.

— Isabel — disse ele, com a voz estranhamente alta no ar parado.

Ela protegeu os olhos com a mão para vê-lo melhor apesar dos raios do sol se pondo.

— Encontrei isso — disse ele e estendeu-lhe os papéis amassados.

Ela se aproximou, parando a alguns passos de distância. Sem falar nada, pegou os papéis da mão dele.

— Minhas partituras — disse.

Ele não conseguiu tirar os olhos dela.

— Sei que significam muito para você.

— Você não sabe o significado de nada para mim — disse ela, com raiva.

Ele ficou chocado com o que viu no rosto dela, a crueza do que fizera com ela. Não havia nada casual ali, percebeu ele. Nada escondido. Na infelicidade, na fúria dela, ele viu o que sentia, o que escondia de si mesmo havia semanas, meses. E em instantes, ela poderia desaparecer de sua vida para sempre. O que eu faço?, perguntou a si mesmo. Pensei que tivesse dias para resolver isso.

— Boa sorte em Brancaster — disse ela, secamente, afastando-se em direção ao carro.

O corpo dele pareceu se contrair de dor… como uma necessidade. Era uma dor tão intensa, tão estranha para ele que a considerou insuportável. E então se decidiu.

— Isabel! — chamou, mas ela não se virou. — Isabel!

Ela parou.

— Olhe… eu estava errado — afirmou ele.

Ela inclinou a cabeça, sem entender.

— Você tinha razão.

Aproximou-se dela, passando por cima de tijolos soltos, tomando cuidado para não tropeçar nas bandeirinhas da festa.

Os dois se entreolharam. Byron esperou, sabendo que o que ela dissesse decidiria tudo.

— Preciso que você me diga a verdade — falou ele, por fim. — Acredita mesmo no que disse?

Que não importa quem é o dono de quê?

*

Isabel o encarou. Você não está entendendo, está?, pensou ela. A realista sou eu. Eu é que tive de

aprender a dura realidade do que é importante. Mesmo se você não tivesse nada pelo resto da vida, eu ia querer você.

De repente o belo rosto dele estava vulnerável, e ela se lembrou de como ele chamara o nome dela quando estava preso debaixo dos escombros. Notou uma sutileza marcante no tom de voz, e reparara na sinceridade daquilo, mesmo que ele não tivesse percebido. Isabel, dissera ele, e o alívio em sua voz não tivera nada a ver com o local em que estava.

Ergueu a mão, contraindo o rosto com o esforço. Ela olhou para a sua mão, e depois para ele.

— E então?

— É só uma casa, Byron.

Ele continuava com a mão levantada. Isabel ergueu a dela e pegou a de Byron, sentindo sua palma magra encostada na dele, que era larga e forte. Não torne a dizer não para mim, disse-lhe em silêncio, com o rosto, os olhos e a mão transmitindo-lhe a ordem. Se posso assumir esse risco, você também pode.

— É… só… uma… casa.

Os olhos dele, escuros e sérios, fitaram os dela, que se sentiu fraca e com medo.

Depois:

— Sabe de uma coisa? — disse ele, esboçando um sorriso. — Eu também acho.

Puxou-a para perto e finalmente, após uma pausa mínima, beijou-a. A princípio de forma tímida e depois cada vez com mais ardor. Por fim, Isabel sentiu o perfume da pele dele e se entregou ao prazer de estar em seus braços. Ele a beijou mais uma vez, o beijo de um homem que era dono do mundo. E Isabel agarrou-se ao pescoço dele, rindo ao retribuir seu beijo. Os dois permaneceram ao lado dos escombros, abraçados, exultantes durante um período de tempo indefinível, deixando as sombras crescerem quando as partituras caíram da mão dela e voaram para longe, levadas por brisas fortes.

*

O sol se pusera atrás das árvores quando voltaram para o carro dela. Ele voltaria para o trabalho

no dia seguinte. Passaria aquela noite com os Delancey, no apartamentinho em cima da loja.

Dormiria no sofá. Ou no andar de baixo, talvez. Sabia que tudo na natureza tinha o seu tempo e o seu lugar.

Quando se aproximaram do carro, ele lembrou. Afastou o braço dos ombros de Isabel e pegou uma pedra grande no chão. Tirou do bolso duas folhas de papel amassadas, envolveu-as na pedra e, após um momento de hesitação, jogou-a no lago.

— O que foi isso? — perguntou ela, perplexa, ao ouvir o barulho na água.

Ele estava observando as ondulações crescerem e desaparecerem.

— Nada — disse, limpando as mãos. — Absolutamente nada.

EPÍLOGO

Matt McCarthy nunca mais voltou a Barton. Ele e a esposa foram morar numa região perto dos pais dela. Ficamos sabendo disso dois dias após o desabamento, quando Anthony apareceu na loja para contar que estavam se mudando. Colocaram uma placa de “vende-se” ao lado da casa deles e, em uma semana, estava vendida. Acho que não era de se admirar: nunca houve nada de errado com aquela casa.

Anthony está fazendo um curso superior, algo relacionado com mecânica, e não o vejo com frequência. Passou algum tempo muito zangado com os pais, mas, pouco depois, me contou que seu pai tivera um surto e sua mãe disse que não fazia sentido punir as pessoas por serem humanas. Agora uma família jovem de Suffolk mora na casa deles. Eles têm dois filhos, e Thierry encontra de vez em quando os brinquedos deles no bosque. Gosta de devolvê-los de manhã cedo, colocando-os nos peitoris das janelas e na cerca, para eles pensarem que existem fadas nas árvores.

Nicholas — nós o chamamos de Nicholas porque, afinal, o víamos todos os dias enquanto o projeto era realizado — não quis comprar a casa dos pais de Anthony, embora o Sr. Todd, o corretor imobiliário, tivesse dito que ele poderia ter fechado um excelente negócio. Ele ficava um pouco estranho quando alguém citava os McCarthy, mas, durante algum tempo, um monte de gente também ficava. Ele foi cuidar de outros projetos em Londres. Os novos vizinhos são legais. Mas não temos muito contato com eles.

Ninguém foi processado pelo que aconteceu na Casa Espanhola. Os investigadores nos disseram que era difícil especificar as causas do desabamento, pois a casa havia passado muito tempo abandonada. Encontraram vestígios de cupim e podridão nas vigas e nos disseram que não dava para processar ninguém por uma obra malfeita. Minha mãe não insistiu. Disse que queria deixar esse episódio triste para trás, pois pertencia ao passado.

Ela está bem. Vai de trem a Londres duas vezes por semana para tocar na orquestra e deixou de cultivar hortaliças. Compra-as dos Primos, e diz que fica feliz com isso.

Byron se mudou do trailer na primavera passada. Mora num chalé da propriedade onde arranjou emprego como capataz a alguns quilômetros do outro lado de Long Barton. Às quintas e sextas, cuida das terras ao redor da Casa Espanhola e normalmente passa os fins de semana com a gente.

Eu disse à minha mãe que não me incomodaria se ele morasse lá em casa (até parece que Thierry e eu não tínhamos imaginado… não somos burros), e, além do mais, devo ir para a faculdade ano que vem, mas ela disse que eles estavam felizes desse jeito. Enfim, disse ela, todo mundo precisa de espaço, e Byron mais do que ninguém. Quando não está trabalhando, ensina coisas sobre as árvores às pessoas, como cortá-las para

que cresçam, quais plantas são comestíveis, esse tipo de coisa. Ele e Thierry estão sempre fora de casa, desenterrando ou plantando coisas.

Já não se vê nada da Casa Espanhola. Estamos morando há pouco mais de um ano em uma das novas casas à beira do lago, uma entre oito, todas com um bom terreno e separadas por uma sebe de alfeneiro que nunca cresceu do jeito que os projetos do arquiteto prometiam. Não é uma casa especialmente bonita. Tem quatro quartos e um jardim razoável, que Thierry e Pepper praticamente destruíram com a bola de futebol, e não tem nenhuma decoração especial no interior da casa, nada de vigas aparentes nem cornijas. Minha mãe diz que é uma casa-padrão que exige pouca manutenção, absolutamente comum, e quando as pessoas olham para ela de um jeito esquisito, perguntando-se por que se sente tão bem em dizer isso, enquanto todo mundo se gaba de ter espaço e características históricas, ela exibe aquela expressão nos olhos que sempre antecede uma gargalhada.

Depois vai embora e faz alguma coisa mais interessante.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Karin Leishman e Matthew Souter do Alberni Quartet, cujo brilhantismo musical e cuja casa mágica inspiraram este livro.

Minha gratidão, como sempre, vai para minha agente Sheila Crowley, assim como para Linda Shaughnessy, Teresa Nicholls e Rob Kraitt da APWatt. Agradeço a Carolyn Mays por seu talento como revisora e por sua amizade duradoura, e também a Lucy Hale, Auriol Bishop, Leni Fostiropolous, Kate Howard, Jamie Hodder-Williams e a todo o pessoal da Hodder, especialmente do departamento de vendas.

Obrigada por sua permanente fé em mim. Agradeço também a Hazel Orme, que tem o olho mais meticuloso do mercado editorial.

E ainda, sem nenhuma ordem em particular, a Tony Chapman, Drew Hazell, Barbara Ralph, Fiona Turner, Chris Cheel, Hannah Collins, Jenny Colgan, Cathy Runciman e a todos os membros do Writersblock.

Um agradecimento à Cambridge University Press por me permitir reproduzir um texto de Letter to Lady Cynthia Asquith, de D. H. Lawrence.

Agradeço à minha família: Lizzie e Brian Sanders e Jim e Alison Moyes. E, muito particularmente, a Charles, Saskia, Harry e Lockie, minhas pessoas preferidas.

Por fim, obrigada à equipe do Emmeline Centre, Addenbrookes Hospital Trust, em especial a Patrick Axon, que, durante a produção deste livro, mudou completamente nossas vidas.

SOBRE A AUTORA

© Stine Heilmann

Jojo Moyes nasceu em 1969 e cresceu em Londres. Trabalhou como jornalista por dez anos, nove deles no jornal The Independent, de onde saiu em 2002 para se dedicar integralmente à carreira de escritora. É autora de A última carta de amor, Como eu era antes de você, A garota que você deixou para trás, Um mais um, Baía da Esperança, O navio das noivas, Nada mais a perder e Depois de você, publicados pela Intrínseca. Como eu era antes de você, seu romance de maior sucesso, ocupou o topo da lista de mais vendidos em nove países e foi adaptado para o cinema. Com mais de

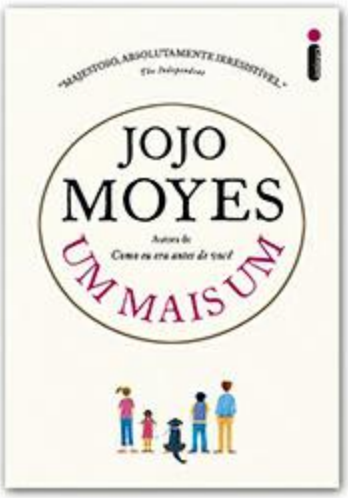
20 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo, Jojo Moyes é uma das poucas escritoras a ter emplacado três livros ao mesmo tempo na lista de best-sellers do The New York Times. A autora mora em Essex, na Inglaterra, com o marido e os três filhos.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA

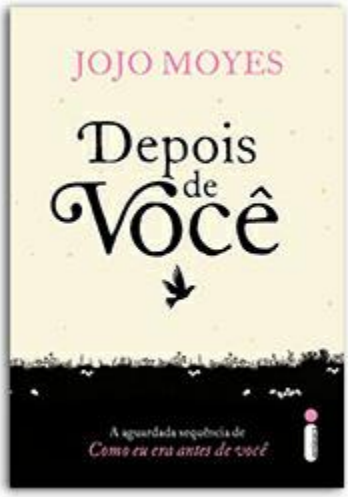
A última carta de amor

Como eu era antes de você

A garota que você deixou para trás



[Um mais um]
[Baía da esperança]
[O navio das noivas]



[Nada mais a perder](#)
[Depois de você](#)

LEIA TAMBÉM

A filha perdida
Elena Ferrante
A grana
Cynthia D’Aprix Sweeney

Document Outline

- Folha de rosto
- Créditos: Star Books Digital
- Mídias sociais
- Dedicatória
- Epígrafe
- Início
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22

- 23
- 24
- 25
- Epílogo
- Agradecimentos
- Sobre a autora
- Conheça outros títulos da autora
- Leia também

Table of Contents

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Epígrafe
Início
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
Epílogo
Agradecimentos
Sobre a autora
Conheça outros títulos da autora
Leia também